

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO EDUCAÇÃO ESPECIAL

“Surdez, análise das narrativas surdas em contexto escolar”

ANEXOS DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Candidata: Maria Manuela Bastos de Oliveira Pedrosa Branco

Sob Orientação de: Professor Doutor Carlos Manuel Peixoto Afonso

Porto, Setembro de 2009

ÍNDICE

ANEXO 1 – GUIÃO DAS ENTREVISTAS	4
GUIÃO DE ENTREVISTA A PRESIDENTE CONSELHO EXECUTIVO / DIRECTOR / RESPONSÁVEL PELO NÚCLEO DE SURDOS.....	5
GUIÃO DE ENTREVISTA AOS DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA/ EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	6
ANEXO 2 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	7
ESCOLA E1	8
ESCOLA E2	28
ESCOLA E3	48
ESCOLA E4	63
ESCOLA E5	87
ANEXO 3 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	101
COORDENADORES.....	102
CATEGORIA A – Formação / Funções.....	103
CATEGORIA B – Caracterização da Instituição	105
CATEGORIA C – Respostas educativas à surdez na própria escola	107
CATEGORIA D – Directrizes da educação de surdos	110
DOCENTES LP / PEE	112
CATEGORIA A – FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL	113
CATEGORIA B – Funções / tipo de articulação.....	115
CATEGORIA C – Ensino da Língua Portuguesa.....	117
CATEGORIA D – Respostas educativas à surdez na própria escola	120
CATEGORIA E – Directrizes da educação de surdos	124
ANEXO 4 – CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS	127
ESCOLA E1.....	128
5.º ANO.....	129
6.º ANO.....	141
ESCOLA E2.....	149
5.º ANO.....	150
6.º ANO.....	152
ESCOLA E3.....	157
5.º ANO.....	158
6.º ANO.....	162
ESCOLA E4.....	167
5.º ANO.....	168
6.º ANO.....	171

ESCOLA E5.....	179
5º ANO.....	180
6.º ANO.....	185
ANEXO 5 – PROVA ESCRITA	195
ANEXO 6 – PRODUÇÕES NARRATIVAS	199
ESCOLA E1.....	200
ESCOLA E2.....	205
ESCOLA E3.....	207
ESCOLA E4.....	210
ESCOLA E5.....	214
ANEXO 7 – MODELO/ GRELHA DE ANÁLISE	217
MODELO DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS.....	218
GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS	219
ANEXO 8 - ANÁLISE DAS NARRATIVAS.....	220
ESCOLA E1.....	221
ESCOLA E2.....	245
ESCOLA E3.....	252
ESCOLA E4.....	268
ESCOLA E5.....	284

ANEXO 1 – GUIÃO DAS ENTREVISTAS

GUIÃO DE ENTREVISTA A PRESIDENTE CONSELHO EXECUTIVO / DIRECTOR / RESPONSÁVEL PELO NÚCLEO DE SURDOS

A – Formação e situação profissional.	<p>A1 – Qual a sua formação de base?</p> <p>A2 – Há quantos exerce as suas funções nesta escola?</p> <p>A3 – Qual o seu papel nas questões relacionadas com a educação de surdos?</p>
B – Caracterização da instituição	<p>B1 – Há quantos anos esta escola tem alunos surdos?</p> <p>B2 – Ao longo dos anos como tem sido feita a integração dos alunos surdos nesta escola?</p> <p>B3 – Quantos professores trabalham com alunos surdos?</p> <p>B4 – Qual a formação que possuem?</p> <p>B5 – Que outro tipo de técnicos especializados existem para trabalharem com surdos?</p> <p>B6 – Qual o procedimento de colocação destes profissionais?</p>
C – Posição do professor face à educação de alunos surdos e à legislação actual	<p>C1 – Considera que esta escola reúne as condições necessárias para a integração dos alunos surdos?</p> <p>C2 – Qual a sua opinião sobre o decreto-lei n.º 3/2008?</p> <p>C3 – Ao longo dos anos, perante a integração de crianças surdas, quais as dificuldades com que se tem deparado?</p> <p>C4 - Ao longo dos anos, perante a integração de crianças surdas, que mudanças positivas ocorreram?</p> <p>C5 – Na sua opinião o que poderia ser feito para melhorar a educação dos surdos?</p>

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA/ EDUCAÇÃO ESPECIAL

<p>A – Formação e situação profissional.</p>	<p>A1 – Qual a sua formação de base? A2 – É especializado na área da surdez? A3 – Tem formação específica ao nível de LGP? A4 – Como considera o seu domínio de LGP? A5 – Há quantos anos trabalha com alunos surdos? A6 – Há quantos anos trabalha nesta escola?</p>
<p>B – Funções e tipo de articulação com outros docentes e técnicos</p>	<p>B1 – Quais as funções que exerce nesta escola no trabalho com alunos surdos? B2 – Nas suas aulas tem formador / intérprete de LGP? B3 – Como articula o trabalho com os docentes / técnicos?</p>
<p>C – Metodologias de ensino da LP</p>	<p>C1 – Que tipo de programa utiliza para leccionar LP aos surdos? C3 – Que critérios utiliza para a escolha dos manuais? C4 – Quais as metodologias utilizadas no ensino da LP aos alunos surdos?</p>
<p>D – Posição do professor face à educação de alunos surdos e à legislação actual</p>	<p>D1 – Na sua opinião a que se devem as dificuldades dos alunos surdos na LP? D2 – Como acha que essas dificuldades podem ser minimizadas? D3 – Qual a sua opinião sobre a educação bilingue para crianças surdas? D4 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas quais as dificuldades com que se tem deparado? D5 - Ao longo do seu trabalho com crianças surdas que mudanças positivas ocorreram? D6 – Qual a sua opinião sobre o decreto-lei n.º 3/2008?</p>

Anexo 2 - Transcrição das entrevistas

ESCOLA E1

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA (PLP6/E1) DO 6.º ANO DA ESCOLA E1

A1 - FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A1 – Qual a sua formação de base?

P – Tenho a minha licenciatura em filologia germânica e as disciplinas para que estou vocacionada para leccionar são inglês essencialmente é o que eu tenho leccionado ao longo destes anos todos e português também, embora português ensine há poucos anos, ensinei poucos anos, basicamente foi o inglês....

A2 – É especializado na área da surdez?

P – Não, não, pertença ao ensino regular e portanto trabalho com surdos , tenho trabalhado nesta escola há uns anos ... e trabalho com surdos há 14, 15 anos. Mas não tenho especialização na área da surdez.

A3 – Tem formação específica ao nível da LGP?

P – Formação específica ao nível da LGP fiz três cursos de LGP... portanto quando comecei a leccionar, achei que era fundamental, não é ... e portanto fui um pouco autodidacta na minha formação ... mas achei que era fundamental saber LGP fiz três cursos com a formador X que é surda de Coimbra que nos vinha aqui à escola dar formação e portanto tive mesmo numa acção de formação de LGP isto foi há quantos anos? Mais ou menos foi logo quando eu comecei no início portanto há mais de 10 anos , 12 anos talvez, foi logo no início, não é ... porque eu pedi logo para aprender o alfabeto, consultei um gestuário também, comecei a aprender sozinha e portanto foi logo no inicio, 12 anos

A4 – Como considera o seu nível de LGP?

P – Eu comunico com os alunos, é evidente que não posso dizer que comunico muito bem, tenho muitas falhas, não é ... tenho falhas de vocabulário mas consigo perfeitamente comunicar com os alunos, portanto sei lá ... um nível médio.

A5 – Há quantos anos trabalha com alunos surdos?

P – 14, 15 anos, sim.

A6 – Há quantos anos trabalha nesta escola?

P – Nesta escola há 19 anos, vai fazer 20 anos.

B – FUNÇÕES E TIPO DE ARTICULAÇÃO COM OUTROS DOCENTES E TÉCNICOS

B1 – Quais as funções que exerce nesta escola no trabalho com alunos surdos?

P – Nesta escola porque eu já trabalho há 33, mas nesta escola trabalho há 19 vai fazer 20, com surdos 14 vai fazer 15 anos ... sim... Sou professora de língua inglesa essencialmente e agora há 4 anos também dou língua portuguesa....

E – São só essas as funções que exerce?

P – Sim ... porque inicialmente nós tínhamos o regime de integração parcial e portanto não podíamos empenhar cargos, não é ... fui nesta escola delegada de disciplina, já tive os cargos todos ... simplesmente desde ... já tive noutra escola no conselho executivo, orientei estágio dois anos, fui delegada de disciplina oito anos ... aqui também fui dois anos nesta escola mas desde que dou aulas aos surdos como o regime em que nós trabalhávamos era de integração parcial não podíamos desempenhar cargos, e portanto neste momento sou somente professora, somente entre aspas porque acho que é um trabalho muito grande e profundo, sou apenas professora de inglês e português.

B2 – Nas suas aulas tem formador / intérprete de LGP?

(B3 – Como articula o trabalho com os docentes / técnicos?)

-esta pergunta, fazia parte do guião, não foi feita directamente mas na sequência da conversa acabou por ser respondida)

P – Eu prefiro formador, nunca tive intérprete nas aulas, na língua estrangeira não dá jeito sequer ter formador, a língua estrangeira é um caso diferente, mais complicado e portanto consegui sempre comunicar com os alunos, nunca tive nem intérprete nem formador. Em língua portuguesa ao nível dos alunos que eu trabalho, que é 5.º e 6.º ano, eu digo isto porque eu tenho dado aulas do 5.º ao 9.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º, em língua portuguesa eu só posso dar ao 5.º e 6.º. E portanto ao nível que eles estão eu prescindindo o intérprete, quero sim o formador. Gosto muito de trabalhar com o formador, o trabalho com o formador é muito positivo, muito útil para os alunos e também para mim ... porque nós trabalhamos em interacção e portanto o formador está ali para ensinar em LGP aquilo que eu pretendo transmitir aos alunos em termos de vocabulário essencialmente, não é ... e de estruturação e construção de frases, mas acima de tudo de vocabulário, são as grandes lacunas que eles tem...

E – Tens o professor de educação especial apoiar-te?

P – Tenho a PEE que está responsável pela turma do 6.º ano de que eu sou professora este ano, e portanto a PEE é a professora que lá está e o trabalho dela resume-se mais apoiar duas alunas que tem grandes dificuldades, particularmente uma que é A1 tem grandes dificuldades de aprendizagem e portanto ela trabalha o que eu trabalho mas mais de forma particular, específica com essa aluna ...

E – E com o formador?

P – O formador interage mais comigo, ou seja ... eu faço assim ... eu tenho trabalhado ... trabalhei durante muitos anos com F1 e dei-me muito bem, este ano tenho a F2, e também me dou bem obviamente... e faço assim... no início da aula ou na aula anterior digo o que vou dar quais são os objectivos da aula, às vezes faço um esquema do que vou ensinar, do que quero ensinar e digo, eu preciso que tu me ajudes nesta área, por exemplo neste vocabulário, quero que me ajudes a ensinar aos alunos este vocabulário referente ao conteúdo que vou trabalhar ... pronto ... e portanto, ele sabe sempre o que vou fazer na aula, ou fazer fichas de trabalho, exercícios de escrita, fichas de compreensão escrita ... sou eu que falo com os alunos, o formador está ao meu lado mas estou sempre a requisitá-lo para interagir com os alunos e ensinar... olha como é que se diz isto em LGP, olha agora podes também perguntar em LGP como é que se traduz isto... é mais ou menos assim nessa base....

E – E com a professora de educação especial, ela está em todas as aulas?

P - ... só vou dizer o seguinte, neste seguimento...desculpa eu já respondo a essa pergunta ... em relação ao intérprete eu não gosto do intérprete na minha aula pelo seguinte... eu gosto de olhar para os alunos, de comunicar com os alunos, custa-me muito estar a falar e o intérprete a traduzir e eles a olharem para o intérprete e eu estar com as mãos paradas, já estou habituada ... e depois acho que as grandes falhas que os alunos têm são nas áreas vocabulares, essencialmente a língua portuguesa e o intérprete traduz e eles não sabem o que é ... senão sabem o que é ficam na mesma ... não é ... portanto eu prefiro realmente a interacção em LGP até porque como há muitas deficiências nestes alunos e muitas carências, muitas vezes nós somos levados a ir buscar as competências linguísticas através da LGP, até para os avaliarmos e portanto o formador acho que para mim é muito mais útil.

...desculpa o que tinhas perguntado ... o professor de educação especial, está sempre na minha aula, dentro da sala de aula, senta-se ao lado da aluna normalmente e pormenoriza a matéria que eu estou a dar ... mais detalhadamente ... essencialmente a insistência que eu quero que ela tenha é nos exercícios de escrita, pergunta/ resposta, pergunta/ resposta, escrever, escrever, escrever... eu acho que é fundamental, obrigá-los a ler é fundamental ... pronto e ela muitas vezes vai mais lentamente, tanto que acontece que há aulas que ela não vai a par comigo... porque realmente o aluno pode não acompanhar, e às vezes não acompanha. O caso da A1, que é aluna que a PEE está apoiar mais especificamente, acontece que faltou 45 dias, partiu um

Joelho, esteve de atestado e faltou muito ...ela agora está precisamente ... eu já lhe ... eu dou-lhe sempre o material, todo o material que eu dou aos alunos, dou muito material escrito, eu não trabalho com manual, dou muitas fotocópias, muitas folhas muitas imagens, dou sempre à professora de apoio e à formadora também e portanto ela vai depois em particular, em específico analisar aquilo mais detalhadamente.

C – METODOLOGIAS DE ENSINO DE LP

C1 – Que tipo de programa utiliza para leccionar LP aos alunos surdos?

P – É assim, o meu programa é baseado no programa dos ouvintes só que com grandes adaptações curriculares, portanto normalmente eu na reunião que tenho de estar presente, na reunião de português dos professores que tem alunos ouvintes, tenho contacto ... eles dão-me sempre o programa que vão trabalhar com os ouvintes e depois a partir dali eu faço as adequações para os alunos surdos e faço normalmente com base nas necessidades prioritárias que eles têm ... portanto tenho que cortar muita coisa que acho que é secundário para eles, acho que é mais importante eles compreenderem e saberem escrever aquele ... um pouco do português funcional, que é básico, saberem preencher uma ficha com a indicação da sua identidade, o nome, o nome dos pais, a morada, a nacionalidade, tudo isso é muito complicado para eles, tem de saber, um dia na vida activa tem de saber essas coisas todas... portanto eu adequo, eu faço uma adequação do programa por áreas temáticas ... começo por abordar a identificação, começo por dar, por exemplo as aulas começam em Setembro, acho que é muito importante focar a escola, o início da escola, o Setembro as aulas, depois dou o vocabulário integrado nessas áreas ... vocabulário material escolar, aquele vocabulário fundamental, edifício, casa, aluno, professor, muitas áreas, campos lexicais para eles aprenderem ...

E – Como se faz nas línguas estrangeiras?

P – ... exacto, aliás o ensino da língua portuguesa é como se fosse uma língua estrangeira ... tem que ser mesmo ... tipo em funções da linguagem ... agora ... qual o objectivo aqui... é que eles saibam identificar-se, que saibam aprender falar sobre a escola, sobre as estações do ano, porque depois nós referimos ... a escola começa em que mês? Setembro... Então Setembro que estação do ano é? ... portanto dou o tempo, depois começa a vir o Outono dou o Outono, abordo os magustos, sempre vocabulário relacionado, depois dou o Natal, depois o Ano Novo, depois o Inverno, depois a Primavera, os animais também com a Primavera quando começam haver os insectos, dou essas áreas. Tenho um texto muito engraçado sobre as abelhas, que é muito interessante ... Primavera depois a Páscoa ... depois viagens, meios de transporte ... férias ... pronto e Verão. Isto são as áreas temáticas que eu trabalho sempre em português. Foi um pouco da minha iniciativa, falava com a colega JM que já tinha muita experiência ... e portanto achei que era muito interessante trabalhar o programa desta maneira porque os miúdos gostam dos

temas e depois o vocabulário é fundamental, saber aquele vocabulário e depois meto algumas coisas do programa como faço as tais adequações, por exemplo eles tem de saber e estudar sinónimos, antónimos, estudar os verbos, presente, passado, é muito fácil depois integrar aqui, tem de estudar tipo de frases, interrogativa, exclamativa, declarativa, meto-as aqui, pronto faço grandes adequações e realmente acho que é bom ter liberdade para poder fazer o que eu acho que é fundamental ... faço isso ...

C3 – Que critérios utiliza na escolha dos manuais?

P – Não utilizo manual e vou explicar ... os textos de português que eu estive a ver no manual são muito longos, não são adequados para alunos surdos, para dar esses textos tenho que mudar aquilo tudo, então eu escolho os textos, prefiro escolher eu, vou procurar ... de um modo geral eu tenho a preocupação de escolher autores que sejam importantes para eles também saberem alguma coisa, eles já deram as poesias de Eugénio de Andrade, que deu o nome ao nosso agrupamento, dou textos da Matilde Rosa Araújo, são textos muito bonitos assim até com uma certa poesia, mesmo textos em prosa, dou textos e autores portugueses fáceis, já dei José Régio, não este ano, este ano ainda não, pronto faço adequações e procuro também integrar alguns autores para eles também irem conhecer e adquirirem um bocadinho de cultura... mesmo assim são adaptados, a colega JM na altura deu-me algum material, eu usei alguns textos que ela trabalhou há muitos anos e os miúdos gostam ... sobre o Outono e também da Sophia de Mello Breyner e por isso eu prefiro ser eu a escolher os textos ... sempre de acordo com aquilo que eu estou a trabalhar, o tema e aquilo que eu quero que eles aprendam dentro do programa, não é ... que neste momento atendendo às grandes dificuldades dos alunos é muito limitado. A inglês ainda pior porque os manuais de inglês têm muitas actividades de “listening” de audição que eles não podem participar, há vídeos e textos sem legendas, por exemplo os DVS não têm legendas, portanto para eles é impossível, tinham de ser legendados e portanto eu faço a mesma coisa em inglês, selecciono os textos, muitas vezes faço-os eu, adequo e dou de acordo com aquilo que quero ensinar ... evidentemente que isto está mais vocacionado para a língua portuguesa. No inglês eu já sigo o programa, ou melhor já dou os conteúdos de acordo com o que eles tem de aprender, especificidades do programa e adequo os textos, não dou por temas como dou em português, é um bocadinho diferente... o inglês é mais básico, muito objectivo e assim ensinado de uma forma também será uma terceira língua, mas muito orientado porque as composições que eles fazem é tudo com palavras chave eles só tem é de completar a frase e por os verbos nos tempos correctos, é um bocadinho diferente, português é mais alargado ...

D – POSIÇÃO DO PROFESSOR FACE À EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS E À LEGISLAÇÃO ACTUAL

D1 – Na sua opinião a que se devem as dificuldades dos alunos na LP?

P – Pois ... quer dizer, devem-se essencialmente aquilo que eles não tiveram quando deviam ter tido, que é a intervenção precoce, como nós todos sabemos, eles chegam-nos aqui com um desconhecimento das áreas vocabulares inadmissíveis e depois vimo-nos aflitos para dar o programa... agora as crianças se fossem realmente trabalhadas na idade em que deviam, na fase ... como nós vimos quando fomos aos Estados Unidos, na América lá em Gallaudet ... nós vimos os bebés com as mães ao lado com as educadoras que os tinham ao colo com os livros na mão ... bebés com 8 meses tinham livrinhos na mão e depois numa sala seguinte já estavam meninos com 2 anos de idade 3 anos com os mesmos livros, olhavam para as imagens, já iam apontando, já iam inter-relacionando, começavam a falar da história, depois com 5, 6 anos começam já com palavrinhas a construir o puzzle e a começar a escrever ... os nossos não tem nada disso, não é ... eles começam a ler, essencialmente a ler e a visualizar e a escrever muito cedo ou pelo menos estar atentos aos livros ... com a língua gestual ... a língua gestual ali funciona mesmo como a língua materna ... o que aqui não funciona... quer dizer eles chegam-nos alguns que nem LGP sabem neste nível etário, temos aqui miúdos que começaram a escolaridade com 7 anos, como é que é possível?! Portanto as dificuldades grandes com que nós nos deparamos é precisamente o domínio da língua portuguesa... ora se aprendem ou devem aprender a língua portuguesa como uma língua estrangeira se eles não adquiriram os conhecimentos que deviam ter adquirido na fase que deviam ter adquirido é muito complicado portanto as grandes dificuldades são essas, vocabulário, estruturação de frases, não vem a diferença... é engraçado que a língua inglesa ajuda mais porque a estrutura da língua é mais semelhante à da LGP, então às vezes eles até escrevem frases mais correctas em inglês do que em português, é curioso em português é muito complicado.

D2 – Como acha que essas dificuldades podem ser minimizadas?

P – Podem ser minimizadas com muito trabalho, essencialmente com muito trabalho de leitura e de escrita, eu acho que é fundamental, é eles lerem e escreverem, muito trabalho pessoal, infelizmente eles também não têm, depois também não têm famílias que deviam colaborar nesse sentido e que ... infelizmente sabemos que a maior parte dos pais são de níveis sociais baixos, alguns também não sabem ler nem escrever, outros são ouvintes, não sabem LGP e portanto é muito difícil ... agora eu acho que é muito o apoio dos técnicos, portanto ter um formador surdo na aula, o apoio que eles dão, o facto de eles agora terem LGP como disciplina isso já vai ajudar, o ideal seria que isto já viesse mesmo de trás, desde pequeninos, mas isso é fundamental.

D3 – Qual a sua opinião sobre a educação bilingue para crianças surdas?

P – Eu acho que o ideal é eles aprenderem numa perspectiva do bilinguismo, agora é preciso ver como esse ensino é ministrado, porque por exemplo em relação ao que se está aqui a passar na escola, eu acho ... eu achava que era muito importante não haver turmas exclusivamente só de alunos surdos. Eu acho que eles deviam estar ... é a tal integração parcial, que eu acho, na minha

opinião e na experiência que tenho, que resultaria melhor, pertencerem a turmas de ouvintes, estarem com eles nalgumas disciplinas, como estavam em EVT, Educação Física, para conviverem também com os ouvintes. Porque é assim, nós não nos podemos esquecer que eles estão inseridos numa sociedade que é ouvinte e portanto um dia vão ter uma profissão, vão precisar de trabalhar lá fora e a sociedade não fala LGP e portanto eles têm que estar inseridos e dominar acima de tudo a língua portuguesa que para eles é uma língua estrangeira mas que é dominante na sociedade onde eles estão inseridos ... portanto estando em turmas em que também contactam mais com ouvintes eu acho que era importante porque havia mais interacção e ... havia até uma troca de experiências que eu acho que seria muito positiva. Aliás, eu penso que ao nível da LGP, que eles agora têm como disciplina, que é obrigatório, e que eu acho muito bem, mas eu continuo achar na minha perspectiva, é a minha opinião, atenção ... que deviam ter mais horas de língua portuguesa do que LGP. Acho muito bem que tenham LGP, mas eu acho que haver o mesmo número de horas de aprendizagem de LGP comparada com língua portuguesa ou até mais, porque há quem defenda que eles deviam, como eles são bilingues ... uma escola bilingue, deviam ter mais de LGP, eu não estou de acordo, é a minha opinião, eu acho que chegavam muito bem 3 horas para LGP, tudo bem. Acho que também as famílias deviam ser obrigadas a aprender e algumas pessoas mais directamente ligadas, ao contacto com estes alunos, não é ... como nas escolas, os professores, os funcionários, os empregados dos vários sectores na escola, da papelaria, da secretaria, deviam saber também LGP. Isso para mim é que era o ensino bilingue, que era para eles se integrarem, saberem as duas coisas, aliás bilingue significa, pressupõe o conhecimento das duas línguas. Agora não podemos esquecer que a língua portuguesa é a língua dominante no tipo de sociedade onde eles estão inseridos e que eu penso, é muito importante portanto dominarem muito, muito bem ... é a minha opinião

E – Achas que a perspectiva bilingue, LGP primeira língua e LP segunda, pode ser aplicada a todas as crianças surdas?

P – Eu acho que sim, que pode ser aplicada a todos os alunos surdos, acho que sim ... agora o que tem de haver é um trabalho muito orientado, muito estruturado, muito organizado no ensino dessas duas ... agora isso é uma questão de as escolas se organizarem nesse sentido ... LGP existe como disciplina, acho muito bem, é a língua materna deles e acho que a língua portuguesa tem necessariamente existir como língua estrangeira mas com uma boa dose de ensino ... eu acho que sim, eu acho que eles devem aprender sempre LGP ... é a língua materna deles, agora só mais uma de que outra eu acho que não ... é a minha opinião ...

D4 – Ao longo do seu trabalho com as crianças surdas quais as dificuldades com que se tem deparado?

P – Basicamente são as dificuldades linguísticas da língua portuguesa ... e também na LGP porque se eles dominassem como a língua materna e nós

agora como já temos alguma experiência mesmo em termos de avaliação nós muitas vezes vamos avaliar até pelas competências em LGP, olha ele respondeu em LGP mostrou que sabe, compreendeu, agora em língua portuguesa eu já não posso tudo nesse aspecto porque tem que estar ali a base da língua, tenho que ver se ele compreendeu e se sabe escrever não é...ou se sabe dar resposta aquilo que eu estou a perguntar, portanto eu acho que essencialmente foi a falta de preparação ou de auxílio, do apoio que esses miúdos tiveram ... é a intervenção precoce ... fundamental eu acho que todas nós vamos bater aí ... porque eles já deviam chegar aqui preparados para nós conseguirmos dar o programa de outra maneira e nós nem o programa conseguimos dar, eu no ano passado pela primeira vez na vida não conclui o programa, não consegui dar o programa que tinha estipulado, mesmo com as adaptações pronto ... e agora infelizmente os alunos que nos tão a chegar, já não são só surdos têm outras deficiências à mistura, portanto é ainda mais complicado é um trabalho altamente individualizado e a pessoa às vezes não consegue dar resposta a tudo, embora seja 8, 7 por turma , nós este ano até temos turmas muito grandes ... e com muita diversidade de problemas, são muito heterogéneas, muito complicado...

D5 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas que mudanças positivas ocorreram?

P – Pois graças a Deus tem havido assim uns degrauzinhos que se têm subido, é muito positivos agora termos os intérpretes, os formadores, os terapeutas da fala que dantes não existiam ... isso já é muito positivo, só que não é suficiente também seria óptimo que houvesse muito mais material e que o próprio estado preocupasse com estas crianças e fornecesse as escolas de materiais que são fundamentais para eles que neste momento são os quadros interactivos e muito material visual, havia de haver, deveria haver centros de recursos com vídeos e coisas preparadas para estes alunos que não há ... de qualquer modo os técnicos já foi muito positivo e também acho que foi positivo de neste momento já autorizarem que haja turma de surdos, embora eu acho que les não deviam ... eu para mim digo com sinceridade, acho que o modelo ideal era o que nós tínhamos que era a integração parcial, ou seja os miúdos estarem juntos realmente nas chamadas disciplinas teóricas e nas práticas estarem junto com os ouvintes para interagirem também com eles ... porque acho também que cada caso é um caso, e eu acho que em muitos casos era importante ter integração flexível, por exemplo, porque há miúdos que são surdez severa muito ligeira e que poderiam se calhar estar integrados com os devidos apoios , isso agora com esta legislação não é possível ... eu isso discordo... eu acho que o 7520 melhorou em muito, acho que era muito bom haver as UAAS, as unidades de apoio a surdos em que as pessoas reuniam só para tratar assuntos específicos da surdez ... discordo, isto é a minha opinião, neste momento isso acabou e o facto de estarem as deficiências todas misturadas não acho que seja positivo para o trabalho nem para os alunos, acho que se recuou, acho que se andou para trás agora acho que era importante haver mais flexibilidade, eu inclusivamente até sou a favor que houvesse mais do que uma escola de referência, porque há casos tão

específicos que uma poderia tratar de casos com alunos surdos profundos por exemplo, estavam ali integrados, o trabalho era vocacionado para surdos profundos e poderia haver outra escola com surdos integrados com surdez ligeira onde o trabalho já pode ser diferente com técnicos a ajudar e a apoiar ... eu sou a favor disso, acho que era bom, só uma porquê, depois às vezes é complicado gerir tudo isto... porque depois eles tem de estar todos juntos, eles são muito heterogéneos e o trabalho não resulta tão bem ... é a minha opinião ... agora acho que se recuou nalgumas coisas ... quer dizer teve vantagens, teve aspectos positivos ... de certa maneira ... portanto o que vejo mais positivo é agora haver a possibilidade de haver mais intérpretes, mais formadores, mais terapeutas da fala, isso é fundamental, agora ainda falta muito...

E - Voltando a falar do que poderia ser feito para melhorar a educação de surdos... Programas para surdos?...

P - Eu penso também uma coisa muito importante, realmente estas grandes adaptações curriculares somos nós que as fazemos, também pela nossa experiência e pelo bom senso que penso que temos. Agora a nível nacional pensando em todos os surdos do país, realmente devia haver um programa específico para eles para a pessoa seguir feito por pessoas competentes na área sabedoras da área e também manuais ... seria óptimo para eles... isso aí então trabalharíamos optimamente, com quadros interactivos, tudo que pudesse haver de projecção, como nós vimos na Suécia, onde havia um centro de recursos que nós visitamos que funcionava da seguinte maneira as escolas eram consultadas perante as dificuldades e carências que tinham, depois reuniam-se, faziam reuniões de coordenação davam a conhecer o material que precisavam para leccionar também os programas, eles tinham um programa e depois esse centro de recurso fazia o material para as escolas de acordo com as necessidades, isso é que nós precisávamos ... então nós tivemos uma demonstração de uma aula de matemática e uma aula de sueco o que corresponderia aqui a uma aula de português, língua portuguesa em que apareciam imagens, apareciam histórias, aquilo era cheio de janelinhas, mexia, mudava, aparecia janelinhas em cima como vocabulário, depois em baixo vocabulário em LG, depois aparecia a frase escrita, depois aparecia a frase com lacunas e o aluno tinha de ir lá meter as palavras ... era o ideal para nós ... eu acho que os quadros interactivos neste momento já são uma ajuda nesse sentido ... mas se houvesse produção de material um programa que o professor já seguisse por ali ... porque entretanto nós temos experiência ...mas agora os novos que vem já não têm, os que estão a sair agora com experiência com as reformas é complicado ... isso ajudaria muito, sem dúvida a nível das disciplinas todas, claro e na língua portuguesa é fundamental porque é a base de tudo.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA (PLP5/E1) DO 5.º ANO DA ESCOLA E1

A – FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A1 – Qual a sua formação de base?

P1 – A minha formação de base é licenciatura em História, muito embora tenha também formação para dar português ao 5.º e 6.º ano.

A2 – É especializada na área da surdez? Fez alguma formação nesta área?

P1 – Não.

A3 – E ao nível da Língua Gestual Portuguesa, tem alguma formação?

P1 – Não nunca tive.

A4 – Como considera o seu domínio de LGP?

P1 - O domínio de LGP, como já dou aulas a surdos há cinco anos, já tenho desenvolvido e de certa maneira acho uma certa piada que já consigo perceber os alunos entre eles, enquanto que no início não.

A5 – Há quantos anos trabalha com alunos surdos?

(esta pergunta já foi respondida na resposta anterior)

A6 – Há quantos anos trabalha nesta escola?

- Há 5 anos.

B – FUNÇÕES E TIPO DE ARTICULAÇÃO COM OUTROS DOCENTES E TÉCNICOS

B1 – Quais as funções que exerce nesta escola no trabalho com alunos surdos?

P1 – Portanto ... para além de ser professora de história, este ano sou também directora de turma.

E – Mas a estes alunos dá língua portuguesa?

P1 – Dou língua portuguesa, história e estudo acompanhado...portanto tenho uma relação muito próxima com eles.

B2 – Nas aulas de língua portuguesa e de história tem formador ou intérprete?

P1 – Tenho intérprete ... prefiro de longe o intérprete Sempre... porque eu explico e consigo perceber um pouco se o intérprete está a traduzir aquilo que eu quero e consigo também perceber por parte dos alunos.... É muito mais fácil para mim estar sempre com o intérprete comigo nas aulas.

E – Professor de apoio tem?

P1 – Não nunca tenho.

B3 – Como articula o trabalho com a intérprete? Dá algumas indicações do que pretende trabalhar ou no início da aula ela chega e começa a traduzir?

P1 – Não, no início da aula eu digo-lhe.

E – No início da aula, nunca necessita de ter a informação antes?

P1 – Não, não, elas são competentes.

C – METODOLOGIAS DE ENSINO DE LP

C1 – Que tipo de programa utiliza para leccionar a LP aos surdos?

P1 – Portanto é assim, eu utilizo o programa dos ouvintes só que sigo o programa, só que há vários conteúdos que eu passo ...não é ...porque como eles tem muitas lacunas anteriores a nível de aprendizagem ... não é verdade, eles não conseguem realmente atingir aqueles objectivos e eu passo esses conteúdos.

C2 – Que critérios utiliza na escolha de manuais?

P1 – Utiliza o mesmo manual até para lhes dar aquele conforto pessoal de terem aquele o manual muito embora eu não esmiúce o manual como os ouvintes, adapto os textos retiro frases que ponho no quadro para trabalhar palavras, ideias, conceitos, estrutura de frases, pontuação....

D – POSIÇÃO DO PROFESSOR FACE À EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS E À LEGISLAÇÃO

D1 – Na sua opinião a que se devem as dificuldades dos alunos surdos na LP?

P1 – Eu acho que os alunos surdos tem muitas dificuldades pois não tem desde pequeninos a LGP ... não tem uma língua materna... a língua portuguesa não tem pois obviamente...deviam ter portanto... deviam

comunicar com eles os pais deviam comunicar com eles em LGP Portanto eles ficam fora do mundo...depois quando chegam a uma escola, neste caso aqui ao 5.º ano eles tem um hiato muito grande atrás deles.... Por muito esforço que os professores tenham feito com eles durante os anos até chegarem aqui há um hiato enorme que é muito difícil depois de colmatar...quer da nossa parte quer da parte deles ...tem que haver um trabalho muito intenso tem que haver uma força de vontade da parte deles e tem que haver um trabalho muito grande da nossa parte para não os deixar desmotivar ... porque ... pois eles vivem, o mundo deles já é um mundo à parte ...com um hiato tão grande... eles devem sentir-se a navegar... completamente.

D2 – Como acha que essas dificuldades podem ser minimizadas?

P1 – Ora bem... podem ser minimizadas se eles ... Se essas crianças forem devidamente acompanhadas desde que nascem...não é... tem que haver um acompanhamento da parte dos pais também ...não se podem alhear de não saberem LGP como acontece com muitos pais destes alunos que não sabem LGP comunicam com eles apenas por mímica... e depois vivem em mundos diferentes e eles por vezes perdem-se... tem que haver um empenhamento muito grande para que alunos se sintam muito ligados à LGP desde muito pequeninos, tal como os nosso bebés, não é, se sentem ligados à língua materna.

D3 – Qual a sua opinião sobre a educação bilingue para crianças surdas?

E – E isto tem implicações na educação bilingue?

P1 – Pois tem...eles para aprenderem a língua portuguesa é também muito difícil eles não tem base da língua materna deles...eles para aprenderem a língua portuguesa há conceitos que eles não sabem não sabem aliar o conceito à coisa em si... podemos estar falar-lhes da maré, por exemplo e eles não fazem a mínima ideia do que é ...podemos estar a falar de uma concha eles não sabem o que é...ou que aquele objecto se chama uma concha...

D4 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas quais as dificuldades com que se tem deparado?

P1 – Exactamente estas que acabo de mencionar...não é

E- Relativamente ao seu trabalho no que se refere aos apoios? Este ano tem intérprete a tempo inteiro...mas isso nem sempre aconteceu....

P1 – Isso nem sempre aconteceu... e por isso mesmo o trabalho é muito mais difícil, muito mais penoso... e por isso mesmo por muito que se goste muitas vezes sente-se que é um bocadinho inglório

E – O facto de dentro de uma turma teres uma diversidade tão grande?

P1 – Isso dificulta muito o trabalho...

E – Como achas que isso podia ser ultrapassado?

P1 – Podia ser ultrapassado fazendo turmas mais pequenas ... porque uma turma como eu tenho com 6 alunos é muito... na medida que são 6 alunos diferentes com capacidades diferentes, com maneiras de trabalhar diferentes e portanto... quase todos eles com bastantes dificuldades...portanto se eu vou para junto de um aluno para lhe ajudar a ultrapassar determinada dificuldade, há os outros 5 que estão a conversar e a aula está parada depois vou para outro, conversam os outros 5 e a aula para novamente... para já turmas mais pequenas ... dois três alunos no máximo... eu acho que no máximo.

D5 – Ao longo do seu trabalho com crianças que mudanças positivas ocorreram? Desde que começaste a trabalhar nesta escola as coisas têm vindo a melhorar?

P1 – Tem vindo a melhorar... até porque agora é uma escola de referência há muito mais intérpretes... formadores, penso que há quatro intérpretes, há formadores também... não sei quantos, há professores de educação especial... portanto as condições de trabalho já mudaram bastante.

D6 – Relativamente à nova lei que saiu em Janeiro de 2008, 3/2008, onde são referidas as escolas de referência para surdos, que é o caso da escola onde estás a trabalhar, qual a sua opinião?

P1 – Pronto a minha escola é uma escola de referência por isso mesmo deve ter turmas pequenas... como acabei de dizer.. turmas com 6 alunos. Pode não resultar... o trabalho pode não resultar... eu chego ao fim de aula e sinto que não cheguei a todos eles... devo ter chegado a um...

E – Acha que todos eles devem estar em turmas de surdos ou acha que alguns podem perder com isso?

P1 – Não, eu acho que alguns perdem muito com isso... há alunos que tem boas capacidades... estou a lembrar-me de 2 alunos que estavam perfeitamente numa turma de ouvintes ... com intérprete ... perfeitamente... perdem muitíssimo em estarem em turma de surdos... mas completamente

E – Esta ideia de que a educação bilingue é resposta ideal para todos os alunos, na sua opinião não é bem assim?

P1 – Não, não, não ... de maneira nenhuma... estou-me lembrar de uma aluna que posta numa turma de ouvintes ... ela teria progredido tanto como os ouvintes... como maior parte dos ouvintes... na minha turma de ouvintes, por exemplo, se esta minha aluna a quem me estou a referir, se ela estivesse na minha turma de ouvintes, com intérprete, ela atingiria nível 5 sem grandes

dificuldades, porque é uma aluna inteligente, é uma aluna inteligente e que motivada ela iria muito mais longe.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA À COORDENADORA (CN/E1) DO N.A.S. DA ESCOLA E1

A – FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A1 – Qual a sua formação de base?

CN – A minha formação de base é licenciatura me História tirada na Universidade do Porto e sou professor do ensino regular.

A2 – Há quantos anos exerce funções nesta escola?

CN – Há 30, há tantos quantos a escola abriu.

A3 – Qual o seu papel nas questões relacionadas com a educação de surdos? Que tipo de trabalho desenvolve nesta escola?

CN – O meu papel... ora bem ao longo dos anos fiz diferentes tipos de trabalhos ... fui professora de português , fui professora de uma disciplina que se chamava estudos sociais, fui professora de história e durante muitos anos ... tenho sido coordenadora dos professores que dão apoio ... que trabalham com alunos surdos.

B – CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

B1 – Há quantos anos esta escola tem alunos surdos?

CN – Desde que abriu, os alunos vieram transferidos da escola Aurélia de Sousa como nós também viemos.

B2 – Ao longo dos anos como tem sido feita a integração dos alunos surdos nesta escola?

CN – Ao longo dos anos a integração nesta escola tem sido feita de várias formas. Uma foi portanto nós pugnamos sempre pela integração parcial nas disciplinas teóricas ... mas tem-se feito muitas experiências, tem-se implementado diferentes formas de trabalhar, não é, há a integração plena, integração parcial, integração flexível...integração flexível tinha haver com um trabalho que era feito em conjunto com os professores dos ouvintes juntamente com os dos surdos, eles ora estavam juntos com os surdos ora estavam juntos com os ouvintes... estavam em turma de surdos ou estavam junto com os

ouvintes. Integração parcial nas disciplinas ... isto era o que se chamava assim ... agora já não é assim, agora é o que está legislado é que as turmas sejam só de surdos. Os alunos pertenciam portanto a uma turma de ouvintes... estavam 3,4 ou 5, o número dos alunos era mais ou menos esse por turma, tinham uma directora de turma que era comum aos surdos e aos ouvintes e portanto nas disciplinas teóricas português, língua estrangeira, ciências, história etc. haviam dois professores uns para os surdos outro para os ouvintes. Nas disciplinas de carácter prático, como educação física por exemplo o trabalho era feito integração ... em conjunto.

B3 – Quantos professores trabalham com alunos surdos?

CN – Neste momento são mais ou menos uns trinta, trinta e cinco professores.

B4 – Qual a formação que possuem?

CN – A formação ... há professores de educação especial, professores especializados que são poucos, ... neste momento são quatro os outros professores são professores do ensino regular, muitos deles com anos de experiência de surdos com muitos cursos de formação como é o meu caso que fiz para aí mais de cem formações ... mesmo na língua gestual e é isso....

B5 – Que outro tipo de técnicos especializados existem para trabalhar com surdos?

CN – Existem os formadores surdos que dão aulas de LGP e colaboram nas aulas com os professores e os terapeutas da fala, neste momento também já há, foi uma coisa que durante muitos anos nos faltou e neste momento temos.

E- Neste momento quantos terapeutas tem? Todos os alunos têm apoio de terapia?

CN – Sim, sim ... aqui propriamente nesta escola há dois ... mas no agrupamento há mais ... e depois temos os intérpretes de LGP, neste momento estão colocados cinco aqui na escola.

B6 – Qual o procedimento de colocação destes profissionais?

CN – É por concurso, é anual o que não é nada bom ... porque depois são colocados fora de tempo e normalmente começam as aulas e nós ainda não temos os técnicos, isso é completamente negativo... tem de se repensar na colocação destes profissionais ... quando começam as aulas deveriam estar já os técnicos todos.

C – POSIÇÃO DO PROFESSOR FACE À EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS E À LEGISLAÇÃO ACTUAL

C1 – Considera que esta escola reúne3 as condições necessárias para integração dos alunos surdos?

CN – A escola tinha as condições ... até este momento eu achei que tinha as condições a nível de espaço, nós temos um pavilhão diferenciado para os alunos surdos, mas se vierem uma grande quantidade de alunos surdos para além daquele numero razoável, por exemplo cem alunos, vai ser complicado, quer dizer, temos que fazer ... eu já falei com a presidente do conselho executivo no sentido de no final do ano fazer uma reapreciação do espaço que temos porque no pavilhão dos surdos funcionam aulas de ouvintes e portanto se calhar não vai ser possível fazer esse ... abria as salas de aulas do pavilhão D dos surdos para os ouvintes... não sei temos de repensar nisto porque neste momento a população surda começa atingir um número um bocadinho superior aquilo que era normal.

C2 – Qual a sua opinião sobre o decreto-lei 3/2008?

CN – A minha opinião é que está muito bem... a não ser ... eu só acho mal que se preconize para os alunos surdos todas as aulas diferenciadas, não concordo com isso. Acho que os alunos deviam estar nas aulas de carácter prático estavam muito bem em integração plena, eles funcionam muito bem. Nas disciplinas teóricas acho bem que funcionem assim porque eles tem outro ritmo precisam de ... problema da comunicação precisam de mais tempo para aprender as coisas que os outros aprendem e na educação física na educação tecnológica não se justifica que estejam em turmas separadas. Depois os professores também problemas em organizar os jogos e etc.

E – Mas acha que todos eles devem estar em turma de surdos ou alguns alunos que beneficiariam em estar em turma de ouvintes?

CN – Não eu acho que não, acho que não ... mas isso é sempre ... nós achamos aqui na escola que cada caso é um caso e por isso analisava-se cuidadosamente ... e houve ... apesar de dizerem que a escola Era o gueto e fazer não sei o quê, isso é tudo mentira ... porque nós analisávamos os alunos e quando víamos que eles tinha possibilidades de funcionar numa turma de ouvintes com apoio, funcionava ... e normalmente o que se fazia? Era atribuído um horário com mais experiências nos surdos para darem aulas a essa turma onde estava o aluno surdo e depois davam-se os apoios que eram necessários ... mas agora neste momento passou-se para um radicalismo, quer dizer os alunos são obrigados a estar em turmas separadas mesmo que nós não concordemos com isso e isso é mau porque alunos que apesar de serem surdos, não tem mais qualquer outro problema, que são super inteligentes, que estão muito bem preparados ... claro são casos excepcionais, também convenhamos, mas que poderiam funcionar em turmas de ouvintes

C3 – Ao longo dos anos, perante a integração das crianças urdas, quais as dificuldades com que se tem deparado?

CN – As dificuldades, o grande problema na minha óptica é que a minha experiência me diz é a falta de competências que os alunos trazem. Os alunos por exemplo... temos que nos mentalizar que a criança surda tem que ter uma intervenção precoce, se for feito isso ao desenvolverem o português conjuntamente com a LGP, evidentemente que iremos ter surdos preparados para a frequência dos diferentes anos dos diferentes ciclos, mais ou menos equivalentes aos dos ouvintes, agora sim não, sem intervenção precoce é impossível e além do mais o grande problema do surdo, para além de não dominar minimamente a língua portuguesa, depois vai ser avaliado na língua portuguesa, o que eu acho um contra senso ... porque depois tudo ... eu nestes últimos anos tenho vindo a pugnar pela avaliação do aluno surdo em LGP, porque ao avaliarmos em trabalhos escritos em língua portuguesa o aluno fica em desvantagem e portanto há que fazer uma reflexão sobre este aspecto.

C4 – Ao longo dos anos, perante a integração de crianças surdas, que mudanças positivas ocorreram?

CN – Há mudanças, evidentemente que há mudanças eu acho que o facto de terem trazido, de virem os técnicos, isso foi uma grande mudança porque nos tempos em eu trabalhei há muitos anos, primeiro ninguém dava valor à LGP, depois começou-se a dar, mas entretanto ...nesses tempo era muito difícil ensinar os alunos, nós próprios não sabíamos a LGP e portanto como no meu caso pessoal se consciencializaram que a melhor maneira de ensinar um surdo é conhecer a própria língua dele e portanto a pessoa vai aprender a LGP porque acha que é a comunicação mais perfeita que se pode ter com o surdo através da LGP, desde que o surdo também tenha domínio da LGP porque há muitos surdos que não tem , isso é pressuposto que é preciso ter em conta porque é assim... há surdos que os seus pais por qualquer razão, eram ouvintes e recusaram-se a que o seu filho aprendesse LGP, eles fazem uma aprendizagem inter via da LGP, eles quando vêm para aqui também trazem não dificuldades na língua portuguesa mas também na LGP, mas acho foi uma lança positiva as pessoas compreenderem que se pode comunicar melhor e ensiná-los melhor se souberem LGP... portanto quem não sabe LGP tem sempre a hipótese de ter o intérprete, agora é assim eu pessoalmente não gosto do intérprete na sala de aula, eu acho que a comunicação se faz ... quer dizer tem muitos intermediários... e portanto o professor que não sabe nada de LGP e que se limita a ter na aula o intérprete que vai traduzir aquilo que ele vai dizendo não tem a certeza se está a ensinar os alunos... porque não basta traduzir, é preciso ... aliás o curso de interprete é também interpretação é preciso também quem está a traduzir, dominar as matérias e também ter alguma sensibilização ... o professor se souber alguma LGP sabe se a mensagem que está a ser passada é correcta ou está a ser deturpada, não é deturpada por falta de confiança nos profissionais, é que às vezes são coisas tão técnicas que é difícil ter a certeza se o interprete ao traduzir ... até porque não há gestos para todas as ideias nem há para todos os conceitos e portanto é um bocado complicado. Isso é uma coisa que eu acho que nós ainda temos de caminhar muito nesse sentido. Por outro lado vejo com muito mais

entusiasmo, uma vez que eu domino mais ou menos a LGP, e consigo dar as aulas para que os alunos entendam, acho muito mais positivo a presença dos formadores. Os formadores no meu caso e no caso de outros colegas que também preferem os formadores, o formador é uma ponte muito mais imediata com o aluno, portanto a presença do formador na sala de aula ... ele só intervém nos momentos em que o professor acha importante ele intervir e vai acompanhando a aula e portanto é bom... não só para a comunicação ser mais completa e também para o próprio formador que no futuro eventualmente no poderá vir a ser um professor, eles já são professores de LGP, mas isso é outro domínio mesmo assim os formadores surdos precisam de mais formação, isto é a minha opinião.

C5 – Na sua opinião o que poderia ser feito para melhorar a educação de surdos?

CN – Deviam ser feitas milhentas coisas mas agora o que me ocorre de repente é assim ... investir mais na intervenção precoce, depois tem de ser um acompanhamento ... não se pode pensar que uma criança surda profunda pode deixar de ser acompanhada por um técnico, pelo menos o técnico tem que estar sempre presente porque ele é que sabe como deve falar com a criança, como deve trabalhar para levar a verbalizar e até compreender também ... acho que é muito importante o técnico ... o técnico pode ser o terapeuta da fala, são vários técnicos eu acho ... pode ser o intérprete, podem intervir todos. Eu acho que se insistir nas idades precoces tentando que o vocabulário do aluno, o vocabulário activo e o passivo se desenvolva de maneira harmoniosa, mais ou menos equivalente à idade em que as pessoas ouvintes tem esse desenvolvimento... acho é que deve ser uma grande luta para tentar que a criança surda tenha acesso ao uma criança ouvinte tem pelas informações que passa quase espontaneamente ... por isso é que eu digo que os técnicos são necessários para colmatar essas dificuldades porque a criança não é “bombardeada” com as ideias, as palavras, os conceitos, as informações como uma criança ouvinte... e portanto isso... não pode deixar o técnico de estar presente ... os técnicos como eu já disse. E também tem que se fazer junto dos pais um trabalho muito intenso que é os pais que não são surdos que tem um filho surdo, não sabem como lidar com ele e depois vão cometer muitos erros, desde erros ao nível do desenvolvimento harmonioso da criança ... como por exemplo ... nós agora temos um problema gravíssimo, uma miúda que não quer vir para a escola de jeito nenhum ... uma miúda que neste momento chega ali à porta e atira-se para o chão e agarra-se às pernas dos pais , é preciso intervir várias pessoas , utilizamos várias estratégias para a trazer para dentro da escola e não se consegue ...isto agora começa a ser do foro psiquiátrico... aquilo é uma fobia, é esquisito. A própria mãe com quem já dialoguei várias vezes ... a senhora chora imenso ... ela diz ... eu própria cometi muitos erros, um erro que eu cometia, a minha filha, eu até para a atravessar a rua pegava nela colo, mesmo quando já não tinha idade para ser pegada ao colo ... portanto tirou-lhe todas as dificuldades, a miúda não tem um entendimento do mundo, para ela o mundo dela é a casa dela e fazer aquilo que lhe apetece, e portanto não tem regras ... isto é muito mau. Se os pais

forem ajudados, orientados se houver um trabalho contínuo, que tem de ser feito por pessoas especializadas, que saibam o que é um surdo, como se ajuda, etc. eu acho que isso é muito importante. É esta acção conjunta nas idades precoces, ainda não é a escola mas são os técnicos, mas depois a escola, os técnicos, a família e os professores eu acho que é muito importante... isto é que eu acho que iria melhorar

...Sabe tão bem como eu, tem experiência, que é assim... o surdo precisa do triplo do trabalho do ouvinte, não podemos escamotear isto, eu tenho quatro filhos, agora todos adultos ... eu lembro-me, que quase intuitivamente, também porque era professora, lhes ensinei imensas coisas e realmente eu verifico que uma criança estimulada precocemente, mesmo o ouvinte, consegue ser um adulto muito mais culto muito mais motivado, muito mais polivalente, mais alerta, muito mais atento, muito mais humano, muito mais compreensivo, eu acho que enriquece imenso as pessoas... eu agora tenho uma neta com quatro anos e verifico que ela fala praticamente como uma pessoa adulta, ... raciocina e dá opiniões porque foi estimulada precocemente ... uma criança normal estimulada é evidente que atinge parâmetros superiores a outros miúdos que não tenham esse estímulo... ora um surdo ... eu faço essa análise comparando com um surdo. Uma criança surda que está privada daquela informação que os pais passam e que a criança recebe dos amigos, do jardim, da escola, quando são pequeninos, se a criança ouvinte é estimulada dessa maneira, todos os momentos ... a criança surda não recebe estímulo nenhum e portanto não é de admirar que chegue aos 5 anos e tenha uma pobreza de vocabulário, não saiba nada das coisas ... eu preconizo para a escola ... e tenho isto defendido intimamente ... eu como já estou quase ...daqui a pouco estou no outro mundo... gostava de deixar esta mensagem , que é assim... nós temos que dar aos surdos , eu acho que me tenho debatido muito por isso, aquilo que eles não tem acesso sozinhos. Um individuo que não consegue ler um texto, que não interpreta um texto, não descodifica nenhum tipo de mensagem, há que lhe passar outras coisas , passar as coisas que os outros tem acesso de outra maneira. Eu tenho-me preocupado muito, como professora de história, já fui de português durante muitos anos, praticamente o português e história entrelaçassem-se neste trabalho que estou a fazer ...e é dar-lhes as histórias as lendas , as coisas interessantes , não é só , eu acho que nós professores, devemos por de parte aquela atitude miserabilista de coitadinho é surdo...e eu nasci surdo ... eu já estou farta disto...eu acho que a criança tem direito de ter acesso às lendas, às histórias, aos contos, às notícias, a tudo que nos envolve... e portanto ... claro que é difícil porque o passar da mensagem é complicado e as pessoas nem sempre estão disponíveis... por isso é que a escola deve investir imenso nisso , porque eu acho na minha óptica que é a oportunidade única de os alunos se desenvolverem e portanto quem vai para dentro de uma sala de aula para passar o tempoeu estou a dizer isto ... não conheço nenhum caso concreto , estou dizer isto em abstracto ...vai para dentro de uma sala para passar o tempo e não se empenha mais do que... sei lá se é possível dizer isto... se calhar é uma barbaridade ... mais até do que com os ouvintes ... que é fácil pensar a mensagem e não se empenha a cem por cento, acho que é um roubo para estes miúdos. Eles precisam de tudo quanto nós lhe pudermos dar ... eu por mim gostaria de andar ... assim tipo ...

meter os miúdos numa camioneta ... levá-los aqui levá-los acolá ... mostrar-lhes isto, mostrar-lhes aquilo... mostrar os monumentos, mostrar as coisas bonitas e importantes da vida e também as outras porque eles também precisam de conhecer ... mas isso é que é o enriquecimento dos miúdos, porque eu vejo às vezes miúdos aqui com 20 anos que desconhecem as coisas da realidade da vida e que ficam surpreendidos com coisas que ... as lacunas e as carências que eles tem ... porque depois ... eu tenho encontrado imensos surdos com depressões profundas e alguns que se suicidaram e já passaram por aqui miúdos que depois se suicidaram...eu acho que o isolamento a que eles são votados, apesar de eles estarem misturados com os outros ... só quem conhece um surdo é que tem esta sensibilidade ... que é passar o mais possível, informar, explicar ... eles estão sequiosos de saber, gostam ... acho que isto é muito importante

ESCOLA E2

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA (PLP/E2) DA ESCOLA E2

A – FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A1 – Qual a sua formação de base?

P – A minha formação de base ... sou licenciada em História.

A2 – É especializada na área da surdez?

P – Não.

A3 – Tem formação específica ao nível de LGP?

P – Não, não ... o ano passado houve aqui uma formação mas eu não frequentei.

A4 – Como considera o seu domínio de LGP?

P - Muito fraco.

A5 – Há quantos anos trabalha com alunos surdos?

P – Este é o terceiro.

A6 – Há quantos anos trabalha nesta escola?

P – É o terceiro também.

B – FUNÇÕES E TIPO DE ARTICULAÇÃO COM OUTROS DOCENTES E TÉCNICOS

B1 – Quais as funções que exerce nesta escola no trabalho com alunos surdos?

P – Dou apoio individualizado...

E – A quantos alunos? Quantas vezes por semana?

P – Dois alunos. Uma vez, 45 minutos cada um.

Numa turma lecciono Português e nas outras História. Só tenho uma turma de Português ... onde está o aluno surdo

E – Dás História também a esse aluno surdo?

P – Também ...

E – E na outra turma não tens surdos?

P – Tenho ...

E – A esta turma dás Português e História?

P – Dou ... ao 6.º C. Ao 6.º D dou História que é a Daniela...

B2 – Nas suas aulas tem formador / intérprete de LGP?

P – A PEE...

E – Formador / intérprete?

P – Não, este ano não.

E – E no ano passado? Em todas as aulas?

P - Sim, não era em todas ... eu não posso precisar ... mas algumas..

B3 – Como articula o trabalho com os docentes / técnicos?

E – A PEE está sempre presente em todas as aulas de LP?

P – Não, não ...só está à segunda -feira 45 minutos, e ela apoia um aluno na aula de Português ... apoia o aluno conforme o conteúdo que estamos a leccionar. Só nos testes é que antecipadamente, entrego o teste para ela ver e para ela poder fazer alguma alteração uma vez que ela é do ... ensino especial

E – Nas aulas de História, tens apoio?

P – Não, não ... sozinha e abandonada

C – METODOLOGIAS DE ENSINO DE LP

C1 – Que tipo de programa utiliza para leccionar LP aos surdos? É o mesmo dos ouvintes, é adaptado?

P - Nas aulas é, é o mesmo ...agora no apoio não ... e o teste também é adaptado, claro que quando ele não entende, tento aproximar-me e explicar-lhe.

C2 – Que critérios utiliza para a escolha de materiais? São os mesmos?

P – São.

C4 – Quais as metodologias utilizadas no ensino da LP aos alunos surdos?

P - Na aula? É o mesmo, é o mesmo ... claro que se estiverem a resolver alguma questão que eu acho que não consegue, é evidente que eu adapto, não é ... Numa turma de 20 alunos se eu estivesse junto dele os outros ... não é fácil

D – POSIÇÃO DO PROFESSOR FACE À EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS E À LEGISLAÇÃO ACTUAL

D1 – Na sua opinião a que se devem as dificuldades dos alunos surdos em LP?

P – Não entendem ... muitas vezes não sabem o significado das palavras ... eu vejo quando a PEE está junto dele, naquele dia que ela vai ao apoio, vai à aula ela tenta explicar o significado que eles não conseguem entender ... muitos dos conceitos

D2 – Como acha que essas dificuldades podem ser minimizadas?

P – Frequentar talvez um ... tipo de ensino que tivessem um apoio constante de uma intérprete, por exemplo, eu acho que isso é essencial, essencial ... porque eu vejo muitas vezes que o aluno não está a entender aquilo que eu estou a dizer, não é ... porque eu não sei LGP, é um bocadinho difícil ... explicar ... eu não sei explicar, não sei ... agora o que é que eu faço ... nas fichas ou se der, por exemplo, na língua portuguesa ou no teste, ou numa ficha de trabalho, evidente que faço uma ficha adaptada, dou antecipadamente à PEE para ela ver visto que ela tem um conhecimento diferente.

D3 – Qual a sua opinião sobre a educação bilingue para crianças surdas?

P – Acho que é benéfico, só que aqui é difícil, porque eles não têm LGP como primeira língua, no ano passado funcionava um bocadinho diferente.

D4 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas quais as dificuldades com que se tem deparado?

P – Muitas, muitas ... porque não consigo muitas vezes comunicar com eles, não é ... eles não entendem ... eles não entendem, não ... por muito que eu tente me aproximar do aluno, neste caso no português, é um bocadinho difícil fazer com que ele entenda o que eu estou a dizer ... sinto muitas dificuldades, muitas mesmo ... claro que é preocupante para mim ... mas não posso ... fazer milagres

E – Como achas que essas dificuldades podiam ser minimizadas?

P – Se tivesse um intérprete ao lado ... eu por exemplo, há bocado não disse ... mas há 3 anos estava cá uma intérprete voluntária, não tinha colocação e então estava como voluntária nas aulas de português. E via que era muito mais fácil porque ela fazia a ponte. Agora numa aula de 90 minutos, eu estar a dar aula, como é que ... ele muitas das vezes fica perdido, eu noto que ele está noutra porque não entende ... uma intérprete acho que resolvia.

D5 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas que mudanças positivas ocorreram?

P – Não notei ...

D6 – Qual a sua opinião sobre o decreto-lei n.º 3/2008?

P – Acho muito bem, concordo, concordo plenamente. Há quem ache que estão a marginalizar os miúdos. Eu acho que não, porque isto na teoria é muito bonito, eles estarem integrados, mas se eles não entendem o que estamos a dizer, ficam perdidos ...

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PROFESSORA DE LINGUA PORTUGUESA (P1) DO 6.º ANO DA ESCOLA E2

A – FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL.

A1 – Qual a sua formação de base?

P1 – Sou bacharel em filologia românica.

A2 – É especializada na área da surdez?

P2 – Não.

A3 – Tem formação específica ao nível de LGP?

P2 – Comecei duas vezes com formação aqui na escola ... quer dizer comecei três vezes, só acabei uma porque tinha reuniões muitas vezes e outras coisas de departamento à mesma hora da formação de LGP e portanto desisti quando faltei quatro vezes seguidas a LGP desisti e depois da última vez levei até ao fim porque pedimos encarecidamente para não nos marcarem reuniões nas horas de LGP isso aconteceu uma ou duas vezes durante o ano, não foi significativo e portanto essa fiz mesmo, mas só essa formação aqui na escola

**A4 – Como considera o seu domínio de LGP?
Consegues comunicar com os alunos?**

P1 – Não ... sei muito pouco, quer dizer comecei o alfabeto, em coisas mais complicadas e depois aquela história dos dias da semana dos meses, pouca coisa, coisas muito básicas, o rapaz, a rapariga, a mulher, pronto essas coisas muito básicas e portanto é um conhecimento básico.

A5 – Há quantos anos trabalha com alunos surdos?

A6 – Há quantos anos trabalha nesta escola?

P2 – Desde que cheguei a esta escola, logo no primeiro ano trabalhei, portanto há 15 ou 16 anos.

B – FUNÇÕES E TIPO DE ARTICULAÇÃO COM OUTROS DOCENTES E TÉCNICOS

B1 – Quais as funções que exerce nesta escola no trabalho com alunos surdos?

P2 – Apenas dando-lhes apoio ... fizemos esse tal projecto queríamos que eles tivessem as aulas de português sozinhos sem estarem integrados na turma, estariam integrados na turma ... falaram que estaríamos a pô-los de parte ... não sei quê ... a dificultar a integração, claro que não é verdade, nós não queríamos que fosse tipo outras escolas em que os alunos surdos tem tudo ...ou quase tudo porque não sei se as práticas têm na turma, mas pronto, nós era só o português, porque achávamos que as competências teríamos de desenvolver de uma maneira diferente, e aliás tanto eles como ... nós achamos ... tanto eles surdos como os ouvintes são prejudicados ... sobretudo nas aulas de português e nas de história também em que é tudo muito abstracto, etc. ... mas o português talvez fosse mais fácil... sei lá ... sentimos um enorme dificuldade quando estamos a dar uma obra de leitura orientada e damos uma por período pelo menos duas por ano lectivo, não é ... e é completamente impossível acompanharem capazmente a leitura da obra.

B2 – Nas suas aulas tem formador / intérprete de LGP?

P2 – Num tempo, 45 minutos, é formador, o ano passado tinha um intérprete numa das aulas só para um dos alunos... a I1 ... só 45 minutos ...porque não havia para todas as aulas, etc. ... portanto como tinha um aluno que não comunicava mesmo, ele próprio não sabia LGP é o A1 que foi agora para escola E1, tinha lá sempre às segundas feiras 45 minutos só ... a intérprete.

B3 - Como articula o trabalho com os docentes / técnicos?

P2 – Depende muito do tipo de competências e das capacidades que os alunos têm e até onde eles podem chegar, com este aluno por exemplo eu dava umas fichinhas muito incipientes e ela trabalhava com eles, era mais à base de imagens, por exemplo este ano que tenho o A2 que tu conheces ele ouve qualquer coisa ... e comunica oralmente e portanto a professora EE está na minha aula 45 minutos também de resto só tenho mais 90 porque os outros 3

tempos são aqui na sala com os outros alunos do 6.º e pronto ... a PEE ... eu digo-lhe vamos ler um texto, ela vai buscar o texto para responder a umas perguntas ou o funcionamento da língua assim ... então pronto ... ele acompanha a aula perfeitamente ou tanto quanto é possível ou se pode desejar para um aluno que tem surdez não é ...

C – METODOLOGIAS DE ENSINO DE LP

C1 – Que tipo de programa utiliza para leccionar LP aos surdos?

P2 – Utilizo o programa dos ouvintes com algumas adaptações conforme lá está ... o caso do surdo.

C3 – Que critérios utiliza para a escolha dos manuais?

P2 – O manual é o mesmo... neste caso nestes últimos anos tem sido um manual péssimo com textos extensíssimos portanto não os desenvolvo não trabalho com eles procuro uns mais pequenos ... e justamente fizemos um pedido ... já agora para a DREN e para o DGIC para nos darem autorização para mudarmos de manual por causa daquela história das CLEBES tinham dito que os de português desde o 5.º ano até ao 10º acho eu, 1.º, 2º e 3º ciclo não mudariam até 2010 e nós estamos com manuais que são péssimos para todos e sobretudo para os surdos ... pedimos e foi-nos recusado ia muitíssimo bem fundamentado ... ia também com o parecer de pessoas do ensino especial mas sobretudo do departamento porque ninguém consegue trabalhar com aquilo, quer dizer foram escolhidos por pessoas que já não estão cá e quem estava na altura não quis mas pronto a maioria quis estes manuais ... agora em principio suponho que nem elas conseguiriam trabalhar com eles, não se pode

E – Esse pedido foi só para os surdos?

P2 – Não, nós queríamos o manual para todos, mas um manual que dá perfeitamente para escolher textos para estes surdos que cá temos, por exemplo para aqueles como tal A1 que eu tinha no ano passado, esse então nenhum manual ... a não ser que seja com imagens grandes com uma legenda mínima é que daria para trabalhar com ele.

D – POSIÇÃO DO PROFESSOR FACE À EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS E À LEGISLAÇÃO ACTUAL

D1 – Na sua opinião a que se devem as dificuldades dos alunos surdos na LP?

P2 – Olha muitos não foram com certeza ... não começaram a trabalhar a língua portuguesa a par da LGP, quer dizer desde novinhos ... quer dizer os pais ou as instituições se puseram um bocado de parte ... eu tive aqui alunos que as palavras que conheciam eram pipi ... bebé, olá ... pronto esses também

foram poucos os que apareceram aqui assim agora já não aparecem tanto, foi mais no princípio ... mas portanto não trabalhavam como nós a língua portuguesa, sabiam apenas a LGP ... e pronto as dificuldades ... é não terem intervenção precoce.

D2 – Como acha que essas dificuldades podem ser minimizadas?

P2 – Lá está, se houvesse muito mais gente do ensino especial, se eles tivessem outro tipo de apoios, por exemplo o professor de história dá 45 minutos de apoio numa semana a um surdo não significa coisa nenhuma nem para o surdo nem para o professor as pessoas cumprem o horário mas não estão de acordo com aquilo, daí que o modelo da escola E1 era e é criticadíssimo aqui mas tem as suas vantagens em uns aspectos, não é segregá-los mas pelo menos em algumas disciplinas eu acho que eles deveriam estar juntos, só eles, porque o professor com um intérprete ou formador com alguém do ensino especial conseguisse comunicar melhor do que nós fazia um trabalho completamente diferente do que estar um aluno ou dois, em principio estavam dois numa mesma turma... uma pessoa com um surdo com umas características outro surdo com outras características diferentes e com os ouvintes todos, é muito difícil.

E – Nessas turmas o professor de apoio está quantas vezes?

P2 – Pouquíssimas, no ano passado, por exemplo tive a PEE 45 minutos numa aula minha, por semana, quando eu tinha 5 tempos com os alunos ela estava 1 tempo, depois tinha de estar não sei quê ... a outra PEE estava noutras, portanto ... há dois anos e há três anos tinha alunos surdos e não tinha absolutamente ninguém ... a última vez que tinha tido foi com um aluno que era surdos e autista ... com esse tinha também 45 minutos e nas outras eu não conseguia comunicar com ele nem ele comigo.

D3 – Qual a sua opinião sobre a educação bilingue para crianças surdas?

P2 – Eu não sou tão conhecedora ... embora trabalhe com eles ... daquilo que seria melhor para eles ... acho que não sou especialista na matéria, mas acho que desde que eles tivessem a capacidade, competência para aprender a língua portuguesa, claro que a LGP, eu penso que é mais limitada, penso eu, não sei, mas eu vejo perfeitamente que comunicam lindamente e que os intérpretes conseguem traduzir tudo, mas ... a este nível e sem eles terem a formação que os intérpretes têm, não é ... limita-os ... agora é evidente como segunda língua a alternativa seria a primeira e deixar a LGP de parte ... hoje em dia penso que aqui está muito virado para que a língua ... quer dizer aqui por exemplo os pais ao escolherem esta escola, não indo para a de referência eles próprios afirmaram e parece que aqui na escola acham bem que não querem que os filhos usem a LGP, se evite ao máximo ... que tenham a língua portuguesa como segunda língua é evidente que têm ... como primeira é um bocado difícil... não sei eu acho que isso depende um bocadinho das capacidades e da audição de cada um ...

D4 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas quais as dificuldades com que se tem deparado?

P2 – Dificuldades práticas nas aulas, olha acho que ...tendo a preocupação que temos todos que eles consigam apanhar o mais possível na aula eu acho que é muito difícil, nós tentamos, falamos com eles, chamamos atenção, mas sinto que eles perdem algumas coisas, quer dizer depois perdem muitas, mas ao perderem algumas coisas, dispersem atenção, porque não estão ... se há alunos muito interessados e que já têm um conhecimento grande da língua portuguesa e até de ... procura de palavras chave, do tipo de coisas que queremos, dos trabalhos que queremos nos textos, que já têm bastante prática, são interessados e têm inteligência para isso, os que não têm tanta perdem-se com muita facilidade e portanto a meio da aula muitas vezes começo a reparar que o aluno está noutra, e está noutra, quer dizer porque ... eu também estaria no caso dele se estivesse na situação dele. Leitura acho difícil com alguns surdos, por exemplo com A3, felizmente não porque ele vai acompanhando, ele lê, eu mando-o ler em todas as aulas de leitura quando os outros estão a ler ele lê também sempre e pronto ... há muita coisa que desconhece, estando lá a PEE ou qualquer outra pessoa qualquer vai-lhe explicando as palavras, procuro aqui no apoio, como estão os três no mesmo ano, fazer a motivação a introdução a um texto que se vai dar na aula, quer dizer para outros não seria uma motivação seria uma chatice repetir o que se vai dar na aula, para eles é importante que tenham uma ideia global ... a única coisa em que eu acho que me sinto mais à vontade é no funcionamento da língua, quer dizer quando apresento uma coisa qualquer eles seguem porque faço normalmente no quadro faço uma ficha também que lhes dou depois de já termos trabalhado no quadro eles acompanham desde que saibam coisas para isso e que estejam atentos, mas isso acompanham, de resto a leitura, a interpretação, eles vão-se perdendo porque uma pessoa não pode andar só ao ritmo que seria necessário para eles, não é ... portanto é um bocado difícil.

D5 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas que mudanças positivas ocorreram?

P2 – Acho que aqui até ... um bairro que tem fama de ter montes graves problemas sociais, culturais, etc. financeiros, económicos, como os outros mas acho que o facto de haver tantos alunos surdos em causa todas as turmas, durante anos houve em todas as turmas e depois em quase todas foi muito positivo para os ouvintes porque habituaram-se a estar com alunos deficientes e a respeitá-los, porque a principio há alguns que rejeitam ou porque não se sentem há vontade, ou porque são mauzinhos, pronto pelas mais diversas razões ... aqui não eu acho que a integração nesse aspecto fez muito bem também aos outros e por exemplo em todas as turmas há montes de alunos que sabem LGP e que ajudam o professor, eu por exemplo usava ... por acaso este ano não tenho feito muito por causa do A3, mas já fiz também, mas houve turmas em que pelo menos duas aulas, dois tempos mais dois mais um, quando havia dois tempos eu estava sempre, por exemplo um quarto de

hora a fazer LGP com os colegas e eles, eram os surdos às vezes mas outras vezes eram os ouvintes que nos ensinavam e os surdos diziam se estava bem ou se estava mal e estava sempre bem porque sei lá ... eles são bestiais, aprendem doutra maneira e estão sempre ...

D6 – Qual a sua opinião sobre o decreto-lei n.º 3/2008?

P2 – Não sei ...porque eu acho ... parece-me um bocado insuficiente ... eu parece-me que ir tudo para terem as tais aulas, para estar todos da mesma maneira a terem as aulas como têm ... não sei se calhar foi uma medida economicista, penso eu ... não é ... que ter começado por aí ... as motivações que os levaram a pôr cá fora o tal decreto e portanto logo a partir daí já não acho bem ... pronto ... se houvesse várias escolas eles podiam escolher ou porque era mais perto ou porque gostavam mais ou porque já tinham família, familiares cá ... e várias escolas pelo menos estarem dotadas de uma equipa de ensino especial que nos pudesse realmente dar o apoio que a gente precisa ... pronto ... as pessoas caem aqui, uma pessoa vai-se habituando, vai vendo que afinal não é tão difícil trabalhar com eles, dependendo, mas também isso com os ouvintes também há alunos com que é complicadíssimo, não é tudo facilidades mas também não é assim uma coisa de sete cabeças ... entretanto os professores que aparecem cá de novo e lhes dizem, tem três turmas e nas três há surdos, ficam pronto ... como eu fiquei no princípio e como quando trabalhei com um cego em que a pessoa que o apoiava, que vinha de fora me dizia, tens de o tratar como tratas outro qualquer, obrigado tratar sim mas ensinar – lhe já é diferente, ensinar como ensino outro qualquer, não me digas que é assim, porque então quer dizer uma de nós está super errada pois eles não são iguais ... em princípio se houvesse várias escolas onde pudessem estar integrados com diferentes respostas

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM PROFESSORA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (PEE/E2) DA ESCOLA E2

A – FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A1 - Qual a sua formação de base?

PEE – Sou professora do 1.º ciclo.

A2 – É especializada na área da surdez?

PEE – Sou.

A3 – Tem formação específica ao nível da LGP?

PEE – Formação específica, tive já duas acções de formação cerca de 100 horas.

A4 – Como considera o seu domínio de LGP?

PEE – Neste momento mau...

A5 – Há quantos anos trabalha com alunos surdos?

PEE – Dois anos, este é o terceiro.

A6 – Há quantos anos está nesta escola?

PEE – Também é o terceiro ano.

E – Há quantos anos é que esta escola tem alunos surdos?

PEE – Há imensos ... acho que esta escola antes de abrir, abriu com alunos surdos. Tinha turma de surdos e ainda não era escola ... portanto não sei responder ao certo...

E – Há alunos surdos em todas as turmas? Quanto por turma?

PEE – Não porque agora há muito poucos e portanto eles estão distribuídos por várias turmas, eles agora são muito poucos ... um, um por turma, pelo menos eu estou com o 5.º e 6.º ano é apenas um por turma, eu só tenho 4.

B – FUNÇÕES E TIPO DE ARTICULAÇÃO COM OUTROS DOCENTES E TÉCNICOS

B1 – Quais as funções que exerce nesta escola no trabalho com alunos surdos?

PEE – Sou professora de apoio de educação especial, apoio-os nas aulas, principalmente português, matemática e um ou outro em história, e depois dou apoio individual a alguns, quando tem dúvidas, preparação para testes, organizo os testes com os professores, adapto, depende ...fazemos programação.

E – Quantos alunos apoia?

PEE – Quatro surdos do 5.º e 6.º ano. É só um do 5.º e três de 6.º

B2 – Nas aulas tem formador / intérprete de LGP?

PEE – Nada, agora não tenho nenhum ...

E – No ano passado?

PEE – Estavam em algumas, não todas porque eram muitos meninos e portanto, havia poucos intérpretes e formadores e portanto não estavam em todas.

B3 – Como articula o trabalho com os docentes / técnicos?

PEE – Com eles (professores) nós preparamos algumas aulas, textos ... eu como estou em aulas, eu estou quase sempre em todas as aulas de língua portuguesa, aí eu estou ao lado dos alunos e tento desmontar um bocado o texto, simplificá-lo, traduzi-lo e ao mesmo tempo, mesmo com algumas matérias faço um bocado de esquemas, resumos para eles perceberem melhor ... mais a nível da compreensão. Aqui no projecto, estou a P1, e aí estamos a trabalhar conteúdos de leitura, expressão escrita de uma forma mais global.

E – No projecto?

PEE – De língua portuguesa ... à terça...

E- Só para alunos surdos?

PEE – Só.

E – Como funciona?

PEE – Eles têm dois tempos semanais ... do 5.º e 6.º e também há para o 7.º ano mas aqui são apenas os três alunos do 6.º ano, porque o do 5.º não sabe ler nem escrever ... ainda não está neste grupo, e pronto estamos estes dois tempos à terça à tarde que depois são dois tempos mais um tempo de apoio, estamos com eles, antecipamos algumas matérias das que eles vão dar a língua portuguesa, trabalhamos textos a nível mais de interpretação, da leitura e aí estão dois alunos e dois professores.

E – Que tipos de apoios é que os alunos do 5.º e 6.º ano têm?

PEE – Tipos de apoios, neste momento é apenas o apoio dado por cada professor da sua disciplina ... do regular ... da sua disciplina português, matemática, ciências, inglês, todos tem uma hora de apoio extra com o professor da sua disciplina e depois há um apoio extra, por exemplo nestes de português com este projecto e há outros como por exemplo o meu do 5.º ano, é um miúdo com muitos problemas e eu estou uma tarde praticamente com ele também ... individual...

E – Esse miúdo está em todas as disciplinas?

PEE – Sim, para já sim.

C – METODOLOGIAS DE ENSINO DE LP

C1 – Que tipo de programa utiliza para leccionar LP aos surdos?

PEE – É o programa normal com algumas adaptações, quando nós vemos, e não é o caso, porque estes meninos, são meninos com algumas competências e capacidades e competências cognitivas e portanto estamos a dar o programa normal com algumas adaptações apenas ou simplificações, por exemplo a nível dos verbos não lhes damos o conjuntivo, por exemplo, depende de cada caso.

**C3 – Que critérios utiliza para a escolha dos manuais?
São os mesmos?**

PEE – Tudo igual

C4 – Quais as metodologias utilizadas no ensino da LP aos alunos surdos?

PEE – Tudo igual ... a não ser os apoios, os resumos, as ajudas pontuais, por exemplo eles estão sempre juntos do professor, na carteira junto do professor e portanto eles também estão sempre atentos, mesmo quando eu não estou ... se bem que em português eu estou nas aulas ...

E – A nível dos testes, são iguais aos ouvintes, são adaptados?

PEE – Não, não, os testes são quase todos adaptados em quase todas as disciplinas ... geralmente o professor faz a prova normal, imaginando português e entrega-me o teste ... alguns professores sou eu que depois com o teste adapto, modifico, reformulo as perguntas, depende ... outros já estão tão habituados ... porque esta escola estão muito habituados a adaptar os testes, eles próprios adaptam ... eu ainda hoje estive no de matemática em que a professora, eram as mesmas coisas mas mais simples e tinha um problemas ou outros, porque eles tem muita dificuldade nos problemas ... e ela tirou-lhe um dos problemas e pronto cota mais ... com maior valorização outras perguntas

D – POSIÇÃO DO PROFESSOR FACE À EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS E FACE À LEGISLAÇÃO

D1 – Na sua opinião a que se devem as dificuldades dos alunos surdos na LP?

PEE – Olha realmente é não terem ouvido desde tenra idade e perderam muita informação, de não ouvirem correctamente e isso perdem muita informação, são miúdos muito distraídos, com dificuldade em focalizar atenção e é assim também por norma os que eu tenho não são miúdos muito aplicados, cansam-se facilmente e isso também apesar de muito ... eles tem muitos apoios e às vezes é pena, têm pouco tempo para brincar, e eu acho que isso é fundamental, mas realmente eles precisam de muito treino porque senão por si

só não trabalham e aí as dificuldades aumentam, é só o que fazem com os professores.

D2 – Como acha que essas dificuldades podem ser minimizadas?

PEE – Mais do mesmo eu acho que não, agora terem ... e que nós já tivemos algumas actividades diferentes, nomeadamente o clube da música, o clube do teatro, nós há dois anos, eu participei com os alunos no clube de música que foi giríssimo, eles a tocarem desde xilofone, a tambor, a ouvirem os sons, a movimentarem-se, era movimento corpo e música, eu acho que isso estimulava outras áreas, nomeadamente a atenção, concentração. No ano passado com o teatro tivemos muito relaxamento, muita focalização no corpo, no movimento mas acabamos depois por fazer muito teatro de sombras e isso porque eles não se queriam expor, eles não se gostam de expor e portanto acabamos por fazer coisas muito engraçadas, mas a nível mesmo de teatro de sombras e teatro animado, slides, fizemos também histórias, por exemplo trabalhadas em slide, a escrita, o desenho tudo eles montaram toda a história, por exemplo no ano passado trabalhamos, a última que trabalhamos foi o “Macaco de rabo cortado” e ficou muito gira porque eles montaram tudo em slide e à medida que por exemplo iam contando a história iam fazendo para os ouvintes, pois isto depois era para todos, em LGP contando a história, foi muito engraçado... durante dois dias a passar a história na biblioteca para várias turmas.

D3 – Qual a sua opinião sobre a educação bilingue para crianças surdas?

PEE – Olha é assim ... eu estou há muito pouco tempo e não estou muito por dentro, mas o que me parece é que por exemplo os miúdos surdos surdos beneficiam grandemente da LGP e ela deve ser a sua primeira língua mas terá que haver também um apoio à família, ao contexto, a uma família alargada, porque é assim, eles aprendem LGP, trabalham na escola e isso, mas depois no seu contexto, no seu meio não têm, a rede de família de amigos, a maior parte das famílias que eu conheci dos nossos alunos não sabe LGP o que dificulta a sua integração, porque uma coisa é eu perceber como mãe, pela minha intuição o que está ser ... ou como professora, outra coisa é falar de conceitos, são coisas diferentes ... uma coisa é eu dizer uma palavra outra coisa é eu perceber um conceito e mesmo eu tive e tenho muitas dificuldades porque às vezes não percebo, sabes ... eu penso que me estão a falar de determinada coisa porque traduzo um bocado à letra e não o conceito é completamente diferente, e portanto eu acho que eles devem ter e sendo miúdos que não ouçam ... surdos profundos, ok ... neste caso dos meus são todos ouvintes, mais ou menos, não é tem próteses, têm implantes, e isso ... repara, não sei até que ponto... a não ser para conviver realmente, para conviver com esta comunidade porque eles têm uma identidade muito próxima com ela e fazem como que uma família. Agora eu acho também, no caso dos meus, o conviver, o estar integrados numa comunidade de ouvintes, também trás grandes vantagens em futuro ... que são as desvantagens que eu noto nos outros, percebes? Depois no mundo de trabalho, com os amigos, na comunidade acabam por perder muito. Estes miúdos como estão habituados a

lidar com todos os colegas, eles são surdos mas são iguais aos outros numa comunidade escolar, em casa, acabam por ter depois benefícios a nível do futuro, é o que eu penso. Mas são miúdos diferentes que ouvem, que têm linguagem oral...

D4 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas quais as dificuldades com que se tem deparado?

PEE – A maior dificuldade é realmente a LGP que é difícilíssimo e que continua a ser para mim e por isso eu digo o meu desempenho é péssimo ... porque falar e comunicar é mais do que fazer alguns gestos ou fazer de cor alguns gestos que também os confunde ... a posição ... e portanto isso em mim é a grande desvantagem é não dominar muito bem a LGP. Se bem que este ano essas minha dificuldade acabou por se minimizar porque os meus falam e ouvem.

E – E a nível de escola de recursos, condições de trabalho?

PEE - Não temos grandes condições como tu vês, as condições são mínimas. Não temos material de apoio ... não temos grandes ... mesmo a nível de trabalhar, o que eu te digo, conceitos precisávamos de intérpretes ou formador, porque para alguns miúdos, estes sabem LGP mesmo pouco, o do 5.º ano não sabe, mas seria necessário também, não temos nenhum recurso. Nós aqui o que temos é o terapeuta de fala e que não apoia os do 5.º e 6.º. O do 5.º não porque é ouvinte, os outros apenas uma sessão por semana, muito pouco, nomeadamente para o implantado.

E – Então a terapeuta apoia quem?

PEE – Os miúdos todos da escola praticamente ... pronto pouco tempo como é normal ... e também tem o 1.º ciclo e a pré-escola e depois há miúdos que depois de uma determinada idade não vale a pena estar a investir tanto neles

D4 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas que mudanças ocorreram?

PEE – No meu caso ... é assim ... as mudanças positivas a nível de escola de metodologias não há grandes mudanças ... pelo contrário perdemos os intérpretes, perdemos os formadores que eram um ótimo recurso, para além de outros projectos que aqui se faziam, com os alunos da Escola Superior de Educação, que era uma mais valia para nós. E nós dinamizávamos muito, mesmo a nível de visitas, fazíamos muito ... actualmente somos muito poucos, claro que temos menos alunos mas mesmo nós somos 3 professores de apoio para esta comunidade toda, com “n” tarefas extra para além destas, acabamos de investir muito menos do que aquilo que necessitávamos. No fundo reduzimos um bocado, aos apoios, acompanhá-los a toda a logística, isso damos muito apoio com as famílias, falamos muito com as famílias, eles telefonam-nos muito, acabamos por ter uma ligação muito próxima e muito íntima às vezes com os miúdos, alunos e com as famílias, é um bocado isso ...

Agora a outros níveis ... acho que há um grande déficit ... e que a escola não sei de que forma a escola agora poderia responder melhor... mas não temos grandes recursos... ou nenhuns recursos

D6 – Qual a sua opinião sobre o Decreto-Lei n.º 3/2008?

PEE – Oh! Que lindo ... eu não tenho opinião ...embora já fizesse trabalho e estudos sobre isso ... mas é assim ... acabou por ... na minha opinião ... aos surdos ... acabou por criar a tal escola de referência, que por um lado é o que eu te digo ... se calhar é bom para os alunos mesmo surdos, profundos, mas por outro lado eu acho que, foi o que eu te disse antes, discrimina um pouco pela negativa, porque agrupá-los apenas em comunidade de surdos, turmas de surdos, a um lado num pavilhão de surdos, para mim é um bocado discriminar e a não os preparar tão bem para a vida, percebes? Portanto nesse aspecto ... é assim, há sempre vantagens e desvantagens nestas coisas. Para mim eu acho que no caso deles foi maior as desvantagens, porque para mim fazia sentido haver outras escolas com outro tipo de respostas que não só aquela.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO COORDENADOR DO NÚCLEO (CN/E2) DE SURDOS DA ESCOLA E2

A – FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A1 – Qual a sua formação de base?

CN – Eu sou professor, neste momento sou professor titular do grupo 920, professor de surdos.

A2 – Há quantos anos exerce funções nesta escola?

CN – Nesta escola estou apenas há três anos, tenho 29 anos de serviço, seguramente 25 dedicados à educação especial mas nesta escola só estou há 3 anos.

A3 – Qual o seu papel nas questões relacionadas com a educação de surdos?

CN – É assim além de coordenador de departamento e por inerência serei naturalmente o coordenador da resposta educativa aos alunos surdos, o meu papel é mais um papel de dinamizador, de facilitador, porque tendo nós um grupo de educação especial professores ou colegas também com experiência em surdos não necessitam extraordinariamente da minha influência ou da minha presença ... portanto é assim o meu papel aqui acaba por ser mesmo dinamizador ... ou vá lá aquele que pode protagonizar mais em nome de todos os colegas um projecto credível

E – Não dá aulas aos alunos surdos?

CN – Dou claro naturalmente, depois tirando isso trabalho com os alunos do 7.º ano 9.º ano e dos CEF. No 7.º ano trabalho a LP como língua segunda em grupos de alunos surdos que são 7 ... também há um colega que trabalha LP como língua segunda no 8.º ano e depois fazemos acompanhamento também às turmas onde estão os alunos surdos, nomeadamente a LP, isso é obrigatório e depois a qualquer outra disciplina que a qualquer momento por um motivo qualquer possa ter dificuldades, também fazemos acompanhamento na própria turma.

B - CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

B1 – Há quantos anos esta escola tem alunos surdos?

B2 – Ao longo dos anos como tem sido feita a integração dos alunos surdos nesta escola?

CN – Bem é assim ao longo dos anos ... poderei falar melhor nestes últimos 3 anos, é assim ... como tem sido feita a integração? ... tradicionalmente os alunos aqui estão em turmas de ouvintes depois eles têm apoios individualizados com professor de cada disciplina, nomeadamente as disciplinas de carácter teórico ...

E – Professor do regular?

CN – Exactamente ... depois constituíam-se grupos de nível de aprendizagem que podiam envolver o 5.º e 6.º, 7.º e o 8.º, não interessa para determinadas áreas muitas vezes não tinham que ser necessariamente as áreas académicas, por exemplo, no ano passado nós tínhamos aqui 5 alunos dos CEF's, 6 alunos dos CEF's, havia alunos de Angola e nós tínhamos actividades em educação especial, além destes apoios todos, nós tínhamos actividades organizadas para estes alunos mais do ponto de vista social, de cidadania, de conhecimento, por exemplo eles não sabiam o que era ... a jovem não sabia o que era o aborto, ouvia falar na televisão ... isto acontecia à sexta à tarde e isto claro estava mais a cargo da educação especial ... claro que aqui o que é que nós fazíamos? Aproveitávamos o desenvolvimento da LGP, o desenvolvimento da LP, e também do conhecimento comum que quase todas as pessoas podem ter pelo menos, nem que seja pela rama mas têm e eles de facto não tinham ... então nós aproveitávamos para dinamizar esse conhecimento ... portanto hoje a integração aqui é feita ... eles encontram-se nas turmas depois têm aulas com grupo de surdos dadas pelos professores de educação especial e também pelos professores de ensino regular, um do regular e um de educação especial como é caso da LP como língua segunda, basicamente é assim...

E – Eles têm aulas de LGP?

CN – Não, não têm porque nós não temos formador, quando nós tínhamos formador e intérpretes havia aulas de LGP curriculares no 6.º ano, havia mesmo estava mesmo dentro do currículo, depois havia supre lectivas do 7.º, 8.º e 9.º ano, mas para todos os alunos da escolas para quem quisesse e depois os surdos tinham mesmo momentos com a formadora, que era um conjunto de discussão, por exemplo, de temas sociais por exemplo onde eles desenvolviam a LGP.

B3 - Quantos professores trabalham com alunos surdos?

CN – Aqui 3...

(B4 – Qual a formação que possuem?)

(B5 – Que outro tipos de técnicos especializados existem para trabalharem com surdos?)

E- Especializados?

CN – Sim... trabalhamos com 3 professores apenas especializados e depois temos uma terapeuta da fala ... depois tem uma coisa muito importante para esta escola ... que é daí, penso eu, que é daí que esta escola tem de mais importante naquilo que se chama a integração ou naquilo a que nós chamamos o movimento de educação dos alunos surdos nesta escola, o mais importante é o ensino regular ... nós aqui de facto o ensino regular é verdadeiramente espantoso as pessoas do ensino regular do ponto de vista de receptividade, do ponto de vista de participação, do ponto de vista do trabalho com os alunos surdos, o segredo desta escola é do ensino regular, não é da educação especial, porque a educação especial aqui fará o que qualquer educação especial faz, que é o nosso papel com mais ou menos voluntarismo, quer dizer, o que se faz aqui faz-se em E1, faz-se ali faz-se ali, eu acho que não há uma grande diferença do ponto de vista de educação especial ... eu tenho de ser justo quando digo isto e é a minha opinião, aqui a grande diferença que marca esta escola de muitas outras que eu realmente conheço, não só relativamente aos surdos mas também às outras populações é o ensino regular e ponto final.

B6 – Qual o procedimento de colocação destes profissionais?

CN – É anual por concurso. (terapeutas)

C – POSIÇÃO DO PROFESSOR FACE À EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS E À LEGISLAÇÃO ACTUAL

C1 – Considera que esta escola reúne as condições necessárias para a integração dos alunos surdos?

CN – É assim, depende daquilo do que nós vamos aqui entender por integração, integração não tenho dúvidas nenhuma, nenhuma ... também acho que esta escola reúne as condições muito mais para além desta integração, eu penso que esta escola teria condições para poder desenvolver e penso que com sucesso ... falando agora de surdos daquilo agora a que vulgarmente denominar que é a educação dos alunos surdos no âmbito de um projecto bilingue que nós de facto ... é assim, não posso dizer que tínhamos mas não posso dizer que não tínhamos, tínhamos formadores, tínhamos formadores, intérpretes, tínhamos professores... mas não era por isso que dizíamos que tínhamos uma educação bilingue, nós tínhamos era um trabalho para uma educação bilingue, nós sempre tivemos turmas de surdos a LP no 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º ano ... quer dizer, tivemos isso mas também nunca fizemos propaganda disso, quer dizer era o nosso movimento, isso não queríamos dizer que tínhamos uma coisa de educação bilingue mas o inverso também não é verdade percebes ... é assim o que eu te estou a dizer é que nós provavelmente temos as mesmas condições ao longo dos tempos e eventualmente creio que poderíamos criar o nosso projecto bilingue nós temos essa consciência, eu acho que o que é importante é uma escola ter a consciência que tem uma ideia que tem um objectivo, que tem uma finalidade e que ainda não está lá mas que está lutar por isso. O que eu te quero dizer é assim, esta escola provavelmente de surdos saberá muito pouco o que tem é reflectido muito, provavelmente tenho pena ... eu não sei se haverá algum sítio que não tenha reflectido nada mas sabem tudo, mas pronto isso é outra questão. Porque quando nós falamos aqui de projectos bilingues eu gostava que me apresentassem um projecto bilingue e depois aí nós podemos discutir e é assim provavelmente eu admito que haja qualquer uma escola neste país que diga assim nós temos um projecto bilingue, claro que isto hoje para nós já não constitui para nós uma discussão inevitável, não é ... porque hoje este tipo de discussão já não nos compete a nós, compete à escola E1, eu acho que a escola E1 tem condições, tem pessoas, eu sempre disse não há ninguém aqui que não possa dizer que tem as condições para fazer um bom trabalho a caminho de um projecto bilingue, não tenho dúvidas, porque é assim ... eu não penso nós temos... que tínhamos condições melhores ... isso não interessa, isto é assim alguém teria de ser quem é tem de ter a consciência tem de fazer o melhor e eu não tenho dúvidas que a escola E1 fará isso, seja E1 ou E3, fosse a escola que fosse depois de ter o projecto nas mãos o que é que lhe resta? ... fazer o melhor, não é ... agora é assim qualquer uma destas escolas no Porto tem massa critica para poder fazer isto, certo ... agora partir do pressuposto que é a escola A porque tem um projecto bilingue, isso para mim não é verdade

C2 – Qual a sua opinião sobre o decreto-lei n.º 3/2008?

CN – Eu não gostava de me pronunciar sobre isto ... o decreto 3/2008, é assim ... tem imensas vantagens com as quais eu realmente concordo ... necessariamente que é assim, nós nunca concordamos em absoluto com uma lei, é da forma como eu olho para o 3/2008, na parte concreta relativamente

aos surdos eu continuo a dizer assim ... não digo nada sobre o 3/2008, eu aqui o que posso dizer é que havia uma legislação que era o 7520 que sendo aperfeiçoado, porque como sempre as coisas no tempo vão tendo algum desgaste era uma boa legislação.

C3 – Ao longo dos anos, perante a integração de crianças surdas, quais as dificuldades com que se tem deparado?

CN – É assim, as dificuldades existem e continuarão pois a existir dependendo em cada momento deste percurso de vida que eu fiz de o modelo que na altura íamos implementar, no modelo mais orientado para o oralismo, havia as dificuldades técnicas, da aparelhagem, do domínio de toda uma disciplina que nós tínhamos de ter para trabalhar ... veio a LGP, era o problema da LGP, quem é que sabe LGP, quem não sabe ... é o problema social da aceitação ou não , que agora está muito melhor ... só que assim são aqueles problemas comuns da vida que nós vamos lutando. Quanto à integração, é assim, normalmente o que uma escola sente como grande obstáculo a estas coisas é o ensino regular, a não-aceitação, as pessoas não têm compreensão, aqui felizmente, conforme te disse é um problema que não é muito extraordinário, não é ... lá há um caso ou outro, há os episódios normais, nós aqui não temos necessidade de um desgaste de muita energia a convencer o ensino regular o que já é uma vantagem... porque muitas vezes nós em vez de fazermos o nosso papel andamos mas é a gastar imensa energia a tentar convencer o ensino regular, percebes ... não é esse o caso, pelo menos aí nós temos essa vantagem, pois aí eu também não posso falar das outras escolas, mas eu não tenho dúvidas que a hoje as escolas estão muito melhor do que estavam, mau coiso seria que não houvesse receptividade, mas aqui de facto é um sinal extraordinariamente positivo dos alunos ...

C4 – Ao longo dos anos, perante a integração de crianças surdas, que mudanças positivas ocorreram?

CN – Ah, muitas ... acho que sim, aliás não tem comparação e é assim e também repara mal de nós se não tivessem acontecido, a todos os níveis, a nível dos próprios alunos, importantíssimo das próprias famílias, importantíssimo dos próprios órgãos de gestão, dos próprios professores do regular e da própria sociedade em geral, quer dizer ... as coisas ... não há comparação possível, não há, mas isto é perfeitamente natural... quer dizer mal fosse, se calhar se as coisas em vez de andarem para frente tivessem a andar para trás, se calhar nem estávamos aqui .. . mal fosse que realmente ... as coisas ... não isto sem dúvida alguma evolui independentemente, repara da nossa visão, da nossa opinião, mas a verdade é esta, mesmo que tenhamos uma visão oralista das coisas ou mais audiológica, as coisas até aí evoluíram imenso do ponto de vista de tecnologia, do ponto de vista tudo, tudo dos pais, do ponto de vista da LGP imenso, do ponto de vista das associações representativas dos surdos, até eles do ponto de vista de mentalidade de discurso evoluíram, claro sem dúvida, não tenho dúvidas ...

C5 – Na sua opinião o que poderia ser feito para melhorar a educação de surdos?

CN – Quer dizer... se calhar o que eu penso que podia ser feito era, as pessoas que neste país decidem estas políticas, antes de pensarem que sabem que reflectam mais, reflectam, e então depois que decidam ... eu acho que é assim, eu não estou a dizer que as pessoas não sabem, em Lisboa, na DGIC, no Ministério, não estou a dizer que as pessoas não sabem disto, eu admito que sim, que sabem, só que às vezes estas coisas querem ... é demais... os exemplos que nós temos de fora por si não justificam determinadas mudanças só porque correram bem fora, disso temos nós em Portugal também, nós tivemos aqui imensos movimentos ... está ali Provavelmente é assim, o que eu acho na minha opinião para a coisa melhorar é a reflexão, não um reflexão indeterminada ... pode se calhar algum consenso....se calhar é assim, no fundo é assim ... se calhar há um momento em que a gente precisa de pensar e também não é depois assumir que tudo esteve mal, porque não é verdade, isto é assim... nós hoje só estamos aqui porque foi feito um percurso, e um percurso à custa de muita gente, muitos professores, de muitos como tu e com muita gente e não é agora olhar para trás e dizermos assim, isto foi tudo mal feito e tal ... porque as pessoas esquecem-se só estamos aqui porque houve um percurso com muitas críticas, com muitas incompreensões, muitos constrangimentos, é verdade que sim ... mas também teve coisas boas, também se evolui, também se contratou muita gente, houve associação de muitos técnicos de muitas ideias novas, tudo isto permitiu que chegássemos aqui ... oxalá que daqui a 10 anos possamos dizer estamos no ponto A porque fizemos um percurso hoje com todos os erros tudo bem ... quer dizer ... porque isto repara, as coisas que se fazem hoje, pudéssemos nós, quem quer que fosse deste país ter um previsão de que isto era o melhor ou o pior, é assim eu não vou pois acreditar que qualquer decisão que se toma é porque se pensa que se vai fazer o pior ... eu nisso não acredito, eu acredito que qualquer coisa que se faça que se pensa sempre que vamos para melhor. O curioso é que eu também tenho essa ideia, eu do ponto de vista em tese, eu do ponto de vista ideológico, eu acho que o caminho nem estará mau, não é ... agora sim a forma sustentada como estas coisas se fazem hoje em dia são ... isso pois ... mas isso é a minha opinião, não é que seja válida porque provavelmente fazendo de forma diferente estaria sujeito às mesmas críticas de quem quer que fosse ... portanto é assim, isto não é crítica para ninguém, porque quando se mexem nas coisas é sempre

ESCOLA E3

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À PROFESSORA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (PEE2/E3) DA ESCOLA E3

A – FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A1 – Qual a sua formação de base?

A2 – É especializada na área da surdez?

P – Sou Educadora de Infância, especializada na área da deficiência auditiva e tenho o mestrado em logopedia.

A3 – Tem formação específica ao nível da LGP?

P – Tenho sim senhora.

A4 – Como considera o seu domínio da LGP?

P – É razoável, dá para eu comunicar, dá para que eles me entendam e para me fazer entender. E para lhes explicar, desde que as matérias não sejam muito específicas me levem a ter que ir perguntar a quem sabe mesmo a LGP, dá perfeitamente para eu comunicar com eles e para eles me entenderem.

A5 – Há quantos anos trabalha com alunos surdos?

P – Ora desde 95, foi nesse ano que fiz a especialização. Só que antes já tinha meninos surdos dentro da sala a nível de jardim-de-infância.

A6 – Há quantos anos trabalha nesta escola?

P – É o terceiro ano.

B – FUNÇÕES E TIPO DE ARTICULAÇÃO COM OUTROS DOCENTES E TÉCNICOS

B1 – Quais as funções que exerce nesta escola no trabalho com alunos surdos?

P – Sou professora de apoio e acabo por ser também um bocado ... todas nós, as professores de apoio, o elo de ligação com o resto dos professores...

percebes ... Eles têm os directores de turma, mas no que toca aos surdos, acaba por existir aqui na escola um mentalidade de que, os meninos acabam por ser mais da responsabilidade do professor de apoio, certo ... então acabamos por funcionar um bocado como elo de ligação entre ... e com as famílias também. As famílias aliás quando têm algum tipo de problema vêm mais depressa falar connosco do que vão com o director de turma. Sempre foi assim ...

B2 - Nas aulas têm formador / intérprete de LGP? Agora não têm?

P – Não ... para já ... estamos à espera....

B3 – Como articula o trabalho com os docentes que está apoiar? O apoio que estás a dar a estes meninos é dentro da sala de aula?

P – Com alguns meninos, tenho. E tenho o que dou fora, que para mim é o efectivo, que é o que é contabilizado. Portanto, é assim, nas meninas com que vou às aulas do 6.º ano ... eu vou acompanhando a matéria. Portanto é muito mais fácil ... há aqui uma coisa que é importante. Tu o que te interessa é como nós trabalhamos a LP ... eu para mim vou por outro lado ... eu para trabalhar, para os ajudar onde quer que seja tenho que trabalhar sempre a LP e vou aproveitando sempre ... até a MAT, eu ajudo-os e se eles não percebem o que estão a ler, não conseguem fazer ... portanto vou aproveitando sempre algum conceito novo que vai aparecendo e que eu me apercebo que elas não ...aproveito para trabalhar. Se me perguntares assim, é complicado ... eu acho ... sou um bocado ...desorganizada neste aspecto, porque eu para fazer um programa, esquece ...Eu acho e prefiro, e não me tenho dado mal ... até ver ... apesar de o ministério nos exigir as coisas de outra maneira. Não me tenho dado mal por isto, se calhar isto é um bocado defeito de profissão por causa da minha formação de base, porque eu como educadora ia de encontro às necessidades do grupo que tinha e os projectos surgiam, às vezes de uma coisa de nada ... de uma coisa que um miúdo trazia ... e pegava naquilo e era capaz de me dar para um período inteiro, trabalhar o que quer que fosse. Aqui eu vou trabalhando com eles na realidade ... apesar de tentar ajudar, tentar a par do que é dado na sala ir trabalhando os conceitos. Eu aqui vou ... conforme vou apanhando as dificuldades ... porque há muita coisa que vem de trás, vem de base, conforme vou apanhando, vou trabalhando.

Agora como é que articulo com os professores ... sabes com os professores cruzamo-nos imensas vezes, portanto ... e vamos estando sempre, vou sempre perguntando, como é que está isto ou aquilo, eles foram-se habituando a isso também, e sempre que necessitam ...vêm alguns dos miúdos com eu trabalho eles com algumas dificuldades eles vão-me alertando, vou-me dizendo, era preciso que tu ...o miúdo estar a falhar nisto ou naquilo, é preciso insistir, nisto e nisto ... Eu quando não tenho material, às vezes para trabalhar ... uma coisa é certa, eu não sou professora nem de português, nem de inglês, nem de história, nem de matemática e por aí fora ... E acho, a minha guerra aqui dentro foi sempre essa, foi dizer aos colegas, que eu não sou professora das disciplinas, nem sou professora da turma. O aluno faz parte da turma,

portanto eu estou para ajudar e colaborar, fazer testes ... a principio foi difícil mas agora habituaram-se. Antes do teste ir para as mãos dos miúdos, não me dão o teste mas ... dizem-me, sim, quais são os conteúdos, o que vai sair, mostram-me para me perguntarem se na realidade se está bem...

E – São os professores que adaptam os testes?

P – Este ano são eles que os adaptam, nomeadamente porque, os miúdos mais complicados... o meu caso mais complicado era o L, porque para ele era preciso mesmo fazer testes muitos específicos. Com estas nós tentamos que eles façam o teste da turma. O que é que acontece...as turmas também são um bocado complicadas, o que acontece é que algumas vezes, a elas, retiram-lhes, não simplificam tiram-lhe alguma coisa porque lhes dão o mesmo tempo, não têm tempo alargado ... portanto ... é complicado para elas, mas acabam por fazer os mesmos testes. Não há ... com estes meninos, este ano ... Houve casos, por exemplo o L com quem eu trabalhei, porque ninguém quis pegar nele porque ele era uma dor de cabeça, na realidade era ... é o que eu dizia, na realidade o L era um menino com muita sorte porque o ministério estava a pagar a um profissional com estes anos de serviço para andar a fazer de babá dele. Eu tinha o meu horário feito em função dele e depois o que sobrava é ia aos outros. Artigo assim ... e nos conselhos, sempre que há conselhos de turma, vamos tentando ... porque há colegas às vezes mais renitentes, acham que conseguem fazer tudo e depois quem perde são os garotos ... porque às vezes quando nos apercebemos as coisas passam-lhes ao lado ... Quando eles dão cabo da cabeça, isso aí é um sarilho, como era o caso que acontecia com o L. Estas vão fazendo ... estas são fantásticas ... estas duas e o M também, o outro menino do 5.º ano e as outras do 6.º ano, eu estou dentro da sala, se as coisas funcionam a bem funcionam se não funcionam, funcionam mal também, é para os dois lados ...

C – METODOLOGIAS DE ENSINO E LP

C1 – Que tipo de programa utiliza para leccionar LP aos surdos? É o mesmo dos ouvintes?

P – Sim, com ... é assim, como tu sabes nós o ano passado estivemos naquela formação de LP, como segunda língua. Houve uma coisa interessante que lá foi dita e que nós aqui fomos tentando também adaptar, que é tentar trabalhar com eles e arranjar programas, tipo os programas que fazem para estrangeiros em Portugal... Sabes que, depois é assim ... tu não estás cá para tu vais inventando um bocado e vais fazendo o teu próprios material e o que acontece aqui é ... seguimos o programa de LP que é dado. Para trabalhar com eles, é que esmiuçamos e trabalhamos de maneira diferente. Às vezes até vamos buscar manuais do 1.º ciclo ... aqueles mais simples para conseguir fazer com que eles cheguem lá.

C3 – Que critérios utiliza para a escolha dos manuais? Utilizam os dos ouvintes?

P – Iguais, especialmente para o meu grupo... atenção, são iguais os que eles utilizam dentro da sala de aula. Cá fora nós temos uma panóplia de livros que vamos arranjando de mil e novecentos e carqueja ... mas que desde que tu possas chegar lá, ir buscar exemplos aqui exemplos acolá, que lhes facilite a formação e a informação.

C4 – Quais as metodologias utilizadas no ensino da LP aos alunos surdos?

P – É o que te acabei de dizer, prontos vamos ... a metodologia, olha queres que eu te seja franca, vai um bocado da parte empírica, daquilo que nós conseguimos apanhar e como é que vamos trabalhar porque eu com ela trabalho duma maneira, com a outra trabalho doutra maneira, com o outro trabalho doutra maneira ...

E -Não acha que era importante de LP para surdos a nível nacional?

P - Eu acho que isso era importante ... eu sei que há...

E – Para o secundário...

P – Para o secundário ... mas acho importante, achava muito importante, nomeadamente era importante para eles e para nós. Eu trabalho de uma maneira, quem vier a seguir ... depois é assim, aquilo que fica em registo muitas vezes é uma coisa, porque o que tu fazes e maneira como tu fazes ... é sempre diferente. Se tiveres uma linha orientadora, quem vier ...

E – Dá continuidade ao trabalho...

P - ...sem sombra de dúvidas. Nós isso temos batalhado e temos falado nisso muitas vezes. Nós aqui acabamos por ter um bocado disso ...

D – POSIÇÃO DO PROFESSOR FACE À EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS E À LEGISLAÇÃO ACTUAL

D1 – Na sua opinião a que se devem as dificuldades dos alunos surdos na LP?

P – Olha precisamente à falta de bases que eles têm ... ou que não têm. Se eles não têm quer dizer é ... olha aquilo que ainda agora a M estava a dizer, que eu tenho debatido e que ando a debater há imenso tempo e que já falei com o E que não vale a pena estar a pegar e a fazer o que quer que seja a pegar pelo fim... isto também já tínhamos falado nisso. Ou se começa de início e se agarra os miúdos desde o princípio ... daí também o que tu acabaste de dizer agora ...quando se fala de um programa de LP, eu falava num programa que consegues fazer desde base mesmo, desde pequeninos, desde pequenininhos, a importância de ter as coisas estruturadas, não há estruturas.

É querer-se fazer bonito, querer-se mostrar, buscar os programas e os modelos ao exterior, ao estrangeiro e querer chegar aqui e colar. Não cola ...

D2 – Como acha que essas dificuldades podem ser minimizadas?

P – Precisamente com o que estamos acabar de dizer.

D3 – Qual a tua opinião sobre a educação bilingue para crianças surdas?

P – Eu acho que sim e sou apologista, sempre fui ... ora pensa numa coisa, se os ouvintes acabam por aprender francês, inglês ... os surdos acabam por ter inglês também, acabam por ter espanhol ter outro tipo de línguas ... porque é que quando falam em educação bilingue a nível de surdos, falo para os surdos e para os ouvintes, era mais uma língua que se devia meter no currículo e que quer os ouvintes, os ouvintes podiam perfeitamente aprender a LGP, assim como os surdos têm a obrigação de aprender a LP.

D4 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas, quais as dificuldades com que se tem deparado?

P – Uma das minhas grandes dificuldades foi, precisamente, não dominar a LGP, daí eu ter ido fazer formação, ninguém me mandou, mas quer dizer eu andar aqui aflita, agora como é que eu digo isto e agora ele não me percebeu e agora o que é que ele está a dizer ... isso foi basicamente uma das grandes dificuldades. Mas eu sou uma pessoa positiva, as minhas dificuldades ... arranjo maneira de dar a volta à situação. Eu sou da velha guarda em que nós íamos ... eu fiz o meu curso de base no magistério em que não havia verba para nada, portanto mandavam-nos para estágio e diziam assim, agora inventem ... então nós andávamos atrás de material de desperdício. Nós habituamo-nos a virar-nos ... e acho que continuo assim. É para se fazer, é para se fazer, se não for com isto tem que ser com aquilo.

D5 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas que mudanças positivas ocorreram?

P – Mudanças positivas ... ora vamos lá ver ... sabes que isto é muito engraçado ... quando te perguntam ... eu acho que andei um bocado para trás ... porque como eu já trabalhei em salas de intervenção precoce e como eu já apanhei ... é um bocado difícil responder a essa pergunta ... sabes como eu já trabalhei ... eu só me faltou ir para a faculdade apoiar surdos ... também não quero sair deste ciclo, não tenho bases para isso principalmente como as coisas estão estruturadas ...

Mudanças positivas ...

E – A nível de recursos?

P – Ah sim, já trabalhei muitos anos em que não havia intérprete, não tinhas formador ... isso é positivo... pois isso para mim é difícil porque neste momento

continuo sem ter ... portanto. Não foi assim ... mudanças positivas com altos e baixos ... é verdade umas vezes tinha outras vezes não ... conforme os sítios. Eu digo-te ... quando te encontrei naquelas reuniões ... eu fiquei atónita ... como é que é possível dizer-se que em M existia uma unidade de apoio a surdos, quando não havia nada. Ouve, eu quando cheguei lá ... eu concorri para uma unidade ... onde é que está a unidade ... não há ... como... nomeadamente quando eu vinha de um trabalho em O, de uma unidade de intervenção precoce, que funcionava fantasticamente e que estupidamente acabaram com ela este ano, em que tu tinhas trabalhos articulados em que trabalhavas ... Acho que apesar de não ser uma coisa ... funcionava, tinha um trabalho articulado, tu tinhas protocolos feitos com a Segurança Social, com a Misericórdia, com o hospital e com aquilo tudo ... nós tentávamos que as coisas funcionassem e funcionavam. Ir parar ali ... eu fiquei ... passei-me ... Eu como tenho assim, não é picos em termos de trabalho, é picos em termos de locais de trabalho ... é um bocado difícil ... mas há aspectos positivos. Sempre que trabalhei em O, esses três anos foi fantástico, porque as coisas funcionavam. Eu tinha meninos surdos, tive meninos surdos, tinha meninos com paralisia cerebral com problemas graves de linguagem em que a colega trabalhava, eu trabalhava com outra colega, trabalhava a parte motora e a parte cognitiva e eu basicamente trabalhava a parte de linguagem e da fala. Pequeninos, estou a falar de meninos a partir de meio ano, oito, nove meses por aí fora ... foi um trabalho muito giro.

D6 – Qual a sua opinião sobre o decreto-lei n.º 3/2008?

P – Continuo-te a dizer, como foi no início da nossa conversa que, é tudo muito bonito, é tudo muito bonito mas as coisas estão mal feitas. Não quer dizer que para o caso de alguns meninos surdos que as escolas de referência que não sejam até interessantes. Nomeadamente porque são escolas de referência, tens lá os recursos e as que não são acabamos por andar aqui um bocado ao tio ao tio e a pedir e continuamos sem ter. Agora ... é uma boa resposta até a um certo ponto, é uma boa resposta desde que os miúdos não se tenham de levantar às cinco da manhã para estarem na escola de referência a horas das aulas começarem. Isso não cabe na cabeça de ninguém. Continuo achar que as coisas bem trabalhadas e os recursos bem distribuídos, que as unidades de apoio à deficiência auditiva que funcionavam, davam para funcionar perfeitamente. Continuo achar que isto tem de levar uma volta, a que levou não é nada, tem que levar uma volta e tem de se começar a trabalhar e a criar qualquer coisa mas de início para se conseguir ter algum resultado. Continuamos a tapar o sol com a peneira. As escolas de referência é tudo muito bonito, enche-se a boca com as escolas de referência, mandam-se para os alunos e se formos espremer ... é assim também estou a falar um bocado de cor em relação a isso ... é o que eu sinto, não vi nada ainda, ainda não vi. Se calhar não é para dar frutos já ... não é ... mas com a experiência que eu tenho, se tu não começares a trabalhar com estes meninos desde bebés, mal eles são diagnosticados, não é meio do processo que vais fazer o que quer que seja deles. Ou tens famílias, que são fantásticas, por trás e que se dedicam de corpo e alma e sabem o que estão a fazer e ajudam os miúdos e os miúdos

chegam e vão andando. Ou então, se apanhas outra família com outros recursos, com outro tipo de formação e informação, em que coitados, vão andando ... hoje estão numa equipa dizem-lhes uma coisa, amanhã vão para outro sitio dizem-lhe outra e andam aqui como um brinquedo de um lado para o outro. Os miúdos chegam a esta altura e é para esquecer e os grandes prejudicados são eles, não são os professores nem são os pais. Os pais sofrem por tabela e nós também quando apanhamos casos destes.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (PEE1/E3) DA ESCOLA E3

A – FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A1 – Qual a sua formação de base?

P – 1.º Ciclo, licenciatura do ensino básico, 1.º ciclo.

A2 – É especializada na área da surdez?

P – Sim, sou especializada.

A3 – Tem formação específica ao nível da LGP?

P – Tenho as aulas que tive durante a especialização, 60, mais o curso nível inicial e elementar da Associação de Surdos de 60 horas, mais 60 e agora estou a frequentar um curso de 100 horas, nível intermédio termina em Junho, portanto duzentas e tal horas.

A4 – Como considera o seu domínio de LGP?

P – Razoável, vou evoluindo...

E – Consegues comunicar com os teus alunos?

P – Principalmente com um que tem uma surdez profunda é que é mais complicado, mas consigo porque ele oraliza um bocadinho. Há termos que é complicado, ainda não domino para ter uma conversa ...

A5 – Há quantos anos trabalha com alunos surdos?

P – Há quatro.

A6 – Há quantos anos trabalha nesta escola?

P – Há quatro.

B – FUNÇÕES E TIPO DE ARTICULAÇÃO COM OUTROS DOCENTES E TÉCNICOS

B1 – Quais as funções que exerce nesta escola no trabalho com alunos surdos?

P – Dou apoio. Os alunos estão integrados em turmas de ouvintes, estão agrupados 2 a 2, na sua maioria, quando não é possível está só um. Como até aqui tínhamos uma intérprete de LGP, ela não conseguia cobrir as disciplinas todas, então aquelas que eram prioritárias ela ia. Algumas que ficariam sem intérprete, como aconteceu até ao ano passado, eu achava que fazia muita falta, eu ia dentro da sala português, que era fundamental, também ia a Geografia, porque aulas teóricas, Físico-química e Ciências porque a interprete cobria só duas horas, as outras duas não conseguia não tinha horário, era uma intérprete para 18 surdos

E – Esse apoio que tu dás é na sala de aula com alguns alunos?

P – Sim, em algumas disciplinas é só a um aluno do 8.º. O do 8.º ia dentro da sala, os do 6.º ano é a C, ela oraliza, não precisa muito que lá esteja, não tem gesto, mas a português e a HIST acho importante dar um acompanhamento de retaguarda. Por vezes vou ou então uma dessas horas reforço na sala de apoio.

E – Nas aulas onde dás apoio, tem formador / intérprete de LGP?

P – Até aqui tinha um intérprete em algumas disciplinas e até há dois anos atrás tinha um formador. No ano passado, tinha uma formadora, só foi dispensada três horas, então dava ao grupo inteiro, uns encontravam-se a um nível e outros a outro. Não resultava, três horas ao grupo todo ao mesmo tempo porque não tinha mais horário. Só colocaram cá três horas nesta escola e não funcionava porque uns precisavam de uma coisa e outros doutra e então não resultava. Este ano não há formador sequer de LGP, nem intérprete. Temos cá umas estagiárias que estão a fazer observação de aulas e que agora tem ajudado em algumas disciplinas, mas não chega e já se está a reflectir no aproveitamento de alguns alunos.

B3 – Como articula o trabalho com os docentes / técnicos?

P – Fazemos antecipação das matérias, falamos dos programas o que é que se tem de seguir, na adaptação de provas de avaliação, perguntam-me sempre se acho, que conheço melhor o aluno, se é capaz de fazer ou não determinada resposta.

E – Quem faz os testes?

P – O professor faz e depois pede a minha colaboração, que conheço melhor o aluno, não têm muita informação sobre a surdez, sobre como é que hão-de

fazer testes para surdos e colaboramos a fazer questionários, resumos e também na reformulação do programa. Sempre que é necessário colaboramos.

C – METODOLOGIAS DE ENSINO DA LP

C1 – Que tipo de programa é utilizado para leccionar LP aos surdos? É adaptado?

P – É adaptado para o ZP ... a C tem algumas disciplinas adaptadas e os outros não necessitam.

P – Voltando só atrás, queria dizer que nesta colaboração partilhamos experiências para procurar melhorar os nossos métodos de ensino e actuação com os alunos surdos, sempre que é possível fazemos ... reunimos sempre que é possível com os professores do regular...

E – Em todas as disciplinas ou só na LP?

P – Basicamente é a todas, basicamente ... mais na LP, basicamente vamos sempre falando se é preciso ajustar se não ... se na matéria é preciso reduzir, se há partes que é preciso encurtar o programa.

C2 – Que critérios utilizam para a escolha dos manuais? Utilizam os mesmos?

P – Os manuais são os mesmos e eu aqui no apoio procuro arranjar livros de português para estrangeiros ... os meus, gramática e de português que é aquilo que eu trabalho mais ... faço estes, português para estrangeiros porque para eles é segunda língua

E – Tens alguns alunos que a LP tenham apenas aula contigo?

P – Estão todos dentro da sala, alguns têm apoio mais reforçado ... fora da sala e esses é que eu utilizo esses manuais

E – Então esses não utilizam os manuais dos ouvintes?

P – Na sala de aula utilizam ... como reforço é que utilizo esse tipo de livros.

D – POSIÇÃO DO PROFESSOR FACE À EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS E À LEGISLAÇÃO ACTUAL

D1 – Na sua opinião a que se devem as dificuldades dos alunos surdos na LP?

P – Eu acho que, basicamente devido à intervenção que não é feita, à intervenção precoce que é o mais importante. Se fosse o leque de palavras era

muito maior e as dificuldades não eram tão grandes. Portanto acho que é muito tarde que se intervém com estes miúdos. Quando chegam ao 1.º ciclo, estão atrás e depois chegam ao 5.º e ... andam sempre assim e estão em desvantagem em relação aos outros... é o que eu acho.

D2 – Como acha que essas dificuldades podem ser minimizadas?

P – Bem eu acho que com a publicação deste decreto, apesar do outro o 7520, já prever as turmas de surdos, mas era ambíguo e cada um interpretava à sua maneira ... os agrupamentos, que agora prevê as escolas de referência com turmas de surdos e o ensino bilingue, acho que as dificuldades deles vão ser minimizadas. Porque vão estar agrupados por tipo de surdez deles, pela escolaridade deles, sempre com intérprete, sempre com formador, no caso do 1.º ciclo e do jardim-de-infância, eu acho que vão atenuar as dificuldades deles mas ...também se tem de intervir a nível de intervenção precoce, porque acho que aí começa. Posteriormente acho que poderá funcionar com profundos ... porque eu acho que os implantados, não tanto será necessário as turmas de surdos.

D3 – Qual a sua opinião sobre a educação bilingue para as crianças surdas?

P – Eu acho que para eles estarem ao nível dos ouvintes tem mesmo que ser um ensino bilingue. Só assim é que eles poderão ter acesso à informação e estarem no mesmo ponto.

E – Mas achas que o ensino bilingue é a respostas adequada para todos os alunos surdos?

P – Eu acho que o ensino bilingue para alunos que oralizam, como estes que tenho aqui dentro da sala, poderá ser bom para eles porque no fundo a identidade deles ... são surdos, para comunicarem com os outros e desenvolverem como pessoas ... mas a nível dentro de sala de aula, para eles acho que não é a resposta mais certa, na minha opinião. Com este tipo de alunos, porque por um lado vão ganhar mas se calhar por outro vão perder, porque a maioria é ouvinte ... se eles conseguem ter acesso a esse lado não podemos ... isto é a minha opinião ... mas também ainda sou muito recente na área dos surdos, ainda tenho muito que aprender.

A criança surda deve fazer as suas aprendizagens através da sua língua materna, a LGP, e adquirir como sua segunda língua, a língua da comunidade ouvinte, a LP escrita ...

E – No caso dos alunos cuja língua materna é a LGP?

P – Exacto, exacto ... por isso é que eu estou a dizer, aí o ensino bilingue para eles era o ideal mesmo ... agora para os outros, não é a primeira língua deles. Nenhum destes domina o gesto, nem sabe sequer. A gora para mim era bom divulgar-se a LGP e eles terem na mesma formador porque no fundo é a

identidade deles, são surdos na mesma, tem a comunidade, podem comunicar uns com os outros e assim é mais fácil porque também querem comunicar e não sabem nada. Por exemplo a C, é uma surda isolada, nunca teve contacto com outros miúdos. Estes ainda vêm da escola, ainda sabem mais ou menos as letras ... ela nada mesmo ...

E – Não comunica com os outros surdos?

P - nada...

E – E com os ouvintes?

P – Um bocadinho ... está um bocadinho desintegrada. Porque, lá está ... Os outros vieram em grupo, o grupo dos surdos veio para esta escola e ela veio sozinha numa escola onde não havia surdos nenhuns. Se calhar teria sido importante na altura o pai tê-la colocada juntamente ... desde o 1.º ciclo com os outros miúdos. Depois chegou aqui, foi muito difícil a integração dela porque não conhecia ninguém, porque nunca tinha tido ... não tinha modelos nenhuns, o que era a surdez, o que era ser surdo, tinha contacto com outros ...

E - E identifica-se com os ouvintes?

P – No fundo ... exactamente, o problema da identidade também é muito complicado porque depois não sabem se são surdos, se são ouvintes, porque no fundo são surdos, não se identificam como surdos ... ouvem e falam ...é uma questão complicada.

D4 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas quais as dificuldades com que se tem deparado?

P – Lá está é o que eu te tinha dito em relação à intervenção precoce. As dificuldades devem-se à falta de oportunidade para aceder à LGP no período normal da aquisição da linguagem, intervenção precoce ... é daí que vem tudo. Acabam por contactar tardiamente com a LGP e por isso variam no domínio da língua, ou não domina ou não dominam suficiente ... tudo haver com a intervenção precoce. A opção inicial dos pais passa pelo oralismo vai limitar a experiência linguística precoce da criança. E também a falta de conhecimento da LGP por parte dos professores das disciplinas, que também agrava e agora com a falta de intérprete ainda pior. Talvez também por parte dos pais não há muito domínio da língua, fazem mímica, fazem gestos. Se o aluno precisar de uma ajuda em casa, o próprio pai não sabe como há-de explicar. Se calhar devia de haver mais formação para professores, se calhar não devia ser opção, devia ser obrigatório. Claro que esta escola já tem há muitos anos professores com experiência e isso é muito bom ... fica a nosso favor. Já estão habituados, já sabem que alunos são, conhecem tipo de testes, resumos como é que hão-de fazer, claro que isto vai da experiência, são muitos anos ...

E – Apesar de alguns não serem especializados mas têm muita experiência ...

P – Exactamente, tem muita experiência com surdos. E intérprete, só este ano é que não há intérprete. Com ajuda da intérprete e com ajuda do formador, que sempre houve e com os professores especializados ... mas agora claro se houvesse conhecimento da LGP por parte deles, mais conhecimento por parte dos pais era diferente, os resultados seriam outros. Agora com a falta de intérprete, este ano é que se complicou ...

D5 - Ao longo do seu trabalho com crianças surdas que mudanças positivas ocorreram?

P – Eu acho que cada vez mais a questão dos surdos já é conhecida pelas pessoas, as pessoas já estão mais sensibilizadas para a surdez, já sabem mais o que é. Isso é bom. Os pais mais mentalizados, a própria comunidade, os surdos estão mais bem integrados. Ao longo do tempo a escola foi sempre recebendo surdos e isso é bom. Não chegam aqui de novo e não sabem nada ... o trabalho com toda a gente, como é que funciona tudo. Os professores também estão mais sensibilizados para essa questão, aceitam bem ... acho que isso é bom ... Agora este ano, realmente com a falta de intérpretes, os pais sem saberem muito bem o que é que hão-de fazer com a criação das escolas de referência, veio colocar tudo à tona. Os pais estão indecisos, o que é que é melhor para eles, se é melhor ficarem, se é melhor irem ... então este ano isto foi um bocadinho complicado...mas é uma decisão deles...

D6 – Qual a sua opinião sobre o decreto-lei n.º 3/2008?

P – Eu acho com a criação das escolas de referência e o ensino bilingue e com as turmas de surdos e formador obrigatório no 1.º ciclo e no pré-escolar, eu acho que veio melhorar, não para este tipo de surdos que estão aqui agora, mas para os que têm como primeira língua a LGP, que venha melhorar esta questão dos surdos. Eu acho que sim ... sempre com intérprete e com todas as adequações ... tudo o que é necessário ... que eles necessitem. E depois não é isso, eles estão todos juntos, têm uma comunidade, têm modelos e não estão surdos isolados ... que já não estavam. Eles aqui já não estavam isolados, mas o que eu acho é que é necessário turmas de surdos para estes meninos que têm LGP como primeira língua, para esses é necessário os outros é uma questão.

E – E o facto de por exemplo na zona Norte haver uma só escola de referência?

P – Eu acho que não chega ... eu acho que para ser uma comunidade, uma escola de referência também tem que ser muitos surdos, não podem ser 2 ou 3, 4, 5 ... agora para caso de meninos do jardim de infância, 1.º ciclo que se tem de levantar às 6 da manhã ... isso ... não passam nenhum tempo com os pais, também não é bom ... a criança levanta-se muito cedo ... se calhar como

estava não era mau. Se já existissem as turmas de surdos e os surdos estivessem agrupados, já não seria ... o que é certo é muitas das vezes muitas das escolas não interpretaram, não fizeram o que já o 7520 ... tenho conhecimento de escolas que tinham já as tais turmas de surdos. Agora com este decreto se realmente se puser tudo em prática, se fizer intervenção precoce, turmas de surdos, intérprete, formador e tentar que as distâncias não sejam muito grandes ... em vez de uma haver duas, não sei ... para também não ficar meia dúzia de surdos em cada escola ... acho que é bom. Agora também depende ... tem que se ter cuidado para não se cair outra vez nas escolas especiais ... nem só para surdos, nem só para ouvintes ... porque pode-se cair ... chega-se uma altura que tem só surdos e então voltam as escolas especiais.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA* COORDENADORA EDUCAÇÃO ESPECIAL (CN/E3) DA ESCOLA E3

A – FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A1 – Qual a sua formação de base?

P – Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas de Português/Francês. Especialização em Educação Especial do grupo 910. Sou professora do Quadro do Especial

A2 – Há quantos anos exerce funções nesta escola?

P – Há 3 anos.

A3 – Qual o seu papel nas questões relacionadas com a educação de surdos?

P – Sou coordenadora de Educação Especial. No que diz respeito aos alunos surdos, são as colegas do grupo 920 que organizam.

B – CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

B1 – Há quantos anos esta escola tem alunos surdos?

P – Desde a abertura da escola, 94/95. Vieram 2 alunos surdos para esta escola com apoio. Em 1996 surge uma sala de apoio a alunos surdos do pré-escolar e do 1.º ciclo na Escola da Bandeira. Esta escola era uma UAAS até ao ano lectivo anterior.

* Esta entrevista a pedido da própria não foi gravada.

B2 – Ao longo dos anos como tem sido feita a integração dos alunos surdos nesta escola?

P – Os alunos são integrados em turmas de ouvintes. Dois por turma sempre que possível. Neste momento esta escola tem 17 alunos surdos, organizados da seguinte forma:

- 5.º ano – 3 alunos - (2T – 2+1)
- 6.º ano – 5 alunos - (3T – 1+2+2)
- 7.º ano – 2 alunos - (1T)
- 8.º ano – 3 alunos (2T – 2+1)
- 9.º ano – 4 alunos (3T -2+1+1)

B3 – Quantos professores trabalham com alunos surdos?

P – De educação especial são quatro. Três do Quadro de Escola e uma destacada.

B4 – Qual a formação que possuem?

P - São todos especializados na área da surdez.

B5 – Que outro tipo de técnicos especializados existem para trabalharem com alunos surdos?

P – Neste momento só uma terapeuta da fala que dá também apoio a outra escola. No ano de 2007/2008 tínhamos 2 intérpretes e 1 formador de LGP.

B6 – Qual o procedimento de colocação destes profissionais?

P – Concurso anual. A professora de educação especial é destacada anualmente.

C – POSIÇÃO DO PROFESSOR FACE À EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS E À LEGISLAÇÃO ACTUAL

C1 – Considera que esta escola reúne as condições necessárias para a integração dos alunos surdos?

P – Em termos de professores de apoio sim. Falta-nos intérpretes e formadores de LGP. Relativamente a recursos materiais estamos bem.

C2 – Qual a sua opinião sobre o Decreto-lei n.º 3/2008?

P – As escolas de referência são uma boa ideia. Agora é preciso mais escolas para dar respostas aos alunos que vivem nesta área. Os pais queixam-se que os alunos perdem muito tempo nas deslocações quando eles precisam de trabalhar mais do que os ouvintes. Está bem pensado mas não está pensado

para todos os alunos. O facto de alguns alunos terem de sair de casa muito cedo sozinhos não é boa ideia.

C3 – Ao longo dos anos, perante a integração de crianças surdas, quais as dificuldades com que se tem deparado?

P – O domínio da LGP por parte dos professores do regular. Os professores, funcionários e os colegas deviam ter conhecimentos de LGP. Era bom haver formação de LGP para os colegas ouvintes, para assim os surdos estarem mais integrados.

O facto de neste momento não terem intérpretes nem formadores de LGP implica que os PEE têm de estar na sala de aula para substituir o intérprete/formador de LGP. Esse não é a função desses docentes. Nessas horas deixam de poder estar na sala de apoio a dar os apoios individuais.

Este ano tem havido diversas reuniões com encarregados de educação, com DREN, com associação de pais e com vereador da câmara municipal para tentar resolver estes problemas. Inclusive uma mãe pediu à autarquia para colocarem um intérprete na escola. Isto não foi autorizado pela DREN.

C4 – Ao longo dos anos, perante a integração de crianças surdas, que mudanças positivas ocorreram?

P – Tenho poucos anos de trabalho com alunos surdos. Este ano lectivo as mudanças nesta escola, pelo contrário, não foram positivas....

C5 – Na sua opinião o que poderia ser feito para melhorar a educação dos surdos?

P – Turmas de surdos reduzidas nesta escola. A intervenção precoce é o primeiro passo. A formação da comunidade escolar e para os pais, pois estes também não sabem com os seus filhos. No projecto de escola está previsto aulas de LGP, mas nunca foi conseguido por causa da incompatibilidade de horários e número reduzido de horas dos formadores.

ESCOLA E4

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA (PLP/E4) DA ESCOLA E4

A – FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A1 – Qual a sua formação de base?

P – Portanto eu sou licenciada em ensino de Português / Francês e tenho também o curso ... aliás eu iniciei como professora do 1.º ciclo.

A2 – É especializada na área da surdez?

P – Nada, não sou especializada.

A3 – Tem formação específica ao nível de LGP?

P – Não, tenho o básico da minha experiência com os alunos.

E – Nunca fez formação?

P – Comecei mas desisti, porque primeiro o mundo ... na sociedade inseridos estamos mundo falantes ... acho que ... não me foi fácil... desisti mesmo da formação porque como qualquer língua precisa de muito treino e achei que uma acção de formação de 25 horas não iria beneficiar ... e aquela relação acho ... basicamente estamos no mundo de falantes e portanto

A4 – Como considera o seu domínio de LGP?

P – Se quiser estaca zero, mas isso não me impede rigorosamente de nada ...

A5 – Há quantos anos trabalha com alunos surdos?

P – Portanto, há quantos anos ... vou no ... trabalho há dois ciclos, o primeiro ciclo trabalhei ... eles estão agora no 9.º ano ... 5.º e 6.º ... e estou agora novamente com outro ciclo ... tenho já dois grupos ... quatro anos .

A6 – Há quantos anos trabalha nesta escola?

P – Se ela abriu há 12, estou há 11, se abriu há 11, estou há 10.

B – FUNÇÕES E TIPO DE ARTICULAÇÃO COM OUTROS DOCENTES E TÉCNICOS

B – Quais as funções que exerce nesta escola no trabalho com alunos surdos?

P - Sou professora curricular de língua portuguesa.

B2 – Nas suas aulas tem formador / intérprete de LGP?

P – Inicialmente eu tive, no primeiro ano eu tive umas intérpretes que eram estagiárias, umas jovens, mas intérprete por intérprete, elas não tinham a função ... não eram professoras, eram estagiárias e traduziam e eu muitas vezes ficava um bocadinho ansiosa porque faziam uma tradução ... como direi ... como elas não sabiam didacticamente muitas vezes qual o meu objectivo ... eu às vezes ... eu própria ficava ... eu própria ia junto dos alunos ... mas numa primeira fase foi ... deu-me alguma tranquilidade ... mas não ... a minha experiência das estagiárias intérpretes, que eram umas miúdas simpáticas, ficou um pouco aquém daquilo que eu estava à espera.

E – Os alunos comunicavam só em LGP ou também tinham oralidade?

P – Tinham oralidade e não faziam ... só um deles é que fazia leitura labial. Eram miúdos que vinham ... tinham falta de pré-requisitos do 1.º ciclo, foi um pouquinho complicado ... outro também socialmente, não estava inserido, não vinha com normas sociais, mas foi um trabalho que foi muito interessante... Na primeira fase eu tive a intérprete, depois no 6.º ano tive já uma professora de educação especial, que era professora e que fazia a correspondência da linguagem gestual, aí sentia-me muito mais à vontade, sentia-me muito mais apoiada porque de facto ela entendia os objectivos, tudo isso ... porque só tradução por tradução acho pobre ...

E – E formador de LGP?

P – Não, mas eu vou-lhe dizer ... portanto quando soube que tinha alunos surdos, pensei ... acalma-te porque com a tua experiência as coisas vão correr bem. Já tinha tido alunos com outras dificuldades de aprendizagem, mas surdos nunca tinha tido. Então de início eles já eram ... tinham 13 anos, eles eram meninos ... eles não tinham repetências, só que houve um processo complicado e logo me foi dito que a diferença de idade não coincidia, não significava que fossem repetências. Entretanto eles pertenceram logo ... eles estavam só os dois numa turma ... e então isso permitiu-me fazer um trabalho muito incisivo, muito, muito, muito Comecei com, as metodologias que eu usava eram tudo à base da ilustração, pequenas frases, muito trabalho com os dois, muito, muito, muita produção, muito registo e a minha sensação de início ... eu depois ia falar com a responsável do ensino especial, eu dizia ... “eu

ensinei isto hoje e eles no dia seguinte era como se fosse zero” aquilo dava-me uma ansiedade grande, mas por outro lado eu tentava compensar. Portanto as aulas eram de 90 minutos, mas de facto eram mesmo, e aparentemente quando eu soube que ia ter uma turma só com eles, eu pensei ... meu Deus uma turma só com dois ... mas que monotonia ... não era nada ... porque de facto aquilo era, eu estava só com os dois. Trazia-lhes material, de início muita ilustração, muita imagem, pequenas frases, palavras, pequenas frases e depois fomos evoluindo, evoluindo e no 6.º ano viu-se a evolução deles. A própria responsável do ensino especial ... eu já dava aulas sem intérprete, mesmo sem ela, não havia qualquer problema. Acho que na leitura labial eles foram-se habituando, já fazem leitura labial, foram-se habituando, acho que considero que fiz um trabalho muito positivo com eles. A própria do ensino especial ... e eles hoje estão com sucesso a todos os níveis, quer de integração, quer de ... mas é um trabalho muito persistente, muito, muito, muito. Eles eram miúdos que gostavam de trabalhar, mais ele, ela estava sempre cansada, sempre ... mas era muito persistente e fizemos ... fiz um trabalho que eu considero ... que eles gostam ... estão aí, estão bem, têm sucesso...

B3 – Como articula o trabalho com os docentes / técnicos?

P – Habitualmente dizia-lhe no início ou de semana a semana, vamos trabalhar isto, vamos trabalhar aquilo, este aspecto, aquele aspecto e ela depois dava-lhes apoio também ... eu tenho sempre uma relação muito estreita com o professor, neste caso ... sempre ... por exemplo, actualmente tenho agora ... a turma que tenho, são dois, eram três no ano passado, no 5.º ano, mas um não teve sucesso e foi retirado para outra turma, fez-se uma turma, e tenho dois, um deles tem implante e outra A não tem, é surda severa mesmo mas faz leitura labial. De início esta menina, esta menina é um caso raríssimo, creio eu, é uma menina que na produção de texto é espectacular, é a melhor aluna que eu tenho naquela turma. Esta menina teve problemas de integração no primeiro período, o primeiro sorriso que eu consegui dela foi nas férias do Natal, no ano passado, o primeiro, ela parecia um bloco de gelo, portanto não havia emoções ... nada ... completamente um bloco de gelo. Ela não fala, o primeiro passo ... depois eu ... acho que eles não devem ser discriminados. Então o que é que eu fazia, sempre tentei ... falo muito de frente para ela evidentemente ... e cheguei a dizer à PEE, olha eu vou por a A a ler, eu vou tentar que ela fale ...aqueles sons, no principio arrepiei-me um bocadinho com a leitura dela ... a principio foi por a turma a que temos de aceitar a ... ela é diferente só, mais nada ... não lhe vamos facilitar a vida ... não sei até que ponto isso ... ela integrou-se muito bem na turma e eu obrigo-a ... bom dia, olá, ler ao nível dela. É uma aluna espectacular na produção de texto, o que não é normal, aliás eu não entendo, já lhe disse a ela eu ficarei um dia feliz quando Ela tem a família, a família dá-lhe apoio mas é uma família humilde ... se ela um dia conseguir publicar um livro, os textos dela são maravilhosos, quer ela descreva emoções, quer na criatividade em tudo. Enquanto eu, por exemplo nos testes, o que é que eu faço com os testes? No primeiro grupo não havia testes, a avaliação era diária, cada dia íamos dando pequenos passinhos ... isto com o grupo que eu terminei. Com este grupo não. Eles estão integrados na turma, o

teste é o mesmo, tem a mesma estrutura, apenas é mais curto, uma ou outra expressão sinónima mais simples, o tipo de linguagem e dou-lhes o texto à professora que lhes dá apoio do ensino especial. Portanto eles conhecem o texto para lhes facilitar mas só, só conhecem o texto ... e depois já conhecem ... não encurto o texto, as perguntas ... e habitualmente na composição, enquanto à turma peço 25 linhas, a eles peço 20, mas a A faz 25, faz 30. Não dá erros, é um espectáculo aquela menina.

C – METODOLOGIAS DE ENSINO DE LP

C1 – Que tipo de programa utiliza para leccionar LP aos surdos?

P – O mesmo dos ouvintes. Neste caso adapto ... o que é que eles têm neste momento ... eles têm condições especiais de avaliação. Quanto mais eu puxar por eles, considero que melhor. Do C, que é um menino que tem implante coclear, este menino tem um bom apoio de retaguarda, mas é um menino com 10, 11 anos, super protegido e portanto não está a evoluir tanto quanto eu gostaria que ele evoluísse mas é um menino de nível 3. Portanto satisfatório ... mas ele é muito infantil, isso tem haver ... não tem haver com a surdez.

C3 – Que critérios utiliza nas escolha dos manuais?

P – Tudo igual, só tem apenas condições especiais de avaliação.

C4 – Quais as metodologias utilizadas no ensino da LP aos alunos surdos?

P – Tudo muito dirigido, por exemplo eu estou a dar uma matéria nova à turma e depois vou ver se eles ... se a dirigido ... aí dirijo à A e dirijo ao C O C como é ouvinte, ouvinte com implante mas ... dirijo-lhes mesmo e aí vou verificar, ainda ontem estive a dar os advérbios e verifico um a um se eles entendem os conceitos, tudo isso ...

E – Eles têm alguma vez a PEE dentro da turma?

P – Não.

E – Estão sempre consigo na turma de ouvintes?

P – Sempre comigo ... estou-lhe a dizer uma inverdade. É verdade que a A tem uma intérprete à sexta-feira, mas que não é tão necessária ... mas pronto havia disponibilidade da intérprete ... e eu porque a menina tem sucesso eu também não ia dizer, ela tem sucesso não precisa de intérprete ... tem à sexta-feira, tem.

E – Tem apoio fora da sala de aula?

P – Têm com uma PEE, que lhes dá apoio porque eu não tinha disponibilidade. No ano passado era eu que lhes dava apoio e este ano gostaria mas simplesmente não tenho disponibilidade de horário. O que é que eu faço? ... Normalmente, passo, digo à PEE o que estamos a dar pedi-lhe que ela ... no ano passado eu ainda ... dava mesmo os conteúdos, os textos que eu estava a abordar. Este ano como já foi substituída a PEE porque houve um problema de gravidez e à outra colega, que está é relativamente pouco tempo, eu pedi-lhe que ela controlasse o caderno diário, basicamente é isso ...

D – POSIÇÃO DO PROFESSOR FACE À EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS E À LEGISLAÇÃO ACTUAL

D1 – Na sua opinião a que se devem as dificuldades dos alunos surdos na LP?

P – Basicamente às dificuldades de comunicação. Quanto melhor eles fizeram a leitura labial ... e depois as dificuldades inerentes a qualquer criança, não é ... o facto da surdez ... eu considero que a minha experiência é muito positiva, a minha experiência desde que ... agora depende dos alunos, depende de como eles vêm, depende de tudo isto... Porque a minha experiência, eu esqueço-me... pronto já estou de tal forma habituada a eles ... desde que eu tenha estes cuidados ... dou aula normal à turma, evidentemente que os tenho à minha frente, tenho-os à minha frente ... e depois dou aula normal, sempre preocupada com eles ... eu já faço de uma forma natural. Depois quando vamos à consolidação, verificar se, eles estão sempre presentes na minha mente.

D2 - Como acha que essas dificuldades podem ser minimizadas?

P – Basicamente é o que é aos outros alunos ... desde que eles façam o trabalho, desde tenham apoio de retaguarda familiar, desde que sejam miúdos preocupados em melhorar, basicamente ... não vejo assim nada de muito ... eu como lhe digo estou tão habituada a ... e para mim eles são, quase que diria alunos perfeitamente normais ... e são ... quer dizer, não faço discriminação ... a ... eu ponho-a a ler, eu ponho-a a ler dois períodos exijo, mas isto foi logo de início ... tem que ser silêncio absoluto. Mas por exemplo, quando as composições dela são muito boas, eu no final quando ... porque elas são produzidas na aula, nos testes, a composição da ... é muito boa. O que é que eu faço? Vou ler a composição dela e peço-lhe autorização, prefiro ser eu a ler porque senão perdia tudo ... portanto sou eu que leio, dou-lhe os parabéns. Portanto a A, o C, aí está o C ouve muito melhor do que a A eu se acreditasse, em relação à A para mim é um enigma como ela consegue escrever tão bem. Depois é uma miúda muito trabalhadora, depois é uma miúda que tem uma auto estima ... em relação à A foi dito, quando ela foi sinalizada, que gostava muito de português ... e então eu sou também professora deles a Estudo Acompanhado (EA). EA, eu dou também com o professor de Matemática (MAT) mas A odiava matemática e eu como ela tinha uma boa relação comigo, com o português, o que é que eu pensei? Bem vou-lhe dar mais apoio a

matemática a ver se ela começa a abrir-se ... no ano passado eu dirigia-me para ela em matemática para lhe dar uma pequena ajuda e ela olhou ao chão, rejeitava pura e simplesmente. Eu percebia o que é que ela me queria comunicar ... lá porque eu gosto de português ... nem penses. Fomos insistindo, fomos insistindo e hoje a A tem suficiente a matemática, já deixa que eu ajude, que eu lhe marque mais trabalhos e está perfeitamente à vontade. Eles também estão inseridos numa turma, numa belíssima turma, que é uma turma de ... neste momento temos 24, pronto ... mas onde eles são aceites, onde eles não se sentem diferentes. Penso que isso é muito importante, muito importante. E nós realmente ... eu não lhes facilito a vida, no sentido de deixa lá ... não, não ... exijo igual aos outros, igual aos outros. Penso que é assim que deve ser, não os discrimino, coitadinhos ... nada disso, exijo-lhes exactamente a mesma coisa. Agora toda a turma sabe, eles sabem o texto antes do teste, são as condições especiais, e se eventualmente precisarem demais tempo, o que normalmente não acontece, a A porque se despacha perfeitamente e o C porque é muito imaturo. Aliás já questionamos se, ... a mãe do C, que tem formação superior, creio que ela é nossa colega mas não exerce, um dia encontrou-me e questionou-me, se eu dar-lhes o texto antes, se será bom... E porquê? Porque como o filho é despassarado e imaturo ela questiona se ele depois se concentra. Como ele já conhece o texto, desconcentra-se e vai por ali fora. Fez-me uma composição, uma produção de texto que nada tinha haver. Ele sabia que era uma carta, isto no Natal, eu tinha dito à turma para reverem os aspectos formais da carta que ia sair uma carta. Era Natal e deduziu que era pai Natal, só que não era nenhuma ao pai Natal ... foi penalizado ... evidentemente que depois na nota, aí tenho mais um bocadinho ... elevei-lha um pouco ... já aí discriminei porque ele era um aluno a quem eu ia dar uma informação positiva, e não quis, até por ele ser muito miúdo, muito imaturo, não quis pôr-lhe o rótulo de não satisfaz , pus um satisfaz com "s" pequeno e ele percebeu perfeitamente que aquilo estava à tangente, portanto tenho esse cuidado. A A é aluna de nível 4, tem aqui ou ali algumas falhas naturalmente, mas vou-me sentir realizada porque no final vou-lhe dar um nível 5, pela produção ...

D3 – Qual a sua opinião sobre a educação bilingue para crianças surdas?

P – Sinceramente tenho algumas reservas ... eu sei que um surdo não se pode por a falar evidentemente, mas eu tenho ... por exemplo, da minha experiência conheço um miúdo surdo que é o ... que é um jovem, jovem hoje que tem cerca de 30 anos, é um miúdo que sempre se recusou à LGP, pura e simplesmente. Hoje é um miúdo perfeitamente feliz, tem carta de condução, faz a vida dele, tem o seu trabalho, perfeitamente feliz. Não sei, acho que isso passa mais pela decisão do encarregado de educação, eu penso que é quase criar um gueto ... , LGP, não tenho nada contra, para mim é um bocadinho complicado. E eu dou-lhe a minha experiência. Nesta turma havia outro aluno o J, um miúdo rural, que vem sem pré requisitos a nível social ... Eu o ano passado, ele estava integrado nesta turma, era um miúdo diferente, não tinha normas, não tinha apoio de retaguarda, a família não sabia, não podia, enfim ... era horrível. No primeiro período, dei-lhe a hipótese de ele socializar, para mim

o objectivo do J, socializar, não socializou, não teve sucesso, ainda hoje cria problemas na turma e chegou-se ao final do ano e achou-se que o J devia fazer parte de outra turma desmembrada. Ele tem LGP com uma professora que é surda. E portanto fez-se uma turma com três alunos a terem LGP. Na avaliação todos tiraram negativa ... arrepiou-me um pouco... questionei, não em termos de ... todo o conselho de turma ficou assim ... claro que aqui também há inexperiência por parte da professora, não é ... e ela queixava-se que ... quando nós perguntamos porquê, é um bocado estranho três alunos em LGP ... onde é que está a motivação ... não fica muito bem ... claro que está também a inexperiência da professora ... e ela dizia que eles não se concentravam, pois se eles são ... falantes, ela é que não é, portanto,,, não sei, relativamente à LGP porque nós vivemos inseridos numa sociedade ... que eles tenham LGP entre eles, tudo bem, agora não tenho opinião assim muito formada, mas tenho alguns receios ... não sei ...

D4 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas quais as dificuldades com que se tem deparado?

P – Basicamente depois deste primeiro impacto, que foram os primeiros surdos, que eram surdos severos e que tinham tantas dificuldades de adaptação ... depois disto, penso que, é dirigirmos o trabalho e produzirmos ... eu produzi um dossier para aquela turma que nada tem haver com esta, tem haver com o aluno em si, trabalhar, fazer o máximo que se pode por ele de acordo com os avanços, os recuos, insistir, não vejo assim que tenha ... pronto os alunos são assim, então eu preparo as minhas aulas, os meus materiais, o meu estar de acordo com os alunos, não vejo que eles me dêem mais trabalho que outros alunos. Aliás eles aprendem, se forem ... aprendem tão bem ou melhor, há outros alunos muito piores, a todos os níveis. Portanto para mim não ... o facto de serem surdos é uma limitação na comunicação, depois de nós comunicarmos, comunico com eles, entendemo-nos ... claro que não vamos entrar em conceitos muito abstractos, é muito mais difícil, não é ... mas não vejo assim, não é dizer assim ... como lhe digo a minha experiência, tenho alunos surdos há quatro anos ... e até no início claro, andava um bocadinho mais ansiosa, sobretudo por eles esquecerem com muita facilidade, isso é o que dói um bocadinho mais ... eles sabem hoje e amanhã ... meu Deus ... então... pronto ... mas nada de... Eu em relação a isso é, um dia de cada vez, vamos percorrendo pequenas ... não tenho umas expectativas enormes, depende do grau em que eles me chegam e depois sempre a partir daí, se eu vir trabalho como vi no C e na M, mas só vi no final do 2.º ciclo ... porque esses por exemplo, usei umas metodologias completamente diferentes, não tem nada haver com estes que tenho agora. Estes agora fazem uma aula perfeitamente normal, nunca lhes fiz um teste, nunca ... Agora todo o trabalho era ... fiz um dossier, que depois até lhes devolvi, próprio para eles, de acordo com Agora pensar trabalhar com um surdo como com ... não ... agora não vejo assim ... há miúdos que têm dificuldades grandes que não eles, é apenas uma limitação ...

E – No caso dos alunos do primeiro grupo trabalhar com eles numa turma de ouvintes? !

P – Era impensável, aí esta escola dá condições, calma Também não é por acaso que somos pólo ... isso aí é impensável ... eu trabalhava com eles em Estudo Acompanhado e dava-lhes apoio em Estudo Acompanhado, era muito bons alunos a matemática

E – Na Língua Portuguesa estavam na turma de ouvintes?

P – Não, eles não tinham comigo nunca, eles estavam fora, eles tinham comigo mas a turma deles eram só os dois, portanto esses estavam completamente fora ... doutra forma não podia ser ... Eu tenho este ano um menino, o R, que veio no 6.º ano ... uma desgraça ... portanto cada um fala da sua experiência ... a minha experiência é assim... Este R que lhe estou a falar é meu aluno em EA, EM Área de Projecto (AE), portanto tem com a turma, ora estamos em finais de Janeiro e o R começa agora a dar respostas monossilábicas, porque não foi feito ... não estou acusar ninguém ... mas não foi feito um trabalho mínimo com o R. Em AE nós estamos ... enquanto os outros estão ... nós estamos num programa para a saúde, o PES ... o R no 1.º período nem sequer consegue trabalhar em grupo, porque o mundo dele é isolado à parte completamente e ele é algo ouvinte, ele tem aparelho, simplesmente ele viveu num mundo à parte, e o trabalho que ele está a fazer ... ele é da Apúlia ... o trabalho que ele está a fazer é individual, veja em AE trabalhar individual ... e o trabalho dele é falar da terra dele, neste momento está localizar onde ele vive e isso tudo porque ele não fazia nada. Agora tem uma área muito forte, nós aí pegamos nas áreas fortes, que é a Educação Visual (EV). Ele faz um mapa de Portugal, que é o que ele está a fazer, que outro miúdo qualquer ia copiar, não o R faz tudo direitinho ... mas estamos a arrancar-lhe monossílabos ... portanto do aluno ...

E – Esse aluno tem LP com a PEE?

P – Especial ... portanto nesse aspecto temos a vida facilitada, a escola dá condições ... e está dá-las

D6 – Qual a sua opinião sobre o Decreto-lei n.º 3/2008?

P – Até aí também tenho as minhas dúvidas ... por exemplo esta escola, temos muitos surdos Por exemplo este R faz diariamente da Apúlia para cá de táxi e o J, esse faz diariamente a viagem de Vieira do Minho para cá. Muitas vezes questiono o que é que os professores, da escola E4, fazem mais do que os professores de Vila Verde não fariam, não sei ... não conheço ... Se eu me lembrar do R, do que eu tenho e do que vem da Apúlia, eu digo ... ai fazemos, mas não quero crer que todas as escolas sejam assim ...

E – Acham que eles não devem estar todos juntos?

P – Não, eu penso que eles têm de ter áreas onde têm de estar inseridos na turma. Têm de estar socializados, eles fazem parte ... até para eles ganharem referências, senão estamos a criar guetos, não ... isso aí é conforme ... acho que há áreas EA, AP, EV fazem parte e só ganham com isso, nas competências sociais e outras. Agora naquelas áreas onde têm mais dificuldades, aí tiramos e têm um trabalho mais dirigido e plenamente ... penso que é assim que deve ser

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA (PLP/E4) DA ESCOLA E4

A – FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A1 – Qual a sua formação de base?

P – Portanto eu sou licenciada em ensino de Português / Francês e tenho também o curso ... aliás eu iniciei como professora do 1.º ciclo.

A2 – É especializada na área da surdez?

P – Nada, não sou especializada.

A3 – Tem formação específica ao nível de LGP?

P – Não, tenho o básico da minha experiência com os alunos.

E – Nunca fez formação?

P – Comecei mas desisti, porque primeiro o mundo ... na sociedade inseridos estamos mundo falantes ... acho que ... não me foi fácil... desisti mesmo da formação porque como qualquer língua precisa de muito treino e achei que uma acção de formação de 25 horas não iria beneficiar ... e aquela relação acho ... basicamente estamos no mundo de falantes e portanto

A4 – Como considera o seu domínio de LGP?

P – Se quiser estaca zero, mas isso não me impede rigorosamente de nada ...

A5 – Há quantos anos trabalha com alunos surdos?

P – Portanto, há quantos anos ... vou no ... trabalho há dois ciclos, o primeiro ciclo trabalhei ... eles estão agora no 9.º ano ... 5.º e 6.º ... e estou agora novamente com outro ciclo ... tenho já dois grupos ... quatro anos .

A6 – Há quantos anos trabalha nesta escola?

P – Se ela abriu há 12, estou há 11, se abriu há 11, estou há 10.

B – FUNÇÕES E TIPO DE ARTICULAÇÃO COM OUTROS DOCENTES E TÉCNICOS

B – Quais as funções que exerce nesta escola no trabalho com alunos surdos?

P - Sou professora curricular de língua portuguesa.

B2 – Nas suas aulas tem formador / intérprete de LGP?

P – Inicialmente eu tive, no primeiro ano eu tive umas intérpretes que eram estagiárias, umas jovens, mas intérprete por intérprete, elas não tinham a função ... não eram professoras, eram estagiárias e traduziam e eu muitas vezes ficava um bocadinho ansiosa porque faziam uma tradução ... como direi ... como elas não sabiam didacticamente muitas vezes qual o meu objectivo ... eu às vezes ... eu própria ficava ... eu própria ia junto dos alunos ... mas numa primeira fase foi ... deu-me alguma tranquilidade ... mas não ... a minha experiência das estagiárias intérpretes, que eram umas miúdas simpáticas, ficou um pouco aquém daquilo que eu estava à espera.

E – Os alunos comunicavam só em LGP ou também tinham oralidade?

P – Tinham oralidade e não faziam ... só um deles é que fazia leitura labial. Eram miúdos que vinham ... tinham falta de pré-requisitos do 1.º ciclo, foi um pouquinho complicado ... outro também socialmente, não estava inserido, não vinha com normas sociais, mas foi um trabalho que foi muito interessante... Na primeira fase eu tive a intérprete, depois no 6.º ano tive já uma professora de educação especial, que era professora e que fazia a correspondência da linguagem gestual, aí sentia-me muito mais à vontade, sentia-me muito mais apoiada porque de facto ela entendia os objectivos, tudo isso ... porque só tradução por tradução acho pobre ...

E – E formador de LGP?

P – Não, mas eu vou-lhe dizer ... portanto quando soube que tinha alunos surdos, pensei ... acalma-te porque com a tua experiência as coisas vão correr bem. Já tinha tido alunos com outras dificuldades de aprendizagem, mas surdos nunca tinha tido. Então de início eles já eram ... tinham 13 anos, eles eram meninos ... eles não tinham repetências, só que houve um processo complicado e logo me foi dito que a diferença de idade não coincidia, não significava que fossem repetências. Entretanto eles pertenceram logo ... eles estavam só os dois numa turma ... e então isso permitiu-me fazer um trabalho muito incisivo, muito, muito, muito Comecei com, as metodologias que eu usava eram tudo à base da ilustração, pequenas frases, muito trabalho com os dois, muito, muito, muita produção, muito registo e a minha sensação de início

... eu depois ia falar com a responsável do ensino especial, eu dizia ... “eu ensinei isto hoje e eles no dia seguinte era como se fosse zero” aquilo dava-me uma ansiedade grande, mas por outro lado eu tentava compensar. Portanto as aulas eram de 90 minutos, mas de facto eram mesmo, e aparentemente quando eu soube que ia ter uma turma só com eles, eu pensei ... meu Deus uma turma só com dois ... mas que monotonia ... não era nada ... porque de facto aquilo era, eu estava só com os dois. Trazia-lhes material, de início muita ilustração, muita imagem, pequenas frases, palavras, pequenas frases e depois fomos evoluindo, evoluindo e no 6.º ano viu-se a evolução deles. A própria responsável do ensino especial ... eu já dava aulas sem intérprete, mesmo sem ela, não havia qualquer problema. Acho que na leitura labial eles foram-se habituando, já fazem leitura labial, foram-se habituando, acho que considero que fiz um trabalho muito positivo com eles. A própria do ensino especial ... e eles hoje estão com sucesso a todos os níveis, quer de integração, quer de ... mas é um trabalho muito persistente, muito, muito, muito. Eles eram miúdos que gostavam de trabalhar, mais ele, ela estava sempre cansada, sempre ... mas era muito persistente e fizemos ... fiz um trabalho que eu considero ... que eles gostam ... estão aí, estão bem, têm sucesso...

B3 – Como articula o trabalho com os docentes / técnicos?

P – Habitualmente dizia-lhe no início ou de semana a semana, vamos trabalhar isto, vamos trabalhar aquilo, este aspecto, aquele aspecto e ela depois dava-lhes apoio também ... eu tenho sempre uma relação muito estreita com o professor, neste caso ... sempre ... por exemplo, actualmente tenho agora ... a turma que tenho, são dois, eram três no ano passado, no 5.º ano, mas um não teve sucesso e foi retirado para outra turma, fez-se uma turma, e tenho dois, um deles tem implante e outra A não tem, é surda severa mesmo mas faz leitura labial. De início esta menina, esta menina é um caso raríssimo, creio eu, é uma menina que na produção de texto é espectacular, é a melhor aluna que eu tenho naquela turma. Esta menina teve problemas de integração no primeiro período, o primeiro sorriso que eu consegui dela foi nas férias do Natal, no ano passado, o primeiro, ela parecia um bloco de gelo, portanto não havia emoções ... nada ... completamente um bloco de gelo. Ela não fala, o primeiro passo ... depois eu ... acho que eles não devem ser discriminados. Então o que é que eu fazia, sempre tentei ... falo muito de frente para ela evidentemente ... e cheguei a dizer à PEE, olha eu vou por a A a ler, eu vou tentar que ela fale ...aqueles sons, no principio arrepiei-me um bocadinho com a leitura dela ... a principio foi por a turma a que temos de aceitar a ... ela é diferente só, mais nada ... não lhe vamos facilitar a vida ... não sei até que ponto isso ... ela integrou-se muito bem na turma e eu obrigo-a ... bom dia, olá, ler ao nível dela. É uma aluna espectacular na produção de texto, o que não é normal, aliás eu não entendo, já lhe disse a ela eu ficarei um dia feliz quando Ela tem a família, a família dá-lhe apoio mas é uma família humilde ... se ela um dia conseguir publicar um livro, os textos dela são maravilhosos, quer ela descreva emoções, quer na criatividade em tudo. Enquanto eu, por exemplo nos testes, o que é que eu faço com os testes? No primeiro grupo não havia testes, a avaliação era diária, cada dia íamos dando pequenos passinhos ... isto com o

grupo que eu terminei. Com este grupo não. Eles estão integrados na turma, o teste é o mesmo, tem a mesma estrutura, apenas é mais curto, uma ou outra expressão sinónima mais simples, o tipo de linguagem e dou-lhes o texto à professora que lhes dá apoio do ensino especial. Portanto eles conhecem o texto para lhes facilitar mas só, só conhecem o texto ... e depois já conhecem ... não encurto o texto, as perguntas ... e habitualmente na composição, enquanto à turma peço 25 linhas, a eles peço 20, mas a A faz 25, faz 30. Não dá erros, é um espectáculo aquela menina.

C – METODOLOGIAS DE ENSINO DE LP

C1 – Que tipo de programa utiliza para leccionar LP aos surdos?

P – O mesmo dos ouvintes. Neste caso adapto ... o que é que eles têm neste momento ... eles têm condições especiais de avaliação. Quanto mais eu puxar por eles, considero que melhor. Do C, que é um menino que tem implante coclear, este menino tem um bom apoio de retaguarda, mas é um menino com 10, 11 anos, super protegido e portanto não está a evoluir tanto quanto eu gostaria que ele evoluísse mas é um menino de nível 3. Portanto satisfatório ... mas ele é muito infantil, isso tem haver ... não tem haver com a surdez.

C3 – Que critérios utiliza nas escolha dos manuais?

P – Tudo igual, só tem apenas condições especiais de avaliação.

C4 – Quais as metodologias utilizadas no ensino da LP aos alunos surdos?

P – Tudo muito dirigido, por exemplo eu estou a dar uma matéria nova à turma e depois vou ver se eles ... se a dirigido ... aí dirijo à A e dirijo ao C O C como é ouvinte, ouvinte com implante mas ... dirijo-lhes mesmo e aí vou verificar, ainda ontem estive a dar os advérbios e verifico um a um se eles entendem os conceitos, tudo isso ...

E – Eles têm alguma vez a PEE dentro da turma?

P – Não.

E – Estão sempre consigo na turma de ouvintes?

P – Sempre comigo ... estou-lhe a dizer uma inverdade. É verdade que a A tem uma intérprete à sexta-feira, mas que não é tão necessária ... mas pronto havia disponibilidade da intérprete ... e eu porque a menina tem sucesso eu também não ia dizer, ela tem sucesso não precisa de intérprete ... tem à sexta-feira, tem.

E – Tem apoio fora da sala de aula?

P – Têm com uma PEE, que lhes dá apoio porque eu não tinha disponibilidade. No ano passado era eu que lhes dava apoio e este ano gostaria mas simplesmente não tenho disponibilidade de horário. O que é que eu faço? ... Normalmente, passo, digo à PEE o que estamos a dar pedi-lhe que ela ... no ano passado eu ainda ... dava mesmo os conteúdos, os textos que eu estava a abordar. Este ano como já foi substituída a PEE porque houve um problema de gravidez e à outra colega, que está é relativamente pouco tempo, eu pedi-lhe que ela controlasse o caderno diário, basicamente é isso ...

D – POSIÇÃO DO PROFESSOR FACE À EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS E À LEGISLAÇÃO ACTUAL

D1 – Na sua opinião a que se devem as dificuldades dos alunos surdos na LP?

P – Basicamente às dificuldades de comunicação. Quanto melhor eles fizeram a leitura labial ... e depois as dificuldades inerentes a qualquer criança, não é ... o facto da surdez ... eu considero que a minha experiência é muito positiva, a minha experiência desde que ... agora depende dos alunos, depende de como eles vêm, depende de tudo isto... Porque a minha experiência, eu esqueço-me... pronto já estou de tal forma habituada a eles ... desde que eu tenha estes cuidados ... dou aula normal à turma, evidentemente que os tenho à minha frente, tenho-os à minha frente ... e depois dou aula normal, sempre preocupada com eles ... eu já faço de uma forma natural. Depois quando vamos à consolidação, verificar se, eles estão sempre presentes na minha mente.

D2 - Como acha que essas dificuldades podem ser minimizadas?

P – Basicamente é o que é aos outros alunos ... desde que eles façam o trabalho, desde tenham apoio de retaguarda familiar, desde que sejam miúdos preocupados em melhorar, basicamente ... não vejo assim nada de muito ... eu como lhe digo estou tão habituada a ... e para mim eles são, quase que diria alunos perfeitamente normais ... e são ... quer dizer, não faço discriminação ... a ... eu ponho-a a ler, eu ponho-a a ler dois períodos exijo, mas isto foi logo de início ... tem que ser silêncio absoluto. Mas por exemplo, quando as composições dela são muito boas, eu no final quando ... porque elas são produzidas na aula, nos testes, a composição da ... é muito boa. O que é que eu faço? Vou ler a composição dela e peço-lhe autorização, prefiro ser eu a ler porque senão perdia tudo ... portanto sou eu que leio, dou-lhe os parabéns. Portanto a A, o C, aí está o C ouve muito melhor do que a A eu se acreditasse, em relação à A para mim é um enigma como ela consegue escrever tão bem. Depois é uma miúda muito trabalhadora, depois é uma miúda que tem uma auto estima ... em relação à A foi dito, quando ela foi sinalizada, que gostava muito de português ... e então eu sou também professora deles a Estudo Acompanhado (EA). EA, eu dou também com o professor de Matemática (MAT) mas A odiava matemática e eu como ela tinha uma boa relação comigo, com o português, o que é que eu pensei? Bem vou-lhe dar mais apoio a

matemática a ver se ela começa a abrir-se ... no ano passado eu dirigia-me para ela em matemática para lhe dar uma pequena ajuda e ela olhou ao chão, rejeitava pura e simplesmente. Eu percebia o que é que ela me queria comunicar ... lá porque eu gosto de português ... nem penses. Fomos insistindo, fomos insistindo e hoje a A tem suficiente a matemática, já deixa que eu ajude, que eu lhe marque mais trabalhos e está perfeitamente à vontade. Eles também estão inseridos numa turma, numa belíssima turma, que é uma turma de ... neste momento temos 24, pronto ... mas onde eles são aceites, onde eles não se sentem diferentes. Penso que isso é muito importante, muito importante. E nós realmente ... eu não lhes facilito a vida, no sentido de deixa lá ... não, não ... exijo igual aos outros, igual aos outros. Penso que é assim que deve ser, não os discrimino, coitadinhos ... nada disso, exijo-lhes exactamente a mesma coisa. Agora toda a turma sabe, eles sabem o texto antes do teste, são as condições especiais, e se eventualmente precisarem demais tempo, o que normalmente não acontece, a A porque se despacha perfeitamente e o C porque é muito imaturo. Aliás já questionamos se, ... a mãe do C, que tem formação superior, creio que ela é nossa colega mas não exerce, um dia encontrou-me e questionou-me, se eu dar-lhes o texto antes, se será bom... E porquê? Porque como o filho é despassarado e imaturo ela questiona se ele depois se concentra. Como ele já conhece o texto, desconcentra-se e vai por ali fora. Fez-me uma composição, uma produção de texto que nada tinha haver. Ele sabia que era uma carta, isto no Natal, eu tinha dito à turma para reverem os aspectos formais da carta que ia sair uma carta. Era Natal e deduziu que era pai Natal, só que não era nenhuma ao pai Natal ... foi penalizado ... evidentemente que depois na nota, aí tenho mais um bocadinho ... elevei-lha um pouco ... já aí discriminei porque ele era um aluno a quem eu ia dar uma informação positiva, e não quis, até por ele ser muito miúdo, muito imaturo, não quis pôr-lhe o rótulo de não satisfaz , pus um satisfaz com "s" pequeno e ele percebeu perfeitamente que aquilo estava à tangente, portanto tenho esse cuidado. A A é aluna de nível 4, tem aqui ou ali algumas falhas naturalmente, mas vou-me sentir realizada porque no final vou-lhe dar um nível 5, pela produção ...

D3 – Qual a sua opinião sobre a educação bilingue para crianças surdas?

P – Sinceramente tenho algumas reservas ... eu sei que um surdo não se pode por a falar evidentemente, mas eu tenho ... por exemplo, da minha experiência conheço um miúdo surdo que é o ... que é um jovem, jovem hoje que tem cerca de 30 anos, é um miúdo que sempre se recusou à LGP, pura e simplesmente. Hoje é um miúdo perfeitamente feliz, tem carta de condução, faz a vida dele, tem o seu trabalho, perfeitamente feliz. Não sei, acho que isso passa mais pela decisão do encarregado de educação, eu penso que é quase criar um gueto ... , LGP, não tenho nada contra, para mim é um bocadinho complicado. E eu dou-lhe a minha experiência. Nesta turma havia outro aluno o J, um miúdo rural, que vem sem pré requisitos a nível social ... Eu o ano passado, ele estava integrado nesta turma, era um miúdo diferente, não tinha normas, não tinha apoio de retaguarda, a família não sabia, não podia, enfim ... era horrível. No primeiro período, dei-lhe a hipótese de ele socializar, para mim

o objectivo do J, socializar, não socializou, não teve sucesso, ainda hoje cria problemas na turma e chegou-se ao final do ano e achou-se que o J devia fazer parte de outra turma desmembrada. Ele tem LGP com uma professora que é surda. E portanto fez-se uma turma com três alunos a terem LGP. Na avaliação todos tiraram negativa ... arrepiou-me um pouco... questionei, não em termos de ... todo o conselho de turma ficou assim ... claro que aqui também há inexperiência por parte da professora, não é ... e ela queixava-se que ... quando nós perguntamos porquê, é um bocado estranho três alunos em LGP ... onde é que está a motivação ... não fica muito bem ... claro que está também a inexperiência da professora ... e ela dizia que eles não se concentravam, pois se eles são ... falantes, ela é que não é, portanto,,, não sei, relativamente à LGP porque nós vivemos inseridos numa sociedade ... que eles tenham LGP entre eles, tudo bem, agora não tenho opinião assim muito formada, mas tenho alguns receios ... não sei ...

D4 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas quais as dificuldades com que se tem deparado?

P – Basicamente depois deste primeiro impacto, que foram os primeiros surdos, que eram surdos severos e que tinham tantas dificuldades de adaptação ... depois disto, penso que, é dirigirmos o trabalho e produzirmos ... eu produzi um dossier para aquela turma que nada tem haver com esta, tem haver com o aluno em si, trabalhar, fazer o máximo que se pode por ele de acordo com os avanços, os recuos, insistir, não vejo assim que tenha ... pronto os alunos são assim, então eu preparo as minhas aulas, os meus materiais, o meu estar de acordo com os alunos, não vejo que eles me dêem mais trabalho que outros alunos. Aliás eles aprendem, se forem ... aprendem tão bem ou melhor, há outros alunos muito piores, a todos os níveis. Portanto para mim não ... o facto de serem surdos é uma limitação na comunicação, depois de nós comunicarmos, comunico com eles, entendemo-nos ... claro que não vamos entrar em conceitos muito abstractos, é muito mais difícil, não é ... mas não vejo assim, não é dizer assim ... como lhe digo a minha experiência, tenho alunos surdos há quatro anos ... e até no início claro, andava um bocadinho mais ansiosa, sobretudo por eles esquecerem com muita facilidade, isso é o que dói um bocadinho mais ... eles sabem hoje e amanhã ... meu Deus ... então... pronto ... mas nada de... Eu em relação a isso é, um dia de cada vez, vamos percorrendo pequenas ... não tenho umas expectativas enormes, depende do grau em que eles me chegam e depois sempre a partir daí, se eu vir trabalho como vi no C e na M, mas só vi no final do 2.º ciclo ... porque esses por exemplo, usei umas metodologias completamente diferentes, não tem nada haver com estes que tenho agora. Estes agora fazem uma aula perfeitamente normal, nunca lhes fiz um teste, nunca ... Agora todo o trabalho era ... fiz um dossier, que depois até lhes devolvi, próprio para eles, de acordo com Agora pensar trabalhar com um surdo como com ... não ... agora não vejo assim ... há miúdos que têm dificuldades grandes que não eles, é apenas uma limitação ...

E – No caso dos alunos do primeiro grupo trabalhar com eles numa turma de ouvintes? !

P – Era impensável, aí esta escola dá condições, calma Também não é por acaso que somos pólo ... isso aí é impensável ... eu trabalhava com eles em Estudo Acompanhado e dava-lhes apoio em Estudo Acompanhado, era muito bons alunos a matemática

E – Na Língua Portuguesa estavam na turma de ouvintes?

P – Não, eles não tinham comigo nunca, eles estavam fora, eles tinham comigo mas a turma deles eram só os dois, portanto esses estavam completamente fora ... doutra forma não podia ser ... Eu tenho este ano um menino, o R, que veio no 6.º ano ... uma desgraça ... portanto cada um fala da sua experiência ... a minha experiência é assim... Este R que lhe estou a falar é meu aluno em EA, EM Área de Projecto (AE), portanto tem com a turma, ora estamos em finais de Janeiro e o R começa agora a dar respostas monossilábicas, porque não foi feito ... não estou acusar ninguém ... mas não foi feito um trabalho mínimo com o R. Em AE nós estamos ... enquanto os outros estão ... nós estamos num programa para a saúde, o PES ... o R no 1.º período nem sequer consegue trabalhar em grupo, porque o mundo dele é isolado à parte completamente e ele é algo ouvinte, ele tem aparelho, simplesmente ele viveu num mundo à parte, e o trabalho que ele está a fazer ... ele é da Apúlia ... o trabalho que ele está a fazer é individual, veja em AE trabalhar individual ... e o trabalho dele é falar da terra dele, neste momento está localizar onde ele vive e isso tudo porque ele não fazia nada. Agora tem uma área muito forte, nós aí pegamos nas áreas fortes, que é a Educação Visual (EV). Ele faz um mapa de Portugal, que é o que ele está a fazer, que outro miúdo qualquer ia copiar, não o R faz tudo direitinho ... mas estamos a arrancar-lhe monossílabos ... portanto do aluno ...

E – Esse aluno tem LP com a PEE?

P – Especial ... portanto nesse aspecto temos a vida facilitada, a escola dá condições ... e está dá-las

D6 – Qual a sua opinião sobre o Decreto-lei n.º 3/2008?

P – Até aí também tenho as minhas dúvidas ... por exemplo esta escola, temos muitos surdos Por exemplo este R faz diariamente da Apúlia para cá de táxi e o J, esse faz diariamente a viagem de Vieira do Minho para cá. Muitas vezes questiono o que é que os professores, da escola E4, fazem mais do que os professores de Vila Verde não fariam, não sei ... não conheço ... Se eu me lembrar do R, do que eu tenho e do que vem da Apúlia, eu digo ... ai fazemos, mas não quero crer que todas as escolas sejam assim ...

E – Acham que eles não devem estar todos juntos?

P – Não, eu penso que eles têm de ter áreas onde têm de estar inseridos na turma. Têm de estar socializados, eles fazem parte ... até para eles ganharem referências, senão estamos a criar guetos, não ... isso aí é conforme ... acho que há áreas EA, AP, EV fazem parte e só ganham com isso, nas competências sociais e outras. Agora naquelas áreas onde têm mais dificuldades, aí tiramos e têm um trabalho mais dirigido e plenamente ... penso que é assim que deve ser

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À COORDENADOR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (CN/E4) DA ESCOLA E4

A – FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A1 – Qual a sua formação de base?

P – Minha formação de base inicial é 1.º ciclo. Eu tenho habilitações também, porque fiz outra formação para dar TIC, mas nunca dei. No 1.º ciclo trabalhei dois anos em trinta anos de serviço, dedicados 28 aos surdos.

E – Tem especialização na área da surdez?

P – Tenho.

A2 – Há quantos anos exerce funções nesta escola?

P – Há 12 anos, desde que ela abriu.

A3 – Qual o seu papel nas questões relacionadas com a educação de surdos?

P – Sou coordenadora. Lecciono o português como segunda língua e dou apoio a alunos que estão integrados.

E – A que ciclo?

P – 3.º ciclo.

B – CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

B1 – Há quantos anos é que esta escola tem alunos surdos?

P – Desde que abriu. Abriu já vocacionada para a educação de surdos, tanto é que eu dos primeiros professores colocados cá. Isto abriu ainda como NACDA, depois foi UAAS e neste momento é escola de referência. Somos agrupamento de referência, temos 3 escolas de referência, uma na pré-escolar outra no 1.º ciclo e esta.

B2 – Ao longo dos anos como tem sido feita a integração dos alunos surdos nesta escola?

P – Inicialmente, eu ainda estava numa visão um bocado romântica da integração total. O primeiro grupo de surdos que eu cá tive, estiveram em integração total, não tínhamos intérpretes, não tínhamos técnicos a trabalhar com eles. Quem os ia ajudando e estava dentro da sala de aula com eles era eu.

E – Quantos alunos eram nessa altura?

P – Olha, começámos com dois e depois juntaram-se mais dois, foram quatro com que abrimos aqui a escola. Depois as dificuldades foram surgindo. Primeiro tinham de ter aulas de apoio às disciplinas teóricas, praticamente todas, o que lhes acrescia imenso o horário. Depois, mesmo em termos afectivos, os miúdos não se sentiam bem a colocar questões, juntos dos ouvintes, aos professores ... até porque eles comunicam com grande dificuldade, especialmente oralmente. Quando chegaram ao 9.º ano, esse primeiro grupo, eu fiz-lhe um teste de literacia e cheguei à conclusão que eles tinham andado aqui e não tinha aprendido nada, nada ... o pouco que tinham aprendido, foi muito pouco, foram aprendizagens pouco úteis ... digamos assim. E então começámos a fazer experiências. Começámos a fazer, o que nós chamávamos integração total com o português à parte. Tinham o português já leccionado com as metodologias das línguas estrangeiras e portanto não estavam com os ouvintes da turma, mas estavam nas outras disciplinas. E depois fomos aos pouquinhos ... afinal não resulta a HIST se calhar era bom pô-los ao lado e então acabámos por aderir ao modelo de integração parcial para surdos profundos e severos, aqueles que têm poucos resíduos auditivos, têm poucas capacidades de comunicação oral e que têm dificuldades no acesso ao currículo. Nós temos esse critério continuamos a ter alunos em integração total. Depende das características de cada caso. Estudamos, vemos qual é a melhor situação e às vezes mudamos. Chegamos a ter ... por exemplo, um sistema misto ... nós temos uma menina que tem ... está no 9.º ano agora, ela tem bons resíduos auditivos, comunica muito bem oralmente mas em termos cognitivos é fraquita. Ela na turma de ouvintes perdia muita informação, até porque se distrai muito. Então passamo-la para a turma de surdos em todas as disciplinas, excepto LGP, porque ela não tem porque os pais não querem ... podia tê-la como segunda língua mas não tem e o português tem com a turma e tem o francês. Porque os outros não têm, têm só o inglês. Fazemos assim, o modelo de integração é flexível, de acordo com as necessidades do aluno. Eu sei que nós somos considerados como uma escola muito dura, muito radical em termos da integração dos surdos ... olha soube isso há pouco tempo ... até fiquei muito admirada porque não somos nada disso. É o que passa lá por fora mas nós não somos nada disso.

B3 – Quantos professores trabalham com alunos surdos?

P – Os professores de educação especial nove, no agrupamento. Aqui na escola, dois.

**B4 – Qual a formação que possuem?
São todos especializados na área da surdez?**

P – Todos, todos ...

B5 – Que outro tipo de técnicos especializados existe a trabalhar com surdos?

P – Terapeutas da fala, temos os intérpretes e os formadores de LGP.

E – São em número suficiente?

P – Neste momento precisamos ... mas já negociamos isso ... precisamos de mais um terapeuta da fala.

E – Para o 2.º e 3.º ciclo quantos intérpretes têm?

P – Dois intérpretes e três formadores.

B6 – Qual o procedimento de colocação desses profissionais?

P – A nível de concurso, as normas vêm do Ministério de Educação, nós abrimos concurso, depois analisamos o currículo, aplicamos a fórmula que vem do ministério e seleccionamos.

E – A colocação é anual?

P – Anual exactamente ... não sei se já alguma viste como é feita essa colocação... É assim eles têm uma pontuação por ano de serviço em que aqui na nossa escola, por exemplo ... são seis pontos, imagina temos aqui uma formadora há seis anos, ela multiplica seis por seis, tem trinta e seis. Um formador que tenha 6 anos de outra escola, multiplica por 3 ... estás a ver, isso garante ao fim e ao cabo uma continuidade do trabalho. Ainda não tivemos nenhum que tivesse ido embora ... só querendo porque ... tivemos uma que foi porque arranjou lugar no Porto e ela era do Porto.

C – POSIÇÃO DO PROFESSOR FACE À EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS E À LEGISLAÇÃO ACTUAL

C1 – Considera que esta escola reúne as condições necessárias para a integração dos alunos surdos?

P – As condições totais não ... as ideais não. Nós debatemo-nos com uma grande falta de espaço e estamos assim a utilizar gabinetes deste género para aulas ... enfim Há ainda muito trabalho a fazer, precisamos de espaço.

Formação que tem de ser dada aos professores, embora nós já tenhamos aqui um grupo de professores ditos de ensino regular, já com muita formação ... com tanta que aconteceu uma altura um formador estar a explicar uma coisa ao miúdo e a professora, era em matemática, detectou que ele estava a passar a informação errada ... disse, não é isso, não é isso. Acho que vamos tendo boas condições, nós queremos mais é óbvio, queríamos muito mais espaço para trabalhar com os alunos. Um dos meus sonhos era criar um grupo de teatro com os miúdos surdos mas não temos espaço. Temos aqui duas colegas que dinamizam o clube de teatro mas elas não tem espaço no horário e não temos espaço para trabalhar com eles, espaço físico, salas ... Mas de um modo geral temos até boas condições bastante razoáveis.

E – Os miúdos que vêm para esta escola, alguns são de longe?

P – Sim.

E – Como é feita a deslocação?

P – De táxi.

E – Eles passam aqui o dia todo? Regressam a casa muito tarde?

P – O mais tarde que vão é às cinco menos vinte. Acontece, às vezes, é quando há visitas de estudo, ficam até mais tarde ... tem de ser, os táxis vêm buscá-los mais tarde ou vêm os pais.

E – O período que passam na escola tem o horário preenchido?

P – Têm ... têm o horário ocupacional também. Nós procuramos ocupar-lhes o tempo.

C2 – Qual a tua opinião sobre o decreto-lei 3/2008?

P – Eu concordo com as escolas de referência. Sei que há muita gente que está contra mas eu concordo. Eu acho que a população surda, os alunos surdos têm de ser tratados de uma forma completamente diferente das outras necessidades educativas. Têm de ter a sua comunidade linguística, têm que ter os intérpretes, têm que ter estes técnicos, portanto só juntando-os e dando-lhes o destaque e valor que eles merecem. Para mim o grande erro do decreto 3 é ter acabado com a figura do formador de LGP. Para mim faz sentido que exista o docente de LGP e esse pode ser ouvinte, tal como foi naquela correcção de Maio. O formador, como mediador cultural, modelo de surdo adulto tem de ser um surdo e portanto acho que devíamos ter as duas situações. Quanto ao resto eu acho que ele decalca um bocadinho o Despacho 7520, não há grandes diferenças substanciais porque continua a ser possível a integração total, continua ... há pessoas que acham que não ... o oralismo continua a ser respeitado naqueles que podem, não é imposto aos que não podem. Acho ... eu estou de acordo. Quanto à aplicação da CIF em relação aos surdos, ela é

pouco proveitosa. Eu não estou assim ... cem por cento contra a CIF. Vou dizer a minha opinião inicial foi, completamente rejeitá-la ... à medida que a fomos aplicando eu fui-lhe vendo virtualidades e neste momento eu considero, provavelmente para a outra população de NEE, que não tanto os surdos, ela realmente é uma ferramenta útil. Portanto acho que o decreto 3 tem linhas de força bem interessantes. Quando vêm dizer que deixa a descoberto as dificuldades de aprendizagem, a minha opinião é que as dificuldades de aprendizagem devem ter outro tipo de apoio que não a educação especial. Vamos assim ser, vou ser completamente franca, a educação especial é para “os deficientes”, os alunos que têm deficiências, que tem dificuldades muito graves, os tais de carácter prolongado. Acho que devia haver outros serviços de apoio para as dislexias, para das dificuldades de aprendizagem, problemas de comportamento, para as hiperactividades, por aí fora, que não a educação especial. Nós devemos ser para os casos complicados e decorrentes das deficiências, sejam inatas ou adquiridas posteriormente.

C3 – Ao longo dos anos, perante a integração de crianças surdas, quais as dificuldades com que se tem deparado?

P – A maior dificuldade dos surdos, e essa ainda não se conseguiu resolver, é a literacia do português, é muito complicado, muito complicado trabalhar o português com eles porque ... mesmo trabalhado com a dinâmica de uma língua estrangeira, a estrutura da LGP é sempre a que surge, e o que surge na escrita espontânea deles ... eu já não estou a falar da oralidade, estou a falar mais da escrita é muito complicado. E penso que, aí reside talvez o maior “handicap” do surdo. Se o surdo conseguisse escrever como um ouvinte ... trás um caderninho e escreve, se não consegue fazer-se compreender de outra forma. Acho que essa é a nossa grande batalha. A falta de literacia no português vai depois reflectir-se em todo o processo educativo em todas as disciplinas, e muitas vezes se não temos o cuidado de adequar a linguagem em todas as disciplinas pomos o insucesso....

E - Também dá apoio de LP aos alunos do 3.º ciclo?

P – Dou.

E – Como articula o trabalho com os professores? Os alunos que apoia estão em turma de ouvintes?

P – Tenho só uma nessa situação...Há uma comunicação entre nós as duas e eu ajudo a miúda nas dificuldades que ela me vai trazendo. Por exemplo ... só ... talvez ajude a perceber. Elas tiveram a ler o “Alto das Barcas” e ela vinha para a minha beira e dizia, não percebi nada, não percebi nada ...Eu trouxe-lhe uma publicação para crianças para ela entender pelo menos a história primeiro e depois ajudei-a a desmontar aquela linguagem, a compreender o texto. Ajuda-a a preparar os testes, ajudo também a professora a adequar os teste para ela, para esses é nesse sentido ...

E – Eles seguem o programa dos ouvintes?

P – Os que estão integrados. Os que estão em turmas de surdos não.

E – No 3.º ciclo têm turmas de surdos a LP?

P – Temos, português como segunda língua. Criamos um programa para eles.

E – Criaram aqui no agrupamento?

P – Exactamente, o programa não existe ... fiz eu um programa e fiz depois dentro do próprio programa as adaptações curriculares, para o 3.º ciclo.

E – E para o 2.º ciclo?

P – Para o 2.º fez a A isso. Mas no 2.º ciclo eles têm muita oralidade, eles seguem quase o programa do português normal.

E – Alunos a comunicarem só em LGP têm muitos?

P – Imensos ... temos no 1.º ciclo, no pré ... aqui os mais velhos ... os do 5.º e 6.º têm mais oralidade ... calhou, há anos assim ...

E – Relativamente à aluna A. Ela comunica em LGP ou oralmente?

P – Oraliza ... a comunicação preferencial dela, eu acho, é LGP. Ela oraliza quando tem de comunicar com a mãe e a família. Ela não se sente muito à vontade com a sua própria voz ... típica de surdo ... mas ela tem capacidades para comunicar oralmente e vai comunicando com os professores.

C4 – Ao, longo dos anos, perante a integração de crianças surdas, que mudanças positivas ocorreram?

P – Sem dúvida nenhuma a colocação de técnicos, foi fundamental, o terem os formadores para aprenderem LGP, porque a maior parte deles são filhos de ouvintes e não a aprenderam espontaneamente e utilizavam códigos muito restritos, muito pobres para comunicarem entre eles. Os intérpretes, foi excelente e também os terapeutas e o facto de fazerem parte da equipa de trabalho de estarem connosco sempre, de reunirmos em conjunto, podemos trocar sempre opiniões, fazemos os programas em conjunto. É esse o aspecto que eu acho que foi o grande salto qualitativo. Porque o resto ... a lei não nos obriga a nada, não obriga a integrar, não obriga ... as pessoas às vezes faz leituras muito rígidas da legislação. A minha não é assim, eu acho que há abertura e que há possibilidade de escolha nesse sentido.

C5 – Na sua opinião o que poderia ser feito para melhorar a educação de surdos?

P – Ainda temos de fazer mais. Olha criar os programas de português segunda língua, dar mais formação a quem está a leccioná-la, e também ... eu não sei se ... precisamos de professores de LGP com mais formação. Estes não têm culpa, tiveram um ensino pouco adequado e têm poucos conhecimentos. Chega-nos acontecer haver alguns mais fraquinhos que sabem menos português que os próprios alunos e portanto eu acho que aí há um trabalho grande a fazer. E como disse ao bocado em relação ao decreto 3, eu acho que é uma pena, esses deviam ser mantidos como formadores, como mediadores culturais e por aí fora ... Os docentes de LGP, os futuros docentes de LGP deviam ser pessoas com outra literacia para evitar, por exemplo de escreverem erros nos livros de ponto, ensinarem, escreverem erros no quadro que os meninos depois copiam nos cadernos, é assim um bocadinho complicado. Há aí ainda um trabalho grande a fazer e que eu acho que daqui a umas décadas, se calhar quando nós já não estivermos no ensino, as coisas vão melhorar.

E- Relativamente, aqui no agrupamento, em relação ao pré-escolar e à intervenção precoce?

P – Temos serviço de intervenção precoce para surdos.

E – Como funciona?

P - Há uma educadora que está mais vocacionada para essa área, ela está a fazer o mestrado em intervenção precoce, que atende no domicílio e também a criança quando é mais velhinha um bocadinho vai à escola do 1.º ciclo. Quem se desloca a casa é a educadora, a terapeuta e uma formadora.

E – Quantas vezes por semana?

P – Uma, duas vezes ... em alguns casos três ... depende também depois da possibilidade dos pais os transportarem, porque às vezes vai a educadora, uma vez ou duas, e outra vez ou outras duas vezes, vêm os pais com eles lá

E – Quantos meninos têm?

P – Na intervenção precoce eu julgo que neste momento temos 4 ... eu não tenho aqui os meus dados, mas acho que são 4, de idades diferentes. O mais novinho que temos fez 2 anos há pouco tempo. Está a ser ... está com implante, porque eles agora são todos implantados.

E – Como reagem os pais relativamente à LGP?

P – Estes pais foram bem ...

E – São ouvintes?

P – São ouvintes. Temos uma menina implantada filha de surdos, o que é assim uma raridade. Esses pais aceitam porque a terapeuta que começou

acompanhar o miúdo foi-os preparando, eles quando cá chegaram já vinham numa perspectiva de aceitar e de achar que sim ... mas temos pais ainda muito renitentes porque seguem aquilo que os médicos dizem...em Coimbra onde se fazem os implantes a LGP é completamente proibida.

ESCOLA E5

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA (PLP/E5) DA ESCOLA E5

A – FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A1 – Qual a sua formação de base?

P - Sou licenciada em Línguas e literaturas modernas em inglês.

A2 – É especializada na área da surdez?

P – Não.

A3 – Tem formação específica ao nível de LGP?

P – Tenho a formação que normalmente nós temos aqui.

E – Que tipo de formação?

P – Temos formação dada pelos formadores que são surdos e que dão formação aos professores quando entram.

E – E quantas horas?

P – Normalmente, depende do nosso horário, mas pelo menos duas horas por semana.

A4 – Como considera o seu domínio de LGP?

Consegue comunicar bem com os alunos?

P – Consigo comunicar no que diz respeito às minhas disciplinas, no português e no inglês. Se for uma conversa mais abrangente é possível que tenha mais dificuldades, mas eles normalmente ajudam quando vem que precisamos de uma palavra que não sabemos o gesto, os que fazem leitura labial, por exemplo a turma do 6.º ano faz muito isso.

A5 – Há quantos anos trabalha com alunos surdos?

P – Há cinco anos.

A6 – Há quantos anos trabalha nesta escola?

P – Há cinco.

B – FUNÇÕES E TIPO DE ARTICULAÇÃO COM OUTROS DOCENTES E TÉCNICOS

B1 – Quais as funções que exerce nesta escola no trabalho com alunos surdos?

P – As funções de docente de português e de inglês e apoios.

B2 – Nas suas aulas tem formador / intérprete de LGP?

P – Não, normalmente não temos. Só têm os professores que entram, no primeiro ano.

E – Vocês aqui funcionam com turmas de surdos?

P – Sim...

E - Trabalha directamente com um grupo?

P – De alunos surdos

E – Eles não têm um apoio extra a LP? Todo o trabalho de LP é todo feito consigo?

P – Todo feito comigo. Normalmente, os casos que estão sinalizados, como alunos com maiores dificuldades, têm depois um apoio pedagógico acrescido. Pode ser mais uma hora de português por semana, que poderá até nem ser comigo, se não tiver horário...

E – E nesses caso como articula o trabalho com esse professor?

P – Vamos vendo em que parte da matéria é que eu vou da planificação, quais as dificuldades maiores, mas normalmente passa por texto e interpretação, que é a parte mais complicada para eles...

E – E esse professor nunca está dentro da sala de aula consigo?

P – Não

C – METODOLOGIAS DE ENSINO DE LP

C1 – Que tipo d programa utiliza para leccionar LP aos surdos?

P – Os programas aqui são os programas ditos normais, o que nós fazemos é ... adaptamos. Pego nos objectivos gerais e específicos, nos conteúdos que

vêm e depois vou adaptando mais ou menos de acordo com as dificuldades que eles têm, de acordo com aquilo que eu acho que eles conseguem chegar ...

C2 – Que critérios utiliza na escolha dos manuais? Utiliza os manuais normais?

P – Não, no caso da aluna que é do CEF, nem sequer tem manuais. Os restantes, o 5.º e o 6.º, eu raramente utilizo os manuais, sou eu que faço os materiais...

C4 – Quais as metodologias utilizadas no ensino de LP a alunos surdos? Trabalha como uma segunda língua?

P – Não porque eu tenho muita dificuldade em encarar alunos que são portugueses, que se vão integrar num mundo que não é de LGP, tenho dificuldades em dar-lhes o português como segunda língua. Eu trabalho o português como uma disciplina como trabalhei antes de vir para aqui ...

E – Com os ouvintes?

P – Exactamente...

E – Com as adaptações necessárias?

P – Exactamente, por exemplo se forem textos tiro-lhe os desenhos, porque senão baseiam-se nos desenhos e dão as respostas em função dos bonecos e não em função do texto. Se for outro tipo de conteúdos, faço por exemplo a correspondência entre as imagens e frases. Dou coisas do género das que deu hoje, mas mais pequeninas, para tentar depois daí irem buscar palavras e depois tentarem fazer frases.

E – Este grupo do 6.º ano com que está a trabalhar, todos eles comunicam em LGP?

P – Sim, basicamente sim. Tem um aluno que é parcialmente surdo, que tem oralidade ... e depois há uma miúda que também tem, que se exprime muito bem, mas de uma forma geral sim, eles comunicam em LGP.

E – O nível de competências deles? É mais ou menos idêntico ou há uma diversidade muito grande?

P – Há uma diversidade grande. Até porque já havia alunos com PEI, antes de sair agora a nova legislação, eram alunos que já vinham do 1.º ciclo com PEI, dois pelo menos.

E – estes alunos estiverem sempre aqui na escola?

P – Eu não tenho a ... sei que no 2.º ciclo sim ... não sei se o 1.º ciclo já foi feito aqui, mas eu penso que sim.

D – POSIÇÃO DO PROFESSOR FACE À EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS E À LEGISLAÇÃO ACTUAL

D1 – Na sua opinião a que se devem as dificuldades dos alunos surdos na LP?

P – Isso para mim continua a ser um mistério. Porque quando eu vim para cá, achei que eles não ouviam mas que eu lhes dava um texto e eles liam, e não ... então não consigo perceber ... a ideia que me dá é que não são só surdos, haverá ali mais qualquer coisa associada, porque os alunos ... Há um ou dois alunos, naquela turma do 6.º ano que são relativamente bons e que conseguem, se for um texto, interpretação, mais ou menos, mais linear, conseguem escrever a frase correcta, onde é que foi o menino..., o que foi ... conseguem ... os outros, copiam a perguntam e põem na resposta ou andam no texto à procura das palavras ... não conseguem porque eu tiro-lhes as palavras, não ponho as palavras que estão no texto.

D2 – Como acha que essas dificuldades podem ser minimizadas?

P – Já alguém descobriu essa resposta? ... Como é que eu acho ... Eu acho que tinha de passar por constatar que estes alunos não estão ao nível do 2.º ciclo dos ouvintes, que têm dificuldades muito específicas e depois começar a trabalhar de acordo com as dificuldades que cada um tem. Pode ser um caminho, mas sinceramente não faço ideia ... é uma coisa muito complexa.

D3 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas quais as dificuldades com que se tem deparado?

P – Há questões práticas. Por exemplo a questão que colocou dos manuais. Os manuais estão padronizados, são de do 5.º e do 6.º são ... depois há de vários graus de dificuldade, as próprias editoras, uns são mais acessíveis outros menos ... mas dificilmente ... até porque os textos, vão buscar coisas por exemplo que os alunos não têm ... se falarmos dos barulhos da natureza, do correr do rio ... eles não têm a parte do som, logo aí ... pode-se apelar um bocado, até que ponto eles conseguem imaginar, ou até ... mas não são muito... se bem que eu também não me identifico com aquela ideia de coisas para surdos coisas para ouvintes, acho que não... É como eu digo eles fazem parte do mundo dos ouvintes, eles vão ter que se empregar no mundo do trabalho, o patrão não sabe LGP, os colegas eventualmente também não, portanto tem que haver ali um bocado de cooperação. Eu acho que a dificuldade maior mesmo ... é conseguir ... quando eles me vêm, quando chegam ao 2.º ciclo grande parte deles, não sabe ler ... é muito complicado dar português a alunos que não sabem ler ... é um mistério, eles escrevem, muitos têm uma letra muito bonita, para mim é um mistério porque nós quando aprendemos a ler aprendemos a escrever em simultâneo, é uma coisa par a

par ... com eles não sei como funciona, mas eventualmente é uma coisa distinta. Então é a maior dificuldade que eu tenho, não sabendo ler, dou-lhes um texto com três ou quatro frases que seja, eles não conseguem, não conseguem interpretar, não conseguem responder e vai bloqueando o processo todo ...

D5 – Ao longo do seu trabalho com crianças surdas que mudanças positivas ocorreram?

P – Eu acho que o que tem sido melhorado, tem sido o facto de as pessoas se irem apercebendo de facto que estes alunos são diferentes ... que não são só surdos e nós temos algum espaço de manobra para adaptar as planificações, para fazer, até certo ponto, uma pedagogia diferenciada. Também está a ver, eles este ano são 10, eu tenho 2 muito abaixo daqueles ... a quem faço testes diferentes, ou faço critérios de correcção diferentes. Nós temos alguma liberdade, temos espaço de manobra, também doutra forma não era possível.

...

E – Como é que é feita a avaliação deles?

P – São testes ... normalmente o que eu faço, não faço aquele teste com muita acumulação de matéria, de conteúdos, faço ... no caso do inglês, quando acabo um conteúdo, faço uma ficha. No português em termos de gramática, faço mais ou menos a mesma coisa. Se dou um conteúdo, vou trabalhando com fichas e depois faço uma ficha para avaliação e depois faço aquele teste mais formal, mas faço mais reduzido. Faço texto com parte de interpretação, com um bocadinho do funcionamento da língua, mas também só um bocadinho de cada parte que foi dado e depois a parte da expressão escrita, que é uma parte ... que a maior parte deles, quando fazem oito, dez linhas ...

E – Relativamente às provas de aferição do 4.º e 6.º ano, como funciona nesta escola? Os alunos fizeram?

P – Têm tido sempre. As provas de aferição são iguais. Fizeram com direito a ... este ano é que em principio estamos a fazer o que é necessário para eles não terem ... porque não faz sentido.

E – Quando fizeram, foi igual, tiveram algum apoio?

P – Estiveram com um professor de apoio e com um formador de LGP ... tiveram intérprete.

E – Tiveram mais tempo?

P – Penso que não. No ano passado não era eu que estava com o 6.º, era uma colega, eu estive só na parte de vigilância ... e não tenho ideia se foi mais tempo. Eu acho que não ...mesmo a matemática, eu acho que foi o mesmo tempo...

D6 – Qual a sua opinião sobre o decreto-lei n.º 3/2008?

P – Daquilo que eu vi, eu acho que a parte mais importante é ... acaba por fazer-se uma espécie ... não será bem Mais uma planificação para cada aluno, uma coisa que os conteúdos sejam dados em função daquilo que eles geralmente conseguem fazer e não uma planificação geral. A questão das escolas de referência, aí muito sinceramente, será uma questão se calhar de nomenclatura, por exemplo aqui basicamente há alunos surdos, há turmas, a de 5.º tem surdos e ouvintes, mas maior parte das disciplinas são leccionadas à parte, o EVT, a EF, é que estão em conjunto, portanto no fundo em termos de trabalho, aquilo que nós fazemos já ... EF, EA, AP, EVT ... estão juntos, em LGP se os ouvintes quiserem podem frequentar ...

E – Qual a carga horária da LGP? É igual à da LP?

P – Sim.

E – O que acha disso?

P – Não concordo com o facto de tal ser a primeira língua e o português ser a segunda e o inglês ser a terceira ... não concordo, de maneira nenhuma, e não concordo com o número de horas igual. Não se trata de uma ser mais importante do que a outra, trata-se de que eles são portugueses e se são portugueses, não se podem considerar nunca, sendo o aluno surdo ou não, sendo que a LP é vista, porque é a comparação que feita e vista como o inglês para os alunos ouvintes. Porque os alunos ouvintes são portugueses, não são ingleses, precisam do inglês como um recurso e como uma ferramenta de trabalho. Claros os alunos surdos não, é com o LGP que comunicam, aí estamos todos de acordo, agora considerar o português como segunda língua, para mim é uma aberração, como portuguesa e como professora de português.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O COORDENADOR (CN/E5) DA ESCOLA E5

A – FORMAÇÃO E SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A1 - Qual a sua formação de base?

P – É História.

A2 – Há quantos anos exerce funções nesta escola?

P – Há 10 anos. 9 ou 10, não tenho a certeza...

E – É especializado na área da surdez?

P – Sou especializado.

A3 – Qual o seu papel nas questões relacionadas com a educação de surdos?

P – Eu aqui estou como coordenador da unidade da investigação. Estou também como professor de História de Arte.

E – A que nível?

P – Secundário. 10.º, 11.º e 12.º.

B – CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

B1 - Há quantos anos esta instituição tem alunos surdos?

P – Há quantos anos ... desde 1823 que tem alunos surdos.

B2 – Ao longo dos anos como tem sido feita a integração dos alunos surdos nesta escola?

P – Até ao oralismo, durante o tempo do oralismo só havia alunos surdos. A partir de 90, 94, penso eu é que começaram a surgir os alunos ouvintes, exactamente com a ideia da integração na altura ... mas aí os alunos surdos e ouvintes estavam todos dentro da mesma sala. Não é o mesmo modelo que nós temos hoje. Neste momento estão separados nas disciplinas positivas, em que se trabalha com a língua, eles estão separados. Depois estão juntos novamente nas disciplinas técnicas, nas práticas.

E – Em EVT, EF ...

P – Aqui temos outros ... tem CADE, tem várias disciplinas práticas, tem outras disciplinas porque são cursos ligados à arquitectura, tecnologia, recuperação de espaços estão juntos, CADE que é um programa informático ligado à arquitectura também estão juntos. Só mesmo nas disciplinas positivas ...

E – No 2.º ciclo as disciplinas são as mesmas?

P – São as mesmas, com a diferença que ainda têm a prática tecnológica ... no 2.º ciclo tem azulejaria ... acho que só tem mesmo azulejaria à parte da parte prática ... mas tem EVT e as disciplinas normais.

B3 – Quantos professores trabalham nesta escola?

P – Com alunos surdos, talvez 50.

E – São especializados?

P – Não, vou montar para o ano um curso de especialização, uma pós graduação, em parceria com a Universidade Católica, para formar o resto das pessoas que faltam ... enfim, acho que há mais especializados no instituto do que na maioria das escolas do Ministério da Educação (ME). No entanto não é suficiente.

E – E ao nível da LGP, todos os professores tem formação?

P – Nós temos formação interna. Não é creditada. A única que é creditada é na APS. Eu por exemplo tenho o curso de nível 1, 2 e 3 da APS, mais os cursos daqui, mas nosso precisamos desses curso para podermos leccionar, porque há uma avaliação da APS para certificar quem pode ou não pode dar aulas a surdos.

E – E esses professores que são agora colocados?

P – Não há critério nenhum. São colocados como qualquer um de nós é colocado. Concorre à CP e se for opositor ao ensino de surdos, são colocados no instituto.

E – Eles são colocados pelo Ministério da Educação?

P – Há os requisitados, alguns são requisitados. O instituto requisita professores do ME, só isso é o último ano que vai acontecer. Vão ter que voltar todos para a escola de origem. Por isso só pessoas que concorre especificamente para a CP é que podem ficar no instituto. Claro que depois tem critérios. É assim ... horas de LGP, se são especializados ou não, tudo isso depois obedece a uma graduação ... o problema é que os especializados e pessoas com LGP nunca cobrem as vagas que necessitamos. São colocadas cá ... há pessoas como aquela colega que não fez a entrevista, que fica cá um ano e vai-se embora, o que é uma estupidez porque muitas vezes damos formação a estas pessoas ... ainda em Setembro estava a dar aqui uma formação, no fundo é uma sensibilização, durante um ou dois meses, depois tem cursos de LGP e depois vão-se embora. A casa está a gastar ...

E – As pessoas que chegam aqui à escola sem formação nenhuma quantas horas de LGP têm?

P – Eles têm duas vezes por semana, todo o ano lectivo ... mas a formação não é suficiente, porque a formação neste momento tinha de ser uma formação por áreas disciplinares, por causa do vocabulário. O que as pessoas têm é formação, cão, gato ...o básico ... a comunicação não é suficiente. Mas temos depois um problema que é o vocabulário específico, que é isso que nós estamos a trabalhar em força ... O que eu defendo é que os formadores e os intérpretes comecem-se a especializar por áreas, porque senão tinham de ser génios ... imagine o que é dominar um vocabulário, todo de todas as disciplinas, é impossível ...

Vou-lhe mostrar o que nós estamos a fazer ... nós estamos no fundo a criar glossários, estamos a criar para todas as disciplinas, por exemplo ... Estou a fazer um levantamento dos principais conceitos de História ... para o 7.º ano. Imagine, tem o gesto de milénio, tem o gesto e depois a explicação do que é o gesto. A lógica é fazer isto desde o 1.º ciclo até ao ensino secundário, com base nisto ainda estamos ... está a ver o que ainda temos de fazer ... Eu também estou a trabalhar com ... lá no Porto por causa do “spread the sign”, há aqui muita coisa que estamos a tentar cruzar ... porque a ideia seria não criar um glossário para o J, para outra escola, ser uma coisa ... claro que isto é uma coisa que tem depois ser confirmado pela APS, é essa a lógica.

E – Além dos formadores e dos intérpretes que outro tipo de técnicos especializados tem aqui a trabalhar?

P – Temos terapeutas da fala, temos psicólogos, assistentes sociais, temos pessoas da unidade de formação e integração profissional, que faz o acompanhamento dos alunos, temos intérpretes, professores de LGP, professores especializados e não especializados e as pessoas normais de uma escola que tem formação em LGP.

B6 – Qual o procedimento de colocação destes profissionais? É por concurso?

P – Neste momento é ... a não ser as pessoas que são do quadro ... não tem de concorrer.

E – Os terapeutas, intérpretes e formadores não têm quadro?

P – Neste momento não ... mas está-se a tentar criar quadro na CP para eles.

C – POSIÇÃO DO PROFESSOR FACE À EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS E À LEGISLAÇÃO ACTUAL

C1 – Considera que esta escola reúne as condições necessárias para a integração dos alunos surdos?

P – Sim, sim.

C2 – Qual a sua opinião sobre o decreto-lei 3/2008?

P – A minha percepção? ... É assim eu fui coordenador daquela formação que o ministério deu, sobre especialização ... é assim eu acho que a CIF continua ser feita muito sobre o ponto de vista médico e há ali questões que eu acho tem de ser afinadas. Eu acho que é uma coisa boa, nós termos uma referenciação, saber os alunos que temos à frente, acho que é óptimo. Agora o problema, é assim os testes psicológicos, não há testes feitos para alunos surdos, são feitos para ouvintes e o que há muitas vezes é uma tradução para LGP, só que aquilo ... a referência continua sempre a ser o ouvinte, ou seja há

o deficiente e há a referência padrão que é o ouvinte e eu acho que não podem ser assim. Há testes psicológicos já feitos para surdos em várias escolas da Europa que podem ser aplicados cá que não tem problema nenhum.

E – E relativamente às escolas de referência?

P – Acho que são demasiadas para Portugal. Acho que nós para aplicar o ensino bilingue três quatro escolas em Portugal chegavam porque concentrávamos os alunos todos. Podiam-se criar turmas de alunos surdos. Agora isso é um bocado incompatível, com a visão das famílias, é complicado. Teoricamente defendia que só devia haver três, quatro escolas em Portugal de surdos, afectivamente ... se eu tivesse um filho surdo queria que ele estivesse ao pé de casa.

E – As turmas de surdos têm uma população muito diversificada? Acha que é possível trabalhar assim?

P – Por isso há menos alunos por turma. Nós aqui o máximo de alunos que temos por turma são 12. Eu acho que nós conseguimos dar aulas a 12 miúdos que estejam em patamares diferentes. As pessoas tem de ser formadas para isso, tem de ter formação, por isso tem de saber o que estão a fazer. Foi o que eu lhe disse de manhã, é a questão dos programas bilingues que têm de ser aplicados e não o ensino bilingue que quanto a mim está completamente obsoleto ... já não há um modelo bilingue, há vários programas bilingues, consoante o aluno adquiriu a LGP precocemente, tardiamente, que problemas tem associados, como é a questão da família, esses aspectos tem de ser considerados ... inclusive os implantes cocleares... a partir daí, consoante o miúdo nós aplicamos o modelo bilingue que poderá ser mais indicado ...

O problema do 3/2008 é enfiar tudo numa turma ... mas lá está é quase um contra-senso, estão a fazer uma referenciação, é exactamente para diferenciar o ensino ... O problema é o 3/2008, não acho que esteja mal feito, acho que está bem feito, o problema é que toda a gente se esqueceu das respostas que as escolas têm de dar à referenciação ... a referenciação tem aqueles ajustes que se tem de fazer, mas o problema é como é que se vai aplicar isso ... como é que as escolas vão dar resposta a isso ... e depois é assim, a maioria das pessoas que eu conheço, por mais formação que tenham, continuam a falar daquele bilinguismo que está completamente caduco, uma coisa que foi importante para afirmar a LGP como língua mas ainda não se saiu daí... e eu acho que esse é que é o problema...

C3 – Ao longo dos anos, perante a integração das crianças surdas, quais as dificuldades com que se tem deparado?

P – Vocabulário, essencialmente, vocabulário e o ensino do português como segunda língua ... e também uma coisa muito complicada é a resistência das pessoas à mudança. As pessoas não aceitam e continuamos ainda a viver, duas coisas muito ... eu acho que continuam a ser mal feitas, temos o oralismo por um lado e temos LGP por outro, e uma coisa tem coisas boas e outra tem

coisas más ... tem que se criar aqui... porque nós temos agora os IC e temos que gerir um bocado estas coisas. Temos de deixar de passar ... eu pertenço a esta equipa ou à outra, e começar a dar resposta aos alunos surdos e não tão preocupados com as metodologias ... mais este aluno precisa do acompanhamento x ... tem que se usar as formas ou as metodologias que estão ao serviço do miúdo e não ao serviço dos teóricos e das pessoas.

C4 – Ao longo dos anos, perante a integração de crianças surdas, que mudanças positivas ocorreram?

P – Deixe-me só mostrar-lhe isto, isto são alguns programas bilingues que existem, nós temos de transição, de imersão, de manutenção, da língua herança cultural, ... o do regular. Isto são alguns programas que podemos aplicar, consoante a referenciação que temos. Só que cá em Portugal não ainda não estamos nisto ...

E – Na sua opinião o que é que podia ser feito para melhorar a educação dos alunos surdos?

P – A investigação - acção, principalmente no ensino de português como segunda língua para surdos. Acho que esse era o grande investimento, eu acho que a LGP está a ter uma evolução óptima, pelo menos no instituto, acho que estão aqui criadas muito, muito boas condições e mesmo pessoas de fora que têm vindo e têm aplaudido esse trabalho, tem se feito um trabalho óptimo e é continuar a deixar esse trabalho a evoluir. O problema continua a ser o ensino do português como segunda língua a surdos. E aí tem que se investigar, tem que se aferir, tem de haver uma grande ligação entre a investigação e a sala de aula e as pessoas não podem estar a investigar sem continuarem a ser professores, esse é o grande perigo que existe em Portugal. Porque acho que por aí conseguimos trabalhar ... agora vamos ver, não podemos é estar a seguir uma metodologia cada um de nós. Tem de haver uma metodologia geral à escola, uma pessoa tem uma metodologia, outra tem outra ...

E – Um dos aspectos com que falei com a outra colega, foi relativamente ao programa de LP para alunos surdos...existe para o secundário, mas para os outros ciclos não existe...

P – Estão a criar agora ... acho que estão a criar mesmo desde o 1.º ciclo ... as pessoas que o estão a fazer também não acredito que dê grande coisa pelo simples motivo que elas nunca deram aulas a surdos, são pessoas de gabinete. Tem que ser feito por quem sabe. Primeiro tem que saber o que é um surdo, o que é uma comunidade surda. Depois perceber como é que o nosso cérebro organiza a língua gestual, como se organiza a língua oral ... os estudos do Beluggi e do Klima nos EUA de oitenta e tal e de noventa, enfim ... tenho muitas reticências ... muito generalista ...

E – As metodologias em cada sítio são diferentes, cada um trabalha ...

P – Isso é que não pode acontecer, até porque acontece, nós temos um professor que dá ... até domina a LGP, dá aulas em LGP, o outro faz só uns gestos, o outro só escreve, outro oraliza ... e o problema é este, nós temos que ter um modelo que se implemente desde a pré-escola até ao secundário, que se aplique durante cinco anos, porque eu acho que menos que isso não tem resultados, ao fim desses cinco anos avalia-se. Em Portugal faz-se as coisas e nunca se avalia nada. Eu acho que cinco anos dá para avaliar, dá resultado dá resultado, não dá muda-se ... aproveitar o que está bem e a partir daí evoluir ... mas tem que ser toda a gente a funcionar da mesma maneira. Porque se há um que se lembra de inventar uma coisa, outro inventa outra ... não há ... mesmo os próprios miúdos ficam completamente baralhados...

E – Como tem funcionado as provas de aferição para os alunos do 4.º e 6.º ano? Não têm sido adaptadas? Não tiveram dispensa?

P – Não, são simplificadas. São provas adaptadas pelos professores de departamento de LP

E – Isso é ao nível do 3.º ciclo ... mas eu estou a referir-me às do 4.º ano e do 6.º...

P – Não sei... não tenho estado ... eu para o ano vou ficar como coordenador do ensino bilingue desde a pré-escola até ao secundário e então aí, já vou ter que saber e há aqui coisas que vão ter de mudar. Porque há aqui uma coisa que eu defendo. Nós continuamos a falar, e o 3/2008 fala, e na sua tese vai falar e toda a gente fala, a LGP é a língua materna dos alunos surdos ... quem é que os avalia na língua materna, ninguém. Avalia-se o quê ... na segunda língua só ... os conhecimentos são sempre avaliados, eu defendo é que haja uma avaliação 50% na língua materna e 50% na segunda língua e a partir daí eles têm uma média. Agora isto é o mesmo, estar aprender ... a minha língua materna é o português e estou a ser avaliado em Russo que é a minha segunda língua. Isto é um contra senso, contradiz tudo, por isso eu acho que eles têm de ser avaliados em LGP

E – Eles, aqui, são avaliados em LGP?

P – Eles são avaliados na disciplina de LGP, na minha disciplina e na da M, em língua gestual e escrita

E – E nas outras?

P – A maioria das pessoas não fazem. Isto é o que nós gostaríamos que fizessem... se nós defendemos que é a língua materna deles, não faz sentido continuarmos a avaliar só na segunda língua, é um disparate ... então não defendam que é a língua materna deles e avaliem só em português. Tem que se tomar uma posição, se é a língua materna, eles tem de ter avaliação também em língua materna. Eu tenho “n” de estudos feitos, os alunos em língua gestual tem avaliações que demonstram claramente que eles dominam

“n” vocabulário, por exemplo de história, mas se eu os for avaliar na LP, aquilo é 1 valor, 2 valores ... eu não posso por exemplo estar só a fazer isto, é um crime ...

E – Depois nos exames finais isso também ...

P – Tem que ser ... eu acho que nós temos que ir por aí ... ou então não defendam. Quer dizer em qualquer país civilizado onde há escolas de surdos há muito tempo, eles são avaliados. Mesmo na faculdade são avaliados em língua gestual ... agora é assim, isso é um problema político e de condições

E – Relativamente à carga horária da LP e da LGP?

P – É igual, neste momento é igual.

E- Não acha que eles precisam de mais horas de LP atendendo às dificuldades e às lacunas que eles têm?

P – Não, eu não acho. Eu acho que eles precisam essencialmente de oficinas de leitura e de escrita. Eu acho que nós temos muita actividade ... eu não digam que eles não necessitem de muitas actividades ... mas como têm este problema da LP, eu acho que algumas actividades que podem ter lugar ou noutra sitio ou mais tarde porque acho que eles têm de trabalhar muito leitura e escrita. Eu acho que isso tem de ser a grande aposta e há muitos clubes que acham que funcionavam como oficinas de leitura e escrita ... senão pode cair no erro de começar em história dar LP, em ciências dá LP e eles deixam de aprender os conteúdos. Acho que esse apoio da LP, com as mesmas horas sim senhora mas criar várias coisas de apoio à leitura e à escrita, porquê ... porque vai ter alunos com necessidades diferentes ... logo nós resolvíamos isso com as oficinas de leitura e escrita porque conseguíamos ter em classe de apoio à leitura e à escrita ... dentro da escola no horário ... até porque eu acho que o currículo deles devia ser completamente adaptado. Há disciplinas que não lhe fazem falta nenhuma pelo problema que tem na leitura e escrita ... se eles couberem ler e escrever, tem acesso depois a toda a informação que quiserem. Agora enquanto não souberem, quer dizer é estar a dar-lhes conteúdos que eles estão-se nas tintas, quando problema deles é que eles querem ler e escrever, porque quando são mais velhos vêm nos exigir isso. Quando eles saem da escola, eles vêm dizer, a escola não nos ensinou ler e escrever e agora nós temos essas falhas. Portanto o grande investimento é esse ... mas não dentro do currículo, mas sim como actividades paralelas a funcionar na escola. Eu acho que isso era o ideal. Claro que os professores têm de saber ensinar o português como segunda língua, que não sabem, a maioria das pessoas. Mesmo os professores de português o que é que dão, dão aulas de português primeira língua a surdos. Não pode ser, têm que dar LP como segunda língua, e eu acho que isso todos os professores que trabalham com surdos, no estado em que está o português para surdos, todos os professores seja de que área for deviam ter formação de português como segunda língua porque eu acho que isto tem de ser transversal às disciplinas

... mesmo os professores das disciplinas práticas precisam às vezes de ajudá-los a interpretar textos, sobretudo quando é preciso interpretação e as pessoas têm de ter essa formação. Eu acho é que não há ninguém que a dê em Portugal, isso é o problema...

E – Isso é uma coisa que pode vir a melhorar?!

P – Eu acho que chegamos lá. Eu acho que isto já evolui imenso. Eu conheço surdos desde que nasci, a minha mãe era professora de surdos, também aqui no J, e a diferença entre um surdo de antigamente e de hoje, não tem nada haver. Agora, é o que eu lhe digo, relativamente ao LP a diferença é muito pouca ... ainda está pior, está pior porque temos o problema daquilo que lhe falei da inter língua, é uma coisa que não é peixe nem é carne. Eu acho que as duas línguas têm de estar separadas, ensiná-las separadamente, não tem de estar separadas ensiná-las separadamente...

ANEXO 3 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

COORDENADORES

CATEGORIA A – Formação / Funções

ENTREVISTADOS	CN/E1	CN/E2	CN/E3	CN/E4	CN/E5
DIMENSÕES / FUNÇÕES					
1 - Formação de base / especial	<p><u>Licenciatura em História</u> ... com <u>muitos cursos de formação</u> ... fiz para aí mais de cem formações ... mesmo na <u>língua gestual</u></p>	<p>... professor <u>titular do grupo 920, professor de surdos</u></p>	<p><u>Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas de Português/Francês</u>, <u>Especialização em Educação Especial do grupo 910</u>. Sou professora do Quadro do Especial</p>	<p>Minha formação de base inicial é <u>1.º ciclo</u>. Eu tenho habilitações também, porque fiz outra formação para dar TIC, mas nunca dei. No 1.º ciclo trabalhei dois anos em linha anos de serviço, dedicados 28 ans surdos... <u>Tenho especialização na área de surdez</u></p>	<p>É História... Sou especializado</p>
2 - Experiência no trabalho com alunos surdos	<p>(está na escola) ...há 30 anos, desde que abri <u>...professora de português, fui professora de uma disciplina que se chamava estudos sociais, fui professora de história e durante muitos anos ... tenho sido coordenadora dos professores que dão apoio ... que trabalham com alunos surdos...</u> com anos de experiência de surdos</p>	<p>... Tenho 29 anos de serviço, seguramente 25 dedicados a educação especial mas nesta escola só estou há 3 anos... além de <u>coordenador de departamento ... o coordenador de resposta educativa aos alunos surdos</u>, o meu papel é mais um papel de dinamizador, de facilitador ... trabalho com os alunos do 7.º ano e dos CEF. No 7.º ano trabalho a LP <u>como língua segunda em grupos de alunos surdos</u> que são 7 ... e depois ... acompanhamento também às turmas onde estão os alunos surdos, nomeadamente a LP... depois a qualquer outra disciplina que a qualquer momento por um motivo qualquer possa ter dificuldades, também fazemos <u>acompanhamento na própria turma...</u></p>	<p>Sou <u>coordenadora de Educação Especial</u> (há 3 anos). No que diz respeito aos alunos surdos, são as colegas do grupo 920 que organizam.</p>	<p>(trabalho nesta escola) ...há 12 anos, desde que ela abriu... <u>Sou coordenadora, leciono o português como segunda língua e dou apoio a alunos que estão integrados...3.º ciclo</u>.</p>	<p>Há 10 anos (trabalho com surdos). Eu aqui estou como <u>coordenador da unidade de investigação</u>. Estou também como <u>professor de História de Arte... Secundária</u>.</p>

CATEGORIA B – Caracterização da Instituição

CATEGORIA C – Respostas educativas à surdez na própria escola

ENTREVISTADOS	CN/E1	CN/E2	CN/E3	CN/E4	CN/E5	
CATEGORIAS / SUBCATEGORIAS						
C - RESPOSTAS EDUCATIVAS A SURDEZ NA PRÓPRIA ESCOLA						
1 - Condições da escola para educação de surdos	<p>...até este momento eu acho que linha as condições a nível de espaço, nós temos um pavilhão diferenciado para os alunos surdos, mas se vierem uma grande quantidade de alunos surdos para além daquele número aceitável, por exemplo com alunos, vai ser complicado... temos que fazer... uma reapreciação do espaço que temos... neste momento a população surda começa atingir um número um bocadinho superior aquilo que era normal.</p>	<p>...acho que esta escola reúne as condições muito mais para além desta integração, eu penso que esta escola teria condições para poder desenvolver e penso que com sucesso... falando agora de surdos daqui agora a que vulgarmente denominar que é a educação dos alunos surdos no âmbito de um projecto bilíngue que nós de facto... é assim, não posso dizer que linhamos mas não posso dizer que não linhamos, linhamos formadores, linhamos... nós linhamos era um trabalho para uma educação bilíngue, nós sempre tivemos turmas de surdos a LP no 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º ano... nós provavelmente temos as mesmas condições ao longo dos tempos e eventualmente creio que poderíamos criar o nosso projecto bilíngue nós temos essa consciência...</p>	<p>Em termos de professores de apoio sim. Falta-nos intérpretes e formadores de LGP. Relativamente a recursos materiais estamos bem.</p>	<p>As condições totais não... as ideais não. Nós debatemo-nos com uma grande falta de espaço... Há ainda muito trabalho a fazer, precisamos de espaço. Formação que tem de ser dada aos professores, embora nós já tenhamos aqui um grupo de professores ditos de ensino regular, já com muita formação... Acho que vamos tendo boas condições, nós queremos mais é óbvio... Um dos meus sonhos era criar um grupo de teatro com os miúdos surdos mas não temos espaço...</p>		
2 - Dificuldades existentes	<p>As dificuldades, o grande problema... a minha experiência... é a falta de competências que os alunos trazem... a criança surda tem que ter uma intervenção precoce, se for feito isso ao desenvolverem o português conjuntamente com a LGP... há surdos que os seus pais por qualquer razão, eram ouvintes e recusaram-se a que o seu filho aprendesse LGP, eles fazem uma aprendizagem inter via da LGP, eles quando vêm para aqui também trazem não dificuldades na língua portuguesa mas também na LGP... sem intervenção precoce é impossível e além do mais o grande problema do surdo, para além de não dominar minimamente a língua portuguesa, depois vai ser avaliado na língua portuguesa, o que eu acho um contra senso... tenho vindo a pugnar pela avaliação do aluno surdo em LGP ao avaliarmos em trabalhos escritos em língua portuguesa o aluno fica em desvantagem e portanto há que fazer uma reflexão sobre este aspecto.</p>	<p>...O domínio da LGP por parte dos professores do regular. Os professores, funcionários e os colegas deviam ter conhecimentos de LGP. Era bom haver formação de LGP para os colegas ouvintes, para assim os surdos estarem mais integrados. O facto de neste momento não terem intérpretes nem formadores de LGP implica que os PEE têm de estar na sala de aula para substituir o intérprete/formador de LGP. Esse não é a função desses docentes. Nessas horas deviam de poder estar na sala de apoio a dar os apoios individuais... ..</p>	<p>...O domínio da LGP por parte dos professores do regular. Os professores, funcionários e os colegas deviam ter conhecimentos de LGP. Era bom haver formação de LGP para os colegas ouvintes, para assim os surdos estarem mais integrados. O facto de neste momento não terem intérpretes nem formadores de LGP implica que os PEE têm de estar na sala de aula para substituir o intérprete/formador de LGP. Esse não é a função desses docentes. Nessas horas deviam de poder estar na sala de apoio a dar os apoios individuais... ..</p>	<p>A maior dificuldade dos surdos, e essa ainda não se conseguiu resolver, é a literacia do português, é muito complicado, muito complicado trabalhar o português com eles porque... mesmo trabalhado com a dinâmica de uma língua estrangeira, a estrutura da LGP é sempre a que surge, e o que surge na escrita espontânea deles... eu já não estou a falar da oralidade, estou a falar mais da escrita é muito complicado. E penso que, aí reside talvez o maior "handicap" do surdo. Se o surdo conseguisse escrever como um ouvinte... A falta de literacia no português vai depois reflectir-se em todo o processo educativo em todas as disciplinas, e muitas vezes se não temos o cuidado de adequar a linguagem em todas as disciplinas, com os insucessos...</p>	<p>Vocabulário, essencialmente, vocabulário e o ensino do português como segunda língua... e também uma coisa muito complicada é a resistência das pessoas à mudança. As pessoas não aceitam e continuamos ainda a viver duas coisas... eu acho que continuam a ser mal felizes, temos o realismo por um lado e temos LGP por outro, e uma coisa tem coisas boas e outra tem coisas más... tem que se criar aqui... porque nós temos agora os IC e temos que gerir um bocado estas coisas. O problema continua a ser o ensino do português como segunda língua a surdos... não podemos e estar a seguir uma metodologia cada um de nós... nós temos um professor que dá... até domina a LGP, dá aulas em LGP, o outro faz só uns gestos, o outro só escreve, outro oraliza... e o problema é este...</p>	
3 - Mudanças mais acontecidas	<p>...há mudanças eu acho que o facto de terem trazido, de virem os técnicos, isso foi uma grande mudança... foi uma lança positiva as pessoas compreenderem que se pode comunicar melhor e ensinados melhor se souberem LGP... acho muito mais positivo a presença dos formadores... o formador é uma ponte muito mais imediata com o aluno, portanto a presença do formador na sala de aula... acompanhando a aula... é bom... não só para a comunicação ser mais completa e também para o próprio formador que no futuro eventualmente o poderá vir a ser um professor</p>	<p>Ah, muitas... acho que sim, aliás não tem comparação... a todos os níveis, a nível dos próprios alunos, importantíssimo das próprias famílias... dos próprios órgãos de gestão, dos próprios professores do regular e da própria sociedade em geral... as coisas até aí evoluíram imenso do ponto de vista de tecnologia, do ponto de vista tudo, tudo dos pais, do ponto de vista da LGP... das associações representativas dos surdos, até eles do ponto de vista de mentalidade de discurso evoluíram...</p>	<p>... Tenho poucos anos de trabalho com alunos surdos. Este ano lectivo as mudanças nesta escola, pelo contrário, não foram positivas...</p>	<p>Sem dúvida nenhuma a colocação de técnicos, foi fundamental, o terem os formadores para aprenderem LGP, porque a maior parte deles são filhos de ouvintes e não a aprenderam espontaneamente e utilizavam códigos muito restritos, muito pobres para comunicarem entre eles. Os intérpretes, foi excelente e também os terapeutas e o facto de fazerem parte da equipa de trabalho de estarem connosco sempre, de reunirmos em conjunto, podermos trocar sempre opiniões, fazemos os programas em conjunto. É esse o aspecto que eu acho que foi o grande salto qualitativo</p>	<p>...eu acho que a LGP está a ter uma evolução ótima, pelo menos no Instituto, acho que estão aqui criadas muito, muito boas condições e mesmo pessoas de fora que têm vindo e têm aplaudido esse trabalho, tem-se feito um trabalho ótimo...</p>	

(continuação)

ENTREVISTADOS	CN/E1	CN/E2	CN/E3	CN/E4	CN/E5
CATEGORIAS / SUBCATEGORIAS					
C – RESPOSTAS EDUCATIVAS A SURDEZ NA PRÓPRIA ESCOLA					
4 – Aspectos a melhorar	<p>Deviam ser feitas milhares coisas investir mais na intervenção precoce, depois tem de ser um acompanhamento ... não se pode pensar que uma criança surda profunda pode deixar de ser acompanhada por um técnico, pelo menos o técnico tem que estar sempre presente porque ele é que sabe como deve falar com a criança, como deve trabalhar para levar a verbalizar e até compreender também... acho que é muito importante o técnico ... o técnico pode ser o traapeuta da fala, são vários técnicos eu acho ... pode ser o intérprete, podem intervir todos... insistir nas tarefas precoces tentando que o vocabulário do aluno, o vocabulário activo e o passivo se desenvolva de maneira harmoniosa, mais ou menos equivalente à idade em que as pessoas ouvintes tem esse desenvolvimento... acho é que deve ser uma grande luta para tentar que a criança surda tenha acesso ao uma criança ouvinte tem pelas informações que passa quase espontaneamente ... os técnicos são necessários para colmatar essas dificuldades: fazer junto dos pais um trabalho muito intenso que é os pais que não são surdos que tem um filho surdo, não sabem como lidar com ele e depois vão cometer muitos erros, desde erros ao nível do desenvolvimento harmonioso da criança. Se os pais forem ajudados, orientados se houver um trabalho contínuo, que tem de ser feito por pessoas especializadas, que sabem o que é um surdo, como se ajuda, etc. eu acho que isso é muito importante... E esta acção conjunta nas idades precoces, ainda não é a escola mas são os técnicos, mas depois a escola, os técnicos, a família e os professores eu acho que é muito importante... devemos pôr de parte aquela atitude misabilista de cuidadoso e surdo... eu acho que a criança tem direito de ter acesso às lendas, às histórias, aos contos, às notícias, a tudo que nos envolve... a escola deve investir intenso nisso ... é a oportunidade única de os alunos se desenvolverem</p>	<p>o que eu penso que podia ser feito era, as pessoas que neste país decidem estas políticas, antes de pensarem que sabem que refletem mais, reflectam, e então depois que decidam ... os exemplos que nós temos de fora por si não justificam determinadas mudanças só porque correm bem fora... para a coisa melhorar é a reflexão, não um reflexo indeterminada</p>	<p>...lutas de surdos reduzidas nesta escola. A intervenção precoce é o primeiro passo. A formação da comunidade escolar e para os pais, pois estes também não sabem com os seus filhos. No projecto de escola está previsto aulas de LCP, mas nunca foi conseguido por causa da incompatibilidade de horários e número reduzido de horas dos formadores... Tem de haver uma metodologia geral à escola,</p>	<p>Olha criar os programas de português segunda língua, dar mais formação a quem está a leccioná-la, e também ... eu não sei se ... precisamos de professores de LCP com mais formação ... Os docentes de LCP, os futuros docentes de LCP deviam ser pessoas com outra literacia ... Há aí ainda um trabalho grande a fazer e que eu acho que daqui a umas décadas, se calhar quando nós já não estivermos no ensino, as coisas vão melhorar.</p>	<p>Temos de deixar de pensar ... eu pertenço a esta equipa ou à outra, e começar a dar resposta aos alunos surdos e não tão preocupados com as metodologias ... mas este aluno precisa do acompanhamento x ... tem que se usar as formas ou as metodologias que estão ao serviço do aluno e não ao serviço dos técnicos e das pessoas... É aí tem que se investigar, tem que se afixar, tem de haver uma grande ligação entre a investigação e a sala de aula e as pessoas não podem estar a investigar sem continuarem a ser professores, esse é o grande perigo que existe em Portugal... acho que por aí conseguimos trabalhar ... nós temos que ter um modelo que se implemente desde a pré-escola até ao secundário, que se aplique durante cinco anos, porque eu acho que menos que isso não tem resultados, ao fim desses cinco anos avalia-se... Eu acho que eles precisam essencialmente de oficinas de leitura e de escrita... eu acho que o currículo deles devia ser completamente adaptado. Há disciplinas que não lhe fazem falta nenhuma pelo problema que tem na leitura e escrita ... se eles souberem ler e escrever, tem acesso depois a toda a informação que quiserem...no estado em que está o português para surdos, todos os professores seja de que área for deviam ter formação de português como segunda língua porque eu acho que isto tem de ser transversal às disciplinas ... mesmo os professores das disciplinas práticas precisam às vezes de ajudá-los a interpretar textos, sobretudo quando é preciso interpretação</p>

CATEGORIA D – Directrizes da educação de surdos

ENTREVISTADOS	CNE1	CNE2	CNE3	CNE4	CNE5
<p>CATEGORIAS / SUBCATEGORIAS</p> <p>D - DIRETRIZES DA EDUCAÇÃO DE SURDOS</p> <p>1 - Legislação actual</p>	<p>...minha opinião é que está muito bem... eu só acho mal que se reconheça para os alunos surdos todas as aulas diferenciadas, não concordo com isso. Acho que os alunos deviam estar nas aulas de carácter prático estavam muito bem em integração plena, eles funcionam muito bem. Nas disciplinas técnicas acho bem que funcionem assim porque eles tem outro ritmo precisam de ... de mais tempo para aprender as coisas que os outros aprendem e na educação física na educação tecnológica não se justifica que estejam em turmas separadas... achamos aqui na escola que cada caso é um caso e por isso ... analisávamos os alunos e quando víamos que eles tinham possibilidades de funcionar numa turma de ouvintes com apoio, funcionava... neste momento passou-se para um radicalismo, quer dizer os alunos são obrigados a estar em turmas separadas mesmo que nós não concordemos com isso e isso é mau porque alunos que apesar de serem surdos, não tem mais qualquer outro problema, que são super inteligentes, que estão muito bem preparados ... claro são casos excepcionais... mas que poderiam funcionar em turmas de ouvintes ...</p>	<p>...o decreto 3/2008... tem inmensas vantagens com as quais eu realmente concordo... nós nunca concordamos em absoluto com uma lei... é da forma como eu olho para o 3/2008, na parte concreta relativamente aos surdos eu continuo a dizer assim... não digo nada sobre o 3/2008, eu aqui o que posso dizer é que havia uma legislação que era o 7520 que sendo aperfeiçoado, porque como sempre as coisas no tempo vão tendo algum desgaste era uma boa legislação...</p>	<p>...As escolas de referência são uma boa ideia. Agora é preciso mais escolas para dar respostas aos alunos que vivem nestas áreas. Os pais queixam-se que os alunos perdem muito tempo nas deslocações quando eles precisam de trabalhar mais do que os ouvintes. Está bem pensado mas não está pensado para todos os alunos. O facto de alguns alunos terem de sair de casa muito cedo sózinhos não é boa ideia....</p>	<p>Eu concordo com as escolas de referência... Eu acho que a população surda, os alunos surdos têm de ser tratados de uma forma completamente diferente das outras necessidades educativas. Tem de ter a sua comunidade linguística, tem que ter os intérpretes, tem que ter estes técnicos, portanto só juntando-os e dando-lhes o destaque e valor que eles merecem...o grande erro do decreto 3 é ter acabado com a figura do formador de LGP. Para mim faz sentido que exista o docente de LGP e esse pode ser ouvinte, tal como foi naquela correcção de Vião. O formador, como mediador cultural, modelo de surdo adulto tem de ser um surdo e portanto acho que devíamos ter as duas situações. Quanto ao resto eu acho que ele decaia um bocadinho o Despacho 7520, não há grandes diferenças substanciais porque continua a ser passível a integração total, continue... há pessoas que acham que não... o oralismo continua a ser respeitado naqueles que podem, não é imposto a quem não podem... Quanto aplicação da CIF em relação aos surdos, ela é pouco provável... a lei não nos obriga a nada, não obriga a integrar, não obriga... as pessoas às vezes fazem leituras muito rígidas da legislação. A minha não é assim, eu acho que há abertura e que há possibilidade de escolha nesse sentido.</p>	<p>Acho que são demasiadas para Portugal. Acho que nós para aplicar o ensino bilingue três quatro escolas em Portugal chegavam porque concentrávamos os alunos todos. Podiam-se criar turmas de alunos surdos. Agora isso é um bocadinho complicado. Teoricamente defendia que só devia haver três, quatro escolas em Portugal de surdos, afectivamente... se eu tivesse um filho surdo queria que ele estivesse ao pé de casa. O problema do 3/2008 é enfiar tudo numa turma...mas lá está é quase um contra-senso; está a fazer uma referenciação, é exactamente para diferenciar o ensino... O problema é o 3/2008, não acho que esteja mal feito, acho que está bem feito, o problema é que toda a gente se esqueceu das respostas que as escolas têm de dar à referenciação... a referenciação tem aqueles ajustes que se tem de fazer, mas o problema é como é que se vai aplicar isso... como é que as escolas vão dar resposta a isso... e depois é assim, a maioria das pessoas que eu conheço, por mais formação que tenham, continuam a falar daquele bilinguismo que está completamente caduco, uma coisa que foi importante para afirmar a LCP como língua mas ainda não se saiu daí... e eu acho que esse é que é o problema....</p>

DOCENTES LP / PEE

CATEGORIA A – Formação e situação profissional

ENTREVISTADOS	PLP5/E1	PLP6/E1	PEE1/E2	PLP1/E2	PLP2/E2	PEE1/E3	PEE2/E3	PEE1/E4	PLP1/E4	PLP1/E5
<p>categorias / subcategorias</p> <p>A - FORMAÇÃO SITUADA</p> <p>PROFISSIONAL</p> <p>1 - Formação de base / especial</p>	<p>A minha formação de base é licenciatura em História, muito embora tenha também formação para dar português ao 5.º e 6.º ano. Não (especializada)...</p>	<p>...Licenciatura em filologia germânica ... não tenho especialização na área da surdez...</p>	<p>Sou professora do 1.º ciclo... Sou (especializada) em História... Não...</p>	<p>...sou licenciada em História... Não...</p>	<p>Sou bacharel em filologia românica... (especializada) não ...</p>	<p>...1.º Ciclo, licenciatura do ensino básico, 1.º ciclo... Sou, sou especializada...</p>	<p>Sou Educadora de infância, especializada na área da deficiência auditiva e tenho o mestrado em Logopedia.</p>	<p>Sou professora do 1.º ciclo ...tenho a pós-graduação na área da surdez.</p>	<p>...eu sou licenciada em ensino de Português / Francês e tenho também o curso ... alás eu iniciei como professora do 1.º ciclo ... não sou especializada...</p>	<p>Sou licenciada em Línguas e literaturas modernas em inglês.</p> <p>(especializada) ... não</p>
<p>2 - Formação em LGP</p>	<p>Não.</p>	<p>...fiz três cursos de LGP...</p>	<p>Formação específica, tive já duas ações de formação cerca de 100 horas.</p>	<p>Não</p>	<p>Comecei duas vezes com formação aqui na escola ... quer dizer comecei três vezes só acabei uma ... mas só essa formação aqui na escola ...</p>	<p>Tenho as aulas que tive durante a especialização, 60, mais o curso nível inicial e elementar da Associação de Surdos de 60 horas, mais 60 e agora estou a frequentar um curso de 100 horas, nível intermédio termina em Junho, portanto duzentas e tal horas.</p>	<p>Tenho sim senhora.</p>	<p>Eu tive 150 horas nos pós graduação de LGP, não fiz nenhum curso</p>	<p>Não ...desisti mesmo da formação porque como qualquer língua precisa de muito treino e achei que uma ação de formação de 25 horas não iria beneficiar</p>	<p>Tenho a formação que normalmente nós temos aqui... Temos formação dada pelos formadores que são surdos e que dão formação aos professores quando entram... pelo menos duas horas por semana.</p>
<p>3 - Domínio de LGP</p>	<p>O domínio de LGP, como já dou aulas a surdos há cinco anos, já tenho desenvolvido e de certa maneira acho uma certa piada que já consigo perceber os alunos entre eles, enquanto que no início não.</p>	<p>...Eu comunico com os alunos... tenho falhas de vocabulário... um nível médio.</p>	<p>Neste momento não...</p>	<p>Muito pouco.</p>	<p>... sei muito pouco, quer dizer comecei o alfabeto, em coisas mais complicadas e depois aquela história dos dias da semana dos meses, pouca coisa, coisas muito básicas, o rapaz, a rapariga, a mulher, pronto essas coisas muito básicas e portanto é um conhecimento básico.</p>	<p>Razoável, vou evoluindo... Há termos que é complicado, ainda não domino para ter uma conversa ...</p>	<p>E razoável, dá para eu comunicar, dá para que eles me entendam e para me fazer entender. E para lhes explicar, desde que as matérias não sejam muito específicas me levem a ter que ir perguntar a quem sabe mesmo a LGP, dá perfeitamente para eu comunicar com eles e para eles me entenderem.</p>	<p>...vou-me desenhando ... já foi piores ... frases não ... agora a nível de vocabulário, o básico consigo-me sair bem...</p>	<p>... tenho o básico da minha experiência com os alunos...</p>	<p>Consigo comunicar no que diz respeito às minhas disciplinas. no português e no inglês. Se for uma conversa mais abrangente é possível que tenha mais dificuldades, mas eles normalmente ajudam quando vêm que precisamos de uma palavra que não sabemos o gesto, os que fazem letra labial ...</p>
<p>4 - Experiência no trabalho com surdos</p>	<p>... dou aulas a surdos há cinco anos ...</p>	<p>14, 15 anos</p>	<p>... Dois anos, este são o terceiro.</p>	<p>Este é o terceiro ...</p>	<p>... há 15 ou 16 anos.</p>	<p>...Há quatro.</p>	<p>Ora desde 95... Só que antes já tinha meninos surdos dentro da sala a nível de jardim-de-infância... (no 2.º/3.º ciclo) ... É o terceiro ano.</p>	<p>E o primeiro ano.</p>	<p>Trabalho há dois ciclos, o primeiro ciclo trabalhei ... eles estão agora no 9.º ano ... 5.º e 6.º ... e estou agora novamente com outro ciclo ... tenho já dois grupos ... quatro anos.</p>	<p>Há cinco anos.</p>

CATEGORIA B – Funções / tipo de articulação

B - FUNÇÕES / TIPO DE ARTICULAÇÃO	1 - Funções																
<p>PIPSEI</p> <p>Portanto ... para além de ser professor de história, este ano seu, também diretor de turma, história e estudo acompanhado, portanto tenho uma relação muito próxima com eles...</p>	<p>PIPEI</p> <p>professora de língua inglesa essencialmente e agora há 4 anos também dou língua portuguesa...</p>	<p>PEEE2</p> <p>Sua atuação de apoio de educação especial apoia as aulas, principalmente portuguesas e em ou outro em história, e depois dou apoio individual a alguns, quando tem dúvidas, organizado para testes, organizo os testes, com as professoras, ajudo, deputo, fazemos acompanhamento, trabalho projeto, estou a PI, e aí estamos a trabalhar contidos de leitura, ensino escrita de uma forma multidisciplinar.</p>	<p>PIPE2</p> <p>Dou apoio individualizado, Dou alunos. Uma vez, 45 minutos cada um. Num turno Português e nas outras História. Só tenho uma turno de Português ... onde está o aluno só</p>	<p>PEEE3</p> <p>Dou apoio na sala de apoio / dentro da sala, os alunos estão integrados em turnos de quintas, estão agrupados 2 a 2</p>	<p>PEEZ3</p> <p>Sou professora de apoio e ajudo por ser também um docente em Português nas aulas, as professoras de apoio, o apoio de ligação com o resto dos professores ... com as famílias também. As famílias algumas quando tem teste de problema vêm, mas depressa falar conosco do turno ... tenho duas turnos de apoio de 5.º e de 6.º anos ... eu vou acompanhando a materia ... Eu aqui vou ... conforme vou aparelhando as dificuldades ... porque há muita coisa que vem de trás, vem de base, conforme vou aparelhando, vou trabalhando ... que eu não sou professora das disciplinas, nen sou professora de turno. O aluno faz parte da turno, portanto estou para ajudar e trabalhar ...</p>	<p>PEEE4</p> <p>Sou professora de Língua Portuguesa de apoio a LP e professora de apoio a ensino especial, que é basicamente, é lido ... por exemplo os múltiplos tem teste de História, eu ajudo os a estudar, a sistematizar ...</p>	<p>PIPE4</p> <p>Sou professora curricular de língua portuguesa.</p>	<p>PIPE5</p> <p>As funções docentes de português e de inglês e de após.</p>	<p>2 - Articulação com outros profissionais</p> <p>Tenho atuação ... pré de longe o interprete ... sempre ... porque eu explico e consegro perceber um pouco que o interprete está a traduzir aquilo que eu ouço e consegro também perceber por parte dos alunos ... é muito fácil para min estar sempre com o interprete comigo nas aulas ... no álgebra da aula eu ajudo ela.</p>	<p>... o trabalho com o formador é muito positivo, muito útil para os alunos e também para min ... porque nós trabalhamos em atenção e portanto o formador está ali para entender em LP ajudo ela ou trabalhando instalar as aulas em termos de vocabulário especificamente ... no álgebra da aula ou na aula anterior digo o que eu vou dizer quais são os objetivos da aula, de veres faço um esquema de para eu entender do que quero entender e digo, eu entendo que tu me ajudas nesta área ...</p> <p>... PEE é a professora que lá está e o trabalho dela resumese, mas ajudo dela algumas vezes que tem grandes dificuldades ... de trabalho o que eu trabalho mas na forma particular ... sentim se ao lado da aluna normalmente e começamos a materia que eu estou a dizer ...</p>	<p>Com PEE ela apoia um aluno na aula de Português ... apoio o aluno conforme o conteúdo, que estamos a lecionar. Só nos testes é que anticipadamente, entrego o teste para ela ver e para ela poder fazer alguma alteração uma vez que ela é do ... ensino especial</p>	<p>Depende muito do tipo de competências e das capacidades de os alunos tem e até onde eles podem chegar ... por exemplo este ano que tenho o A2 que tu conheces ele ouve qualquer coisa ... e comunica oralmente e portanto a professora PEE está na minha aula 45 minutos também de resto só tenho mais 30 porque os outros 3 tempos são aqui na sala com os outros alunos do 6.º ... digo ela vamos ler um texto, ela vai buscar o texto para responder a umas perguntas ou o funcionamento da língua assim ... então pronto ... ele acompanha a aula perfeitamente ...</p>	<p>... com os professores ... sabes ... crúzamos inúmeras vezes, portanto ... vou sempre perguntando, como é que está isto ou aqueilo, eles foram se habitando a isso também, e sempre que precisam de alguma coisa ... vêm alguns dos múltiplos ... com algumas dificuldades ... eles vêm me ajudando, vou me dizendo, era preciso que tu ... ou naquilo, é preciso múltiplo está a faizar nisto insistir ... antes do teste ir para as mãos dos múltiplos, não me dão o teste mas ... dizem me quais são os contidos, o que vai sair, mostrem me para me perguntarem se na realidade se está bem ... são eles que os adaptam ...</p>	<p>com professor de resultados ... Fizemos antecipado das métricas, balanço dos programas que é que se tem de segur, na adaptado de provas de avaliado, resumidamente seman o que se é caz de fazer ou não determinada resposta. O professor faz e depois pede a minha colaboração, que conheço melhor o aluno, não tem muito tempo sobre a avaliar, sobre como é que de trabalhar de trabalhar para alunos, e trabalhamos a trabalhar na reformulação do programa, questionários, resumos a também colaboramos ... trabalhamos colaboramos ... percebemos as experiências para procurar melhor atuação com os alunos surdos, sempre que é possível fazemos ... resumos sempre que é possível fazemos ... são as professoras do região ...</p>	<p>... os professores apresentam as adaptações deles ... mas se tiveram alguma dúvida, algum problema normalmente vêm ter conigo ... que estão integrados e ai na aula de LP quando eles tem teste, normalmente a professora até me dá os textos, e diz me o olha dá estes este texto para eles lerem, vê as palavras difíceis, faz um resumo de interpretação, que é para eles não perdem esse tempo no teste porque eles tem o mesmo tempo que os outros ... gulo me mais pelo o que a professora diz, a materia é esta que sai e eu peso naquela materia e trabalho com eles ...</p>	<p>Na primeira fase eu live a interprete, depois no 6.º ano tive já uma professora de educação especial, que era professora e que fazia a correspondência da língua gestual, ai sentim me muito mas a verdade, sentim me muito mas apoiada porque de facto ela entendia os objectivos ... Habitualmente diz me no início ou de semana a semana, vamos trabalhar isto, vamos trabalhar aquele aspecto, depois de depois depois depois também em ... trabalhamos este com o professor e eu realizo que ela contou o caso do diário.</p>	<p>formadores / interpretes ... Normalmente não temos. Só tem os professores que entram, no primeiro ano ... professores que apoiam fora da sala de aula os alunos com mais dificuldades ... Vamos vendo em que parte da materia é que eu vou de planificação, quais são as dificuldades maiores, mas normalmente passa por texto e interpretação, que é a parte mais complicada para eles ...</p>

CATEGORIA C – Ensino da Língua Portuguesa

ENTREVISTADOS C – ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	PLP5/E1	PLP6/E1	PEE/E2	PLP1/E2	PLP2/E2	PEE1/E3	PEE2/E3	PEE/E4	PLP/E4	PLP/E5
<p>...eu utilizo o programa dos ouvintes... so que há vários conteúdos que eu passo ... eles tem muitas lacunas anteriores a nível de aprendizagem ... eles não conseguem realmente atingir aqueles objetivos e eu passo esses conteúdos... adapto os textos retro frases que ponho no quadro para trabalhar palavras, ideias, conceitos, estrutura de frases, pontuação...</p>	<p>...o meu programa é baseado no programa dos ouvintes só que com grandes adaptações curriculares... faço normalmente com base nas necessidades prioritárias que eles têm..... um pouco do português funcional... eu faço uma adequação do programa por áreas temáticas ... ensino da língua portuguesa é como se fosse uma língua estrangeira ... depois meo algumas coisas do programa como faço as tais adequações, por exemplo eles tem de saber e estudar sinónimos, antónimos, estudar os verbos, presente, passado, é muito fácil depois integrar aqui, tem de estudar tipo de frases, interrogativa, exclamativa, declarativa ...</p>	<p>E o programa normal com algumas adaptações ... são meninos com algumas competências e capacidades e estamos a dar o programa normal com algumas adaptações apenas ou simplificações ... Tudo igual ... a não ser os apoios, os resumos, as ajudas pontuais, por exemplo eles não são os apoios do professor, estão sempre juntos do professor, na carteira junto do professor e portanto eles também estão sempre atentos ... os testes são quase todos adaptados em quase todas as disciplinas ... geralmente o professor faz a prova normal, imaginando português e entrega-me o teste ...</p>	<p>Nas aulas é, é o mesmo ...apora no apoio não ... e o teste também é adaptado, claro que quando ele não entende, tento aproximar-me e explicar ... é evidente que eu adapto... na língua portuguesa ou no teste, ou numa ficha de trabalho, é evidente que faço uma ficha adaptada ... sou eu que faço os testes porque eles são mesmo meus alunos</p>	<p>Utilizo o programa dos ouvintes com algumas adaptações</p>	<p>E adaptado para o ... e a ... têm algumas disciplinas adaptadas e os outros não necessitam... na LP, basicamente vamos sempre falando matéria é preciso reduzir, se há partes que é preciso encurtar o programa.</p>	<p>...que é tentar trabalhar com eles e arranjar programas, tipo os programas que fazem para estrangeiros em Portugal... tu vais inventando um bocadinho e vais fazendo o teu próprio material e o que acontece aqui é ... seguimos o programa de LP que é dado. Para trabalhar com eles, é que estruturamos e trabalhamos de maneira diferente.</p>	<p>... não existe um programa de LP como segunda para surdos e então foi basicamente a colega que estava antes ... já tinha feito o do 5.º ano e deume e disse-me assim, agora para o 6.º é mais ou menos a mesma coisa, vêis mais ou menos o que eu tenho para o 5.º e aumenta só mais um bocadinho ao outro. E retirei a poesia, aquelas metáforas, porque se eles nem interpretar o texto conseguem... É seguir o programa dos ouvintes normal e depois há certos pormenores que se refira.</p>	<p>O mesmo dos ouvintes. Nesse caso adapto ... o que é que eles têm neste momento ... eles têm condições especiais de avaliação. Quanto mais eu puxar por eles, considero que melhor... Tudo muito uma matéria nova à luma ... dirijo-lhes mesmo e aí vou e verifico um a um se eles entendem os conceitos... eles sabem o texto antes do teste, são as condições especiais, e se eventualmente precisarem de mais tempo, o que normalmente não acontece ...</p>	<p>Os programas aqui são os programas dos manuais e que são feitos e adaptados. Figo nos objetivos gerais e específicos, nos conteúdos que têm e depois vou adaptando mais ou menos de acordo com as dificuldades que eles têm, de acordo com aquilo que eu acho que eles conseguem chegar ... Eu trabalho o português como uma disciplina como trabalho antes de vir para aqui alunos que são portugueses, que se vão integrar num mundo que não é de LP, tenho dificuldades em dar-lhes o português como segundo língua... se foram textos muito os desenhos, porque tenho baseia-me nos desenhos e dão as respostas em função dos bonecos e não em função do texto. Se for outro tipo de conteúdos, faço por exemplo a correspondência entre as imagens e frases... depois daí tem buscar palavras e depois tentarem fazer frases... não faço aquele teste com muita acumulação de matéria, de conteúdos... quando sobto um conteúdo, faço uma ficha... Se dou um conteúdo, vou trabalhando com fichas e depois faço uma ficha para avaliação e depois fico aquele teste mais formal, mas fico mais reduzido. Faço teste com parte de interpretação, com um bocadinho do funcionamento da língua, mas também só um bocadinho de cada parte que foi dado e depois a parte da expressão escrita, que é uma parte ... que a maior parte deles, quando fazem obo, das folhas ...</p>	<p>... Eu raramente utilizo os manuais, sou eu que faço os materiais...</p>
<p>2 – Utilização de manuais</p>	<p>Utilizo o mesmo manual ... muito embora eu não emitece o manual como os ouvintes, adapto os textos retro frases que ponho no quadro para trabalhar palavras, ideias, conceitos, estrutura de frases, pontuação...</p>	<p>... manual é o mesmo... tem sido um manual péssimo com textos extensivos ... fizemos um pedido ... há agora para a DREN e para o DGC para nos darem autorização para mudarmos de manual ... e lá-los recusado ... a multidão tem fundamentado ... a também com o parecer de pessoas do departamento</p>	<p>São (quais) aos dos ouvintes ...Tudo igual...</p>	<p>Os manuais são os mesmos e eu aqui no apoio procuro arranjar livros de português para estrangeiros ... os meus, gramática e de português que é aquilo que eu trabalho mais ... faço estes, português para estrangeiros porque para eles é segunda língua</p>	<p>Iguais, especialmente para o meu grupo... atenção, são iguais os que eles utilizam dentro da sala de aula.</p>	<p>Sim, é tudo igual ... a mim também eles trabalham com o manual dos ouvintes... a LP eles tem o manual, só como o manual de LP praticamente só tem ... eu não uso o manual de fichas ... uso muito o outro, os textos porque tem palavras muito diferentes, eu prefiro que é bom para desenvolverem porque eles tem muitas dificuldades em identificar ... O comum, é só textos, eu uso mais esse ...</p>	<p>Tudo igual...</p>			

(continuação)

ENTREVISTADOS C - ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	PUP/E1	PUP/E2	PUP/E2	PUP/E2	PUP/E2	PEE/E3	PEE/E3	PEE/E4	PPI/E4	PPI/E5
3 - Dificuldades do professor no trabalho com alunos surdos	(após - formador / intérprete / PEE) Isso nem sempre aconteceu... e por isso mesmo o trabalho é muito mais difícil, muitas vezes sente-se que é um bocadinho inglorio (turnas, heterogeneias) difícil muito o trabalho... turma como eu tenho com 6 alunos é muito... na medida que são 6 alunos diferentes com capacidades diferentes, com maneiras de trabalhar diferentes, e portanto... quase todos eles com bastantes dificuldades, portanto se eu vou para junto de um aluno para lhe ajudar a ultrapassar determinada dificuldade, há os outros 5 que estão a conversar e a aula está parada depois vou para outro, conversam os outros 5 e a aula para novamente... o trabalho pode não resultar... eu chego ao fim de aula e sinto que não cheguei a todos eles... devo ter chegado a um...	... as dificuldades linguísticas da língua portuguesa ... e também na LGP porque se eles dominassem como a língua materna... porque eles já deviam chegar aqui preparados para nós conseguirmos dar o programa de outra maneira e nós nem o programa conseguimos dar... mesmo com as adaptações pronto ... e agora infelizmente os alunos que nos vão a chegar, já não são só surdos têm outras deficiências à mistura, portanto é ainda mais complicado é um trabalho altamente individualizado e a pessoa às vezes não consegue dar resposta a tudo, embora seja 8, 7 por turma, nós este ano até temos pouco, o do 5º ano não sabe, mas seria necessário também, não temos nenhum recurso. Nós aqui o que temos é o terapia de fala e que não apoia os do 5º e 6º.	Muitas, muitas ... porque não consigo muitas vezes comunicar com eles, não é ... eles não entendem... eles não entendem, não ... por muito que eu tente me aproximar do aluno, neste caso no português, é um bocadinho difícil fazer com que ele entenda o que eu estou a dizer ... sinto muitas dificuldades, muitas mesmo ... claro que é preocupante para mim ... mas não posso ... fazer milagres numa aula de 90 minutos, eu estar a dar aula, como é que ... ele muitas das vezes fica perdido, eu não entendo ...	Uma das minhas grandes dificuldades foi, precisamente, não dominar a LGP.	Lá está é o que eu te tinha dito em relação à intervenção precoce. As dificuldades devem-se à falta de oportunidade para aceder à LGP no período normal de aquisição da linguagem. intervenção precoce ... é daí que vem tudo. Acabam por contactar tardiamente com a LGP e por isso variam no domínio da língua, ou não domina ou não dominam suficiente ... tudo haver com a intervenção precoce... A opção inicial dos pais passa pelo oralismo vai limitar a experiência também a falta de conhecimento da LGP por parte dos professores das disciplinas, que também agrava e agrava com a falta de intérprete ainda pior. Talvez também por parte dos pais não há muito domínio da língua, fazem mimica, fazem gestos. Se o aluno precisar de uma ajuda em casa, o próprio pai não sabe como lidá-lo explicita ...	Uma das minhas grandes dificuldades foi, precisamente, não dominar a LGP.	... Há questões práticas... a questão que coloco dos manuais, Os manuais estão padronizados, depois de nós comunicarmos, são de do 5º e do 6º são ... depois há de vários graus de dificuldade, as próprias editoras, uns são mais acessíveis outros menos ... mas dificilmente ... até porque os textos, vão buscar coisas por exemplo que os alunos não têm ... se falarmos dos barulhos da natureza, do correr do rio ... eles não têm a parte do som, logo aí ... pode-se apelar um bocadinho mais ... eles conseguem imaginar... .. a dificuldade maior mesmo ... é conseguir ... quando eles me vêm, quando chegam ao 2º ciclo grande parte deles, não sabe ler ... é muito complicado dar português a alunos que não sabem ler ... é um mistério, eles escrevem, muitos têm uma letra muito bonita, para mim é um mistério porque nós quando aprendemos a ler aprendemos a escrever em simultâneo, é uma coisa par a par ... com eles não sei como funciona, mas eventualmente é uma coisa distinta. Então é a maior dificuldade que eu tenho, não sabendo ler, dou-lhes um texto com três ou quatro frases que seja, eles não conseguem, não conseguem interpretar, não conseguem responder e vai bloqueando o processo todo...			

CATEGORIA D – Respostas educativas à surdez na própria escola

ENTREVISTADOS	PLP5/E1	PLP6/E1	PEE/E2	PLP/E2	PLP2/E2	PEE/E3	PEE2/E3	PEE/E4	PLP/E4	PLP/E5
D – Respostas educativas à surdez na própria escola										
1 – Causa das dificuldades dos alunos	Eu acho que os alunos surdos têm muitas dificuldades pois não têm desde pequeninos a LGP ... não tem uma língua materna... a língua portuguesa não tem ... os pais deviam comunicar com eles em LGP ... Portanto eles ficam fora do mundo... depois quando chegam a uma escola, neste caso aqui ao 5.º ano eles tem um hiato muito grande atrás deles...	...essencialmente aquilo que eles não tiveram quando deviam ter tido, que é a intervenção precoce... eles chegam-nos aqui com um desconhecimento das áreas vocabulares inadmissíveis e depois vim-nos afixos para dar o programa... quer dizer eles chegam-nos alguns que nem LGP sabem neste nível etário, temos aqui miúdos que começaram a escolaridade com 7 anos...	...é não terem ouvido desde tenra idade e perderam muita informação, de não ouvirem correctamente e isso perdem muita informação, são miúdos muito distraídos, com dificuldade em focalizar atenção e é assim também por norma os que eu tenho não são miúdos muito aplicados, cansam-se facilmente... por si só não trabalham e aí as dificuldades aumentam...	Não entendem ... muitas vezes não sabem o significado das palavras ... PEE ... tem explicar o significado que eles não conseguem entender ... muitos dos conceitos	Olha muitos não foram com certeza ... não começaram a trabalhar a língua portuguesa a par da LGP, quer dizer desde novinhos... quer dizer os pais ou as instituições se puseram um bocado de parte ... não trabalhavam como nós a língua portuguesa, e pronto as dificuldades ... é não terem intervenção precoce.	Eu acho que, basicamente devido à intervenção que não é feita... a intervenção precoce que é o mais importante... Se fosse o leque de palavras era muito maior e as dificuldades não eram tão grandes. Portanto acho que é muito tarde que se interveém com estes miúdos... Quando chegam ao 1.º ciclo, estão atrás e depois chegam ao 5.º e ... andam sempre assim e estão em desvantagem em relação aos outros... é o que eu acho.	Olha precisamente à falta de bases que eles têm ... ou que não têm... não vale a pena estar a pegar e a fazer o que quer que seja a pedir pelo fim....	Interpretação... o problema dos meus específicos, o maior problema ... eles é o vocabulário, eles não têm vocabulário quase nenhum e então ... é muito complicado, eles têm um pergunta e ficam assim um bocado à nora, e depois olham para o exercício e ficam assim ... o vocabulário é o grande problema deles ... eles não têm apoio individualizado desde o 1.º ciclo ... estavam todos integrados em turmas de ouvintes no 1.º ciclo... poucos com apoio ... não terem aquele apoio individualizado desde o início ... precisam de métodos de trabalho, eu acho que é isso que falta muito neles	Basicamente às dificuldades de comunicação... Quanto melhor eles fizeram a leitura label ... e depois as dificuldades inerentes a qualquer criança, não é ... o facto da surdez ...	Isso para mim continua a ser um mistério. Porque quando eu vim para cá, achei que eles não ouviam mas que eu lhes dava um texto e eles liam, e não ... então não consigo perceber ... a ideia que me dá é que não são só surdos, haverá ali mais qualquer coisa associada ...

(continuação)

ENTREVISTADOS	PLP5/E1	PLP6/E1	PEE/E2	PLP1/E2	PLP2/E2	PEE1/E3	PEE/E3	PEE/E4	PLP/E4	PLP/E5
D – RESPOSTAS EDUCATIVAS À SURDEZ NA PRÓPRIA ESCOLA										
2 – Mudanças mais acontecidas	<p>Tem vindo a melhorar... até porque agora é uma escola de intérpretes... há muito mais intérpretes... formadores, penso que há quatro intérpretes, há formadores também... não sei quantos, há professores de educação especial... portanto as condições de trabalho já mudaram bastante.</p>	<p>... é muito positivo agora termos os intérpretes, os formadores, os terapeutas da fala... eu acho que o 7520 melhorou em muito, UAAAS, as unidades de apoio a surdos em que as pessoas reuniam só para tratar assuntos específicos da surdez... portanto o que vejo mais positivo é agora haver a possibilidade de haver mais intérpretes, mais formadores, mais terapeutas da fala, isso é fundamental</p>	<p>as mudanças positivas a nível de escola de metodologias não há grandes mudanças... pelo contrário perdemos os intérpretes... perdemos os formadores que eram um ótimo recurso, para além de outros projectos que aqui se faziam, com os alunos da Escola Superior de Educação, que era uma mais valia para nós.</p>	Não notei	<p>Acho que aqui até... um bairro que tem fama de ter montes graves problemas sociais, culturais, etc. financeiros, económicos, como os outros mas acho que o facto de haver tantos alunos surdos em causa todas as turmas, durante anos, houve em todas as turmas e depois em quase todas foi muito positivo para os ouvintes porque habituaram-se se a estar com alunos deficientes e a respeitá-los.</p> <p>eu acho que a integração nesse aspecto fez muito bem também aos outros e por exemplo em todas as turmas há montes de alunos que sabem LGP e que ajudam o professor...</p>	<p>Eu acho que cada vez mais a questão dos surdos já é conhecida pelas pessoas, as pessoas já estão mais sensibilizadas para a surdez, já sabem mais o que é, isso para mim é difícil porque neste momento continuo sem ter... portanto, Não foi assim... mudanças positivas com alcos e baixos...</p>	<p>Tem melhorado...</p>	<p>Sem dados....</p>	<p>... Eu acho que o que tem sido melhorado, tem sido o facto de as pessoas se irem apercebendo de facto que estes alunos são diferentes... que não são só surdos e nós temos algum espaço de manobra para adaptar as planificações, para fazer, até certo ponto, uma pedagogia diferenciada</p>	

(continuação)

ENTREVISTADOS	PLP5/E1	PLP6/E1	PEE1/E2	PLP1/E2	PLP2/E2	PEE1/E3	PEE2/E3	PEE1/E4	PLP1/E4	PLP1/E5
D - RESPOSTAS EDUCATIVAS NA SURDEZ NA PRÓPRIA ESCOLA										
3 - Aspectos a melhorar	<p>Se essas crianças forem devidamente acompanhadas desde que nascem... tem que haver um acompanhamento da parte dos pais também... não se podem alhear de não sabermos LGP como acontece com muitos pais destes alunos que não sabem LGP comunicam com eles apenas por mimica... tem que haver um acompanhamento muito grande para que alunos se sintam muito ligados à LGP desde muito pequeninos, tal como os nossos bebés, não é se sentem ligados à língua materna... tumas mais pequenas... para já tumas mais pequenas... dois três alunos no máximo... eu acho que no máximo</p>	<p>(recursos humanos) ... com muito trabalho, essencialmente de escrita... agora eu acho que é muito o apoio dos técnicos, portanto ter um formador surdo na aula, o apoio que eles dão, o facto de eles agora lerem LGP como disciplina isso já vai ajudar o ideal seria que isto já viesse mesmo de trás, desde pequeninos, mas isso é fundamental... (programas) a nível nacional pensando em todos os surdos do país, realmente devia haver um programa específico para eles para a pessoa seguir tudo por pessoas competentes, na área educacional de área, e também outras... seria ótimo para eles.</p>	<p>Mais do mesmo eu acho que não ... actividades diferentes nomeadamente o clube da música, o clube do teatro... isso estimulava outras áreas, nomeadamente a atenção, concentração... histórias, por exemplo trabalhadas em sílaba, a escrita, o desenho</p>	<p>Frequentar talvez um... tipo de ensino que tivessem um apoio constante de uma intérprete, por exemplo, eu acho que isso é essencial, essencial... porque eu vejo muitas vezes que o aluno não está a entender aquilo que eu estou a dizer, não é... porque eu não sei LGP... intérprete ao meu lado...</p>	<p>... se houvesse muito mais gente do ensino especial, se eles tivessem outro tipo de apoios... em algumas disciplinas eu acho que eles deveriam estar juntos, só eles, porque o professor com um intérprete ou formador com alguém do ensino especial conseguisse comunicar melhor do que nós fazia um trabalho completamente diferente</p>	<p>... as escolas de referência com tumas de surdos e o ensino bilingue, acho que as dificuldades deles vão ser minimizadas. Porque vão estar agrupados por tipo de surdez deles, pela escolaridade deles, sempre com intérprete, sempre com formador, no caso do 1.º ciclo e do Jardim-de-infância, eu acho que vão atenuar as dificuldades deles mais... também se tem de intervir a nível de intervenção precoce, porque acho que aí começa... poderá funcionar com profundos... porque eu acho que os implantados, não tanto será necessário as tumas de surdos,</p>	<p>... Ou se começa de início e se agarra os miúdos desde o princípio... quando se fala de um programa de LP, eu falava num programa que consegue fazer desde base mesmo, desde pequeninos, a importância de ter as coisas estruturadas, não há estruturas.</p>	<p>E assim se houver um apoio desde o 1.º ano, é tal coisa eu acho que é essencial o professor de ensino especial no 1.º ciclo, não sei se é na sala, não posso dizer se é na sala sempre, se é só de vez em quando, porque cada caso é um caso, eu acho que a base... está mesmo no 1.º ciclo. Se precisar de LGP, começar logo com a LGP... se eles tiverem apoio desde do 1.º ano ou do 2.º ou do 3.º... eu acho que o 1.º ciclo se eles tiverem o apoio ou uma professora que trabalhe com eles que diga olha tens de saber isto, tens de saber aquilo... o que lhes falta e metodologias de trabalho.</p>	<p>Basicamente é o que é aos outros alunos... desde que facam o trabalho, desde que tenham apoio de retaguarda familiar, desde que sejam miúdos preocupados em melhorar...</p>	<p>Já alguém descobriu essa resposta? ... Como é que eu acho... Eu acho que tinha de passar por constatar que estes alunos não estão ao nível do 2.º ciclo dos ouvintes, que têm dificuldades muito específicas e depois começar a trabalhar de acordo com as dificuldades que cada um tem. Pode ser um caminho, mas sinceramente não faço ideia... é uma coisa muito complexa... Nos temos alguma liberdade, temos espaço de manobra, também doutra forma não era possível</p>

CATEGORIA E – Directrizes da educação de surdos

ENTREVISTADOS	PLP5/E1	PLP6/E1	PEEE2	PLP1/E2	PLP2/E2	PEE1/E3	PEE2/E3	PEE3/E4	PLP1/E4	PLP1/E5
<p>1</p> <p>Pressupostos da educação bilingue</p>	<p>... eles para aprenderem a língua portuguesa é também muito difícil ... eles não tem base da língua materna ... eles para aprenderem a língua portuguesa há conceitos que eles não sabem não sabem aliar o conceito à coisa em si...</p>	<p>... o ideal é eles aprenderem numa perspectiva do bilinguismo, agora é preciso ver como esse ensino é ... eles não tem base da língua portuguesa ... importante não haver turmas exclusivamente só de alunos surdos... integração parcial ... estão com eles algumas disciplinas como estavam em EVT, Educação Física... estão inseridos em ... caso dos meus são todos ouvintes, mais ou menos, não é agora não sei até que ponto... a não ser para conviver realmente, para conviver com esta comunidade porque eles têm uma identidade muito próxima com ela e fazem como que uma família ... ? de ouvintes, também, láas grandes vantagens em futuro... que são as desvantagens que eu noto nos outros</p>	<p>... exemplo os muitos surdos surdos beneficiam grandemente da LCP e ela deve ser a sua primeira língua mas terá que haver também um apoio à família, ao contexto, a uma família alargada, porque é assim... eles aprendem LCP ... devem ter e sendo muitos que não ouvem ... surdos profundos, ok ... caso dos meus são todos ouvintes, mais ou menos, não é agora não sei até que ponto... a não ser para conviver realmente, para conviver com esta comunidade porque eles têm uma identidade muito próxima com ela e fazem como que uma família ... ? de ouvintes, também, láas grandes vantagens em futuro... que são as desvantagens que eu noto nos outros</p>	<p>... Acho que é benéfico só que aqui é difícil porque eles não têm LCP como primeira língua, no ano passado funcionava um bocalinho diferente.</p>	<p>... acho que não sou especialista na matéria, mas acho que desde que eles tivessem a capacidade, competência para aprender a língua portuguesa... claro que LCP eu penso que é mais limitada, penso eu, não sei, mas eu vejo perfeitamente que comunicam lindamente e que os intérpretes conseguem traduzir tudo, mas ... a este nível e sem eles terem a formação que os intérpretes têm... não é ... limitações ... agora é evidente como segunda língua a alternativa ... seria a primeira e deixar a LCP de parte ... aqui está muito virado para que a língua (oral) os pais ao escolherem esta escola, não indo para a de referência eles próprios afirmaram e parece que aqui na escola acham bem que não querem que os filhos usem a LCP ... se evite ao máximo ... que tenham a língua portuguesa como segunda língua é evidente que têm ... como primeira é um bocalinho difícil... não sei eu acho que isso depende um bocalinho das capacidades e da audição de cada um ...</p>	<p>Eu acho que para eles estarem ao nível dos ouvintes tem mesmo que ser um ensino bilingue. Só assim é que eles poderão ter acesso à informação e estarem no mesmo ponto. ... Eu acho que o ensino bilingue para alunos que ouvem ... poderá ser bom para eles porque no fundo a identidade deles ... são surdos, para comunicarem com os outros e desenvolverem como pessoas ... mas a nível dentro de sala de aula para eles acho que não é a resposta mais certa ... A criança surda deve fazer as suas aprendizagens através da sua língua materna, a LCP, e adquirir como sua segunda língua, a língua da comunidade ouvinte, a LP escrita...</p>	<p>Depende um pouco da criança... por exemplo eu tenho um aluno surdo e ele não aceita a surdez dele, ele está a começar a entrar em rejeição da própria surdez... LCP para ele ... ele próprio começa a rejeitar e então se calhar com crianças que estão assim ... ele tem uma boa oralidade ... se calhar ter a LP como primeira e a LCP como segunda língua LCP é mais isso, metodologia de trabalho... então eu acho que cada caso é um caso e tem que ser analisado ... não tem de ser LCP ... porque cada surdo é um surdo.</p>	<p>Sinceramente tenho algumas mesuras... eu sei que um surdo não se pode por a falar evidentemente, mas eu tenho ... por exemplo, da minha experiência com o número de horas igual. Não se trata de uma ser mais importante do que a outra, trata-se de que eles são portugueses e se são portugueses, não se podem considerar nunca, sendo o aluno surdo ou não, sendo que a LP é vista, porque é a comparação que feita e vista como o inglês para os ... que eles tenham LCP entre eles, tudo bem, agora não tenho opinião assim muito formada, mas tenho alguns recatos ... não sei ... para os outros, não é a primeira língua deles. Nenhum destes domina o gesto, nem sabe sequer. Agora para mim era bom divulgar-se a LCP e eles terem na mesma formador porque no fundo é a identidade deles, são surdos na mesma, tem a comunidade, podem comunicar uns com os outros e assim é mais fácil porque também querem comunicar e não sabem nada.</p>	<p>Não concordo com o facto de LCP ser a primeira língua e o português ser a segunda e o inglês ser a terceira... não concordo, de maneira nenhuma, e não concordo com o número de horas igual. Não se trata de uma ser mais importante do que a outra, trata-se de que eles são portugueses e se são portugueses, não se podem considerar nunca, sendo o aluno surdo ou não, sendo que a LP é vista, porque é a comparação que feita e vista como o inglês para os ... que eles tenham LCP entre eles, tudo bem, agora não tenho opinião assim muito formada, mas tenho alguns recatos ... não sei ... para os outros, não é a primeira língua deles. Nenhum destes domina o gesto, nem sabe sequer. Agora para mim era bom divulgar-se a LCP e eles terem na mesma formador porque no fundo é a identidade deles, são surdos na mesma, tem a comunidade, podem comunicar uns com os outros e assim é mais fácil porque também querem comunicar e não sabem nada.</p>	

ANEXO 4 – CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS

ESCOLA E1

5.º ANO

SUJEITO	IDADE	SEXO	GRAU	PAIS	OUTROS	MOD. LINGUISTICA	AJUDAS	ESCOLA
E1/A5	15	M	SEV/PROF	OUVINTES	*****	LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA
E1/B5	12	M	PROFUNDA	OUVINTES		LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA
E1/C5	13	M	PROFUNDA	OUVINTES		LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA
E1/D5	12	F	PROFUNDA	OUVINTES		LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA
E1/E5	13	M	SEVERA	OUVINTES	IRMÃO	LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA
E1/F5	14	F	PROFUNDA	OUVINTES		LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA
E1/G5	12	M	PROFUNDA	OUVINTES	IRMÃO	ORALIDADE	PRÓTESES	REFERÊNCIA
E1/H5	12	M	PROFUNDA	OUVINTES	IRMÃO	LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA
E1/I5	12	M	PROFUNDA	SURDOS	TIO	LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA
E1/J5	12	F	PROFUNDA	OUVINTES		LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA
E1/L5	12	F	MODERADA	OUVINTES		LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E1 / A5

Idade em Janeiro /09	15 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Severa / profunda
Causa	-----
Surdez detectada	-----
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	----
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	9 anos
Pré – escolar	----
1.º Ciclo	2003/2007 – UAAS – turma de surdos, apoio de professor educação especial, formador de LGP e terapia da fala. Frequentava instituição de educação especial em regime de internato.
2. Ciclo	2007/2009 – Escola de referência, turma de surdos, apoio professor educação especial, formador de LGP, intérprete de LGP, terapia da fala. Tem língua portuguesa com formador de LGP e professor de educação especial. Continua em régimen de internato na instituição de educação especial
Obs.	Etnia cigana

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E1 / B5

Idade em Janeiro /09	12 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Surdez profunda bilateral pré-linguística
Causa	-----
Surdez detectada	-----
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar	
1.º Ciclo	<p>2003/2004 – 1.º ano - escola do regular na área de residência – terapia da fala em gabinete particular</p> <p>2004/2005 – UAAS – turma de ouvintes</p> <p>2005/2008 - UAAS – turma de surdos, professor educação especial, formadora de LGP.</p> <p>Teve terapia com excepção do ano lectivo de 2007/2008.</p> <p>Fora do horário lectivo frequentava instituição de educação especial em regímen de semi-internato.</p>
2. Ciclo	<p>2008/2009 – Escola de referência para alunos surdos, turma de surdos, apoio de professor de educação especial, formador de LGP, interprete de LGP, terapia da fala.</p> <p>Tem língua portuguesa com formador de LGP e professor de educação especial.</p>
Obs.	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E1 / C5

Idade em Janeiro /09	13 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Profunda bilateral
Causa	Prematuro
Surdez detectada	5 anos
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	----
Forma de comunicação	Pouca LGP e pouca oralidade
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	8 anos
Pré – escolar	Não
1.º Ciclo	2203/ 2004 - Escola do regular ----- UAAS -----UAAS
2. Ciclo	2008/2009 – Escola de referência – turma de surdos, apoio de professor de educação especial, formador de LGP, intérprete de LGP e terapia da fala. Tem língua portuguesa com intérprete de LGP e professor do regular
Obs.	Atraso cognitivo e problemas visuais. Família problemática

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E1 / D5

Idade em Janeiro /09	12 anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Profunda bilateral
Causa	-----
Surdez detectada	2anos
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	----
Forma de comunicação	LGP (pouco) oralidade????
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	2 anos
Pré – escolar	Sim
1.º Ciclo	1998/2007 – Escola do regular
2. Ciclo	2007/2009 – Escola de referência, turma de surdos, apoio de professor de educação especial, formador de LGP, interprete de LGP, terapia da fala. Tem língua portuguesa com formador de LGP e professor de educação especial.
Obs.	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E1 / E5

Idade em Janeiro /09	13 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Severa bilateral
Causa	-----
Surdez detectada	-----
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Irmão mais novo.
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	2007/2008
Pré – escolar	-----
1.º Ciclo	2007/2008 (fim do 2.º período) – UAAS – turma de surdos, apoio de professor de educação especial, formador de LGP e terapia da fala.
2. Ciclo	2008/2009 – UAAS – turma de surdos, apoio professor educação especial, formador de LGP, intérprete de LGP e terapia da fala. Tem língua portuguesa com formador de LGP e professor de educação especial.
Obs.	Etnia cigana. Nunca tinha frequentado a escola. O aluno quando chegou à escola não comunicava em LGP nem oralmente. Tinha muitas dificuldades em copiar.

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E1 /F5

Idade em Janeiro /09	14 anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Surdez profunda bilateral pré – linguística
Causa	Prematura
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar	
1.º Ciclo	2004/2008 – UAAS – turma de surdos, professor de educação especial, formadora de LGP No horário extra curricular frequentava instituição de educação especial em regímen de internato
2. Ciclo	2008/2009 – Escola de referência - turma de surdos, professor de educação especial, formadora de LGP, intérprete de LGP e terapia da fala. Tem língua portuguesa com formador de LGP e professor de educação especial. Continua a frequentar instituição de educação especial em regímen de internato.
Obs.	

CARATERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E1 / G5

Idade em Janeiro /09	12 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Severa OE / moderada OD
Causa	Genética /prematuro
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Irmã surda profunda
Forma de comunicação	Oralidade e LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	3 anos
Pré – escolar	1999/2002 – Instituição de educação especial
1.º Ciclo	2002/2008 – UAAS – turma de surdos – professor de educação especial, formador de LGP, terapia da fala
2. Ciclo	2008/2009 – Escola de referência – turma de surdos – professor de educação especial, formador de LGP, interprete de LGP, terapia de fala. Tem língua portuguesa com intérprete de LGP e professor do regular
Obs.	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E1 / H5

Idade em Janeiro /09	12 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Profunda bilateral
Causa	-----
Surdez detectada	-----
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Irmão
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar	2002/2003 – Instituição de educação especial
1.º Ciclo	2003/2008 UAAS – turma de surdos, apoio professor educação especial e formador de LGP Estava em régimen de internato em instituição de educação especial
2. Ciclo	2008/2009 – escola de referência, turma de surdos, apoio professor educação especial, formador de LGP, intérprete de LGP e terapia da fala. Tem língua portuguesa com formador de LGP e professor de educação especial. Continua na mesma instituição em régimen de internato
Obs.	Etnia cigana.

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E1 / I5

Idade em Janeiro /09	12 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Profunda bilateral pré-linguística
Causa	Genética
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Surdos
Irmãos /familiares	Tio
Forma de comunicação	LGP (pouco)
Ajudas técnicas	
Início de apoio	
Pré – escolar	1998/1999 – Instituição de educação especial
1.º Ciclo	1999/2004 – Instituição de educação especial. 2004/2008 – UAAS – turma de surdos – professor de educação especial, formadora de LGP
2.º Ciclo	2008/2009 – Escola de referência – turma de surdos – professor de educação especial, formadora de LGP, interprete de LGP e terapia da fala
Obs.	Aluno tem alguns comportamentos autistas nomeadamente no que se refere à comunicação.

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E1 /J5

Idade em Janeiro /09	12 anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Profunda bilateral
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar	
1.º Ciclo	2003/2004 - Instituição de educação especial 2004/2008 – UAAS – turma de surdos – professor educação especial, formadora de LGP No horário extra curricular frequentava instituição de educação especial em régimen de internato
2.º Ciclo	2008/2009 – Escola de referência - turma de surdos, professor de educação especial, formadora de LGP, intérprete de LGP e terapia da fala. Continua a frequentar instituição de educação especial em régimen de internato. Tem língua portuguesa com intérprete e professor do regular
Obs.	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E1 / L5

Idade em Janeiro /09	12 anos
Sexo	Moderada neurossensorial bilateral
Tipo / grau de surdez	----
Causa	-----
Surdez detectada	Ouvintes
Pais surdos / ouvintes	-----
Irmãos /familiares	
Forma de comunicação	Próteses
Ajudas técnicas	1999
Início de apoio	2002/2003 Instituição de educação especial
Pré – escolar	2003/2006 – UAAS – turma de ouvintes – terapia da fala 2006/2008 – UAAS – turma de surdos, apoio professor de educação especial, formador de LGP
1.º Ciclo	2008/2009 – Escola de referência. Turma de surdos, apoio de professor de educação especial, formador de LGP, interprete de LGP e terapia da fala. Tem língua portuguesa com intérprete de LGP e professor do regular Está em régimen de internato em instituição.
2. Ciclo	
Obs.	

6.º ANO

SUJEITO	IDADE	SEXO	GRAU	PAIS	OUTROS	MOD. LINGUISTICA	AJUDAS	ESCOLA	REGIME	OBS.
E1/A6	12	M	PROFUNDA	OUVINTES		LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA	TURMA SURDOS	LP-F-PR
E1/B6	11	M	PROFUNDA	OUVINTES	TIA	LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA	TURMA SURDOS	LP-F-PR
E1/C6	12	M	PROFUNDA	SURDOS	IRMÃOS	LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA	TURMA SURDOS	LP-F-PR
E1/D6	15	F	SEVERA	OUVINTES		LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA	TURMA SURDOS	LP-F-PR
E1/E6	14	F	PROFUNDA	OUVINTES	IRMÃS	LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA	TURMA SURDOS	LP-F-PR
E1/F6	12		S.OD/P.OE	OUVINTES		LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA	TURMA SURDOS	LP-F-PR
E1/G6	14	F	PROFUNDA	OUVINTES		LGP	PRÓTESES	REFERÊNCIA	TURMA SURDOS	LP-F-PR

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E1 /A6

Idade em Janeiro /09	12 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Profunda bilateral pré-linguística
Causa	
Surdez detectada	4 meses
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar	
1.º Ciclo	2002/2004 – Instituição educação especial – turma de surdos 2004/2005 – UAAS – turma de surdos 2005/2007 – UAAS – turma de ouvintes Na UAAS teve apoio de professor educação especial, formador de LGP, terapia da fala. No horário extra curricular frequentava instituição de educação especial em régimen de internato.
2.º Ciclo	2007/2008 – UAAS – turma de ouvintes – apoio de educação especial, formador de LGP, intérprete de LGP, terapia da fala. 2008/2009 – Escola de referência – turma de surdos – apoio de professor educação especial, formador de LGP, interprete de LGP, terapia da fala. Em 2007/2008 mudou de instituição onde continua em régimen de internato. Tem língua portuguesa com formador de LGP e professor do regular.
Obs.	APECDA

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E1 / B6

Idade em Janeiro /09	11 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Neurossensorial profunda bilateral
Causa	-----
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Tia materna
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	3 anos
Pré – escolar	Creche e jardim-de-infância
1.º Ciclo	2000/2004 – Escola do regular 2004/2005 – Escola do regular 2005/2007 – UAAS Teve terapia da fala no 1.º ciclo
2.º Ciclo	2006/2008 – UAAS – turma de ouvintes com apoio da educação especial 2008/2009 – Escola de referência – turma de surdos, apoio de professor de educação especial, formador de LGP, intérprete de LGP e terapia da fala. Tem língua portuguesa com formador de LGP e professor de regular.
Obs.	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E1 /C6

Idade em Janeiro /09	12 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Neurossensorial profunda bilateral
Causa	Genética
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Surdos
Irmãos /familiares	Irmãos
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar	2000/2002 – Instituição de educação especial
1.º Ciclo	2002/2007 – UAAS – turma de surdos, apoio de professor de educação especial, formador de LGP e terapia da fala.
2. Ciclo	2007/2009 – Escola de referência – turma de surdos apoio de professor de educação especial, formador de LGP, intérprete de LGP e terapia da fala. Tem língua portuguesa com formador de LGP e professor do regular. Frequenta instituição de educação especial.
Obs.	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E1 / D6

Idade em Janeiro /09	15 anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Severa bilateral
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar	
1.º Ciclo	<p>2002/2003 - Instituição de educação especial 2003/2005 – UAAS – turma de surdos 2005/2006 – UAAS – turma de ouvintes 2006/2007 – UAAS – turma de surdos Na UAAS teve apoio de educação especial, formadora de LGP. Frequenta uma instituição de educação especial em regímen de internato.</p>
2.º Ciclo	<p>2007/2009 – Escola de referência – turma de surdos, apoio de professor de educação especial, formadora de LGP, interprete de LGP e terapia de fala. Continua a frequentar a instituição em regímen de internato. Tem língua portuguesa com formador de LGP e professor do regular.</p>
Obs.	Etnia cigana

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E1 / E6

Idade em Janeiro /09	14 anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Profunda neurossensorial bilateral
Causa	
Surdez detectada	4 meses
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	4 anos
Pré – escolar	2000/2002 – Instituição de educação especial
1.º Ciclo	2002/2003 – Instituição educação especial 2003/2007 – UAAS – turma de ouvintes, apoio de professor educação especial, formador de LGP, terapia da fala
2. Ciclo	2007/2009 – Escola de referencia – turma de surdos, apoio de professor de educação especial, formador de LGP, intérprete de LGP e terapia da fala. Tem língua portuguesa com formador de LGP e professor do regular.
Obs.	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E1 /F6

Idade em Janeiro /09	12 anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Severa OD / profunda OE
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	1999
Pré – escolar	1999/2002 – UAAS
1.º Ciclo	2002/2007 – UAAS – Apoio de professor de educação especial, formador de LGP e terapia da fala
2.º Ciclo	2007/2009 – Escola de referência – turma de surdos, apoio de professor de educação especial, formador de LGP, intérprete de LGP, terapia da fala. Tem língua portuguesa com formador de LGP e professor de regular
Obs.	Está com família de acolhimento

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E1 / G6

Idade em Janeiro /09	14 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Neurosensorial profunda bilateral
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Irmãs
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar	
1.º Ciclo	2002/2007 – UAAS – turma de surdos, apoio de professor de educação especial, formador de LGP e terapia da fala
2.º Ciclo	2007/2009 – Escola de referência – turma de surdos, apoio de professor de educação especial, formador de LGP, interprete de LGP e terapia da fala. Tem língua portuguesa com formador de LGP e professor do regular.
Obs.	

ESCOLA E2

5.º ANO

SUJEITO	IDADE	SEXO	GRAU	PAIS	OUTROS	MOD. LINGUISTICA	AJUDAS	ESCOLA	REGIME	OBS.
E2/A5	13	M	M-OE/S-OD	OUVINTES		ORALIDADE	PRÓTESES	UAAS	PARCIAL T.OUV.	LP-PEE

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E2 / A5

Idade em Janeiro /09	13 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Surdez bilateral – OE moderada, OD severa
Causa	Prematuro (6 meses, incubadora 3 meses)
Surdez detectada	Aos7 anos
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	Apoio desde 2002
Pré – escolar	1998/2001 – Jardim-de-infância
1.º Ciclo	2001/2008 - UAAS
2. Ciclo	2008/2009 – UAAS, integração parcial em turma de ouvintes, apoio professor educação especial, formador de LGP
Obs.	Primeiro contacto com LGP em 2008/2009. Apresenta problemas de comportamento e dificuldades de aprendizagem graves.

6.º ANO

SUJEITO	IDADE	SEXO	GRAU	PAIS	OUTROS	MOD. LINGUISTICA	AJUDAS	ESCOLA	REGIME	OBS.
E2/A6	15	F	MODERADA	OUVINTES		ORALIDADE	PRÓTESES	UAAS	TURMA OUVINTES	
E2/B6	11	M	MOD-OE SEV-OD	OUVINTES		ORALIDADE	PRÓTESES	UAAS	TURMA OUVINTES	
E2/C6	11	M	PROFUNDA	OUVINTES		ORALIDADE	IMPLANTADO	UAAS	TURMA OUVINTES	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E2 / A6

Idade em Janeiro /09	15 anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Moderada neurosensorial bilateral
Causa	
Surdez detectada	3 anos
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	Consulta hospital por volta dos 4 anos (terapia de grupo e psicologia)
Pré – escolar	Não frequentou
1.º Ciclo	2000/2001 – Escola do regular 2001/2007 – Instituição de educação especial Sempre ao abrigo do dec. Lei 319/91
2.º Ciclo	2007/2009 – UAAS – turma de ouvintes, apoio de professor de educação especial, terapia da fala Tem apoio personalizado a LP/ MAT/ CN/HIST/ING; tem apoio individual de professor de educação especial.
Obs.	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E2 / A6

Idade em Janeiro /09	15 anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Moderada neurosensorial bilateral
Causa	
Surdez detectada	3 anos
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	Consulta hospital por volta dos 4 anos (terapia de grupo e psicologia)
Pré – escolar	Não frequentou
1.º Ciclo	2000/2001 – Escola do regular 2001/2007 – Instituição de educação especial Sempre ao abrigo do dec. Lei 319/91
2.º Ciclo	2007/2009 – UAAS – turma de ouvintes, apoio de professor de educação especial, terapia da fala Tem apoio personalizado a LP/ MAT/ CN/HIST/ING; tem apoio individual de professor de educação especial.
Obs.	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E2 / B6

Idade em Janeiro /09	11 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Neurossensorial bilateral, moderada OE e severa OD
Causa	Problemas de parto
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Primo surdo
Forma de comunicação	Oralidade (usa LGP com surdos)
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	3 anos
Pré – escolar	2000/2003 – Jardim-de-infância Teve apoio especializado e terapia da fala
1.º Ciclo	2003/2007 – UAAS
2.º Ciclo	2007/2009 – UAAS, apoio de professor educação especial, formador de LGP, interprete de LGP, terapia da fala Tem apoio personalizado a LP/ .MAT / CN / HIST/ ING. Tem apoio individual de professor de educação especial
Obs.	LGP meio de acesso privilegiado de acesso ao currículo

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E2 / C6

Idade em Janeiro /09	11 anos
Tipo / grau de surdez	Profunda neurossensorial bilateral
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Implante realizado em Fevereiro de 2000
Início de apoio	Aos 3 anos
Pré – escolar	2000/2003 – Jardim-de-infância Teve apoio especializado e terapia da fala
1.º Ciclo	2003/2007 – UAAS
2. Ciclo	2007/2009 – UAAS, professor de educação especial, formador de LGP, interprete de LGP, terapia da fala. Tem apoio personalizado a LP / MAT / CN / HIST / ING.
Obs.	Iniciou aulas de LGP em 07/08, mas tem pouco domínio.
Obs.	Iniciou aulas de LGP em 07/08, mas tem pouco domínio.

ESCOLA E3

5.º ANO

SUJEITO	IDADE	SEXO	GRAU	PAIS	OUTROS	MOD.LINGUISTICA	AJUDAS	ESCOLA	REGIME	OBS.
E3/A5	10	F	PROFUNDA	OUVINTES	PRIMO DA MÃE	ORALIDADE	IMPLANTE	UAAS	TURMA OUVINTES	APOIO PE EM GRUPO - LP
E3/B5	10	F	SEVERA	OUVINTES	PRIMAS DO PAI	ORALIDADE	PRÓTESES	UAAS	TURMA OUVINTES	APOIO PE EM GRUPO - LP
E3/C5	10	M	SEVERA	OUVINTES		ORALIDADE	PRÓTESES	UAAS	TURMA OUVINTES	APOIO A LP/HIST

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E3 / A5

Idade em Janeiro /09	10 anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Profunda
Causa	Genética
Surdez detectada	Nascença
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Primo afastado da mãe
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Implante aos 3 anos
Início de apoio	Teve intervenção precoce no ADIP
Pré – escolar	Aos 2 anos – frequentou infantário Frequentou pré-escolar da UAAS 5 anos
1.º Ciclo	2004/2008 – UAAS
2. Ciclo	2008/2009 – UAAS – turma de ouvintes Tem apoio de professor de educação especial em pequeno grupo a LP.
Obs.	A surdez desta aluna está associada à síndrome QT longo; tem problemas de coração.

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E3 / B5

Idade em Janeiro /09	10 anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Severa
Causa	Genética
Surdez detectada	5 anos
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Primas do pai
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	Depois dos 5 anos
Pré – escolar	Escola do regular 3 anos
1.º Ciclo	2004/2008 – UAAS 1.º e 2.º ano teve terapia da fala
2.º Ciclo	2008/2009 – UAAS – turma de ouvintes Tem apoio professor de educação especial a LP e às outras disciplinas 6 tempos por semana.
Obs.	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E3 / C5

Idade em Janeiro /09	10 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Severa
Causa	---
Surdez detectada	-----
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	2002 – Hospital
Pré – escolar	2002/2004 – Jardim-de-infância do regular
1.º Ciclo	2004/2008 – UAAS – turma de ouvintes Apoios 5 tempos semanais a LP / HIST.
2.º Ciclo	2008/2009 – Turma de ouvintes Apoios 5 tempos por semana a LP / HIST.
Obs.	

6.º ANO

SUJEITO	IDADE	SEXO	GRAU	PAIS	OUTROS	MOD.LINGUISTICA	AJUDAS	ESCOLA	REGIME	OBS.
E3/A6	11	F	MODERADA	OUVINTES		ORALIDADE	PRÓTESES	UAAS	TURMA OUVINTES	APOIO PR- LP/ING/MAT; PE-LP
E3/B6	13	F	PROFUNDA	OUVINTES		ORALIDADE	IC e PROT.	UAAS	TURMA OUVINTES	APOIO PE - LP
E3/C6	11	M	TRANSMISSÃO	OUVINTES		ORALIDADE	IMPLANTE	UAAS	TURMA OUVINTES	APOIO PR-LP/MAT: APOIO PE-LP
E3/D6	12	F	PROFUNDA	OUVINTES		ORALIDADE	IMPLANTE	UAAS	TURMA OUVINTES	APOIO PE - todas as disciplinas

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E3 / A6

Idade em Janeiro /09	11 anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Moderada bilateral
Causa	Problemas de parto
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Próteses (colocadas 4 anos)
Início de apoio	
Pré – escolar	2001/2003 – Jardim de infância.
1.º Ciclo	2003/2007 – Escola do regular
2.º Ciclo	2007/2009 – UAAS – turma de ouvintes Tem apoio do professor do regular a LP/ING/MAT; Apoio do professor de educação especial a LP 2 horas em grupo e 2 individual; terapia da fala 1 vez por semana.
Obs.	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E3 / B6

Idade em Janeiro /09	13 anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Profunda bilateral
Causa	Meningite aos 13 meses
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade e alguma LGP
Ajudas técnicas	Implante colocado em 1998; próteses.
Início de apoio	
Pré – escolar	Sim
1.º Ciclo	2002/2003 – Escola do regular 2003/2007 – UAAS Teve terapia da fala no 1.º ciclo
2. Ciclo	2007/2009 – UAAS – turma de ouvintes. Tem apoio de professor de educação especial a LP e nas outras disciplinas.
Obs.	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E3 / C6

Idade em Janeiro /09	11 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Transmissão bilateral
Causa	Congénita
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Implante em 2005
Início de apoio	
Pré – escolar	Esteve com uma ama, frequentou a creche e esteve 1 ano no pré-escolar.
1.º Ciclo	2003/2007 - UAAS
2.º Ciclo	2007/2008 – UAAS – Turma de ouvintes. Tem duas horas de apoio em grupo com o professor de educação especial a LP; tem apoio do professor do regular a LP/MAT
Obs.	Nasceu sem canais auditivos, fez reconstrução da orelha em 2003.

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E3 / D6

Idade em Janeiro /09	12 anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Profunda bilateral
Causa	Congénita
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvinte
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Implante colocado em Janeiro de 1999
Início de apoio	3 anos
Pré – escolar	1999/2001 – Jardim do regular Teve apoio de professor de educação especial 2001/2002– Jardim da UAAS
1.º Ciclo	2002/2007 – UAAS
2. Ciclo	2007/2009 – UAAS – turma de ouvintes Tem apoio de professor de educação especial 11 tempos por semana em pequeno grupo a todas as disciplinas.
Obs.	

ESCOLA E4

5.º ANO

SUJEITO	IDADE	SEXO	GRAU	PAIS	OUTROS	MOD. LINGUÍSTICA	AJUDAS	ESCOLA	REGIME	OBS.
E4/A5	10	M	MODERADA	OUVINTES		ORALIDADE	PRÓTESES	UAAS	T.OUV.PARCIAL TURMA	A.P. – CN/H/LP/M
E4/B5	10	M	MODERADA	OUVINTES		ORALIDADE	PRÓTESES	UAAS	OUVINTES	APOIO -P.R. -M/LP

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E4 / A5

Idade em Janeiro /09	10 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Neurosensorial moderada bilateral
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	Desde o 1.º ano
Pré – escolar	
1.º Ciclo	
2. Ciclo	2008/2009 – UAAS, integração parcial em turma de ouvintes, apoio de professor educação especial, formadora de LGP e terapia da fala Tem apoio personalizado a CN /HIST/LP/MAT.
Obs.	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E4 / B5

Idade em Janeiro /09	10 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Neurosensorial moderado bilateral
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar	
1.º Ciclo	No 4.º ano beneficiou de apoio da UAAS em LGP e terapia da fala
2.º Ciclo	2008/2009 – UAAS – turma de ouvintes, tem apoio do professor do regular a MAT/LP e apoio do professor de educação especial e terapia da fala.
Obs.	Este ano não tem LGP devido ao horário.

6.º ANO

SUJEITO	IDADE	SEXO	GRAU	PAIS	OUTROS	MOD.LINGUISTICA	AJUDAS	ESCOLA	REGIME	OBS.
E4/A6	12	M	PROFUNDA MODERADA MÃE OUV.	OUVINTES		ORALIDADE	IMPLANTE	UAAS	T.OUV. PARCIAL	T.SURDOS-LP/H/MAT/APOIO PE
E4/B6	12	M	MODERADA MÃE OUV.		PAI/AVÔ SURDOS	ORALIDADE	PRÓTESES	UAAS	T.OUV. PARCIAL	T.SURDOS-LP/H/MAT/APOIO PE
E4/C6	12	M	MODERADA MÃE OUV.	OUVINTES		ORALIDADE	PRÓTESES	UAAS	T.OUV. PARCIAL	T.SURDOS-LP/H/MAT/APOIO PE
E4/D6	11	M	SEVERA	OUVINTES		ORALIDADE	PRÓTESES	UAAS	T.OUV. PARCIAL	APOIO PERS. CN/H/LP
E4/E6	12	F	PROFUNDA	OUVINTES		LGP	PRÓTESES	UAAS	T.OUV. PARCIAL	T.SURDOS-MAT/APOIO PE APOIO PE- LP/ PR - ING/MAT/CN
E4/F6	11	M	PARCIAL	OUVINTES	IRMÃ	ORALIDADE	PRÓTESES	UAAS	TURMA OUVINTES	APOIO PE - CN/ING/MAT
E4/G6	11	M	PROFUNDA	OUVINTES		ORALIDADE	IMPLANTE	UAAS	TURMA OUVINTES	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E4 / A6

Idade em Janeiro /09	12 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Profunda bilateral
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Implante coclear
Início de apoio	
Pré – escolar	
1.º Ciclo	Frequentou o 1.º ciclo sendo sempre apoiado pela UAAS
2.º Ciclo	2007/2009 – UAAS – integração parcial em turma de ouvintes, turma de surdos a LP/HIST/CN/MAT, tem apoio do professor educação especial, formadora de LGP, terapia da fala. Iniciou a LGP no 5.º ano.
Obs.	A oralidade deste aluno por vezes é pouco perceptível, por vezes usa LGP. Nervoso e com alguns problemas de comportamento

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E4 / B6

Idade em Janeiro /09	12 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Neurossensorial moderado bilateral
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Mãe ouvinte
Irmãos /familiares	Pai e avô surdos
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar	
1.º Ciclo	
2. Ciclo	2007/2009 – UAAS – integrado parcialmente em turma de ouvintes, turma de surdos em LP/HIST/CN/MAT, apoio do professor de educação especial e formadora de LGP, terapia da fala.
Obs.	Iniciou a LGP no 5.º ano

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E4 / C6

Idade em Janeiro /09	12 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Moderada bilateral
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade (vocabulário reduzido)
Ajudas técnicas	Próteses (colocadas este ano)
Início de apoio	
Pré – escolar	
1.º Ciclo	
2.º Ciclo	2008/2009 – UAAS – Integrado parcialmente em turma de ouvintes, apoio na turma de surdos a LP/HIST/CN/MAT, tem terapia da fala e LGP
Obs.	Este aluno veio de outra escola. Tem uma baixa auto-estima. Problemas de comunicação oral e gestual.

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E4 / D6

Idade em Janeiro /09	11 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Neurosensorial severa bilateral
Causa	Otites
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar	
1.º Ciclo	No 4.º ano – escola do regular, tinha apoio da UAAS. Iniciou nesta altura a LGP
2.º Ciclo	2008/2009 – UAAS – Integração parcial em turma de ouvintes. Tem apoio personalizado a CN/HIST/LP. Tem terapia da fala e LGP.
Obs.	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E4 / E6

Idade em Janeiro /09	12 anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Profunda neurossensorial bilateral
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar	
1.º Ciclo	Até aos 8 anos esteve numa instituição de educação especial. No 3.º ano mudou de escola beneficiando dos apoios da UAAS
2.º Ciclo	2007/2009 – UAAS – turma de ouvintes, na matemática está turma de surdos com mais 3 colegas. Tem apoio do professor de educação especial, formadora de LGP, terapia da fala
Obs.	Faz boa leitura de fala e adapta a comunicação ao interlocutor

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E4 / F6

Idade em Janeiro /09	11 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Surdez parcial
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Irmã surda parcial
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar	
1.º Ciclo	
2. Ciclo	2008/2009 – UAAS – turma de ouvintes, tem apoio de professor educação especial a LP e apoio dos professores ensino regular a ING/MAT/CN. Aulas de LGP e terapia da fala
Obs.	

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E4 /G6

Idade em Janeiro /09	11 anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Profunda bilateral
Causa	
Surdez detectada	2 anos
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	-----
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Implante coclear feito aos 3 anos
Início de apoio	Aos 3 anos
Pré – escolar	Jardim-de-infância durante 3 anos onde teve terapia da fala
1.º Ciclo	Frequentou o 1.0 ciclo durante 4 anos sendo sempre acompanhado pela educação especial
2.º Ciclo	2007/2009 – UAAS – turma de ouvintes, tem apoio de educação especial, de terapia da fala e apoio a CN/ING/MAT
Obs.	Fora da escola tem também muitos apoios. Recusa a LGP

ESCOLA E5

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E5/A5

Idade em Janeiro /09	
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Sensório profunda grau II e III
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Não
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar *	
1.º Ciclo *	2002/2003 – Entrou na Escola E5 – 4.º ano com adaptações curriculares
2.º Ciclo *	2007/2008 – 5.º Ano – Escola E5 2008/2009 – 6.º Ano – Escola E5 Turma de surdos nas teóricas e nas práticas em turma de ouvintes
Obs.	Apoio a língua portuguesa. Adaptações curriculares a LP/M/H/CN. É filho de emigrantes dos países de Leste

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E5/B5

Idade em Janeiro /09	15 Anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Profunda grau II - neurosensorial
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Não
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	-----
Pré – escolar *	-----
1.º Ciclo *	UAAS do 1.º ao 4.º ano – entrou com 8 anos para a escola
2.º Ciclo *	2008/2009 – 5.º Ano – Escola E5 Turma de surdos nas teóricas e nas práticas em turma de ouvintes.
Obs.	Tem apoio a matemática, língua portuguesa e a matemática e LGP. Adequações a LP /M/ H/ CN. Deficiência mental ligeira

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E5/C5

Idade em Janeiro /09	13 anos
Sexo	F
Tipo / grau de surdez	Profunda grau II e III. Neurosensorial
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar *	
1.º Ciclo *	Do 1.º ao 4.º ano – UAAS 2006/2007 – 4.º Ano - escola E5
2.º Ciclo *	2008/2009 – 5.º Ano – escola E5 Turma de surdos nas teóricas e turma de ouvintes nas práticas
Obs.	Apoio a língua portuguesa, matemática e a LGP. Teve 3 retenções no 1.º ciclo. Tem dificuldades graves na oralidade.

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E5 / D5

Idade em Janeiro /09	10 Anos
Sexo	M
Tipo / grau de surdez	Profundo
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Ouvintes
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar *	Escola do regular em Cabo Verde
1.º Ciclo *	Escola de educação especial de surdos.
2.º Ciclo *	2008/2009 – 5.º Ano – Escola E5 Turma de surdos nas teóricas e em turma de ouvintes nas práticas
Obs.	Apoio a matemática, língua portuguesa e LGP. Adequações curriculares a M/H/CN/ LP.

6.º ANO

SUJEITO	IDADE	GÉNERO	GRAU	PAIS	OUTROS	MOD.LINGUISTICA	AJUDAS	ESCOLA	REGIME	OBS.
E5 / A6	14	M	PROF-OD SEV-OE	OUVINTES		LGP	PRÓT	ESP	TS-T	AP-M/LP
E5 / B6	15	M	PROF-OD SEV-OE	OUVINTES		LGP	PRÓT	ESP	TS-T	AP – M/CN AP – M/ LP
E5 / C6	16	M	PROF SEV-OD PROF-OE	OUVINTES		LGP	PRÓT	ESP	TS-T	AP - LP
E5 / D6	14	M	PROF SEV-OD PROF-OE	OUVINTES		LGP LGP	PRÓT	ESP	TS-T	AP- M/CN
E5 / E6	13	M	PROF SEV-OD PROF-OE	OUVINTES		LGP	PRÓT	ESP	TS-T	AP-LP
E5 / F6	12	M	SEV-OD PROF-OE SEV-OD MOD-OE	OUVINTES		LGP ORALIDADE	PRÓT	ESP	TS-T	AP – MAT /CN AP-LP
E5 / G6	15	F	PROF	OUVINTES		LGP	PRÓT	ESP	TS-T	
E5 / H6	13	M	PROF SEV-OD	OUVINTES		ORALIDADE	PRÓT	ESP	TS-T	AP-LP
E5 / I6	14	M	SEV-OD	OUVINTES			PRÓT	ESP	TS-T	AP- LP

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E5/A6

Idade em Janeiro /09	14
Género	M
Tipo / grau de surdez	Sensorial, severa OD/ moderada no OE
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Não
Forma de comunicação	LGP (não tem oralidade)
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar *	2000/2001 – UAAS
1.º Ciclo *	2001/2002 – Escola E5
2.º Ciclo *	2007/2008 – 5.º Ano 2008/2009 – 6.º Ano Turma de surdos a tempo inteiro.
Obs.	Apoio – Matemática e Língua Portuguesa. Teve duas retenções no 2.º e 4.º ano. Não domina a escrita, tem dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E5/B6

Idade em Janeiro /09	15 anos
Género	M
Tipo / grau de surdez	Sensorineural, profunda OD, severa OE
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Não
Forma de comunicação	LGP (não tem oralidade)
Ajudas técnicas	
Início de apoio	
Pré – escolar *	Dos 3 aos 7 anos APECDA
1.º Ciclo *	2000/2001 – Entrou para 1.º ano na escola E5
2.º Ciclo *	2007/2008 – 5.º Ano 2008/2009 – 6.º Ano Turma de surdos a tempo inteiro
Obs.	Teve três retenções no 2.º, 3.º e 4.º ano. 1.º Ciclo teve currículo escolar próprio. Apoio a matemática e língua portuguesa. Dificuldades de aprendizagem e não domina a escrita

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E5/C6

Idade em Janeiro /09	16
Género	M
Tipo / grau de surdez	Sensorrioneural profunda bilateral
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Não
Forma de comunicação	LGP (não tem oralidade)
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar *	1997/1998 – APECDA – Jardim Infância
1.º Ciclo *	UAAS – teve 4 retenções
2.º Ciclo *	2007/2008 – 5.º Ano – UAAS 2008/2009 – 6.º Ano – Escola E5 Turma de surdos a tempo inteiro.
Obs.	Apoio a matemática e língua portuguesa. Dificuldades de aprendizagem. Não domina a escrita. Tem doença crónica renal.

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E5/D6

Idade em Janeiro /09	14
Género	M
Tipo / grau de surdez	Sensorrioneural, severo OD e profundo OE
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Não
Forma de comunicação	LGP (não tem oralidade)
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar *	1998/1999 – Escola E5
1.º Ciclo *	2000/2001 / 2006/2007 – Escola E5
2.º Ciclo *	2007/2008 – 5.º Ano – Escola E5 2008/2009 – 6.º Ano - Escola E5 Turma de surdos a tempo inteiro
Obs.	Apoio a língua portuguesa. Teve 3 retenções no 1.º ciclo. Não domina a escrita.

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E5/E6

Idade em Janeiro /09	13
Género	M
Tipo / grau de surdez	Sensorrioneural, profunda bilateral
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Não
Forma de comunicação	
Ajudas técnicas	
Início de apoio	
Pré – escolar *	
1.º Ciclo *	UAAS – 1.º Ano 2º/4.º Ano – Escola especial
2.º Ciclo *	5.º Ano – UAAS 2008/2009 – 6.º Ano – Escola E5 Turma de surdos a tempo inteiro.
Obs.	Apoio a matemática e ciências da natureza. Não domina a escrita.

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E5/F6

Idade em Janeiro /09	12
Género	M
Tipo / grau de surdez	Sensorineural, severa OD e profunda OE
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Não
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar *	2001/2002 - UAAS
1.º Ciclo *	2002/2003 – 2006/2007 - UAAS
2.º Ciclo *	2007/2008 – 5.º Ano – Escola E5 2008/2009 – 6.º ano – Escola Turma de surdos a tempo inteiro.
Obs.	Teve 1 retenção no 1.º ano. Não domina a escrita. Veio para Portugal ao abrigo do acordo de saúde com os PALOP

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CÓDIGO – E5/G6

Idade em Janeiro /09	15
Género	F
Tipo / grau de surdez	Sensorrioneural, severa OD e moderada no OE
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Não
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar *	Desde os 2 anos de idade a frequentar UAAS
1.º Ciclo *	1.º e 2.º ano em UAAS 2003/2004 - 2.º ao 4.º ano – escola E5
2.º Ciclo *	2007/2008 – 5.º Ano – escola E5 2008/2009 – 6.º Ano – escola E5 Turma de surdos a tempo inteiro
Obs.	Apoio a matemática e a ciências da natureza. Teve acompanhamento psicológico.

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E5/H6

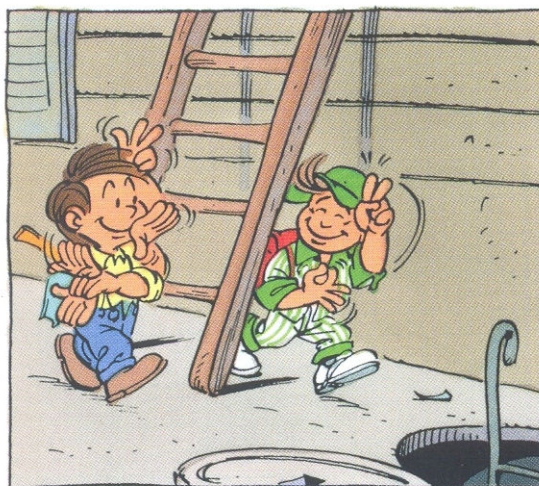
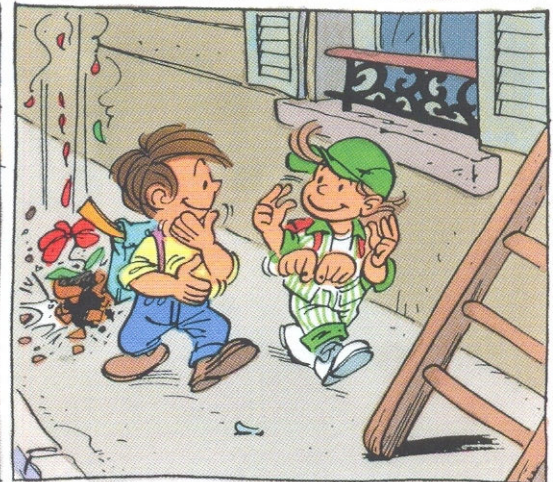
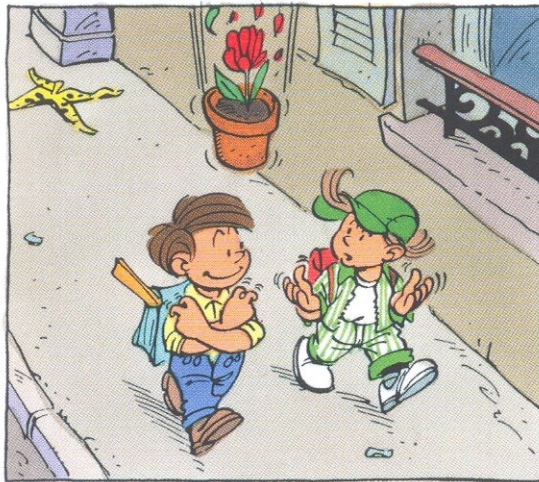
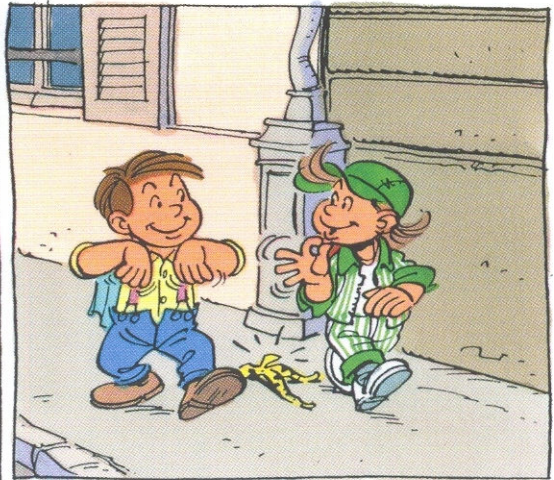
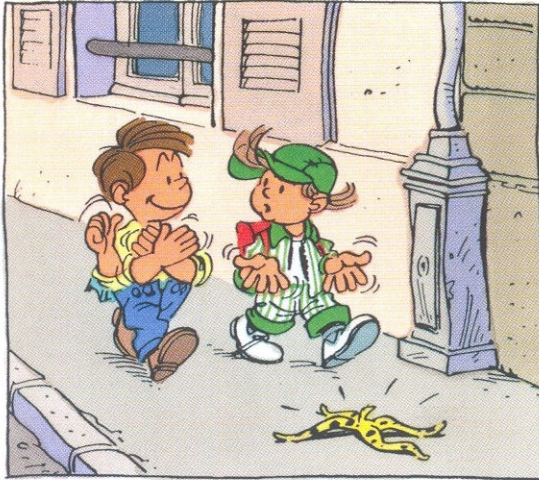
Idade em Janeiro /09	13
Género	M
Tipo / grau de surdez	Sensorrioneural, profunda bilateral.
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Não
Forma de comunicação	LGP
Ajudas técnicas	Próteses
Início de apoio	
Pré – escolar *	1997/1998 – Escola E5
1.º Ciclo *	2000/2001 – 2006/2007 – Escola E5
2.º Ciclo *	2007/2008 – 5.º Ano – Escola E5 2008/2009 – 6.º Ano – Escola E5 Turma de surdos a tempo inteiro.
Obs.	Não domina a escrita. Teve acompanhamento psicológico.

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

CÓDIGO – E5/I6

Idade em Janeiro /09	14
Género	M
Tipo / grau de surdez	Sensorineural, severa OD
Causa	
Surdez detectada	
Pais surdos / ouvintes	Ouvintes
Irmãos /familiares	Não
Forma de comunicação	Oralidade
Ajudas técnicas	
Início de apoio	
Pré – escolar *	
1.º Ciclo *	2002/2007 – Esteve em 2 escolas do ensino regular
2.º Ciclo *	2007/2008 – 5.º Ano – Escola E5 2008/2009 – 6.º Ano – Escola E5 Turma de surdos a tempo inteiro
Obs.	Teve 1 retenção no 2.º ano. Veio para Portugal ao abrigo do acordo de saúde com os PALOP. Contacto com surdos desde o 5.º ano.

ANEXO 5 – PROVA ESCRITA



Xavier Lapeere
27

Escola: _____

Nome do aluno/a: _____

Data: _____ Idade: _____

Ano: _____

- Observa com atenção as imagens. Escreve uma história e não te esqueças do título.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18

19
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40

Obrigado pela tua colaboração e bom trabalho!

Manuela Branco

ANEXO 6 – PRODUÇÕES NARRATIVAS

ESCOLA E1

E1/A5

3 O menino do
O menino do
O menino do
O menino do
O menino do
O menino do

E1/B5

Ela é a minha menina vai ~~para~~ dando
de bom banana vira foi gestualizar.
Os meninos fofos Aii!

E1/C5

Ela é a minha menina vai ~~para~~ dando
de bom banana vira foi gestualizar.
Os meninos fofos Aii!

E1/D5

O menino vai banana.
O menino mãe vai pa.
V ~~pa~~ mãe
V vai pa mãe.
V vai ~~pa~~ pa Aii!

E1/F5

O passeio de surdo.
 O menino gosta de surdo.
 O menino amigo gosta de passeio.
 O menino surdo caiu uma flor.
 O menino esta mãe muito surdo gosta de ti.
 O menino vai surdo de amigo.
 O menino amigo surdo trabalho de homem.

E1/G5

"Elo e o Marco"
 E o Elo e o Marco estava falar
 repente uma Caixa de lanterna estava
 no chão. Elo viu afastou e continuava
 a falar e o vaso caiu e partiu.
 Estava uma escadote. Elo viu virou
 para esquerda e depois estava falar
 e o Homem estava arrastar o peso
 o Homem soltiu e Elo não viu e
 ficou cabeça do Homem.

E1/J5

Os meninos um o Surdo da Panama +
 Os meninos um o Surdo cair.
 Os meninos um o Surdo da Flor +
 Os meninos um o Surdo Cair.
 Os meninos um o Surdo do homem +
 Os meninos um o Surdo cair.
 Fim
 Os amigos do Surdo

E1/D6

Os meninos Surdos
Os meninos não sei estão falas L.G.P caminho
Cuidado chão banana.
Os meninos estão falas sei Caminho cuidado chão
lado banana.
A menina está fonda Sei fona flor chão
caminho, mas os meninos não ouvi, os meninos
estão falas L.G.P.

E1/E6

do título. " Os meninos "

Os meninos estão falaram ve ma
chão está banana pode cai mas
os meninos estão cai sorte etc...

E1/F6

" História de L.G.P "

Os meninos estão L.G.P sua passar não falar
eles não nem falar engrasado mas pode falar
depois já banana. Agora falar os meninos estão andam
depois o falar falar quem pode falar.
Os meninos estão engrasado, depois o lembrar foi
como depois os meninos foi fe far cabeça ele A L.G.P!
Os meninos como sei de L.G.P depois engrasado eles
vão falar com fe porque para aprender falar
monas.
Os meninos estão contentes.

E1/G6

do título.

O Leão e o amigo.

O Leão conversa com o suco. O Leão e o suco
com a banana. O Leão e o amigo falam muito
contente. O Leão e o amigo não vem vaso. O vaso partido
O Leão está lado com o amigo muito contente. O Leão e o
amigo não andam mão ver, buraco com homem.

ESCOLA E2

E2/A6

Dois meninas que iam
a passar.

Era uma vez duas meninas que iam
a passar pela o passeio e com
sua mãe pela o caminho que ele passa-
vam nem se quer olhavam para a criança
elas com passavam muito um menino
passou por uma uma casca de
banana e por pouco não tropeçou
nela. Passando a ~~parte~~ ^{parte} ~~um~~ ^{um} ~~dos~~ ^{dos}
meninas quase levou com um biscoito
na cabeça. O outro que estava ao
lado estava entediado e conversava
com o outro ao lado nem sequer
viu a escada que estava a frente
dela e por pouco não foi enfiada
a ela. Passando um pouco a
frente que ele caiu ~~na~~ ~~frente~~ ~~passo~~
mas por pouco a passou um homem
que estava lá dentro. E depois foram

a vida delas. isto é preciso muito
sorte por ter passado os perigos.

E2/B6

Os surdos tava falar conversar a Banana
no chão eles que não viu o Banana no chão
fois foi passou a banana o menino que não viu o vaso
no chão ja foi passou o chão agora não viu a escada
na parede pois o menino andou não vai cair o chão
sente o homem que ajudou menino pois homem fez aiii!

E2/C6

Os menino são surdos
Os meninos andavam passear a fazer linguas
gestual eu chamo João e eu chamo Miguel
Depois aperceu a banana.
Os meninos passaram a banana nem calçar.
O João disse se tu tens irmãos e Miguel
disse tinha dois irmãos
E depois a menina deixou a cair a jarra.
E os meninos passaram a jarra nem partio-se
e os meninos não ouviram.
E os meninos viu a escada depois o João
passou ao lado da escada.
E depois o João ficou a cara do Homem.
E depois foram para casa.

ESCOLA E3

E3/A5

Os Surtudos

Era uma vez, dois rapazes que eram muito surtudos, porque um dia eles estavam a ir para a escola e eles estavam a passar por muitas casas a fazer deíngua festual Portuguesa, pois eles eram surtudos.

Numa janela da casa que estava por cima deles atiraram uma casca de banana para o chão e eles não escarregaram, pois eles passaram pelo lado dela, a reguiz foi um vaso com flores e quase caiu em cima deles mas, ainda bem, eles deram uns passos para a frente o que fez com que o vaso não caísse em cima deles.

Foram andando e até que apareceu um escadote, e mais uma vez, não bateram no escadote, e até que lhes apareceu um buraco mas só que lá dentro estava um homem e então um desses rapazes calçou-lhe a cabeça, e assim é a história destes rapazes surtudos.

E3/B5

Os trapalhões, surtudos e surdos

Era uma vez, dois meninos surdos, que estavam distraídos a conversar, mas sur. E havia uma casca de banana. E tudo bem, passou-se...
E mais à frente, estava a cair um vaso, e eles passaram por baixo do vaso (antes de cair). Tiveram sorte em o vaso ter caído atrás deles, e portanto passou-se...

E mais um barquinho à frente, estava um senhor a (conversar) conversar qualque coisa dos esgotos, e o rapaz do lado esquerdo passou por cima da tampa dos esgotos e não se notou nada. O senhor dos esgotos ia para cima, ao mesmo tempo e o outro rapaz passou por cima do senhor, mas o senhor gritou:
— Aiii!

Os rapazes não ouviram, por serem surdos, e (continua) continuaram bem!...

E3/C5

OS MIUDOS NÃO CAÍAM UADA
primeiro os dois miudos ralhavam muito, depois
tiveram uma casca e iam caçar a casca da
barraca, mas um não caíam, depois ralharam e
ia cair o vaso mas, os miudos passaram
e o vaso caiu e partiu-se depois um
miúdo deu a volta a escada e mais a
frente tinha um barraco e no barraco
apareceu um homem e um miúdo calçou
o homem que estava no barraco e o homem
diss piii!

E3/A6

OS DOIS MENINOS SURDOS

Era uma vez dois meninos que iam a caminho para a
escola, e encontraram uma casca de banana no chão e ao iram
para a escola iam a conversar e quando repararam na casca
de banana não calçaram a casca de banana viraram a volta
da banana.

Mais tarde estava um vaso na varanda de uma casa
e quase a cair em cima da cabeça dos dois meninos,
depois passaram mais um passo e o vaso caiu e partiu
no chão.

Depois o menino vestido de verde e Branco passou por
branco de umas escadas que estavam lá perto dos dois
meninos.

Por fim o menino passou por cima de um senhor que estava
a arranjar o pão e gritou: AAAAA!

E3/B6

"Os rapazes!"

• Era uma vez, os dois rapazes andava na rua e depois eles estão sempre conversando na rua. Os rapazes estão sempre fazer os gesto na rua. Os rapazes estavam a caminhar e depois quase caiu. Depois os rapazes estava na frente da escada e depois o rapaz caiu ao chão na rua. O rapaz estava a falar de escola dele na escada. E depois o rapaz subiu na cima da cabeça do homem e o homem disse - tu Aii!

E3/C6

Era uma vez, dois meninos que estavam a falar e no chão estava uma banana e não viram.

Depois passando um bocadinho, fizeram outra vez mesma banana. Passam pelo sítio onde estava a banana e cai um vaso com uma flor, que quase ~~caiu~~ acertava em cima dele.

Mais uns minutos, o menino passa pelo baixo de uma escada e à frente está um buraco e coloca a mão do homem.

E3/D6

"Os 2 rapazes"

O menino estava a falar com a colega, depois o menino caiu com a banana. Os dois rapazes estavam a fazer os gestos Portuguesa. Continuam a falar os gestos Portuguesa e depois o rapaz caiu em cima da cabeça do menino. Depois o menino falava com a colega e depois o rapaz partiu-se no chão. O colega estava a fazer os gestos Portuguesa quando a falar com a colega. Depois o homem subiu nas escadas e o menino ficou na cabeça do homem.

ESCOLA E4

E4/A5

Foi uma vez dois rapazes que (andavam) andavam pelo passeio, à frente do rapaz que tem um chapéu apareceu a casa do barman. Depois ao outro rapaz apareceu um vaso em cima dele e caiu de ~~atras~~ do rapaz. O (barman) regressou à frente do rapaz apareceu o buraco e não caiu porque estava lá o homem.

E4/B5

Os dois amigos.

Foi uma vez dois amigos que não falavam mas faziam língua gestual com as mãos. Um dia um senhor comeu uma banana e ^{deitou} deixou a casca da banana para o chão, e os dois amigos conversaram e um dos amigos ia cair mas por sorte o outro amigo deixou a casca da banana. E eles estavam a ir para a escola. (INÍCIO)

De seguida uma senhora, sem querer, ^{quartel} deixou cair um vaso e partiu-se, mas como os dois amigos não virem, não repararam no vaso que se partiu. O amigo com a casaca verde ^{estava} distraído e ia bater mas por sorte olhou e desviou-se das escadas de madeira. Conseguiu desviar-se mas um homem ^{estava} a subir as escadas e o menino passou por cima da cabeça e o homem disse: - Ah!!

E4/D6

Ricardo e Miguel

Ricardo está com o Miguel a conversar que veio da escola e estava a caminho.

Ricardo e Miguel não viram a caixa de banana e não perceberam e continuaram a andar.

Uma senhora da cozinha estava a sugar os pratos e deixou o vaso sem querer e também não viu em cima do Ricardo e do Miguel.

Quando estavam a andar veio o escadote e continuaram a andar e não viu o peso que o homem estava lá dentro e ele começou a subir.

O Miguel estava a andar e calçou na cabeça do homem e disse: - iiiii!

E4/E6

As diabruras cometeram-se...

era uma vez dois miúdos surdos com alguma rebeldia, chamados João e Francisco. um dia, combinaram dar um passeio assim que acabassem as aulas. e como tinham alguma 'guita', resolveram comprar um gelado para cada um deles. Mas tiveram logo uma ideia louca... Como o dinheiro não chegava para um gelado, combinou-se que iam 'assaltar' a geladaria, por brincadeira. Mas prometem pagar no dia seguinte. e a aventura começou quando os dois, sorrizadamente, abriram a arca, tiraram os gelados e começaram a lambuzar, tranquilamente... e fugiram disparadamente quando o empregado os apanhou, resmungou e gritou com eles.

O Francisco respondeu-lhe, a correr de costas, em língua gestual:

- desculpe! Amanhã pagamos-lhe, prometemos!

O empregado ficou incrédulo e franziu o sobrolho, não entendendo nada. e como não sabia que existia língua gestual, começou a achar que eles, talvez, eram deficientes...! depois do momento, começaram a rir:

- foi fixérrimo! o empregado é tão burro que nem viu o que nós fizemos! ih ih ih - comentou o Francisco.

- Podes repetir! Nunca tinha feito aquilo! quero repetir, um dia assim! - respondeu o João, que não viu o perigo que andava por aí solto.

→

Ignorou e passou pela banana, como se ela fosse invisível e continuou a tagarelar com o Francisco. O Francisco esboçou um sorriso maroto quando o João lhe disse que queria voltar a repetir aquela canção. Por falta do destino, o vaso não foi contra ele. O João continuou a andar, andar e andar até que pisou o canalizador, que estava debaixo deles, a verificar os canos. Este soltou um grito estridente ~~que~~ que fez estremecer as cascas. O João, quando aleijou a cabeça do canalizador, sentiu que estava prestes a cair num buraco. e virou-se para trás. Viu o que acabara de fazer, pediu-lhe desculpas. O canalizador, tal como o empregado, também fez os mesmos movimentos que ele. Daí em diante, descobriram o que era a língua gestual e quiseram logo aprender, para poderem comunicar com os surdos-mudos assim que os virem.

FIM

E4/F6

Ab conversa de gestos

Os meninos surdos foram dar um passeio e estavam a falar em língua gestual. Já já pass^o pela ^{passagem} ^{mas} ^{estará} ^{lá} ^a ^{casa} ^{de} ^{banana} ^{mas} ^{estará} ^{sempre} ^a ^{falar} ^{em} ^{língua} ^{gestual}.

Os pass^o por uma casa caiu um vaso com uma flor vermelha e não ligaram ^o que está a acontecer. Passaram pelo escadote e estavam sempre a falar a comunicação de Patrick e o yonk.

Mas desta vez, o yonk ^{magou} o canalizador e ele disse:

-Aiii!

É o que mais interessava para os dois amigos era a comunicação de língua gestual.

Quando chegaram a casa foram estudar para saber gestos novos. No dia seguinte, no intervalo da escola foram ensinar os outros colegas.

Passaram muitos anos, os dois amigos tornaram-se professores de língua gestual.

E4/G6

Ab conversa dos miúdos

Os Bart e o Jack estavam a conversar em linguagem gestual no caminho da escola, enquanto estava uma casa de banana no chão e o Bart e o Jack desviaram-se da casa da banana e continuaram a seguir o caminho, de repente o vaso de flores caiu e não acertou nos miúdos e o vaso de flores partiu-se lá. Miúdos continuaram e desviaram-se do escadote, e um canalizador estava a subir o escadote do esgoto, o Jack ficou-lhe e pediu-lhe desculpa em linguagem gestual.

O Bart e o Jack foram seguindo o caminho para a escola, quando continuaram estava uma lata de coca-cola no chão e os miúdos desviaram-se e ainda não tinha chegado à escola.

Os miúdos estavam quase a chegar à escola, enquanto havia dois skates na rua e desta vez o Bart e o Jack acertaram e os skates

ainda não tinha parado na rua.

So parou quando os skates chegaram a escola.

ESCOLA E5

E5/A5

do título.

1	Os meninos estavam a falar com amigo.
2	Os meninos estavam ele o amigo está lado está mão
3	ver uma banana.
4	Os meninos estavam não ver a cima uma saca de flor.
5	Os meninos só nem ver mão atrás uma saca de flor
6	agora está só falar.
7	Os meninos o lado menino está mão ver a escada.
8	Os meninos o lado um amigo menino não ver
9	pare baixo um o homem ele só baixo sapato baixo
10	baixo de homem.
11	
12	
13	

E5/A6

do título.

1	Era uma vez um menino amigo disse um
2	dois muitos surdos.
3	O João eo léo um berrar rua olho andar banana
4	um gestual muito surdos
5	João um trair vasco ouvir partir muito
6	surdos e gestual.
7	O léo vai pé boraco Aiii muito ouvir surdos
8	gestual.
9	FIN
10	
11	

E5/C6

1	Eles estão a falar língua gestual.
2	Eles mãe vi um banana Depois eles desviaram um banana
3	Eles vasco pois partir.
4	Eles desviaram esgata.
5	Ela mãe vai homem.
6	
7	

E5/D6

1	QUANTO ESCOLA ACABAR ELAS SAÍ AULA.
2	'ESTÁ ANDAR RUA eles ESTÁ FAZAR GESTUAL.
3	elas NÃO VIU NÃO BANANA e TAMBÉM VASCO
4	CIRCA PER CHÃO eles NÃO OUVIR.
5	ANDAR FRENTE MAS um Homem ESTÁ TRABALHO
6	é ESGOTO. ele ESTÁ PE ESGOTO Homem piíí
7	
8	

E5/E6

1	"Os meninos fazemos gestual com os amigo.
2	Depois não ver a banana eles está gestual.
3	Andar continua depois não ver nada só vaso.
4	vaso ja cair. depois amigos lá gestual estrada.
5	os amigos gestual procurar que?
6	lá ver não vir pessoa para debaixo water cabeça.
7	
8	

E5/F6

1	Um dia as duas meninas vão a escola.
2	Eles são a falar lingua gestual.
3	Eles andam e depois não viu uma flor a cair.
4	Eles os dois não ouvirem a planta a cair.
5	Os meninas andam a falar, falar, falar.
6	Depois o homem levantou a cabeça um menino pensou a
7	cabeça do homem o homem deve muito e digaiii!
8	
9	

E5/G6

1	O menino e a menina vão a passear.
2	Mas os meninos estão a falar.
3	Eles vão a escola.
4	Depois eles foram a escola.
5	Ele vai para escola agora.
6	O menino ainda ficou a cabeça a
7	hamam.
8	
9	

E5/H6

1 "Léo de Sordo".
2 Era uma vez um menino chama-se Léo. Ele
3 é surdo, sem ouvir. Quando acabava na aula,
4 embora para a casa, o Léo juntou-se o meu
5 amigo e conversa.
6

E5/I6

do título. "Léo o menino Surdo"

1 Na quele dia o Léo sai da escola com
2 o seu melhor amigo, eles saíam sempre
3 juntos da escola, o Léo e o seu amigo andavam
4 pelas ruas e eles tinham muita sorte ao
5 o que acontecia nas ruas avia uma casca
6 de banana no chão e o Léo não o viu e
7 ainda por cima desviou-se do caminho e não caiu
8 e o seu amigo também é a mesma coisa.
9 Depois o tempo passava aos brincadeiras o
10 amigo do Léo não viu o vaso que caiu na janela
11 para o chão o amigo do Léo não viu e nem ouviu
12 o vaso a cair e a partir depois mais tarde
13 ouviu um escadote, no meio do passeio o Léo e o
14 seu amigo não viram o escadote e o Léo poderia
15 ter batido lá mas ao menos teve sorte, depois
16 disso um senhor trabalhador estava dentro dum
17 baraco e o Léo não o viu e passou por cima
18 da cabeça do senhor até ele gritou Aiii! E o
19 Léo não sabia e continuou a gesturar com o seu
20 melhor amigo da escola.

ANEXO 7 – MODELO/ GRELHA DE ANÁLISE

MODELO DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

CATEGORIAS	INDICADORES
A – ESTRUTURA DO GÉNERO	
ABERTURA	-Localizar temporariamente a acção, através de expressões temporais, advérbios de tempo ou formas verbais (pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito, condicional) - Localizar espacialmente a acção através de expressões de lugar.
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Partindo do input visual, mencionar todas as personagens (principal e secundárias)
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Narrar os acontecimentos presentes nas imagens respeitando a sequência lógica e temporal
FECHAMENTO	Descrever a última imagem da sequência ou terminar com uma conclusão/ moral da história.
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA/ LÉXICO	
NA PALAVRA	
VARIEDADE LEXICAL	Utilizar áreas vocabulares diversificadas nomeadamente nomes, adjectivos e advérbios.
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Aplicar as regras de concordância entre o nome e o artigo, pronome, numeral e adjectivo
REALIZAÇÃO VERBAL	Aplicar as regras de concordância verbal de acordo com a pessoa, número, tempo e modo
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utilizar os artigos definidos quando se refere a algo já mencionado ou que é do seu conhecimento e artigos indefinidos quando se refere a algo mencionado pela 1ª vez.
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Usar as preposições simples expressas por um só vocábulo e as preposições compostas (locações prepositivas) substituídas por 2 ou mais vocábulos
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Separar as palavras em partes de acordo com as regras de translineação
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Escrever com correcção ortográfica palavras segundo normas estabelecidas.
NA FRASE	
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Ordenar os elementos constituintes da frase segundo as regras (SVO)
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Aplicar as regras de concordância entre o sintagma nominal e verbal.
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Escrever frases com duas ou mais orações, aplicando estruturas de coordenação e de subordinação de uso mais frequente
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Aplicar os diferentes sinais de pontuação (pausa e melodia) atendendo ao contexto e às funções

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno _____

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA		
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS		
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS		
FECHAMENTO		
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL		
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL		
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL		
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)		
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES		
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO		
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA		
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE		
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE		
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO		
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO		

ANEXO 8 - ANÁLISE DAS NARRATIVAS

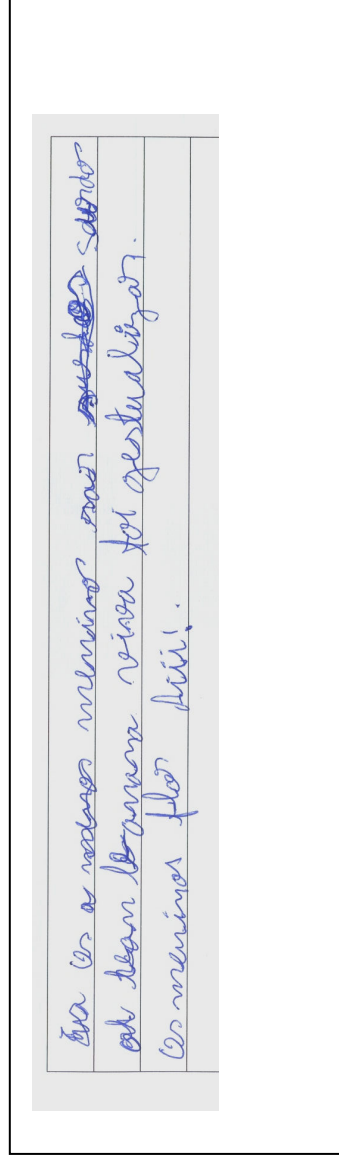
ESCOLA E1

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E1/A5

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA – Localização da acção no tempo e no espaço.	Não fez a localização espaço-temporal	"Os meninos surdos"
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Apenas referiu as personagens principais	
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Não	
FECHAMENTO	Não	
B – MORFOSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIÉDADE LEXICAL	O vocabulário utilizado é muito reduzido.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realizou a concordância nominal em 1 nome.	"Os meninos ..."
REALIZAÇÃO FLEXÃO VERBAL	Não se verifica	"Os meninos ..."
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utilizou 1 artigo definido no início do texto.	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Não utiliza	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	A produção escrita embora muito reduzida não apresenta erros ortográficos.	
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Não se verifica	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Não se verifica	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Não se verifica	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Utilizou ponto de exclamação mas fora do contexto e sem significado	"Os meninos flor Ai!"

Texto E1/A5



Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: não dá um título à história; não localiza a acção no espaço e no tempo; apenas refere como personagens "os meninos"; as personagens não são caracterizadas: não faz a narração dos acontecimentos; não termina a história.

Relativamente à morfossintaxe/ grafia/ léxico é de referir o seguinte: o aluno apresenta dificuldades graves em todos os itens desta categoria; tem muitas limitações ao nível do vocabulário.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E1/B5

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
ESTRUTURA DO GÉNERO		
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Não dá um título ao texto. Não localiza acção no espaço e no tempo.	
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Apenas refere como personagens um menino	"O menino ..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Não narra os acontecimentos	
FECHAMENTO	Não termina história	
B – MORFOSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	Vocabulário limitado e repetitivo. Recorre ao desenho nas situações em que desconhece a palavra.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Faz a concordância entre artigo definido e nome	"O menino..."
REALIZAÇÃO FLEXÃO VERBAL	A flexão verbal só em feita no início do texto.	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza indevidamente o artigo definido logo no início do texto	"O menino..."
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Não utiliza	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Algumas das palavras são imperceptíveis. Há a regista um erro ortográfico em menino.	"O menino..."
- NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Não ordena.	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Não realiza.	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Não utiliza.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Utiliza ponto final e ponto de exclamação.	

Texto E1 /B5

Um menino vai banhar.
Um menino mãe vai pa.
V ~~pa~~ mãe.
V ~~pa~~ vai pa mãe.
V vai ~~o~~ pa Allii.

Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: não dá um título ao texto; não localiza a acção no espaço e no tempo; como personagens apenas faz referência a um menino; não faz a descrição das imagens: não termina a história.

Relativamente à morfossintaxe / grafia / léxico é de referir o seguinte: o aluno tem limitações graves ao nível do vocabulário; faz a concordância apenas em uma situação; a utilização do artigo definido é feita logo no início do texto portanto sem respeitar as regras de aplicação desta classe de palavras; verificam-se erros ortográficos em palavras simples como "menino"; na pontuação e na escrita de frases simples ou complexas o aluno tem muitas dificuldades.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E1/F5

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	<p>Dá um título ao texto de acordo com a BD. Não faz localização temporal / espacial</p>	<p>“O passeio de surdo.”</p>
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	<p>Relativamente às personagens apenas menciona “o menino”. A personagem secundária é referida como “homem” Não caracteriza nenhuma das personagens. As personagens são introduzidas como se tratasse de informação conhecida.</p>	<p>“O menino ... de homem ...”</p>
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	<p>Apesar de escrever uma frase para cada imagem, não faz a descrição das imagens da sequência. As frases são de difícil compreensão.</p>	<p>“O menino ...” “o menino amigo” “Homem”</p>
FECHAMENTO	<p>Faz referência à última imagem da BD de forma muito sintetizada sem descrever o acontecimento.</p>	<p>O menino amigo surdo trabalho de homem.”</p>
B – MORFOSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	<p>O vocabulário utilizado é muito limitado e repetitivo.</p>	<p>“o menino ...” aparece no início de todas as frases</p>
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	<p>Faz a concordância entre nome e artigo</p>	<p>“O menino gosto ...”</p>
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	<p>Não se verifica a concordância verbal</p>	<p>“O menino ...”</p>
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	<p>Utilizou o artigo definido “o” logo no início do texto sem atender ao facto de se tratar de informação de ser informação desconhecida.</p>	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	<p>A utilização das preposições é feita de forma incorrecta.</p>	<p>“O menino surdo caiu cima flor.”</p>
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	<p>Não se verifica.</p>	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	<p>Não se verificam erros ortográficos.</p>	<p>“O menino...”</p>
- NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	<p>Há uma inversão da ordem das palavras sendo que o sujeito surge no fim</p>	<p>“O menino surdo caiu cima flor.”</p>
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	<p>Não realiza</p>	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	<p>Elementos de coordenação e de subordinação são inexistentes</p>	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	<p>Utiliza apenas o ponto final em todas as frases.</p>	

Texto E1/F5

O farsista de Sundo.
O menino goste de Sundo.
O menino amigo goste dois farsistas
O menino Sundo caiu cima fã.
O menino esta mãe muito Sundo goste de
ti.
O menino vai Sundo de amigo.
O menino amigo Sundo trabalho de Homem.

Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno dá um título ao texto conforme solicitado e de acordo com a BD; não localiza a acção no espaço e no tempo; a referência das personagens é incompleta, refere a penas “o menino” e o “homem”; não caracteriza as personagens; a narração dos acontecimentos é incompleta e de difícil compreensão; não termina a história.

Relativamente à morfossintaxe / grafia / léxico é de referir o seguinte: tem um vocabulário muito reduzido e pobre; nos restantes itens desta categoria o aluno apresenta muitas lacunas.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno **E1/ G5**

CATEGORIAS	ANÁLISE	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título ao texto de acordo com a BD. Não localiza acção no espaço e no tempo.	"Elo e o Marco"
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Refere as personagens do texto sem contido fazer uma de descrição pormenorizada. A introdução das personagens é feita como se tratasse de informação conhecida.	"E o Elo e o Marco ... o homem"
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Escreve uma frase para cada uma das imagens. A descrição das imagens muito sintetizada. As acções são descritas de forma incompleta.	
FECHAMENTO	Descreve a acção da última imagem.	
B – MORFOSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O vocabulário é adequado mas pouco diversificado	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Nem sempre faz a concordância nominal	"...uma escadote.."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Apresenta algumas dificuldades na concordância verbal nas situações em que o pronome pessoal é substituído por dois nomes	"...Elo e o Marco estava ..."
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES	Aplicação dos artigos definidos não é feita de acordo com as regras. É usado no início do texto e no meio como se tratasse de informação já mencionada.	E o Elo e o Marco ... o homem ..."
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Verifica-se a falta de preposições em algumas situações	"... estava _ falar..._ repente ..."
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	De referir alguns erros ortográficos pois não aplica as regras dos casos de leitura como é o caso de: m antes do p.b). Utiliza a letra maiúscula no meio da frase	"continua ... sobiu ... baso ... escodote ... homem" "Elo viu virou para esquerda e Depois estava a falar e o Homen ..."
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica.	
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	A ordenação dos elementos das frases é respeitada (SV)	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Realiza a concordância entre os dois sintagmas na maioria das frases, com excepção da frase em que sintagma nominal é formado por dois nomes.	"...Elo e o Marco estava falar repente uma casca banana estava no chão."
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Apresenta dificuldades na escrita de frases com duas ou mais orações. Recorre frequentemente ao uso da conjunção coordenativa "e"	"Elo viu virou para esquerda e Depois estava falar e o Homen estava arranjat o poço o Homen sobiu e Elo não viu e pisou cabeça do Homen"
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Não utiliza a pontuação necessária o que dificulta a compreensão de algumas frases. Utiliza apenas o ponto final mas por vezes fora do contexto.	"Estava um escadote. Elo viu virou..."

Texto E1 /G5 1

"Elo e o Marco"
E o Elo e o Marco estava galan
crepante uma Barca de leonana estava
no chão. Ele viu afantou e Continuuava
a galan e o leano caiu e partiu.
Então uma escadote. Ele viu ronan
para esquerda e depois estava galan
e o Homem estava arrastar o peso
o Homem roneiu e Ele não viu e
fizeu Cabeça do Homem.

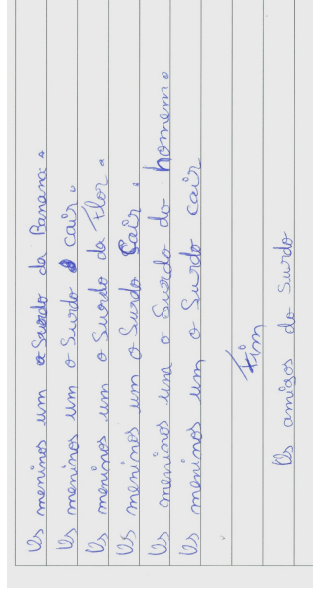
Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno deu um título ao texto conforme solicitado; não localizou a acção no espaço e no tempo; quando introduz as personagens (Elo, Marco e homem) fá-lo como se tratasse de informação conhecida; não faz uma caracterização pormenorizada das personagens; na narração dos acontecimentos respeita a ordem das imagens; a descrição das imagens é feita de forma incompleta e por vezes o seu significado é pouco claro; como fechamento descreve a última frase; o aluno demonstra algumas dificuldades em transmitir a informação presente nas imagens.

Relativamente à morfossintaxe / grafia / léxico é de referir o seguinte: o vocabulário é adequado mas pouco diversificado; a flexão nominal é feita de acordo com as regras com excepção de "uma escadote"; a concordância entre o sujeito e verbo foi feita correctamente, apenas demonstrou dificuldades na situação em que o sujeito é constituído por 2 nomes; são de referir alguns erros ortográficos da escrita de palavras como escadote, continuavam, vaso, subiu e homem; verificou-se o emprego de letra maiúscula no meio da frase em duas situações; a ordenação dos elementos constituintes da frase é respeitada; na escrita de frases complexas o aluno demonstra dificuldades na utilização adequada de pontuação e na aplicação de elementos de coordenação e de subordinação; recorre com muita frequência ao emprego de conjunção coordenativa "e".

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS
Código do aluno E1/J5

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLOS
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Não dá um título. Não localiza a acção no espaço e no tempo	
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Refere como personagens os meninos e o homem. Não faz qualquer tipo de descrição pormenorizada	
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Não faz descrição dos acontecimentos.	
FECHAMENTO	Não realiza o fechamento	
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	Vocabulário muito pobre e reduzido. Inicia todas as frases com as mesmas palavras. Das 6 frases que escreve 3 são repetidas.	"Os meninos um o surdo ..." "Os meninos um o surdo cair." "Os meninos..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal verifica-se entre artigo/ nome	
REALIZAÇÃO VERBAL	Não se verifica	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza o artigo definidos "os" mas sem atender às regras de aplicação	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza as preposições simples "da" e "do"	"da banana ... da flor ... do homem ..."
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Não se verificam erros ortográficos.	
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	As frases são constituídas apenas por nomes, como tal não é possível avaliar este item.	"Os meninos um o surdo da flor."
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Não se verifica a concordância pois as frases são constituídas apenas por nomes.	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Não se verifica pelos motivos apontados nos itens anteriores	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Apenas utiliza o ponto final no fim de cada linha.	

Texto E1 / J5



Relativamente estrutura do género é de referir o seguinte: dá título ao texto mas escreveu-o no fim do texto; não faz a localização da acção no tempo e no espaço; a referência às personagens é feita de forma incorrecta pois refere “os meninos, “surdo” e “homem” sem caracterizar qualquer uma delas; na narração dos acontecimentos, há uma tentativa de escrever uma frase para cada imagem mas sem conseguir transmitir qualquer tipo de informação sobre as acções; não realiza o fechamento.

Relativamente à morfossintaxe / grafia / léxico é de referir o seguinte: o vocabulário é muito reduzido, as dificuldades estão presentes em todos os itens; a flexão nominal verifica-se entre artigo/ nome; na utilização dos determinantes, aplica os artigos definidos inadequadamente, logo no início do texto, sem atender ao facto de ser uma informação nova; utiliza preposições simples fazendo a concordância quanto ao género mas como a frase escrita não tem sentido não podemos dizer se a aplicação destas preposições é correcta ou não; escrita das palavras foi feita sem erros ortográficos.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E1 /A6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título ao texto. Localiza a acção no espaço. Não localiza acção no tempo.	" História o Leo surdo" "Onde a rua os amigos ..."
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Refere apenas duas personagens sem fazer a caracterização. Não indica o número de personagens presentes na BD.	" ... os amigos ... o senhora"
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Apenas refere os acontecimentos das 2 primeiras imagens de forma sintetizada e pouco explícita.	
FECHAMENTO	Não realiza fechamento.	
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O vocabulário usado é adequado apesar de ser muito limitado. Recorre ao desenho para colmatar as lacunas de vocabulário	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	A flexão nominal nem sempre é realizada de acordo com as regras artigo / nome	" ... um banana ... o cabeçaço ..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Apresenta dificuldades na flexão verbal.	"... os amigos fala ... chão não ver ..."
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES	Utiliza artigos definidos e indefinidos sem atender às regras	"Onde a rua os amigos ...a senhora ..."
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza locuções prepositivas. Quando refere "cima" não é claro se pretende dizer "em cima / acima ou de cima"	"... depois um banana chão ... cima jarra ... depois os amigos..."
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Escreve duas palavras com erros ortográficos e de acentuação. Utiliza letra maiúscula no meio de uma frase.	"Hóstoria ... sonhora ..." "... não cai Também ..."
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Na maioria das frases é constituída por nomes e não tem verbos, porém em alguma podemos verificar que a ordem de SV é seguida.	" ... flor cai ... os amigos fala ..."
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Não realiza a concordância entre os 2 sintagmas	" ... senhora não ver ... os amigos fala..."
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	A narrativa é constituída por uma única frase sem qualquer tipo de estruturas de coordenação e de subordinação.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	A pontuação utilizada é a vírgula e o ponto final. A vírgula está fora do contexto e o ponto final foi usado no final do texto	

Texto E1 / A6

"História do surdo"

Conde a sua ex amigos comigo depois um barman
dão não ser, não eu Também a senhora não ser
panda (D) como jorra e for cai o maninho preto e
cabeça depois ex amigos fala L.G.P. não ser

Relativamente à estrutura do género narrativo é de referir o seguinte: dá um título ao texto; localiza a acção no espaço mas não a localiza no tempo; ao referir as personagens não faz descrição e identificação das mesmas; na narração dos acontecimentos apenas faz referência a algumas das imagens de forma muito sintetizada e pouco explícita; não realiza o fechamento da história. Relativamente à morfossintaxe / grafia / léxico é de referir o seguinte: o vocabulário usado é adequado mas limitado; as regras da flexão nominal nem sempre são respeitadas; não faz a concordância verbal; a aplicação das locuções prepositivas é pouco frequente e nem sempre é feita correctamente; relativamente à escrita de palavras apenas escreveu duas com erro; na estrutura da frase e ordenação dos elementos constituintes o aluno apresenta dificuldades; concordância entre os sintagmas nominal e verbal não é respeitada; não utiliza elementos de coordenação e de subordinação na escrita de frases com duas ou mais orações: a pontuação utilizada no interior das frases é insuficiente.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS
Código do aluno E1 /B6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título ao texto. Apenas refere como espaço "o passeio". Não localiza a acção no tempo. Refere as personagens presentes nas imagens, contudo apenas faz a descrição de uma das personagens quando narra os acontecimentos da quinta imagem.	"Os dois surdos" "... eles andou no passeio" "Os dois rapazes o surdo cor camisola verde e branco e calças também verdes e branco ..."
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS		
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Faz a descrição dos acontecimentos respeitando a sequência das imagens	
FECHAMENTO	Faz referência à última imagem como forma de fechamento	"O outro menino não houve e estava engraçado."
B – MORFOSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIIDADE LEXICAL	Apresenta um vocabulário variado, contudo quando pretende designar vaso e atrás fá-lo incorreitamente	"... empurrou uma jarra caiu no chão na costa mas ele"
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Não realiza a concordância entre o número e nome Não realiza a concordância do adjectivo em género com o nome	"Os dois rapaz ... uma buraco ..." "...camisola ... branco ... calças ... branco"
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Não faz a concordância com o sujeito.	"Os dois rapaz não houve ... eles andou ... os dois rapaz estava ..."
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza artigos definidos referindo-se a algo mencionado pela primeira vez	"Os dois rapaz ... a senhora velha ... o homem ..."
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES		
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Na palavra "quase" realiza a separação indevidamente pois não se verificou mudança de linha	"qua-se"
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Apenas escreveu o verbo ouvir com erro ortográfico	"... não houvem ... o outro menino não houve ... dueu-se"
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Na maioria das frases faz a ordenação dos elementos constituintes (SV) contudo há algumas excepções	"E estava a falar ele sempre não viu ..."
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	A concordância entre os dois sintagmas nem sempre é feita	"Os dois rapaz não houve ... não sabe ... eles andou ... os dois rapaz estava ..."
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Utiliza de forma repetitiva elementos de coordenação nomeadamente conjunções copulativas e adversativas (e-mas)	"os dois rapaz não houve e também não sabe falar ele sabe tudo gestual mas eles andou no passeio mas ele não viu ... camisola verde e branca e calças também verde e branco ..."
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Utiliza sinais de pausa, ponto final, no fim de cada frase e um ponto de exclamação.	

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS
Código do aluno E1 /C6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título ao texto. Faz a localização espacial mas não a temporal.	"Os meninos dois são surdos" "Os meninos dois andam convresar rua ..."
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Faz referência aos dois meninos e a uma pessoa. Refere que os meninos são surdos no título. Não descreve as personagens.	"Os meninos dois são surdos" "O menino pé com cadeça pessao..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Faz a descrição dos acontecimentos respeitando a sequência das imagens. Escreve uma frase para cada imagem	
FECHAMENTO	Como fechamento descreve a última imagem.	"O menino pé com cadeça pessao baixa Buraca, depois os meninos não calu."
B – MORFOSINTAXE / GRAFIA		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	Apresenta um vocabulário variado, contudo quando pretende designar vaso e atrás fá-lo incorrectamente	"Os meninos dois costa está jarra ...os meninos dois não sabem costa..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Em algumas situações não faz correctamente a concordância entre género e nome.	"um banana ... um jarra ... um buraca ... um pessao ..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Faz a concordância entre sujeito e o verbo na maioria das frases com uma excepção na última frase	"... depois os meninos não calu ..."
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza artigos definidos referindo-se a algo mencionado pela primeira vez logo no início da narrativa.	"Os meninos ..."
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	O erro frequente do emprego das preposições é a omissão.	"... --- chão ...--- cima ... --- baixo ... buraco ..."
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Dá alguns erros ortográficos nas palavras conversar, pessoa, cabeça	"convresar ... pessao ... cadeça..."
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	A ordenação dos elementos das frases é feita segunda as regras da LGP em algumas frases.	"Os meninos dois ..." "O menino pé com o cadeça da pessao ..."
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	A concordância entre os dois sintagmas nem sempre é feita	"... depois os meninos não calu ..."
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Escreve frases complexas utilizando com alguma frequência a conjunção temporal depois	"os meninos dois costa está jarra com flores chão, depois está ...O menino pé com cadeço pessao baixo Buraca, depois os meninos não calu."
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Utiliza sinais de pausa como a vírgula e ponto final	

Texto E1/C6

Os meninos dois não sabem
Os meninos dois andam com os seus pais. esta esta um banana chão.
Os meninos dois não sabem esta banana chão, depois os meninos dois andam com os seus pais.
Os meninos dois andam com os seus pais, com uma coisa com floreas.
Os meninos dois esta esta coisa com flores chão, depois esta floreas com flores flores chão.
Os meninos dois não sabem coisa.
Os meninos dois andam com os seus pais, depois tem um banana, os meninos dois não sabem, esta esta um banana um florão.
O menino é ^{com} esta ^{com} banana, depois os meninos não sabem.

É de referir o seguinte: dá um título ao texto; faz referência à localização espacial; a localização temporal não é realizada; quanto às personagens, são todas referidas, os dois meninos e uma pessoa; relativamente aos meninos caracteriza-os como sendo surdos; não faz uma caracterização detalhada dos meninos nem da pessoa.

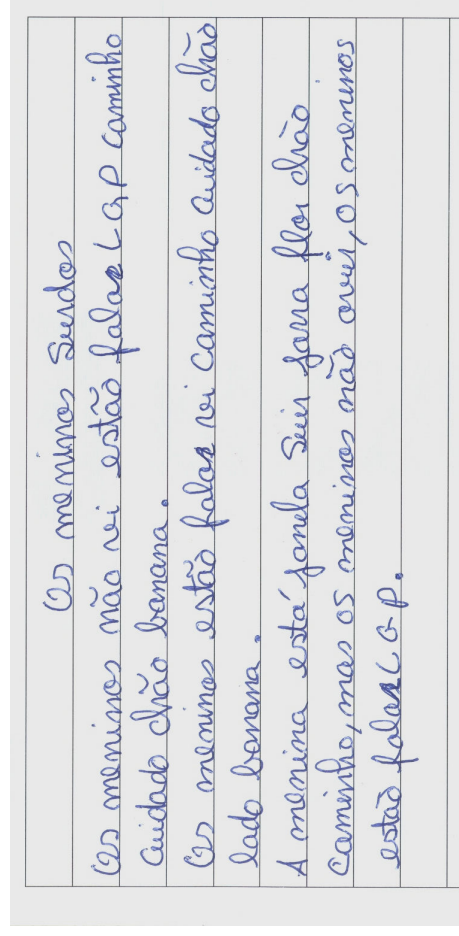
Relativamente à morfossintaxe/ grafia / léxico é de referir o seguinte: o vocabulário utilizado é variado é na flexão nominal onde se registam maior número de erros; na flexão verbal apenas há um erro a registar; na utilização dos determinantes não respeita o facto de ser informação nova ou já ter sido mencionada pois como se pode verificar começa o texto com “Os meninos dois...”; na ordenação dos elementos constituintes da frase respeita a ordem S/V mas troca a ordem dos elementos quando menciona numeral e nome; a concordância entre o sintagma nominal e verbal é feita na maioria das frases com correcção; a utilização de elementos de coordenação e de subordinação são alguns dos itens onde o aluno tem dificuldades; as frases escritas por este aluno, uma para cada imagem, são frases complexas com duas ou mais orações, contudo recorre com frequência ao mesmo tipo de estruturas de subordinação, como por exemplo a locução subordinativa depois.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E1 /D6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título ao texto. Não localiza a acção no tempo e no espaço.	"Os meninos surdos"
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Refere apenas os meninos e identifica-os como surdos quando escreve o título da narrativa. Faz apenas referência a dois acontecimentos. O primeiro relativo à banana que está no chão e o segundo ao vaso que está a cair. Na narração dos acontecimentos não emprega os verbos nos tempos correctos. Utiliza sempre o presente	"Os meninos surdos" "Os meninos não vi estão falar LGP caminho cuidado banana...os meninos estão falar vi caminho cuidado chão lado banana... a menina está janela suir jarra flor chão caminho, mas meninos não ouvir..." "Os meninos estão a falar ... A menina está ..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS		
FECHAMENTO	Não faz o fechamento	
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O vocabulário utilizado é limitado. Repete com alguma frequência algumas palavras como: meninos, caminho, chão, banana, estão falar ... A palavra vaso é substituída incorrectamente por jarra.	"A menina está janela suir jarra flor chão..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Faz a concordância nominal	"os meninos ... a menina ..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Faz a concordância verbal correctamente na maioria das frases	"Os meninos estão a falar..."
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza artigos definidos referindo-se a algo mencionado pela primeira vez como se pode ver logo no início do texto	"Os meninos ..."
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Há omissão das preposições.	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	As palavras perceptíveis não apresentam erros ortográficos. Aparece no texto uma palavra cujo significado deixa dúvidas e que não existe em LP	"... A menina está janela suir jarra flor chão..."
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	A ordem dos elementos constituintes das frases nem sempre é correcta.	"Os meninos não vi estão falar LGP caminho cuidado chão banana."
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Faz a concordância entre os sintagmas nominal e verbal na maioria das frases. Numa das frases tal não acontece.	"Os meninos estão falar vi caminho ... mas os meninos não ouvir..."
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Não utiliza elementos de coordenação e de subordinação nas frases complexas.	"Os meninos estão falar vi caminho cuidado chão lado banana."
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Utiliza sinais de pausa, ponto e vírgula e ponto final.	

Texto E1/D6



Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: dá um título ao texto; não faz a localização temporal e espacial; relativamente às personagens não faz a caracterização detalhada destas, apenas refere que as principais são surdas; na narração dos acontecimentos segue a sequência das imagens mas apenas refere duas situações de forma muito sintetizada; a informação transmitida nem sempre é perceptível; não faz o fechamento.

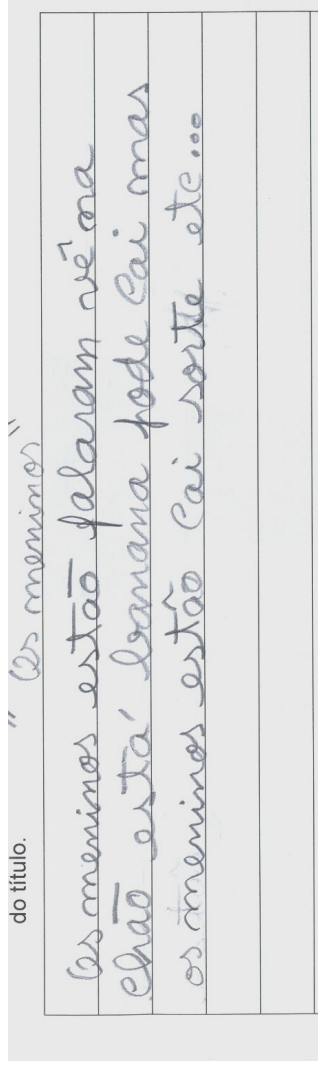
Relativamente à morfossintaxe/ grafia/ léxico é de referir o seguinte: o vocabulário é pouco diversificado; repete com frequência alguns nomes e substitui incorrectamente a palavra jarra por vaso; ao nível da concordância verbal, utilização de determinantes, ordenação dos elementos constituintes da frase, utilização de preposições e emprego de estruturas de coordenação e de subordinação na escrita de frases complexas o aluno apresenta algumas dificuldades; a flexão nominal é feita correctamente; a pontuação por vezes é insuficiente no interior das frases.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E1 /E6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Não localiza acção no espaço nem no tempo.	
REFERÊNCIA ÀS PERSONAGENS	Apenas refere os meninos uma única vez. Não faz caracterização das personagens referidas.	
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Refere apenas ao acontecimento relacionado com a casca de banana.	“Os meninos estão falaram vê na chão está banana pode cai mas os meninos estão cai sorte....”
FECHAMENTO	Não faz fechamento	
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA /LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	Apresenta um vocabulário muito reduzido	“Os meninos ...” “...na chão ...”
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Nem sempre respeita as regras de concordância nominal Nas restantes situações não respeita as regras da flexão nominal.	“Os meninos ...”
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	A flexão verbal é respeitada apenas uma vez.	“Os meninos ...”
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza apenas artigos definidos mesmo quando se refere a algo mencionado pela primeira vez, como acontece logo no início do texto.	“Os meninos ...”
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Não utiliza preposições ao longo da narrativa.	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica.	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Não há erros ortográficos a registar.	
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Respeita a ordem dos elementos constituintes da frase apenas no início. (S/v)	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	A concordância só se verifica no início da frase.	“Os meninos estão”
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	A única frase desta narrativa não apresenta estruturas de coordenação nem de subordinação.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	A pontuação utilizada é insuficiente e desadequada.	“... os meninos estão cai sorte etc ...”

Texto E1/E6



Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: dá um título ao texto; não localiza a acção no espaço e no tempo; refere como personagens "os meninos"; na narração dos acontecimentos a informação é incompleta e pouco clara; não termina a história.

Relativamente à morfossintaxe/ grafia / léxico é de referir o seguinte: o vocabulário é muito reduzido, apenas escreveu uma frase para descrever a BD; não domina as regras da flexão nominal e verbal, da utilização dos determinantes e das preposições; não domina a estrutura de frases simples e complexas; não utiliza estruturas de coordenação e de subordinação na escrita de frase; desconhece as regras de aplicação da pontuação.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E1 /F6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título ao texto. Faz a localização espacial. Não faz a localização temporal.	"História de LGP" "Os meninos estão LGP rua passear ..."
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Referem como personagens os meninos e um senhor. Não caracterizam as personagens.	"Os meninos O senhor ..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Referem de forma muito sintetizada e pouco perceptível alguns dos acontecimentos.	
FECHAMENTO	Escrevem uma frase final mas sem fazer ligação ao resto da história.	Os meninos estão contentes.
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	Apresenta um vocabulário variado, contudo quando pretende designar vaso fá-lo incorrectamente	"Agora flor os meninos estão andam depois o flor partiu ..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Em algumas situações a concordância entre género e nome não é feita correctamente.	"... o flor ..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	A concordância entre sujeito e verbo não é respeitada.	"Eles não vem coisas engraçadas mas pode calu ...Os meninos como sei de LGP..."
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza artigos definidos referindo-se a algo mencionado pela primeira vez logo no início da narrativa.	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	O erro frequente do emprego das preposições é a omissão.	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	"... depois senhor foi cima ..."
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA		
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	A ordenação dos elementos constituintes da frase só se verifica no início de algumas frase (S/V). Nas restantes a estrutura da frase não é respeitada.	"Os meninos estão LGP rua passear estão falar ..."
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	A concordância dos sintagmas só se verifica no início de algumas frases nas restantes situações o aluno demonstra dificuldades.	"Os meninos estão a conversar, depois o senhor foi cima depois os meninos foi pé por cabeça ele aiiii!..."
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Na escrita de frases complexas há dificuldades no emprego de estruturas de coordenação e de subordinação.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Utiliza sinais de pausa, ponto final, no fim de cada frase, e a vírgula. Utiliza o ponto de exclamação.	"Os meninos estão a conversar, depois o senhor foi cima depois os meninos foi pé por cabeça ele aiiii!..."

Texto E1 / F6

11 História de L. G. P.^h

Os meninos estão L. G. P. a julia passar muito falar
eles não nem coisas engrasado mas pode falar
depois já banana. Agora falar os meninos estão andam
depois e falar falar quem pode falar.
Os meninos estão ensinar, depois e ensinar foi
cima depois os meninos foi se por cabeça de A. P. P.
Os meninos como sei de L. G. P. depois engrasado eles
nem parasseco se porque para aprender coisas
masas.
Os meninos estão contentes.

Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: dá um título ao texto; faz a localização espacial; não faz a localização temporal; refere as personagens mas não as caracteriza; a narração dos acontecimentos é feita respeitando a ordem das imagens sem contudo fornecer informação detalhada das situações representadas na BD; não faz o fechamento da narrativa.

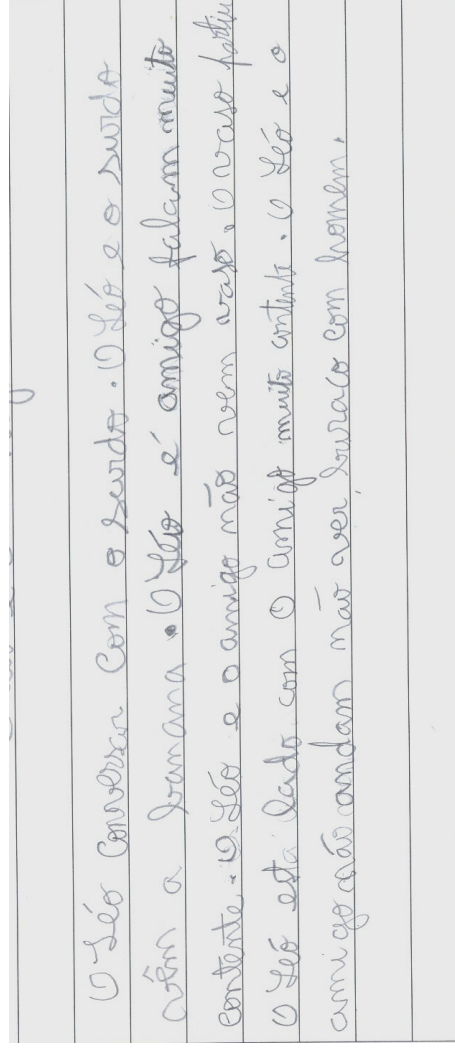
Relativamente à morfossintaxe/grafia / léxico é de referir o seguinte: o vocabulário é diversificado e adequado; a flexão nominal entre género / nome por vezes não é feita correctamente; é na flexão verbal que se registem mais erros; na utilização dos determinantes não respeita o facto de ser informação nova ou já ter sido mencionada pois como se pode verificar começa o texto com "Os meninos estão..."; a ordenação dos elementos constituintes da frase e a concordância entre os sintagmas só se verifica no início de algumas frases (SN) nas restantes situações o aluno não respeita a estrutura nem as regras de concordância entre os sintagmas; na escrita de frases complexas e na utilização de estruturas de coordenação e de subordinação o aluno apresenta dificuldades; na utilização da pontuação o aluno emprega sinais de pausa, ponto final e vírgula e sinais melódicos como o ponto de exclamação.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E1 /G6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	<p>Não dá um título ao texto. Não localiza a acção no tempo e no espaço.</p>	
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Faz referência às três personagens. Dá o nome a um dos meninos e menciona que outro é surdo, não especificando quem é quem. Não caracteriza as personagens.	"O Léo e o surdo ... homem..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Escreve uma frase para cada imagem. Não dá detalhes dos acontecimentos.	
FECHAMENTO	Escreve uma frase para a última imagem mas a informação transmitida não é totalmente correcta.	"O Leo e o amigo não andam não ver buraco com homem."
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	Apresenta um vocabulário variado e adequado ao contexto.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal com correcção (género / nome)	"O Léo ... o surdo ... a banana ... o vaso..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	A flexão verbal nem sempre é realizada de forma correcta. Confunde verbo ver com verbo vir.	"O Léo conversar ... O Leo e o amigo não vem vaso ..."
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza artigos definidos referindo-se a algo mencionado pela primeira.	" ... o surdo ... o homem ... a banana ..."
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Por vezes omite as preposições.	"O Leo está --- lado ..."
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica.	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Não há erros ortográficos a registar.	
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Respeita a ordenação dos elementos constituintes das frases (SVO)	"O Leo conversar com o surdo ... O Leo e o surdos vêm a banana."
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Por vezes a concordância entre o sintagma nominal e verbal não é feita correctamente.	"O Leo conversar com o surdo ... O Léo e o amigo não andam não ver ..."
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	De todas as frases apenas uma poderá ser considerada como frase complexa. O aluno nesta frase não usou estruturas de coordenação nem de subordinação.	"O Leo e o amigo não andam não ver buraco com homem."
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Utiliza somente ponto final no final de cada frase.	

Texto E1 / G6



Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: não dá título ao texto; não faz a localização temporal e espacial da acção; faz referência às personagens sem contudo as caracterizar; na narração do acontecimento apenas escreveu uma frase simples para cada uma das imagens; por vezes apresenta dificuldade em transmitir a informação correcta como se pode verificar na última frase; não dá um fecho à narrativa.

Relativamente à morfossintaxe /grafia / léxico é de referir o seguinte: as dificuldades surgem ao nível da flexão verbal, da utilização de determinantes e de preposições; na escrita de frases complexas são de referir dificuldades na concordância de sintagmas e na aplicação de elementos de coordenação e de subordinação; na utilização da pontuação o aluno limita-se ao ponto final no fim de cada frase.

Atendendo que se trata de um aluno cuja modalidade linguística é a LGP verifica-se que utiliza um vocabulário adequado ao contexto, apesar de ser pouco diversificado. Não há erros ortográficos a registar.

ESCOLA E2

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E2 / A6

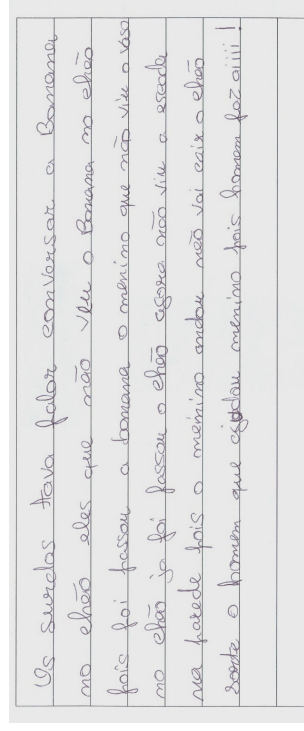
CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título à história. A história é iniciada de forma adequada através da expressão era uma vez. Localiza a acção no espaço. Não localiza acção no tempo.	"Os dois meninos que iam passear." "Era uma vez dois meninos que iam a passar pelo passeio"
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Faz referência às personagens principais e secundárias. Não faz a caracterização das personagens.	"Era uma vez dois meninos... um homem..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	A narração dos acontecimentos é feita de forma lógica e respeitando a sequência das imagens. A descrição da última imagem está incompleta.	"... quase cala ao posso mas por pouco aprasseu um homem que estava lá dentro...."
FECHAMENTO	Termina a história de forma adequada apresentando para isso uma conclusão.	"... e pressizo muita sorte por ter trapassar os perigos."
B – MORFOSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O vocabulário utilizado é adequado ao contexto e diversificado apesar de apresentar diversos erros ortográficos.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza correctamente a flexão nominal	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza correctamente a flexão verbal	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza os determinantes correctamente	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza as preposições correctamente as preposições na maioria das frases. Ao utilizar a preposição "pelo" acrescenta incorrectamente o artigo definido "o"	"... iam a passar pelo o passeio ... pelo o caminho ..." "... por pouco não foi encontra a ela..."
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Utiliza incorrectamente a preposição simples "contra"	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Realiza correctamente a translineação. Apresenta muitos erros ortográficos (conversavam, caminho, tropeçou, entretida, ao, encontra, poço, apareceu, preciso, ultrapassar)	"conversavam, caminho,trepessou, entetida ,au, encontra, posso, aprasseu, pressizo, trapassar .."
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Respeita as regras de ordenação dos elementos da frase (SVO)	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Realiza a concordância entre os sintagmas. Ao longo da narrativa temos frases simples e complexas. Aplica com correcção, em algumas das frases complexas, as estruturas de coordenação e de subordinação.	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Utiliza ponto final no fim de cada frase. Dentro das frases a pontuação é insuficiente, nota-se uma falta de vírgulas.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO		

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E2 / B6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	<p>Não dá título ao texto: Não localiza a acção no tempo e no espaço.</p>	
REFERÊNCIA ÀS PERSONAGENS	<p>Refere-se à personagens como “os surdos” sem especificar quantos são e qual o género. A terceira personagem, o homem é mencionada. Não caracteriza as personagens.</p> <p>Para narrar os acontecimentos presentes em toda a BD, o aluno escreve apenas uma frase. Não consegue passar a informação essencial da BD.</p> <p>A informação relativa à última imagem não está de acordo com o contexto.</p>	<p>“Os surdos homem ...”</p>
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS		
FECHAMENTO		
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA/ LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O vocabulário utilizado é pouco diversificado	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	<p>Realiza a flexão nominal entre género e nome</p> <p>A flexão verbal entre sujeito e verbo nem sempre é feita correctamente.</p>	<p>“Os surdos estava ... eles que não vêu ...”</p>
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL		
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza os artigos definidos sem atender ao facto de estar a introduzir informação nova.	“Os surdos ... a banana ... o homem ...”
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Por vezes omite as preposições ou faz a substituição destas por outros elementos.	“... estava – falar ... vai cair o chão ...”
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Apresenta alguns erros ortográficos (ajudou / viu)	“... ajudau Viu ...”
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Não respeita a ordem dos diferentes elementos da frase	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Não realiza a concordância entre os sintagmas. Escreve apenas uma frase com diversas orações sem conseguir aplicar correctamente os elementos de coordenação e de subordinação.	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Não aplica as regras de pontuação. Limita-se a colocar um ponto final no fim da narrativa.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO		

Texto E2 / B6



Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno não dá um título ao texto; não localiza a acção no tempo e no espaço; refere-se às personagens como “os surdos” sem especificar número e género; a introdução da personagem secundária é feita como se tratasse de informação já conhecida; não especifica o papel da personagem secundária; para narrar os acontecimentos o aluno escreve apenas uma frase sem conseguir transmitir a informação essencial da BD; não conclui a história pois a descrição da última imagem não está correcta.

Relativamente à morfossintaxe/ grafia / léxico é de referir o seguinte: o vocabulário é pouco diversificado; faz a flexão nominal entre género e o nome correctamente; nos restantes itens, flexão verbal, concordância entre os sintagmas, utilização dos determinantes e preposições, utilização de estruturas de coordenação e de subordinação verificam-se muitas falhas; as tentativas de relacionar as orações são mal sucedidas pois não consegue utilizar correctamente elementos de ligação.

Os erros ortográficos são resultantes do desconhecimento da conjugação dos verbos; utiliza apenas um ponto final no fim da frase, no interior das frases a pontuação é insuficiente o que dificulta a compreensão do discurso.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E2 / C6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título ao texto de acordo com o contexto. Não localiza a acção no espaço e no tempo	"Os meninos são surdos"
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Refere como personagens os meninos e o homem. Relativamente aos meninos apenas refere que são surdos, dá-lhes um nome mas não os caracteriza. Todas as personagens são introduzidas como se tratasse de informação já conhecida. Não especifica qual o papel desempenhado pelo homem.	"Os meninos ... João ... Miguel ... Homem ..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	A narração dos acontecimentos é feita de forma muito sintetizada e nem sempre de forma correcta como acontece na descrição da quarta imagem.	"... a jarra nem partiu-se ..."
FECHAMENTO	Como fechamento faz a descrição da imagem de forma incompleta.	
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O vocabulário é diversificado e adequado ao contexto. A única situação em que tal não acontece é na designação da palavra vaso sendo substituída por jarra.	"E depois a menina deixo cair a jarra."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal (género/nome) correctamente.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	A flexão verbal nem sempre é feita correctamente.	"a menina deixo ... os meninos viu ..."
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	A utilização dos artigos definidos é utilizada sem atender ao facto de se estar a introduzir informação nova.	"OS meninos ... a menina ..."
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza preposições simples	"E depois foram para casa."
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica.	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Há a registar alguns erros ortográficos (surdos, linguas, apareceu, pisou, homem)	"... sudros, aperceu, pissou, Homem)
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Faz ordenação dos elementos SVO	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	A concordância entre os sintagmas nem sempre é realizada correctamente A maioria das frases é simples e iniciadas pela conjunção "e" e pelo adverbio de tempo "depois". Nas frases com mais de uma oração apenas numa utilizou uma conjunção de coordenação.	"... os meninos viu escada ... a menina deixo a cair ..." "E depois a menina deixo ... E depois o João ... E depois foram ..." "... E os meninos passaram a jarra nem partiu-se e os meninos não ouviram."
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	A utilização da pontuação é insuficiente. Apenas utiliza ponto final no fim das frases.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Quando introduz o discurso directo não utiliza o travessão nem os dois pontos.	"O João disse se tu tens irmãs e Miguel disse tenho dois irmãos."

Texto E2 / C6

Os meninos são surdos

Os meninos andavam juntos a fazer linguas
gestual eu chamo João e eu chamo Miguel

Depois apercebi a banana.

Os meninos faziam a banana com colares.

O João disse se tu tens irmãos e Miguel
disse tinha dois irmãos

E depois a menina deu a caber a joana.

Os meninos faziam a joana nem faziam-se
e os meninos não curavam.

Os meninos viu a escada depois e João
passou ao lado da escada.

E depois o João fizesse a casa do Homem.

E depois foram para casa.

Relativamente à estrutura do género narrativo é de referir o seguinte: o título dado a esta narrativa está de acordo com a BD. Não localiza a acção no tempo e no espaço. Refere como personagens principais os meninos surdos dando-lhes um nome mas sem as caracterizar. A caracterização do homem e o papel que desempenha são também aspectos que não são mencionados. As personagens são introduzidas como se fossem informação já conhecida. A narração dos acontecimentos é feita de forma muito sintetizada e nem sempre correcta como acontece na descrição da quarta imagem. Termina a história com uma frase que faz a descrição incompleta da última imagem.

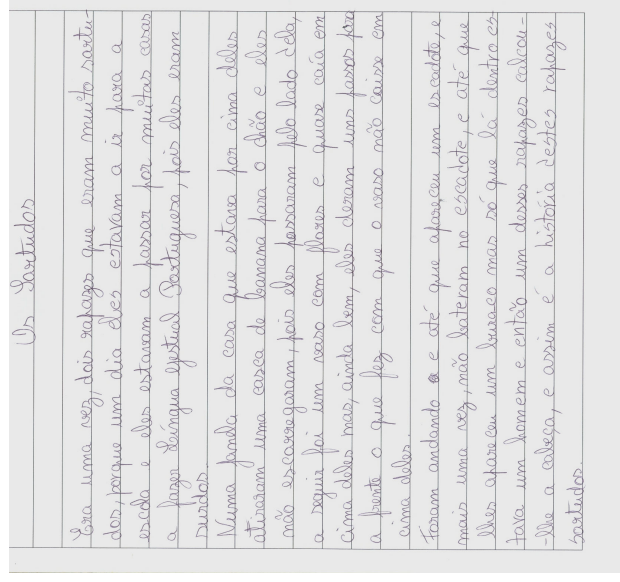
Relativamente à morfossintaxe / grafia / léxico é de referir o seguinte: o vocabulário utilizado é diversificado e na generalidade adequado ao contexto, dando contudo alguns erros ortográficos; a flexão nominal (género / nome), a utilização de preposições simples e a ordenação de elementos de frases simples é correcta; na flexão verbal por vezes surgem dificuldades; a utilização dos determinantes não é feita de acordo com as regras; na concordância dos sintagmas e na utilização de estruturas de coordenação e de subordinação as dificuldades são mais acentuadas; a pontuação é outra das dificuldades deste aluno pois não utiliza sinais de pausa no meio das frases o que dificulta a compreensão do texto.

ESCOLA E3

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS
Código do aluno E3 / A5

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	<p>Dá título à história de acordo com o contexto. Inicia a história de forma convencional através da expressão "Era uma vez" Situa a ação no tempo de forma genérica através da expressão "um dia" Situa a ação no espaço.</p>	<p>"Os surtos" "Era uma vez, dois rapazes ..." " ... um dia eles estavam a ir ..." " ... para a escola e eles estavam a passar por muitas casas ..." " ... dois rapazes ... um homem ..."</p>
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	<p>Refere as personagens principais e a personagem secundária. Relativamente às principais não as caracteriza mas dá a informação que são surdos. Não caracteriza a personagem secundária e não especifica qual o papel que desempenha na história.</p>	
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	<p>A narração dos acontecimentos é desenvolvida de forma lógica e respeitando a sequência das imagens.</p>	
FECHAMENTO	<p>Conclui a história com a descrição da última imagem e com uma conclusão.</p>	<p>" ... e assim é a história destes rapazes surtos."</p>
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA		
NA PALAVRA		
VARIÉDADE LEXICAL	<p>O vocabulário utilizado é diversificado e adequado ao contexto.</p>	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	<p>Realiza a flexão nominal correctamente</p>	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	<p>Realiza a flexão verbal correctamente</p>	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	<p>Na utilização dos determinantes faz a distinção entre a informação nova e a já mencionada anteriormente.</p>	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	<p>Utiliza as preposições e locuções prepositivas.</p>	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	<p>Realiza correctamente a translineação.</p>	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	<p>Escreve sem erros ortográficos.</p>	
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	<p>Respeita a ordem dos elementos constituintes da frase SVO</p>	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	<p>Realiza correctamente a concordância dos sintagmas</p>	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	<p>Aplica elementos de coordenação e de subordinação nas frases com 2 ou mais orações. Há uma tendência para o uso excessivo a frases coordenadas através da conjunção "e" que normalmente aparece depois de uma vírgula.</p>	<p>"Foram andando e até que apareceu um escadote e mais um vez, não bateram no escadote, e até que lhes apareceu um homem ... e então um desses calçou-lhe a cabeça, e assim é a história ..."</p>
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	<p>A utilização da vírgula nem sempre é feita correctamente.</p>	<p>"Era uma vez, dois rapazes ..."</p>

Texto E3 / A5



Relativamente à estrutura do género narrativo é de referir o seguinte: o título dado a esta narrativa está de acordo com a BD; inicia a história de forma convencional através da expressão "Era uma vez"; situa a acção no espaço, especificando onde está e para onde vai; a situação no tempo é feita de forma genérica através da expressão "um dia"; refere as personagens principais especificando que são surdas mas sem as caracterizar fisicamente; refere a personagem secundária, não a caracteriza e não especifica qual o papel que desempenha; faz a descrição de todos os acontecimentos com alguns detalhes; conclui a história com a descrição da última imagem e com uma conclusão que vai de encontro ao título dado.

Relativamente à morfossintaxe / grafia / léxico é de salientar que o aluno apenas apresenta algumas dificuldades em relação à utilização de elementos de coordenação e de subordinação e na pontuação. Nos restantes cumpriu as regras gramaticais que regem cada um deles. O vocabulário é rico, diversificado e adequado ao contexto.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E3 / B5

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título ao texto de acordo com o contexto. Inicia a história de forma convencional através da expressão "Era uma vez" Localiza a acção no espaço. Não localiza a acção no tempo.	"Os rapazes" "Era uma vez ... na rua."
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Refere as personagens principais e a secundária. Utiliza alguns adjetivos para caracterizar as atitudes dos meninos.	"... dois meninos ... um senhor" "Trapalhões, sortudos ..." "... meninos surdos ..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Na caracterização física dos meninos apenas refere que são surdos. Não caracteriza a personagem secundária mas especifica o papel desempenhado por esta. Faz a narração dos acontecimentos representados nas respetivas imagens. Numa das frases nota-se alguma dificuldade em transmitir a informação.	"... um senhor a consertar qualquer coisa nos esgotos ..." "E mais à frente, estava a cair um vaso, e eles passaram por baixo do vaso (antes de cair)"
FECHAMENTO	Faz a descrição da última imagem e dá uma explicação sobre o estado de espírito dos meninos.	"E os rapazes não ouviram, por serem surdos, e continuaram bem!"
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / ILÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O vocabulário utilizado é diversificado.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal correctamente (género / número / nome)	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal correctamente.	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Na utilização dos determinantes faz a distinção entre a informação já mencionada e a introduzida pela primeira vez.	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza preposições e locuções prepositivas	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Realiza correctamente a translíneação.	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Escreve sem erros ortográficos.	
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Respeita a ordem dos elementos constituintes da frase (SVO)	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Realiza correctamente a concordância dos sintagmas. Aplica elementos de coordenação e de subordinação nas frases com 2 ou mais orações. Há uma tendência para o uso excessivo da conjunção "e" no início das frases e como elemento de ligação interfrásica.	"E havia um casco de banana. E tudo bem... E mais à frente ... e eles passaram ... e pronto passou-se."
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO		"Era uma vez, dois meninos ..." "... mas o senhor gritou: -Ai!!"
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	A utilização de vírgula no meio das frases nem sempre é adequada. Aplicou correctamente o travessão e dois pontos no discurso directo e ponto de exclamação.	

Texto E3 /B5

Os trapalhões, sentados e surdos

Era uma vez dois meninos surdos, que estavam distantes e conversavam sua. C havia uma casa de barro. E toda bem, posava e mais a frente, estava a casa de um vaso, e ela passava por baixo do vaso (antes de cair). Tiveram sorte em a casa ter caído a três metros, e por isso passou-se...

C mais um barulho o fuzido, estava um senhor a (conversar) com elas, qualques como dos segredos, e o capang do lado esquerdo para fora, para cima, já mais um tempo, e outra e capang dos segredos, para cima, já mais um tempo, e outra e capang passou por cima do vaso, mas o senhor gritou:

— Ah!!

E os trapalhões não ouviram, por serem surdos, e finalmente concluíram: Vaso!

Relativamente à estrutura do género narrativo é de referir o seguinte: o título dado a esta narrativa está de acordo com a BD; inicia a história de forma convencional através da expressão “Era uma vez”; situa a acção no espaço; refere as personagens principais especificando que são surdas mas sem as caracterizar fisicamente; utiliza adjectivos para classificar as atitudes das personagens principais; refere a personagem secundária, não a caracteriza fisicamente e mas especifica qual o papel que desempenha; faz a descrição de todos os acontecimentos contudo tem alguma dificuldade em transmitir a informação relativa às imagens onde aparece o vaso; conclui a história com a descrição da última imagem e justifica o estado de espírito dos meninos.

Relativamente à morfossintaxe / grafia / léxico é de salientar que o aluno apenas apresenta algumas dificuldades em relação à utilização de elementos de coordenação e de subordinação e na pontuação. Nos restantes cumpriu as regras gramaticais que regem cada um deles. O vocabulário é rico, diversificado e adequado ao contexto.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E3 /B5

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título ao texto de acordo com o contexto. Inicia a história de forma convencional através da expressão "Era uma vez" Localiza a acção no espaço. Não localiza a acção no tempo.	"Os rapazes" "Era uma vez ... na rua."
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Refere as personagens principais e a secundária. Utiliza alguns adjetivos para caracterizar as atitudes dos meninos.	"... dois meninos ... um senhor" "Trapalhões, sortudos ..." "... meninos surdos ..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Na caracterização física dos meninos apenas refere que são surdos. Não caracteriza a personagem secundária mas especifica o papel desempenhado por esta. Faz a narração dos acontecimentos representados nas respelando a sequência das imagens. Numa das frases nota-se alguma dificuldade em transmitir a informação.	"... um senhor a consertar qualquer coisa nos esgotos ..." "E mais à frente, estava a cair um vaso, e eles passaram por baixo do vaso (antes de cair)"
FECHAMENTO	Faz a descrição da última imagem e dá uma explicação sobre o estado de espírito dos meninos.	"E os rapazes não ouviram, por serem surdos, e continuaram bem!"
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / ILÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O vocabulário utilizado é diversificado.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal correctamente (género / número / nome)	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal correctamente.	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Na utilização dos determinantes faz a distinção entre a informação já mencionada e a introduzida pela primeira vez.	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza preposições e locuções prepositivas	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Realiza correctamente a translíneação.	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Escreve sem erros ortográficos.	
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Respeita a ordem dos elementos constituintes da frase (SVO)	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Realiza correctamente a concordância dos sintagmas. Aplica elementos de coordenação e de subordinação nas frases com 2 ou mais orações. Há uma tendência para o uso excessivo da conjunção "e" no início das frases e como elemento de ligação interfrásica.	"E havia um casco de banana. E tudo bem... E mais à frente ... e eles passaram ... e pronto passou-se."
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO		
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	A utilização de vírgula no meio das frases nem sempre é adequada. Aplicou correctamente o travessão e dois pontos no discurso directo e ponto de exclamação.	"Era uma vez, dois meninos ..." "... mas o senhor gritou: -Aiii!"

Texto E3 /B5

Os trapalhões, sonhadores e surdos

Era uma vez, dois meninos surdos, que estavam distantes a cem léguas uma da outra. E havia um ensejo de banana. E tudo bem, passava-se e mais à frente, estava a casa de uma mãe, e ela passava por baixo de uma (antes de cair). Tiveram sorte em a casa ter estado láis de lá, e por isso passava-se...

E mais um barquinho de ferro, estava um menino e (e...)

contando qualquer coisa dos segredos e a paz de lado esquerdo passava por cima da terra, e não se nota nada... E o menino dos segredos, de mesmo tempo, e outro segredo passava por cima do menino, mas é sempre o mesmo.

— Ah!!

E os rapazes não ouviam, por serem surdos, e também continuavam bem!...

Relativamente à estrutura do género narrativo é de referir o seguinte: o título dado a esta narrativa está de acordo com a BD; inicia a história de forma convencional através da expressão “Era uma vez”; situa a acção no espaço; refere as personagens principais especificando que são surdas mas sem as caracterizar fisicamente; utiliza adjectivos para classificar as atitudes das personagens principais; refere a personagem secundária, não a caracteriza fisicamente e mas especifica qual o papel que desempenha; faz a descrição de todos os acontecimentos contudo tem alguma dificuldade em transmitir a informação relativa às imagens onde aparece o vaso; conclui a história com a descrição da última imagem e justifica o estado de espírito dos meninos. Relativamente à morfossintaxe / grafia / léxico é de salientar que o aluno apenas apresenta algumas dificuldades em relação à utilização de elementos de coordenação e de subordinação e na pontuação. Nos restantes cumpriu as regras gramaticais que regem cada um deles. O vocabulário é rico, diversificado e adequado ao contexto.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E3 / A6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	O título está de acordo com contexto. Inicia a história de forma convencional através da expressão "Era uma vez" Localiza a acção no espaço. Não localiza a acção no tempo.	"Era uma vez dois meninos ..." "... a caminho para a escola ..."
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Refere as personagens principais e secundária. Especifica que os meninos são surdos e descreve a roupa de um deles. Não caracteriza a personagem secundária mas dá informação sobre o papel que desempenha.	"...dois meninos ... um senhor ...2" "... o menino vestido de verde e Branco ..." "... um senhor que estava a arranjar o poço ..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Faz a descrição das imagens respeitando a sequência destas. A descrição não muito detalhada. Por vezes apresenta alguma dificuldade em explicar os acontecimentos.	"... quando repararam na casca de banana não calçaram a casca Banana viraram à volta da banana." "Por fim o menino passou por cima de um senhor que estava a arranjar o poço e gritou: Ai!!!"
FECHAMENTO	Termina a história com a descrição incompleta da última imagem.	
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O vocabulário é diversificado apesar de haver uma tendência para numa mesma frase repetir algumas palavras. A selecção do vocabulário nem sempre é adequada.	"...repararam na casca de banana não calçaram a casca de banana viraram à volta da banana..." "viraram à volta da banana ... depois passaram mais um passo ..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal correctamente (género/ número / nome)	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal correctamente	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza correctamente os determinantes	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza incorrectamente algumas preposições (substituição)	"... iam a caminho para a escola ..."
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Dá alguns erros ortográficos (estava, conversar, banana, partiu)	"...tava, converçar, Banana, Partiu ..."
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Respeita a ordem dos elementos constituintes da frase.	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Realiza correctamente a concordância dos sintagmas nominal e verbal.	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Na ligação interfrásica faz o uso excessivo da conjunção "e"	"... e encontraram uma casca de banana no chão e ao irem para a escola iam a conversar e quando repararam na casca ..."
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	A pontuação por vezes é insuficiente ou colocada incorrectamente no interior das frases. No início do discurso directo não coloca o travessão.	

Texto E3 / A6

Os dois meninos Saabes

Era uma vez dois meninos que iam a caminho para a escola e encontraram uma casa de Branca no lado e acalaram para a escola. Uma senhora e quando 5 ficaram na casa de Branca não calcularam a casa de Branca 6 a noite da Branca.

Os dois foram embora um vaso na cozinha de uma casa e ficou quase a cair em cima da cabeça dos dois 7 depois passaram para um forno e o vaso caiu e 8 no chão.

Depois os meninos 9 de verde e Branca passou por 10 a casa de uma senhora que estavam da parte dos dois meninos.

Por fim o menino passou por cima de um senhor que estava a arrastar a papa e gritar: 11 Aaaa!

Relativamente à estrutura do género narrativo é de salientar o título dado está de acordo com a BD; inicia a história de forma convencional através da expressão "Era um vez"; situa a acção no espaço; não localiza a acção no tempo; refere as personagens principais e secundária, menciona que os meninos são surdos e descreve a roupa de um deles; não caracteriza a personagem secundária mas informa sobre o papel que desempenha na narrativa; narra os acontecimentos presentes nas imagens e respeitando a sequência destas; por vezes tem dificuldade em transmitir a informação; termina a história descrevendo de forma incompleta a última imagem da BD.

Relativamente à morfossintaxe é de salientar o seguinte: apresenta alguma diversidade de vocabulário mas um pouco repetitivo pois não realiza substituições nominais nem pronominais; a flexão nominal e verbal e o uso de determinantes são feitos correctamente; o uso de preposições por vezes é inadequado; respeita a ordem dos elementos constituintes da frase e realiza a concordância entre os sintagmas nominal e verbal; na ligação interfrásica de duas ou mais orações nota-se uma tendência para usar de forma excessiva a conjunção "e"; na utilização de pontuação nota-se alguma dificuldades principalmente no interior das frases onde são colocadas vírgulas fora do contexto.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E3 / B6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá título à história de acordo com o contexto. Inicia a história de maneira convencional através da expressão "Era uma vez". Localiza a ação no espaço. Não localiza a ação no tempo.	"Os rapazes" "Era um vez, os dois rapazes andavam na rua ..."
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Refere as personagens principais e secundária. As personagens são introduzidas como se já fossem conhecidas. Não as caracteriza nem especifica qual a função da personagem secundária.	" ... os dois rapazes ... do homem ..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	A narração dos acontecimentos está incompleta e pouco detalhada. Apenas descreve de forma muito sintetizada duas das imagens.	
FECHAMENTO	Termina a narrativa com uma descrição incompleta da última imagem.	"É depois o rapaz subiu na cima da cabeça do homem e o homem disse-te Ali!"
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	Tem algum vocabulário mas tem dificuldade em adequá-lo ao contexto.	" ... O rapaz subiu na cima da cabeça ..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal correctamente (género/ número / nome)	" ... os dois rapazes andava ..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal correctamente na maioria das frases.	"... os dois rapazes ..."
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Na aplicação dos determinantes não atende ao facto de se tratar de informação nova ou já mencionada.	" ... os rapazes estavam na frente da escada ... o rapaz subiu na cima da cabeça do homem ..."
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza incorrectamente as preposições em algumas frases.	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Há apenas um erro ortográfico (vaso)	" ... Vasco ..."
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Respeita a ordem dos elementos de frases simples (SVO)	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE		
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Na ligação interfrásica usa excessivamente a conjunção "e" e o adverbio "depois".	"Os rapazes estavam a caminhar e depois quase cair. Depois os rapazes estavam na frente da escada e depois o Vasco caiu ao chão na rua."
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Utilização de pontuação é insuficiente e por vezes incorrecta principalmente no interior da frase. No discurso directo não utiliza o travessão.	

Texto E3 / B6

"Os rapazes".

Era uma vez, os dois rapazes andava na rua e depois eles estão sempre conversar na rua. Os rapazes estão sempre fazer os gesto na rua. Os rapazes estavam a caminhar e depois quase caiu. Depois os rapazes estavam na frente da escada e depois o vaso caiu ao chão na rua. O rapaz estava a falar de coisa dele na escada. E depois o rapaz subiu na cima da cabeça do homem e o homem disse - tu Aiii!

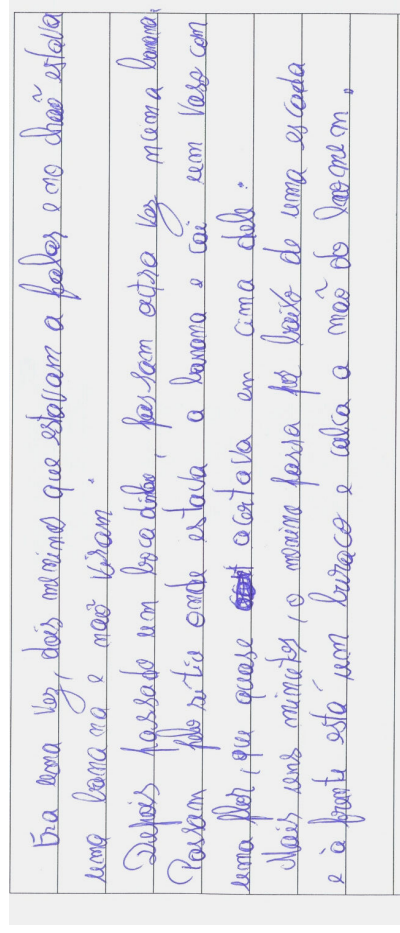
Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o título escolhido está de acordo com a BD; localiza a acção no espaço sem pormenores; não localiza a acção no tempo; refere as personagens principais e secundárias: não caracteriza as personagens e não especifica qual a função da personagem secundária; a narração dos acontecimentos está incompleta e pouco detalhada, apenas descreve de forma muito sintetizada duas das imagens; termina a narrativa com uma descrição incompleta da última imagem. Relativamente à morfossintaxe/ grafia / léxico é de referir o seguinte: tem algum vocabulário mas tem dificuldades em adequá-lo ao contexto; não apresenta dificuldades na flexão nominal, na verbal apenas há registar um erro; na utilização dos determinantes não distingue a informação nova e a já mencionada; apresenta algumas dificuldades no emprego de preposições; apenas deu um erro ortográfico; na escrita de frases simples respeita a ordem dos elementos constituintes; nas frases com duas ou mais orações a utilização de elementos de ligação interfrásica e a utilização de pontuação são aspectos onde o aluno tem dificuldades que dificultam a compreensão do discurso.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E3 /C6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	<p>Não dá título à história.</p> <p>Inicia a história de forma convencional através da expressão “Era uma vez”</p> <p>Não localiza a acção no espaço e no tempo.</p> <p>Refere as personagens principais e a secundária sem os caracterizar e sem especificar o papel da personagem secundária.</p>	<p>“Era uma vez, dois meninos ...</p>
REFERÊNCIA ÀS PERSONAGENS		
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	A descrição das imagens é feita de forma incompleta.	
FECHAMENTO	Termina a história com descrição da última imagem. A informação fornecida é pouco clara.	<p>“...Mais uns minutos, o menino passa por baixo de uma escada e à frente está um buraco e calca a mão do homem.”</p>
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA/ LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	Vocabulário diversificado e adequado ao contexto.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal correctamente.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal.	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza correctamente os determinantes.	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza correctamente as preposições.	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Não há erros ortográficos a registar.	
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Ordena correctamente os elementos da frase.	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Faz a concordância dos sintagmas	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Utiliza com alguma frequência a conjunção “e” como elementos de ligação interfrásica.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	No interior das frases há uma insuficiência de pontuação.	

Texto E3 / C6



Fra uma vez, dois mineiros que estavam a falar e eu disse estava sempre bonita era e não eram.

Depois passou um braco d'agua, fez-se um estro logo minha bonina. Passam pelo rio onde estava a bonina e cai sem fazer com uma flor, que quase ~~estava~~ estava em cima d'agua.

Mais uns minutos e o mineiro passa por baixo de uma escaida e à frente está um barrete e calca a mão do mineiro em.

Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: não atribuiu um título à história; inicia a história de forma convencional através da expressão “era uma vez” não localiza a história no tempo e no espaço; refere as personagens principais e secundária mas não as caracteriza nem especifica qual o papel da personagem secundária; a descrição dos acontecimentos é feita de forma incompleta e a informação transmitida é pouco clara; termina a história com uma frase e sem explicar efectivamente o que aconteceu.

Relativamente à morfossintaxe/grafia / léxico é de referir o seguinte: o aluno apresenta um vocabulário diversificado, adequado ao contexto e sem erros ortográficos; realiza a flexão nominal, verbal e a concordância dos sintagmas correctamente; aplica correctamente os determinantes e as preposições; na escrita de frases complexas, apresenta algumas dificuldades na pontuação e na utilização das estruturas de coordenação e de subordinação.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E3 / D6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá título à história. Não localiza a acção no espaço e no tempo.	"Os 2 rapazes"
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	A referência às personagens principais não é correcta. Refere a personagem secundária como se já tivesse sido mencionada.	"O menino ... a colega ... os rapazes ... o colega" " ... o homem ..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	A narração dos acontecimentos nem sempre está de acordo com as imagens. Não faz a descrição de todas as imagens.	" ... o menino caiu com a banana ... o vaso caiu em cima da cabeça do menino
FECHAMENTO	Termina a história com uma frase sobre a última imagem. A informação não está completa.	
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	Vocabulário diversificado	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	A flexão nominal género / nome nem sempre é correcta.	" ... a colega ... o colega ..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	A flexão verbal é feita correctamente.	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza os artigos definidos sem atender ao facto de se tratar de informação nova.	"O menino ... a colega ... o homem ..."
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza as preposições correctamente	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Não há erros ortográficos a registar	
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Ordena os elementos da frase correctamente.	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Realiza a concordância dos sintagmas correctamente Utiliza com muita frequência no início das frases e como elemento de ligação interferásica o adverbio "depois"	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO		
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Utiliza ponto final no fim de cada frase.	

Texto E3 /D6

→ "Os 2 rapazes"

O menino estava a falar com a colega, depois o menino caiu com a banana. Os dois rapazes estavam a fazer os gestos portugueses. Continuaram a falar os gestos portugueses e depois o rapaz caiu em cima da cabeça do menino. Depois o menino falou com o colega e depois o rapaz partiu-se mocho. O colega estava a fazer os gestos portugueses repetiu a falar com a colega. Depois o homem subiu nas escadas e o menino pisou na cabeça do homem.

Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o título apesar de não dar informação específica sobre a história é considerado correcto; não faz a localização da acção no espaço e no tempo; a referência às personagens principais deixa algumas dúvidas pois quando designa uma delas como "colega" fá-lo umas vezes como sendo "o colega" e outras "a colega"; não faz a caracterização das personagens e não especifica a função da personagem secundária; a narração dos acontecimentos está incompleta, em algumas das situações a informação transmitida não é correcta pois não é feita de acordo com as imagens; para terminar a história descreve de forma incompleta a última imagem.

Relativamente à morfossintaxe/ gramática / léxico é de referir o seguinte: o vocabulário é diversificado, adequado ao contexto e sem erros ortográficos; faz a flexão nominal género/ número /nome correctamente contudo quando utiliza a palavra "colega" demonstra alguma incerteza; a flexão verbal, utilização de preposições é correcta; na utilização dos determinantes não atende ao facto de se tratar de informação nova ou já anteriormente mencionada; respeita a ordem dos elementos das frases (SVO); na escrita de frases com duas ou mais orações verifica-se uma tendência para repetir os elementos de ligação interfrásica; a pontuação no interior das frases é insuficiente.

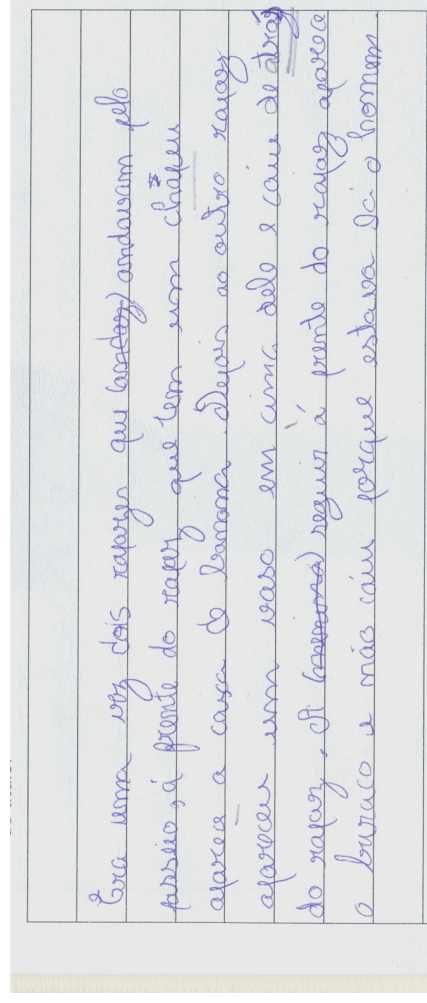
GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E4 / A5

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	<p>Não dá título à história. Inicia a história de forma convencional através a da expressão "Era uma vez". Localiza a acção no espaço e não localiza a acção no tempo. Refere as personagens principais e secundária. Na caracterização das personagens apenas menciona que uma tem um chapéu. Não especifica qual o papel da personagem secundária.</p>	<p>"Era uma vez dois meninos ..." "..... no passeio ..." " ... dois rapazes ... o homem ..." " ... à frente um rapaz que tem um chapéu ..."</p>
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS		
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	A descrição dos acontecimentos é muito incompleta e pouco clara.	
FECHAMENTO	Termina a história com uma descrição pouco detalhada da última imagem.	
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O vocabulário é adequado ao contexto.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal (género / número / nome) correctamente	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal correctamente	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Na utilização de determinantes nem sempre atende ao facto de ser informação mencionada pela primeira vez	"... a casca de banana ... o buraco ..."
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza correctamente as preposições	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA		
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Realiza a ordenação dos elementos da frase correctamente	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Realiza a concordância dos sintagmas	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Utiliza elementos de ligação interfrásica como as conjunções coordenativas "e"	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	A pontuação utilizada é o ponto final e a vírgula.	

ESCOLA E4

Teste E4 / A5



Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: apesar de ter sido solicitado o aluno não deu título à história; inicia a narrativa de forma convencional através da expressão “Era uma vez”; na localização da acção no espaço não fornece detalhes apenas menciona “pelo passeio”; não localiza acção no tempo; refere como personagens principais “dois rapazes” mas não os caracteriza; a personagem secundária é introduzida como se já fosse conhecida, não é caracterizada e não especifica qual a função que desempenha; a narração dos acontecimentos é feita de forma muito incompleta e pouco clara; termina a história com uma descrição da última imagem mas sem detalhes.

Relativamente à morfossintaxe/ grafia / léxico é de salientar o seguinte: o vocabulário é adequado ao contexto e sem erros ortográficos; a dimensão da narrativa é muito reduzida; a flexão nominal e verbal, a utilização das preposições, a concordância dos sintagmas e a ordenação dos elementos na frase são realizados correctamente; na utilização dos determinantes nem sempre atende ao facto de ser informação nova ou já mencionada anteriormente; na escrita de frase complexas apresenta algumas dificuldades na utilização da pontuação e na ligação interfrásica.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E4 / B5

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título à história de acordo com o contexto: Inicia de forma convencional a história através da expressão convencional "Era uma vez" Faz a localização da acção no espaço de forma genérica a meio da história. Não localiza a acção no tempo.	"Eles estavam a ir para a escola."
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Faz referência às personagens de forma adequada. Na caracterização das personagens só refere que uma delas tem um casaco verde.	"O amigo com o casaco verde ..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Faz referência a todas as imagens e às respectivas acções.	
FECHAMENTO	Termina a história com a descrição da última imagem.	
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O vocabulário é diversificado e adequado ao contexto.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal correctamente	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal correctamente	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza correctamente os determinantes	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza as preposições correctamente	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Realiza a translineação correctamente	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Há dois erros ortográficos a registar (estava, conseguiu)	"tava, conseguiu)
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Ordena correctamente os elementos das frases	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Realiza correctamente a concordância dos sintagmas	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Aplica elementos de coordenação e de subordinação correctamente.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	A pontuação utilizada é adequada.	

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E4 / A6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título à história. Inicia a história de maneira convencional através da expressão "Era uma vez..." Localiza a acção no espaço e no tempo. Refere as personagens principais e dá-lhes um nome. Refere a personagem secundária. Não caracteriza as personagens.	"Leandro e Joaquim" " ... a casa do Leandro ... para escola ... - Bom dia ..." "Leandro e Joaquim" " ... homem ..."
REFERÊNCIA ÀS PERSONAGENS		
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Faz a descrição pouco detalhada todas as imagens.	
FECHAMENTO	Termina a história com a descrição da última imagem.	
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O aluno tem um vocabulário bastante diversificado.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal (género / número / nome) correctamente	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal nem sempre é feita correctamente.	"Ó Leandro está ali uma escada cuidado se não pode magoar."
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza correctamente os determinantes	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza correctamente as preposições	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	A translineação nem sempre é correcta	"Pa-ssear"
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Há um erro a registar (até)	"Ate!"
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Ordena correctamente os elementos constituintes das frases	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	A concordância nem sempre é correcta	"Ó Leandro está ali uma escada cuidado se não pode magoar."
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Utiliza alguns elementos de ligação interfrásica No discurso directo nem sempre utiliza a pontuação correcta. No inferior da frase a pontuação é insuficiente ou incorrecta.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO		

Texto E4 / A6

① Jeandro e Joaquina

Era uma vez um personagem feio e escuro do Jeandro ~~que se chamava~~ mas os nomes para Jeandro ~~era~~ a escola e a escola.

- O Jeandro está tudo bem.

- Obrigado

Depois estamos a chegar atrasado à escola ~~de~~ a chegar à escola.

É a escola e a escola e os nomes fazem no dia.

- Onde Jeandro?

Jeandro está em casa e Joaquina está em casa.

É Jeandro ~~está~~ em casa e Jeandro está em casa.

É Jeandro ~~está~~ em casa e Jeandro está em casa.

Ele não ouvi mas tu fizeste e calouse do Homem, ai desculpe!!
Cham, ahei amanté.

Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno dá um título ao texto conforme solicitado e de acordo com a BD; inicia a história de forma convencional através da expressão "Era uma vez"; localiza a acção no espaço e no tempo; refere as personagens principais, dá-lhes um nome mas não as distingue; refere a personagem secundária como o homem; não caracteriza as personagens; na narração dos acontecimentos o aluno não se limita à descrição das imagens; começa a história narrando situações que não são visíveis; a narração dos acontecimentos vai sendo feita através do diálogo entre as personagens principais; termina a história com a descrição pouco detalhada da última imagem. Relativamente à morfossintaxe/grafia / léxico é de referir o seguinte: o aluno apresenta um vocabulário diversificado e adequado; tem facilidade na aplicação do vocabulário apesar de verificarem alguns erros ortográficos; faz a flexão nominal / verbal e a concordância entre os sintagmas correctamente; utiliza correctamente as preposições; a utilização dos determinantes é correcta; ordena correctamente os elementos constituintes das frases; nas frases complexas com 2 ou mais orações utiliza elementos de coordenação e de subordinação; a pontuação nem sempre é aplicada correctamente, nomeadamente no discurso directo; no interior das frases a pontuação é insuficiente.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E4 / B6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título à história. Inicia a história de maneira convencional através da expressão "Era uma vez..." Localiza a acção no espaço e no tempo. Refere as personagens principais e dá-lhes um nome. Refere a personagem secundária. Não caracteriza as personagens.	"O Mário e o Leo" " ... foi chamar o Mário a casa para ir para escola ... Bom dia ..." "O Mário e o Leo" " ... o homens ..."
REFERÊNCIA ÀS PERSONAGENS		
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Faz a descrição dos acontecimentos de todas as imagens.	
FECHAMENTO	Termina a história com a descrição da última imagem. A esta descrição acrescenta mais uma acção não visível na imagem.	" ... Ai! Ai! Dou-me a cabeça e o Leo e o Mário deitou a escola brincar com os colegas."
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O aluno tem um vocabulário bastante diversificado.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal (género / nome) correctamente. A flexão número / nome nem sempre é feita correctamente.	" ... o homens..." " ... o homens trabalha ... o homens ouviu ..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal nem sempre é feita correctamente.	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza correctamente os determinantes	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza correctamente as preposições	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Dá diversos erros ortográficos (Natal, trotinete, Leo, cheia, mesmo, trabalhador, perguntou)	"natal, trotinete, leo, cheia, mesmo, trabalho, proguntou"
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Ordena correctamente os elementos constituintes das frases	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Realiza correctamente a concordância dos sintagmas	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Utiliza alguns elementos de ligação interfrásica No discurso directo nem sempre utiliza a pontuação correcta. No interior da frase a pontuação é insuficiente ou incorrecta.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO		

Texto E4 /B6

O Mario e o João
Era uma vez o João foi chamar o
Mario a casa para ir para escola.
- Bom dia Mario.
- Bom dia João está tudo bem.
- Claro está correndo muito bem
obrigado. Então já la foram
~~para~~ ~~para~~ para escola a falar
do xingua actual.
- O que tiver-se algumas prendas
de natal lol?
- Já é uma meta e um ~~brinquedo~~
brinquedo e um jogo de Playstation
é esta.
- Então Mario e tu?
- Terve uma Ajijama e uva
Protenete. Depois em 1º de
Então caiu uma caixa de Banana e
João disse - He cidadão com a caixa de
Banana.

E também caiu uma vaso
e o João perguntou - se os Mario.
Mario - se um vaso a cair?
Não.
A cidade deb com a estrada.
Eu não sou.
O João esta lá dentro e
Henrys a trabalhar.
foi clava mal.
Perque quando abre o teclado sempre
clava mal.
Cidadão são mais aqui no
bairro e Homens sou e
foi la para ver o que ab
mimo tanto caiu a caixa
de trabalhado e deu - He.
Aii! Aii! deu - me a
caixa e o João e o Mario
caiu a escola brancas
com os colegas. Fin.

Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno dá um título ao texto conforme solicitado e de acordo com a BD; localiza a acção no espaço e no tempo; refere as personagens principais, dá-lhes um nome mas não as distingue; refere a personagem secundária como o "homem"; não caracteriza as personagens; na narração dos acontecimentos o aluno não se limita à descrição das imagens; começa a história narrando situações que não são visíveis; a narração dos acontecimentos vai sendo feita através do diálogo entre as personagens principais; termina a história com a descrição da última imagem e com a narração de uma situação imaginada.

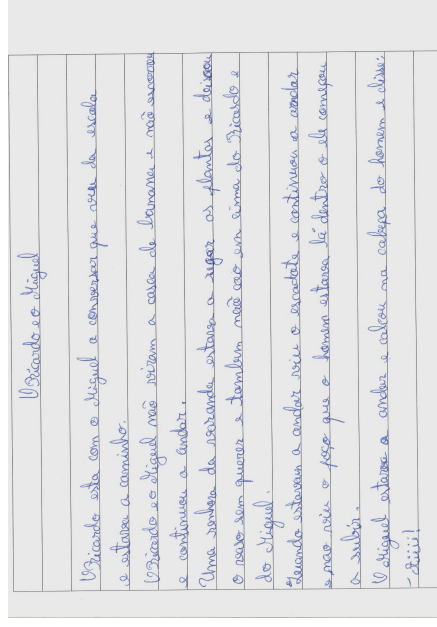
Relativamente à morfossintaxe/grafia / léxico é de referir o seguinte: o aluno apresenta um vocabulário diversificado e adequado; tem facilidade na aplicação do vocabulário apesar se verificarem alguns erros ortográficos; faz a flexão nominal / verbal e a concordância entre os sintagmas correctamente; utiliza correctamente as preposições; a utilização dos determinantes é correcta; ordena correctamente os elementos constituintes das frases; nas frases complexas com duas ou mais orações utiliza elementos de coordenação e de subordinação; a pontuação nem sempre é aplicada correctamente, nomeadamente no discurso directo; no interior das frases a pontuação é insuficiente.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E4 / D6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título à história. Não faz a localização da acção no espaço e no tempo.	"O Ricardo e o Miguel"
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Refere como personagens principais Ricardo e Miguel. A personagem secundária é o homem. Não caracteriza as personagens e não especifica qual o papel da personagem secundária.	"O Ricardo ... o Miguel... o homem..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Faz a narração dos acontecimentos de forma incompleta e pouco clara.	
FECHAMENTO	Termina a história com um breve descrição da última imagem.	"O Miguel estava andar e calçou na cabeça do homem e disse: Aiiii!"
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA/ LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O vocabulário é variado mas nem sempre adequado ao contexto.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal correctamente.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	A flexão verbal nem sempre é feita correctamente	"O Ricardo e o Miguel não viram a casca de e não escorreu e continuou a andar..."
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	A utilização dos determinantes não atende ao facto a informação ser nova ou já ter sido mencionada.	"... viu o escadote ... viu o poço o homem .."
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza correctamente as preposições.	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Há a registar um erro ortográfico (caiu)	"caio"
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Apresenta dificuldades em ordenar os elementos da frase	"O Ricardo esta com o Miguel a conversar que vai da escola e estava <u>caquinho</u> ."
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	A concordância entre os sintagmas nem sempre é correcta.	"Quando <u>estavam</u> andar viu o escadote e <u>continuou</u> a andar e não viu"
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Na ligação interfrásica verifica-se um uso excessivo da conjunção coordenativa "e"	"Uma senhora da varanda estava a regar as plantas e deixou o vaso sem querer e também não caiu em cima do Ricardo e do Miguel."
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Utiliza ponto final da frase, dois pontos e travessão no discurso da frase. No interior das frases a pontua cão é insuficiente.	"Quando estava andar viu o escadote e continuou a andar e não viu o poço que o homem estava lá dentro o ele começou a subir."

Texto E4 / D6



Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno dá um título ao texto conforme foi solicitado; dá nome às personagens principais mas não as distingue nem as caracteriza; introduz a personagem secundária como se já fosse conhecida e não especifica qual o papel que desempenha na narrativa; na narração dos acontecimentos não faz referência a todas as imagens, apenas descreve algumas de forma muito incompleta; termina a narrativa com a descrição pouco detalhada da última imagem.

Relativamente à morfossintaxe / grafia / léxico é de referir o seguinte: o vocabulário utilizado é diversificado mas nem sempre adequado; nota-se alguma dificuldade em escolher as palavras correctas (ex. escorreu em vez de escorregou); realiza a flexão nominal correctamente; a flexão verbal nem sempre é feita correctamente principalmente nas frases em que o sujeito é subentendido; a utilização dos determinantes não é feita adequadamente; utiliza correctamente as preposições; dificuldades em ordenar os elementos constituintes das frases em fazer a concordância entre os sintagmas em frases com duas ou mais orações; nas frases com duas ou mais orações utiliza com muita frequência a conjunção coordenativa “e”; a pontuação no interior das frases é insuficiente.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E4 / E6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título à história. Inicia a história de maneira convencional através da expressão "Era uma vez..." Localiza a acção no tempo e no espaço. Refere as personagens principais. Dá-lhe um nome Refere a personagem secundária. Não caracteriza as personagens.	"As diabruras cometem-se" "Um dia, combinaram dar um passeio assim que acabassem a escola" "... dois miúdos surdos ... chamados João e Francisco..."
REFERÊNCIA ÀS PERSONAGENS		
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Dos acontecimentos visíveis nas imagens apenas refere três. As restantes situações descritas são imaginadas.	"... passou pela banana, como se ela fosse invisível e continuou a tagarelar ...o vaso não foi contra ele... pisou o canalizador, que estava debaixo deles, a verificar os canos. Este soltou grito estridente..."
FECHAMENTO	O fechamento da história afasta-se um pouco dos acontecimentos visíveis na BD.	
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIÉDADE LEXICAL	O aluno tem um vocabulário diversificado e rico.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal (género / número / nome) correctamente	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza correctamente os determinantes	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza correctamente as preposições	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	A translineação é correcta	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Não há erros a registar	
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Ordena correctamente os elementos constituintes das frases	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	A concordância entre os sintagmas é correcta	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Utiliza alguns elementos de ligação interfrásica diversificados	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Utiliza correctamente a pontuação nas diferentes situações	

Texto E4 / E6

As diabrotas cometeram-se...
 Era uma vez dois miúdos surdos com alguma reboleira, chamados João e Francisco. Um dia, combinaram dar um passeio assim que acabassem os aulas. E como tinham alguma grana, resolveram comprar um gelado para cada um deles. Mas tiveram logo uma ideia louca... Como o dinheiro não chegava para um gelado, combinou-se que iam lavar o geladaria, por brincadeira. Eles prometem pagar no dia seguinte. E a aventura começou quando os dois, secretamente, abriram a porta, tiraram os gelados e começaram a lambujar, tranquilamente... e fugiram discretamente quando o empregado se apercebeu, resmungou e gritou com eles.
 O Francisco respondeu-lhes, a cozer de castos, em língua gestual:
 - Desculpe! Ananão pagamos-lhe, prometemos!
 O empregado ficou incrédulo e franziu o sobrolho, não entendendo nada... E como não sabia que língua, língua gestual, começou a achar que eles, talvez, eram deficientes...! Depois do momento, começaram a rir.
 - Foi só um jogo! O empregado é tão louco que nem viu o que nós fizemos! Incomentou o Francisco.
 - Foi assim! Nunca tivemos aquele que nos repetiu um dia a outra - respondeu o João, que não viu o perigo que estava por aí. Salto.

Ignorou e passou pela bonança, como se ela fosse invisível e continuou a tagarelar com o Francisco. O Francisco espregou um sorriso maroto quando o João lhe disse que queria voltar a repetir aquela cena. Por falta de estímo, o vaso não foi contra ele. O João continuou a andar, andar e andar até que pisou o canalizador, que estava abaixo deles, a verificar os canos. Este soltou um grido estridente que fez estremecer os canos. O João, quando ajeitou a cabeça do canalizador, sentiu-se que estava prestes a cair num buraco. E virou-se para trás, viu o que acabara de fazer, pediu-lhe desculpas. O canalizador, tal como o empregado, também fez os mesmos modos que ele. De lá em diante, descrebitam o que era a língua gestual e quisiram logo aprender, para poderem comunicar com os surdos - mudos assim que os vivem.

F. H.

Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno dá um título ao texto conforme solicitado e de acordo com a BD; inicia a história de forma convencional através da expressão "Era uma vez"; localiza a ação no espaço e no tempo; refere as personagens principais, dá-lhes um nome; refere a personagem secundária como o "canalizador"; não caracteriza as personagens; na narração dos acontecimentos o aluno não se limita à descrição das imagens; começa a história narrando situações que não são visíveis; a narração dos acontecimentos visíveis nas imagens está incompleta; o aluno apenas refere três dos acontecimentos; os restantes são imaginados; o fechamento da história afasta-se um pouco do contexto da BD; nota-se uma tendência do aluno em afastar-se do contexto da BD. Relativamente à morfossintaxe/ gramática / léxico é de referir o seguinte: o aluno apresenta um vocabulário diversificado, rico e adequado; tem facilidade na aplicação do vocabulário; não se verificam erros ortográficos; nos restantes itens não há lacunas a referir.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E4 / F6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título à história. Localiza a acção no espaço. Não localiza a acção no tempo	"A conversa de gestos" " ... foram dar um passeio ... iam passar pela passeadeira ..."
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Refere as personagens principais os meninos e personagem secundária o canalizador. Caracteriza as personagens principais apenas como surdos. Dá-lhes nome mas não os distingue.	"Os meninos surdos ... Patrick e do John ... o canalizador ..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Refere todas as imagens mas de forma incompleta.	
FECHAMENTO	O fim da história foge um bocadinho ao contexto da BD	"Passaram muitos anos, os dois amigos tornaram-se professores de língua gestual."
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA/ LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O vocabulário é diversificado mas nem sempre adequado.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal correctamente	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal na maioria das frases	(eles) "ia passar ..."
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza os determinantes sem atender ao facto de ser informação nova ou já mencionada.	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza correctamente as preposições	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica.	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Há apenas dois erros a registar (magouu, interessava)	"magou, interessava"
	NA FRASE	
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Ordena correctamente os elementos constituintes das frases.	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Realiza a concordância entre os sintagmas correctamente.	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Utiliza como elementos de ligação interfrásica as conjunções coordenativas "e" e "mas" Utiliza ponto final no fim das frases, travesso e dois pontos no discurso directo. No interior das frases a pontuação é insuficiente.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO		

Texto E4 / F6

Ao contrário de gestos

Os meninos surdos fazem com um barbeiro e estavam a falar em língua gestual. Já a filha não pôde perceber, mas estava lá a ouvir de longe, mas estavam sempre a falar em língua gestual.

Ele passou por uma casa cada um com uma irmã. Passaram pelo mercado e estavam sempre a falar a comunicação de Patricia e o pai.

Eleus desta vez, o pai magou o canalizador e ele disse:

- Avó!

É o que mais interessa para os dois amigos ser a comunicação de língua gestual.

Quando chegaram a casa, foram estudar para saber gestos novos. Ele deu signifiantes, intervalos de escrita, foram ensinar os outros colegas.

Passaram muitos anos, os dois amigos tornaram-se professores de língua gestual.

Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno dá um título ao texto de acordo com o contexto da BD; faz a localização da acção sem detalhes, apenas refere que está dar um passeio; não localiza acção no tempo; refere as personagens principais, dá-lhes um nome mas não as distingue, caracteriza-as apenas como surdos; a personagem secundária, o canalizador, é introduzida como se já tivesse sido mencionada; faz a descrição das imagens de forma incompleta, não especificando por exemplo como o menino magou o canalizador; a conclusão da história afasta-se um bocado do contexto.

Relativamente à morfossintaxe/ grafia / léxico é de referir o seguinte: o vocabulário utilizado é diversificado e adequado ao contexto salvo quando pretende designar passeio que substitui por passeadeira; realiza correctamente a flexão nominal; na flexão verbal apresenta algumas dificuldades quando o sujeito é subentendido; utiliza correctamente as preposições; a utilização dos determinantes nem sempre é feita correctamente pois às vezes não distingue a informação nova da já mencionada; a ordenação dos elementos constituintes das frases e a concordância dos sintagmas é feita correctamente; nas frases com duas ou mais orações utiliza como elementos de ligação interfrásica conjunções coordenativas; a pontuação no interior das frases é insuficiente; utiliza ponto final no fim das frases, travessão e dois pontos no discurso directo.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E4 / G6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título à história. Faz a localização espacial. Não localiza a acção no tempo.	“ ... no caminho da escola ... ”
REFERÊNCIA ÀS PERSONAGENS	Refere as personagens principais e dá-lhes um nome. Refere a personagem secundária. Não caracteriza as personagens.	“O Bart e o Jack ... um canalizador ...”
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Faz a descrição dos acontecimentos de todas as imagens.	
FECHAMENTO	A história termina de forma pouco adequada pois a meio da narrativa o aluno afasta-se do contexto da narrativa.	“Só parou quando os skates chegaram a escola.”
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	O aluno tem um vocabulário bastante diversificado e rico	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal correctamente.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal correctamente.	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	A utilização dos determinantes nem sempre atende ao facto de a informação ser introduzida pela primeira vez.	“ ... o vaso ...do escadote ... ”
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza correctamente as preposições	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Apresenta algumas dificuldades na translineação	“continh-uaram ... cam-inho ...”
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Não dá erros ortográficos	
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Ordena correctamente os elementos constituintes das frases	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Realiza correctamente a concordância dos sintagmas	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Na ligação interfrásica utiliza excessivamente a conjunção coordenativa “e”.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	No interior da frase a pontuação é insuficiente.	

Texto EA / G6

A esmola dos miúdos

David e o Jack estavam a conversar em linguagem geral no caminho da escola, enquanto estavam uma vez de brincar no chão e o David e o Jack desbravaram a casa da bruxa e continuaram a seguir o caminho de repente o vaso de flores caiu e neste momento nos miúdos e o vaso de flores partiu-se lá. miúdos ambos usaram e deram-lhe o vaso de flores e um bom dia e estava a subir e escada do sagão, o Jack ficou lá e pediu-me desculpa em português.

O David e o Jack foram seguintes e com um olhar para a escola, quando continuaram estava uma data de escola, não chateou os miúdos desistiram-se e ainda não tinha chegado à escola.

Os miúdos estavam a ir-se a chegar à escola quando havia dois silabas na rua e desta vez o David e o Jack acortaram e existam

ainda não tinha chegado na rua.
foi forte quando os silabas chegaram a escola.

Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno dum título ao texto conforme solicitado e de acordo com a BD; localiza a acção no espaço; não localiza a acção no tempo; refere as personagens principais, dá-lhes um nome mas não as distingue; refere a personagem secundária como o canalizador; não caracteriza as personagens: no início da narrativa o aluno narra os acontecimentos de acordo com as imagens da BD respeitando a sequência desta; depois começa a afastar-se do contexto da BD e passa a narrar situações que não são visíveis na BD; termina a história com um fechamento pouco adequado.

Relativamente à morfossintaxe/ grafia / léxico é de referir o seguinte: o aluno apresenta um vocabulário diversificado e rico; tem facilidade na aplicação do vocabulário; faz a flexão nominal / verbal, a concordância entre os sintagmas correctamente; utiliza correctamente as preposições; a utilização dos determinantes nem sempre é correcta; tem algumas dificuldades na translineação; ordena correctamente os elementos constituintes das frases; nas frases complexas com duas ou mais orações tem uma tendência para empregar com muita frequência a conjunção coordenativa "e"; no interior das frases a pontuação é insuficiente.

ESCOLA E5

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS
Código do aluno E5 / A5

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	<p>Não dá um título ao texto. Não localiza a acção no espaço e no tempo.</p>	
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	<p>Refere como personagens principais e secundária. Não caracteriza as personagens e não especifica o papel da personagem secundária.</p>	"os meninos ... um o homem..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	<p>A narração dos acontecimentos é muito incompleta.</p>	
FECHAMENTO	<p>Termina a história com uma frase sobre a última imagem. A informação é pouco clara.</p>	"Os meninos o lado menino está não ver para baixo um o homem ele já baixo sapato bate baixo de homem."
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIÉDADE LEXICAL	<p>Vocabulário pouco diversificado.</p>	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	<p>Dificuldade na flexão género nome na palavra "saco"</p>	"... uma saco ..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	<p>Dificuldades na flexão verbal</p>	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	<p>Utilização dos determinantes não é correcta como se pode ver logo no início do texto.</p>	"Os meninos ..."
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	<p>Apresenta algumas dificuldades na aplicação das preposições</p>	"... não ver a cima uma saco ...já nem ver não atrás ...o lado menino ..."
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	<p>Não se verifica</p>	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	<p>Não há erros ortográficos a registar.</p>	
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	<p>Dificuldades na ordenação dos elementos das frases</p>	"Os meninos estávamos ele o amigo ortuo lado está não ver uma banana..."
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	<p>Dificuldades na concordância dos sintagmas</p>	"Os meninos o lado menino está não ver a escada."
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	<p>Dificuldade na aplicação de elementos de coordenação e de subordinação.</p>	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	<p>Utilização insuficiente no interior da frase.</p>	

Texto E5/ A5

1	
2	Os maiores estímulos a falar, em inglês,
3	os maiores estímulos a falar, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês,
4	em inglês, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês,
5	Os maiores estímulos a falar, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês,
6	Os maiores estímulos a falar, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês,
7	em inglês, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês,
8	Os maiores estímulos a falar, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês,
9	Os maiores estímulos a falar, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês,
10	Os maiores estímulos a falar, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês,
11	Os maiores estímulos a falar, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês, em inglês,
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	

Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno não deu um título ao texto conforme solicitado; não localiza acção no espaço e no tempo; refere as personagens principais e secundária; não caracteriza as personagens; na narração dos acontecimentos apresenta muitas dificuldades não consegue transmitir a informação essencial; termina a história com uma descrição incompleta da última imagem.

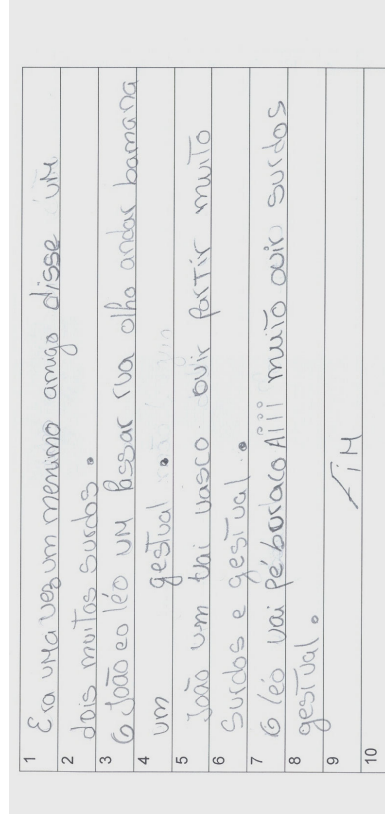
Relativamente à morfossintaxe/ grafia / léxico é de salientar o seguinte: o vocabulário do aluno é limitado, repete constantemente as mesmas palavras; apresenta dificuldades na maioria dos itens referidos na categoria B; a translineação e a correção ortográfica são os únicos itens onde não há registro de lacunas

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E5 / A6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	<p>Não dá um título ao texto.</p> <p>Inicia a história de forma convencional através da expressão "Era uma vez".</p> <p>Localiza acção no espaço.</p> <p>Não localiza acção no tempo.</p>	<p>"Era uma vez um menino ..."</p> <p>"... passar rua ..."</p>
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	<p>Refere como personagens principais dois surdos.</p> <p>Dá-lhes um nome mas não os identifica.</p>	<p>"... um dois ...surdos ..."</p> <p>"O João e o Léo ..."</p>
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	<p>A narração dos acontecimentos é muito incompleta.</p> <p>Termina a história com uma frase sobre a última imagem. A informação é pouco clara.</p>	<p>"O Léo vai pé buraco Aiii muito ouvir surdos gestual."</p>
FECHAMENTO		
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	Vocabulário pouco diversificado.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Dificuldade na flexão nominal	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Dificuldades na flexão verbal	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utilização dos determinantes não é correcta como se pode ver logo no início do texto.	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Apresenta algumas dificuldades na aplicação das preposições	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Há registar dois erros ortográficos (vaso, ouvir)	"Vasco, ouvir"
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Dificuldades na ordenação dos elementos das frases	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Dificuldades na concordância dos sintagmas	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Dificuldade na aplicação de elementos de coordenação e de subordinação.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Utilização insuficiente no interior da frase.	

Texto E5 A6



Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno não deu título ao texto conforme solicitado; inicia a história de forma convencional através da expressão “Era uma vez”; localiza a acção no espaço dizendo apenas que se passa na rua; não localiza acção no tempo: refere as personagens principais, dá-lhes um nome mas não as identifica e caracteriza-as como surdas; não refere a personagem secundária; na narração dos acontecimentos apresenta muitas dificuldades, não consegue transmitir a informação essencial; termina a história com uma descrição incompleta da última imagem; todo o discurso é pouco claro e de difícil compreensão.

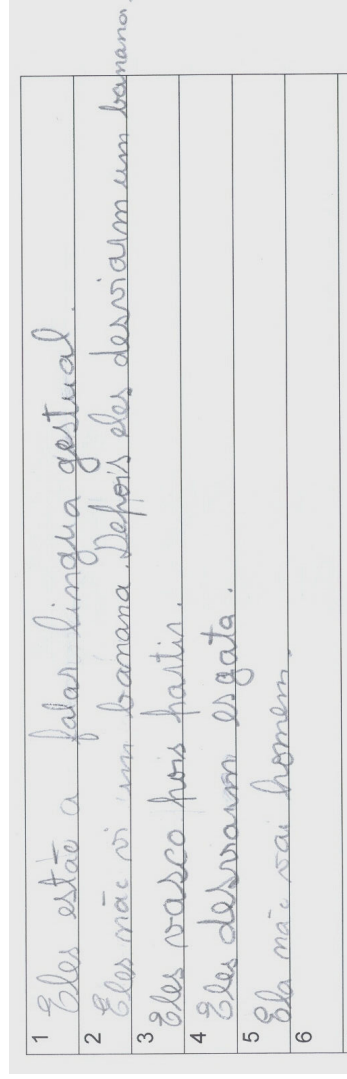
Relativamente à morfossintaxe/ grafia / léxico é de salientar o seguinte: o vocabulário do aluno é limitado, repete constantemente as mesmas palavras; apresenta dificuldades na maioria dos itens referidos na categoria B.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E5 / C6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	<p>Não dá um título ao texto.</p> <p>Não localiza a acção no espaço.</p> <p>Não localiza a acção no tempo.</p> <p>A referência às personagens é pouco clara.</p>	<p>“Eles ... Ela ... homem.”</p>
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	<p>Apresenta muitas dificuldades na narração dos acontecimentos. Utiliza frases incompletas e pouco perceptíveis. Não faz a descrição de todas as imagens.</p>	
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	<p>Termina a história com uma frase a descrever a última imagem. A informação é pouco clara.</p>	<p>“Ela não vai homem.”</p>
FECHAMENTO		
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA/ LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	<p>Tem um vocabulário muito limitado.</p>	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	<p>Não realiza a flexão nominal.</p>	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	<p>Não realiza a flexão verbal.</p>	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	<p>Não utiliza determinantes.</p>	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	<p>Não utiliza preposições</p>	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	<p>Não se verifica.</p>	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	<p>Há a registar alguns erros ortográficos (vaso, esgoto, língua)</p>	<p>“vasco ...esgata ... língua”</p>
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	<p>Não ordena os elementos da frase</p>	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	<p>Não faz a concordância entre os sintagmas.</p>	<p>“Eles não viu chão banana ...”</p>
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	<p>Não aplica elementos de subordinação e coordenação.</p>	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	<p>Utiliza ponto final no fim de cada frase. No interior das frases não utiliza pontuação.</p>	

Texto E5 / C6



Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno apresenta muitas dificuldades em todos os itens da categoria A; a localização no espaço e no tempo é feita de forma incompleta através das expressões “rua” e “quanto escola acabar...”; na narração dos acontecimentos não consegue transmitir a informação essencial; termina a narrativa também de forma incompleta com uma frase sobre a última imagem. Relativamente à morfossintaxe/ grafia / léxico é de referir o seguinte: o vocabulário é muito limitado e nem sempre adequado; nos restantes itens desta categoria o aluno apresenta muitas dificuldades; não realiza a flexão nominal e verbal e a concordância entre os sintagmas; nesta narrativa não se verifica a utilização de preposições e de artigos definidos; apenas usou um artigo indefinido mas sem atender à concordância género / nome; na escrita de frases não respeita a ordem dos elementos constituintes e não utiliza elementos de ligação interfrásica o que dificulta a compreensão de todo o discurso; a utilização da pontuação, nomeadamente sinais de pausa, é incorrecta ou insuficiente.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E5 / D6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	<p>Não dá um título ao texto. Localiza a ação no espaço. Localiza a ação no tempo.</p>	<p>Quanto escola acabar eles sai escola." " ... um homem ..." " ... um homem está trabalho é esgoto ..."</p>
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	<p>Como personagens principais refere "eles" Como personagem secundária refere "homem". Especifica o papel da personagem secundária. Não caracteriza as personagens.</p>	
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	<p>Apresenta muitas dificuldades na narração dos acontecimentos. Utiliza frases incompletas e pouco perceptíveis. Não faz a descrição de todas as imagens. Termina a história com uma frase a descrever a última imagem. A informação é pouco clara.</p>	<p>"Ele está pé esgoto Homem Aiiii!"</p>
FECHAMENTO		
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	<p>Tem um vocabulário muito limitado.</p>	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	<p>Não realiza a flexão nominal.</p>	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	<p>Não realiza a flexão verbal.</p>	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	<p>Não utiliza determinantes.</p>	<p>" ... não viu --- chão ...sai--aula ...Vasco --- cima... está --- pé esgoto..."</p>
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	<p>Utiliza incorretamente as preposições</p>	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	<p>Não se verifica.</p>	<p>" ... Vasco ..."</p>
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	<p>Há a registar um erro ortográfico (vaso)</p>	
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	<p>Não ordena os elementos da frase</p>	<p>"Eles não viu chão banana ..."</p>
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	<p>Não faz a concordância entre os sintagmas.</p>	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	<p>Não aplica elementos de subordinação e coordenação.</p>	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	<p>Utiliza ponto final no fim de cada frase. No interior das frases não utiliza pontuação.</p>	

Texto E5/D6

1	QUANTO ESCOLA ACABAR eles SAI AULA.
2	'ESTÁ' ANDAR RUA eles ESTÁ FAZAR GESTUAL.
3	eles NÃO viu CHÃO BANANA e TAMBÉM VASCO
4	CIMA PER CHÃO eles NÃO OUVIR.
5	ANDAR FRENTE MAS um Homem ESTÁ TRABALHAR
6	é ESCOTO ; ele ESTÁ PE esboto Homem AIIII
7	
8	
9	

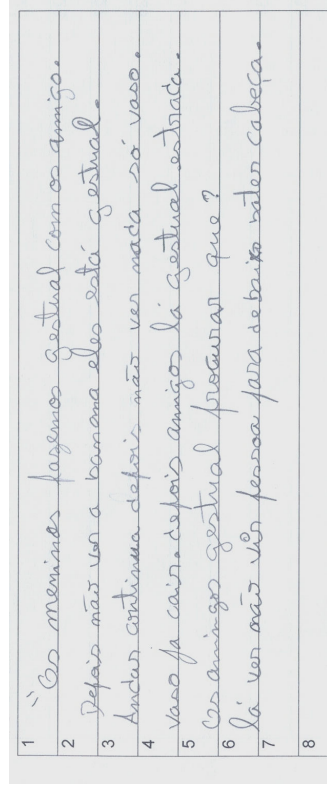
Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno apresenta muitas dificuldades em todos os itens da categoria A; não faz a localização no espaço e no tempo; na narração dos acontecimentos não consegue transmitir a informação essencial e não faz referência a todas as imagens; termina a narrativa também de forma incompleta com uma frase sobre a última imagem. Relativamente à morfossintaxe/ grafia / léxico é de referir o seguinte: o vocabulário é muito limitado e nem sempre adequado; nos restantes itens desta categoria o aluno apresenta muitas dificuldades; não realiza a flexão nominal e verbal e a concordância entre os sintagmas; durante toda a narrativa apenas utiliza um artigo indefinido; não utiliza preposições; na escrita de frases não respeita a ordem dos elementos constituintes e não utiliza elementos de ligação interfrásica o que dificulta a compreensão de todo o discurso; a utilização de pontuação, nomeadamente sinais de pausa, é incorrecta e insuficiente.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E5 / E6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	<p>Não dá um título ao texto.</p> <p>Não localiza acção no espaço.</p> <p>Não localiza acção no tempo.</p>	
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	<p>Como personagens refere os meninos.</p> <p>Não faz referência a todas as imagens.</p>	"Os meninos ..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	A narração dos acontecimentos é incompleta e pouco clara.	
FECHAMENTO	Termina com uma frase incompleta sobre a última imagem.	"...lá ver não vir pessoa para debaixo bater cabeça."
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	Vocabulário pouco diversificado.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	A flexão nominal nem sempre é correcta.	"... com os amigo ..."
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	A flexão verbal incorrecta.	" Os meninos fazemos... eles está ..."
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	A utilização dos artigos definidos nem sempre atende ao facto de se tratar de informação nova.	"Os meninos ..."
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Não utiliza preposições	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Não há erros ortográficos a registar.	
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Não ordena elementos da frase	"Os meninos gestual procurar que?"
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	Não faz concordância entre os sintagmas.	"Os meninos fazemos ...Depois não ver a banana...."
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	<p>Não aplica elementos de coordenação e de subordinação</p> <p>Utiliza incorrectamente aspas no início do texto.</p> <p>Utiliza ponto de interrogação em frase cujo sentido é pouco perceptível.</p> <p>Utiliza ponto final no fim de cada frase.</p> <p>No interior das frases não existe pontuação.</p>	"Os meninos... "Os amigos gestual procurar que?"
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO		

Texto E5/ E6



Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno apresenta muitas dificuldades em todos os itens da categoria A; não localiza a acção no espaço e no tempo; na narração dos acontecimentos não consegue transmitir a informação essencial; termina a narrativa também de forma incompleta com uma frase pouco clara sobre a última imagem.

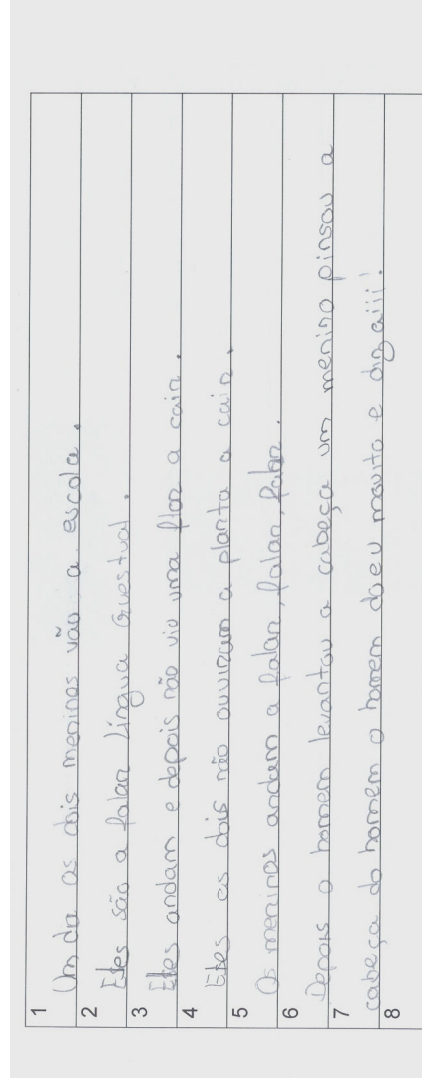
Relativamente à morfossintaxe/ grafia / léxico é de referir o seguinte: o vocabulário é muito limitado e nem sempre adequado; nos restantes itens desta categoria o aluno apresenta muitas dificuldades; a flexão nominal nem sempre é feita correctamente; não realiza a flexão verbal e a concordância entre os sintagmas; na utilização dos determinantes não atende ao facto de se tratar de informação nova ou já mencionada anteriormente; não utiliza preposições; na escrita de frases não respeita a ordem dos elementos constituintes e não utiliza elementos de ligação interfrásica o que dificulta a compreensão de todo o discurso; utiliza incorrectamente as aspas no início do texto; utiliza ponto de interrogação em frase cujo sentido não é perceptível; no interior das frases a pontuação é insuficiente; utiliza ponto final no fim de cada frase.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E5 / F6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	<p>Não dá um título à história.</p> <p>Não localiza acção no espaço.</p> <p>A localização da acção no tempo é genérica.</p> <p>Refere como personagens principais os meninos.</p> <p>Refere como personagem secundária o homem.</p> <p>As personagens são introduzidas incorrectamente como se já fossem conhecidas.</p> <p>Não caracteriza as personagens.</p>	<p>“Um dia ...”</p> <p>“... Dois meninos ...”</p> <p>“ ... o homem...”</p>
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS		
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Não descreve todas as imagens da BD. A descrição das imagens é incompleta e pouco clara.	
FECHAMENTO	Termina com a descrição da última imagem mas não dá pormenores sobre os acontecimentos.	“Depois o homem levantou a cabeça um menino pincou a cabeça do homem doeu muito e diz ai!!!”
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA/ LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	Vocabulário limitado com algumas repetições.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal de género / número / nome	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal correctamente	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Na utilização dos determinantes não atende às regras	“ ... o homem ...”
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza as preposições simples correctamente.	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Dá alguns erros ortográficos (pisou, muito)	“pincou, mouito)
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA		
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Respeita a ordem dos elementos constituintes da frase	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	A concordância dos sintagmas não é correcta.	“Eles são a falar ... Eles andam e depois não viu ...”
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Não utiliza elementos de coordenação e de subordinação	Depois o homem levantou a cabeça um menino pincou a cabeça do homem doeu muito e diz ai!!!”
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Apenas utiliza ponto final no fim das frases. No interior das frases não há pontuação.	

Texto E5 / F6



Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno não dá um título ao texto conforme solicitado; não localiza a acção no espaço; na localização temporal usa a expressão genérica "Um dia..."; refere como personagens principais os dois meninos e como personagem secundária o homem; não caracteriza as personagens; na narração dos acontecimentos só faz referência a algumas das imagens; a narração dos acontecimentos é incompleta e pouco clara; termina a história com a descrição incompleta da última imagem.

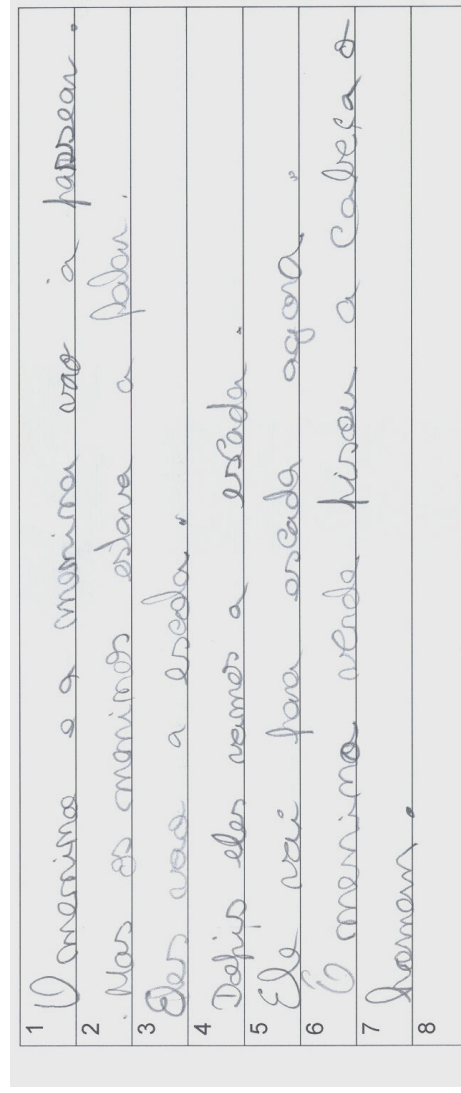
Relativamente à morfossintaxe / grafia / léxico é de salientar o seguinte: o vocabulário usado é pouco diversificado e repetitivo; faz a flexão nominal e verbal correctamente; a utilização dos determinantes não atende ao facto de se tratar de informação nova ou já mencionada anteriormente; dá alguns erros ortográficos; ordena correctamente os elementos das frases, a concordância dos sintagmas nem sempre é correcta; não utiliza elementos de ligação interfrásica em frases de duas ou mais orações; no interior das frases não utiliza pontuação.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E5 / G6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	<p>Não dá um título à história. Localiza acção no espaço. Não localiza acção no tempo.</p> <p>Refere como personagens principais o menino e a menina. Refere como personagem secundária o homem. As personagens são introduzidas incorrectamente como se já fossem conhecidas. Não caracteriza as personagens.</p>	<p>"Eles vão escola."</p> <p>"O menino e a menina ..." " ... pisou a cabeça o homem."</p>
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS		
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	<p>Não descreve todas as imagens da BD. A descrição das imagens é incompleta e pouco clara.</p> <p>Termina com a descrição da última imagem mas não dá pormenores sobre os acontecimentos.</p>	<p>"O menino verde pisou a cabeça o homem."</p>
FECHAMENTO		
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA/ LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	Vocabulário limitado com algumas repetições.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal de género / número / nome	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal nem sempre é correcta.	"...os meninos vamos ... eles vamos"
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Na utilização dos determinantes não atende às regras	" ... pisou a cabeça o homem ."
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utilização das preposições nem sempre é correcta.	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO		
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Dá alguns erros ortográficos (depois, vão)	"dopis, veo"
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Respeita a ordem dos elementos constituintes de frases simples	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	A concordância dos sintagmas não é correcta.	"Mas os meninos estava a falar."
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Não utiliza elementos de coordenação e de subordinação	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO	Apenas utiliza ponto final no fim das frases. No interior das frases não há pontuação.	

Texto E5 / G6



Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno não dá um título ao texto conforme solicitado; não localiza a acção no espaço; não localiza acção no tempo; refere como personagens principais o menino e a menina e como personagem secundária o homem; não caracteriza as personagens; na narração dos acontecimentos só faz referência a algumas das imagens; a narração dos acontecimentos é incompleta e pouco clara; termina a história com a descrição incompleta da última imagem.

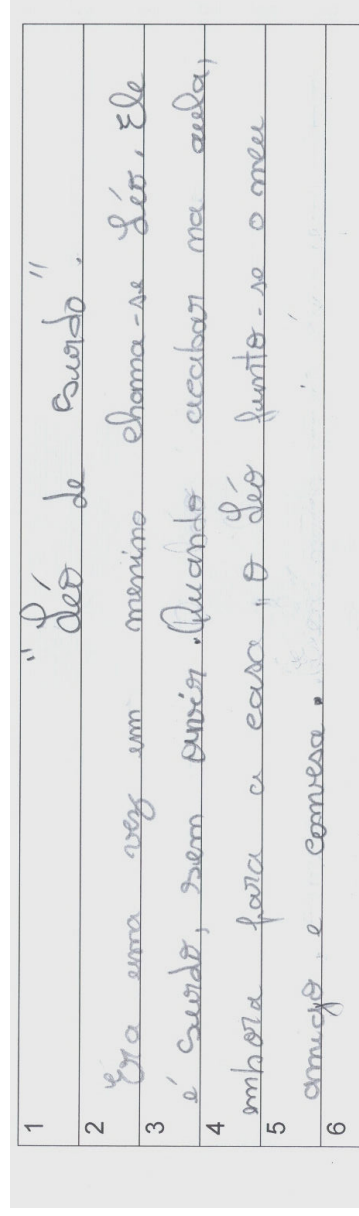
Relativamente à morfossintaxe / grafia / léxico é de salientar o seguinte: o vocabulário usado é pouco diversificado e repetitivo; faz correctamente a flexão nominal; a flexão verbal nem sempre é correcta; a utilização dos determinantes não atende ao facto de se tratar de informação nova ou já mencionada anteriormente; dá alguns erros ortográficos; ordena correctamente os elementos das frases; a concordância dos sintagmas nem sempre é correcta; não utiliza elementos de ligação interfrásica em frases de duas ou mais orações; no interior das frases não utiliza pontuação.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E5 / H6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título à história. Inicia a história de forma convencional através da expressão "Era uma vez" Localiza a acção no espaço e no tempo de forma pouco clara.	"O Léo de surdo" "Era uma vez ..." "Quando acabar na aula, embora para a casa ..."
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Refere como personagem principal um menino e como personagem secundária o amigo. Dá nome à personagem principal. Na caracterização das personagens apenas refere que a principal é surda.	"... um menino amigo ..." "... um menino chama-se Léo..." "Ele é surdo, sem ouvir."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Não faz a descrição das imagens	
FECHAMENTO	Não termina a história.	
B – MORFOSSINTAXE / GRAFIA/ LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	Vocabulário limitado com algumas repetições.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal de género / número / nome	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal nem sempre é correcta.	"... o Léo junto-se ..."
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza correctamente os determinantes.	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utilização das preposições nem sempre é correcta.	"... acabar <u>na</u> aula ... para <u>a</u> casa ..."
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica.	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Dá um erro ortográfico (conversa)	"convesa"
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Respeita a ordem dos elementos constituintes de frases simples	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	A concordância dos sintagmas não é correcta.	"...o Léo junto-se o meu amigo e convesa."
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Não utiliza elementos de coordenação e de subordinação Apenas utiliza ponto final no fim das frases. No interior das frases não há pontuação.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO		

Texto E5 / H6



Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno não dá um título ao texto conforme solicitado; inicia a história de forma convencional através de expressão "Era uma vez"; na localização da acção no espaço e no tempo apenas refere "quando acabou na aula embora para casa", sem dar detalhes; refere a personagem principal dando-lhe um nome e caracterizando-a apenas como surdo; como personagem secundária refere o "amigo"; não narra dos acontecimentos visíveis nas imagens; não termina a história.

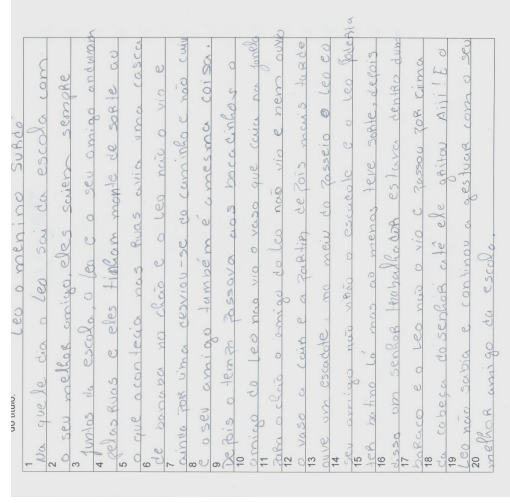
Relativamente à morfossintaxe / grafia / léxico é de salientar o seguinte: o vocabulário usado é pouco diversificado e repetitivo; faz correctamente a flexão nominal; a flexão verbal nem sempre é correcta; a utilização dos determinantes é correcta; ordena correctamente os elementos dos constituintes das frases simples, a concordância dos sintagmas nem sempre é correcta; não utiliza elementos de ligação interfrásica em frases de duas ou mais orações; no interior das frases não utiliza pontuação.

GRELHA DE ANÁLISE DE NARRATIVAS ESCRITAS

Código do aluno E5 / I6

CATEGORIAS	ANÁLISE DA NARRATIVA	EXEMPLO
A – ESTRUTURA DO GÉNERO		
ABERTURA	Dá um título à história. Inicia a história de forma convencional através da expressão "Naquele dia ..." Localiza a acção no espaço e no tempo.	"Léo o menino surdo" " Naquele dia o Léo sai da escola ... andam pelas ruas. ..."
REFERENCIA ÀS PERSONAGENS	Refere as personagens principais. Dá nome à personagem principal. Refere a personagem secundária.	" ... Leo ... seu melhor amigo" " " ... um senhor trabalhador ..."
NARRAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	Faz a descrição detalhada de todas as imagens.	
FECHAMENTO	Termina a história com a descrição da última imagem	
B – MORFOSSINTAXE / GRÁFIA / LÉXICO		
NA PALAVRA		
VARIEDADE LEXICAL	Vocabulário diversificado, rico e adequado.	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO NOMINAL	Realiza a flexão nominal de género / número / nome	
REALIZAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL	Realiza a flexão verbal correctamente	
UTILIZAÇÃO DOS DETERMINANTES (artigos definidos e indefinidos)	Utiliza correctamente os determinantes.	
UTILIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES	Utiliza preposições correctamente	
REALIZAÇÃO DA TRANSLINEAÇÃO	Não se verifica.	
CORRECÇÃO ORTOGRÁFICA	Dá alguns erros ortográficos (havia, viu, meio, houve, buraco)	"avía, vió, meu, boraco, ouve)
NA FRASE		
ORDENAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FRASE	Respeita a ordem dos elementos constituintes de frases	
REALIZAÇÃO DA CONCORDÂNCIA DOS SINTAGMAS CONSTITUINTES DA FRASE	A concordância dos sintagmas é correcta Utiliza diversos elementos de ligação interfrásica. Há um tendência para utilizar com alguma frequência a conjunção copulativa "e"	
APLICAÇÃO DE ELEMENTOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO	Utiliza o ponto final no fim das frases. No interior das frases a pontuação é insuficiente.	
UTILIZAÇÃO DA PONTUAÇÃO		

Texto E5 / I6



Relativamente à estrutura do género é de referir o seguinte: o aluno não dá um título ao texto conforme solicitado; inicia a história de forma convencional através de expressão “Naquele dia”; na localização da acção no espaço e no tempo refere “Naquele dia o Léo sai da escola ... andam pelas ruas”; refere as personagens principais Léo” e o seu amigo; como personagem secundária refere “um trabalhador”; narra os acontecimentos presentes em todas as imagens respeitando a sequência; termina a história com a descrição da última imagem.

Relativamente à morfossintaxe / grafia / léxico é de salientar o seguinte: o vocabulário utilizado é rico diversificado e adequado; faz correctamente a flexão nominal e a flexão verbal; a utilização dos determinantes e das preposições é correcta; ordena correctamente os elementos dos constituintes das frases e faz a concordância dos sintagmas de forma correcta; utiliza elementos de ligação verificando-se neste item uma tendência para repetir com frequência a conjunção copulativa “e”; na pontuação no interior das frases é insuficiente.

